

Itaytera

N.º 17

ANO 1973

“Muito me desvanece o ato da Câmara de Vereadores concedendo-me o título honorífico de Cidadão do Crato.

Prendem-me a esta querida cidade laços indestrutíveis.

Foi aqui que em 17 e 24 se desenvolveu o principal cenário das atividades revolucionárias, que afinal cobriram de glórias cívicas e imorredoura memória os meus ascendentes paternos.

Aqui teve seu berço meu avô paterno, Pedro Jaime de Alencar Araripe, que para escapar à insânia dos detentores do poder se viu obrigado a emigrar para Quixeramobim, onde contraiu núpcias e constituiu família.

Aqui se realizou, há meio século, meu enlace matrimonial com outro rebento do clã alencarino, ou seja, com a quarta neta de minha trisavó Bárbara, trisneta de D. Inácia, irmã da heroína.

Aqui nasceram meus cinco filhos e seis dos treze netos existentes”.

(Trecho do discurso do Dr. Antônio de Alencar Araripe, pronunciado a 6 de abril de 1973, em sessão solene da Câmara Municipal).

A CASA MORAIS SAÚDA A SOCIEDADE CRATENSE, AO ENSEJO DE MAIS UM LANÇAMENTO DA REVISTA ITAYTERA

PRATARIA:

AUREA
ABRAMO
ART PRATA
BELLINI
CRISTÓFOLI
FÁTIMA

Presentear é uma Arte
que deve ser cultivada
com carinho e a CASA
MORAIS ensina a Arte
de bem PRESENTEAR

CRISTAIS:

HERING
LUZALITE
PRADO

Conheça estes produtos pela qualida-
de, procedência e fama internacionais

INOX:

HERBERT MULLER
CRISTOFOLI
FRACALANZA
HERCULES
LUZALITE
MERIDIONAL
ZIVVI S/A

Casa Moraes

Rua S. Pedro, 504 - Fone 453

JUAZEIRO DO NORTE - CEARÁ

PERFUMARIA:

CHRISTIAN GREY
YARDLEY
KANITZ

ITAYTERA

CRATO = N. 17 = ANO 1973 = CEARÁ

DIRETORIA DO

INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI

ELEITA PARA O ANO SOCIAL, ENTRE
OUTUBRO DE 1971 A OUTUBRO DE 1972

PRESIDENTE :

JOSE ALVES DE FIGUEIREDO FILHO

VICE-PRESIDENTE :

Pe. ANTONIO GOMES DE ARAUJO

SECRETARIO GERAL :

JOAO LINDEMBERG DE AQUINO

1.º SECRETARIO :

ZULEIKA PEQUENO DE FIGUEIREDO

TESOUREIRO :

ANTONIO CORREIA COELHO

COMISSAO DA REVISTA "ITAYTERA" :

J. DE FIGUEIREDO FILHO

Pe. ANTONIO GOMES DE ARAUJO

J. LINDEMBERG DE AQUINO

COM. DE CIENCIAS, LETRAS E ARTES :

Dr. RAIMUNDO DE OLIVEIRA BORGES

Dr. JOSIO DE ALENCAR ARARIPE

Pe. ANTONIO TEODOSIO NUNES

COMISSAO DE SINDICANCIAS :

Prof. MARIA DE LOURDES ESMERALDO

Dr. ANIBAL VIANA DE FIGUEIREDO

Dr. JEFFERSON DE ALBUQUERQUE E SOUSA

FOI CRIADA A SEÇÃO DE FOLCLORE A SER
PREENCHIDA NAS PRÓXIMAS ELEIÇÕES

Sócios que tomaram posse em Cadeira com
Patrono, na Seção de Letras :

N. 1 — João Lindemberg de Aquino

PATRONO — Padre Ibiapina

N. 2 — Dr. Raimundo de Oliveira Borges

PATRONO — Bruno de Menezes

N. 3 — J. de Figueiredo Filho

PATRONO — José Alves de Figueiredo

N. 4 — Edméia Arraes de Alencar

PATRONO — Alexandre Arraes de Alencar

N. 5 — Profa. Maria de Lourdes Esmeraldo

PATRONO — Mons. Pedro Esmeraldo

N. 6 — Pe. Antônio Gomes de Araújo

PATRONO — Irineu Nogueira Pinheiro

N. 7 — Cap. Otacilio Anselmo e Silva

PATRONO — Barbosa de Freitas

N. 8 — Prof. José Newton Alves de Sousa

PATRONO — Alvaro Bomilcar

N. 9 — Mons. Rubens Gondim Lóssio

PATRONO — D. Francisco de Assis Pires

N. 10 — Tomé Cabral

PATRONO — Pe. Emilio Leite Cabral

N.11 — Pedro Gomes de Matos

PATRONO — Raimundo Gomes de Matos

N. 12 — General Raimundo Teles Pinheiro

PATRONO — Leandro Bezerra Monteiro

N. 13 — Joaryvar Lobo de Macedo

PATRONO — Otacilio Macedo

N. 14 — Francisco S. Nascimento

PATRONO — Manuel Monteiro

N. 15 — General Joaquim Pinheiro

PATRONO — Dr. Ratisbona

N. 16 — Prof. Aécio Feitosa

PATRONO — Pe. Francisco Pita

N. 17 — Nertan Macedo

PATRONO — João Brigido dos Santos

SEÇÃO DE CIENCIAS :

N. 1 — Dr. Napoleão Tavares Neves

PATRONO — Dr. Barreto Sampaio

Í N D I C E

Ano Social do Instituto Cultural do Cariri.....	3
As Gentes dos Inhamuns na Criação da Real Vila do Crato....	5
Recebendo F. S. Nascimento no Instituto Cultural do Cariri....	29
Manoel Monteiro: O Homem e a Obra	31
Recebendo Nertan Macedo no Instituto Cultural do Cariri	35
Discurso pronunciado pelo escritor Nertan Macedo	39
Discurso pronunciado pelo General Dr. Pinheiro Monteiro	45
Discurso em Crato pronunciado por Raimundo Girão	55
Agradecendo á Outorga da Cidadania de Fortaleza	57
Encantos da Vida Bucólica	61
A G E N D A	62
Escravidura no Ceará	63
Engenhos de Rapadura na Região do Cariri Cearense	67
José de Siqueira Cavalcanti	79
Algo Real sobre o combate de Miguel Calmon	85
O Ferro entre os Negros Angolianos	97
Jornal Cearense Desconhecido? Exemplar em Museu do Recife	105
Cuidado: Os Heróis estão Soltos	107
Seu Dotô, como é que pode?	108
Memórias de um Gerente de Banco	110
Recordando épocas e Narrando fatos	115
Uma Dádiva Preciosa — Dicionário de la Lingua Castellana	125
Uma Carta Pastoral de 1824	139
O Depoimento do Seresteiro	141
O I. C. C. Cria a Seção de Folclore	142
A Verdadeira Origem dos Carcarás de Saboeiro (Ceará)	143
Comentário — Língua do Povo	146
O Cariri no todo Cearense	147
Cidadania é Reconhecimento do Esforço de Bem Servir	150
Patrimônio de Crato que Desapareceu	153
O Dicionário de Tomé Cabral	158
Um Herói e Uma Heroína de Crato	160
Etnologia Indígena Cearense	162
Pintora Sinhá d'Amora	165
C E A R Á.....	168
Reforma Agrária	171
Quatro Aspectos de um Roteiro Emocional do Cariri Cearense ..	179
As Primeiras Expedições Conquistadoras do Sudoeste Cearense ..	185
Pedro Mavignier	188
Apresentando — “Cariri, Nordeste e Universidade”	189
Bodas de Ouro do Casal Dr. Araripe-Donita	191
O Piauí Renova-se	192
No Mundo das Artes	193
Comemorações de 3 de Maio	194
Lembranças da Escravidão	195
Dr. Thomás Pompeu Netto no Instituto Cultural	197
Origem da Palavra Tauá	198
Mensagem das Horas Tardias	202
Respostas aos quesitos elaborados pelo... ..	203
Pisando em Brasas	208
A Reforma da Educação	209
Sérvulo Esmeraldo	210

O Ano Social do Instituto Cultural do Cariri

Ofício ao Ministro da Educação

Exmo. Senhor
Senador Jarbas Passarinho
DD Ministro da Educação e Cultura
BRASILIA DF.

Foi outro ano bastante movimentado e proveitoso, no Instituto Cultural do Cariri, sediado nesta Cidade, o de 1972.

Aplicou, com o máximo de lisura, a subvenção que lhe foi concedida, nêsse Ministério, conforme demonstra o balancete junto, trabalho do Tesoureiro Antônio Correia Coêlho.

Como sempre, o acontecimento máximo do ano social, foi o lançamento da revista ITAYTERA, já em seu 16.º número. Está repleto de esmerada colaboração, consagrada, em parte, ao Sesquicentenário de nossa Independência Política, em que a Vila Real do Crato tomou parte de inteiro relêvo.

Sua circulação abrangeu os mais importantes centros culturais do país, incluindo a Biblioteca Nacional, a Biblioteca de Pernambuco, Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, outras entidades de cultura, universidades, etc.

A Biblioteca do Congresso, de Washington, possui sua coleção quase completa. Seu prestígio é tão grande que a edição anual sempre se esgota, em média de dois meses. Sua solicitação para fora é permanente.

São contínuas as visitas de professores, escritores, e estudantes, à sede do Instituto Cultural do Cariri, em busca de livros, em sua Biblio-

teca, hoje com mais de 3 mil volumes, ou á cata de informações da terra de seu Presidente, Professor de História Regional na Faculdade de Filosofia do Crato e membro da Diretoria da Associação dos Professores Universitários de História, com sede em S. Paulo.

Tem sido louvável o nosso esforço em preservar o folclore regional, muito rico, colorido e variado, cujas apresentações temos patrocinado, em diversas oportunidades.

Sua Biblioteca está sempre a enriquecer-se, com o recebimento de dádivas de várias entidades, ou pela compra de novos livros, além da oferta de escritores, de norte a sul do Brasil.

O Instituto Cultural do Cariri, na Secção de Letras, já empossou 16 sócios, em Cadeiras com Patronos, e 1 sócio na Secção de Ciências. Todos os discursos, como, igualmente, os de recepção são publicados na íntegra, nas páginas de nossa revista, compreendendo, muitos deles, a biografia de vultos do passado, filhos da zona sul ou a ela vinculados, alguns dos quais sobressaindo-se no cenário das letras, ciências ou na história, em âmbito nacional.

A cooperação do Instituto Cultural do Cariri com a Faculdade de Filosofia do Crato é bem acentuada.

Todos os livros, lançados últimamente na cidade, de autores locais ou de fora, são patrocinados por essas entidades, de Educação e de Cultura.

General RAIMUNDO TELES

PINHEIRO, dos grandes vultos do Ceará, da linha de frente do Instituto Cultural do Cariri. Com justiça, foi homenageado pela Câmara Municipal de Fortaleza, com o título de cidadão daquela Capital.



Rio de Janeiro, 11 de fevereiro de 1973

Ilmo Sr. JOSÉ ALVES DE FIGUEIREDO FILHO,
Instituto Cultural do Cariri
Caixa Postal 74,
Crato - Ceará

Cordiais Saudações

Sómente ontem, chegou-me a sua de 30 de janeiro findo e na qual o prezado consócio me comunica haver sido eleito sócio honorário do INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI.

Creia fiquei bastante lisonjeado com tão significativa homenagem. Estou certo de que meus méritos são apoucados e que os livros que tenho mandado à biblioteca do INSTITUTO poderiam ser mais valiosos.

Trecho de carta de J. Pinto do Carmo.

Há poucos dias, nosso consócio, Tomé Cabral, após quarenta anos de pesquisas, na região, lançou, pela Imprensa Uiversitária do Ceará, o seu DICIONÁRIO DE TERMOS E EXPRESSÕES POPULARES REGIONAIS, com 700 páginas, e repercussão de amplitude nacional.

A "Orelha" de apresentação do livro esteve a cargo do atual Presidente deste Instituto.

Em suma, o Instituto Cultural do Cariri tomou parte em todo o movi-

mento intelectual desta Terra, quer como dirigente ou na qualidade de decidida colaboração.

Por tudo isso, espera que V. Excia. autorize o pagamento da subvenção que lhe foi concedida por dois ilustres parlamentares cearenses, Senador Wilson Gonçalves e Deputado Leão Sampaio.

Pela Grandêza do Brasil,
Crato-Ceará, 31 de Janeiro de 1973
José Alves de Figueiredo Filho

PRESIDENTE

As Gentes dos Inhamuns na Criação da Real Vila do Crato

CARLOS FEITOSA (X)

1. O devassamento e povoação dos Cariris-Novos, e a criação da Real Vila do Crato, foi obra das intrépidas GENTES DOS INHAMUNS que, depois da conquista do Planalto, desceram à rica região do sul e foram até as “Cabiceiras da Lagoa do CARIRI” (SESMARIAS, vol. 11.º, págs. 176 e 177, n.º 111).

2. Ao depois, voltando-se para a direção norte, foram até a Serra dos Cocos, em Vila Nova, d’El-Rei (mudado para Campo Grande, posteriormente Inuçu, e, atualmente, Guaraciaba do Norte), atingindo as “Cabiceiras do Riacho do CARACU” — Acaraú — (SESMARIAS, vol. 11.º, pág. 64 e 65, n.º 39), tornando-se senhores de baração e cutelo de tôda a extensão fronteira do oeste do Estado, de norte a sul, numa área retangular de formato semelhante ao de Portugal.

3. Essa GENTE DOS INHAMUNS, assinalada pelas crônicas históricas, são membros do poderoso *Clã dos Feitosas*, fundado pelo minhoto Capitão JOÃO ALVARES, da Vila Feitosa, seus filhos o Comissário-Geral de Cavalaria LOURENÇO ALVARES FEITOSA e Coronel de Cavalaria FRANCISCO ALVARES FEITOSA.

4. Contava ainda com os Capitães-mores dos Cariris-Novos PEDRO ALVARES FEITOSA, do Papagaio (neto); ARNAU DE OLANDA CORREIA (bisneto-afim) e JOSÉ DE OLANDA CAVALCANTE (trineto), todos ocupando funções das *Ordenanças* da Colônia.

5. Figuravam ainda nessa grei o Coronel MANUEL FERREIRA FERRO (neto), da Fazenda “Cacimbas” e Comandante do Regimento de Cavalaria da Ribeira dos Inhamuns; Coronel LOURENÇO ALVARES PENEDO E ROCHA (neto); do Coronel EUFRÁSIO ALVARES FEITOSA, do Arneirós (bisneto); Sargento-mor Francisco Ferreira Pedrosa, (neto-afim), enteado e genro do Coronel Francisco Álvares Feitosa, o pioneiro, todos ocupantes de postos das *Milícias* coloniais.

ANTECEDENTES HISTÓRICOS

6. Ao norte de Portugal, no Distrito Administrativo de Viana do Castelo, Arcebispado de Braga, Comarca e Concelho da Ponte do Lima, Freguesia e Província do Minho, “donde se encontram los gérmenes de la nación portuguesa” (PORTUGAL, de Pierre Birot, Professor da Universidade de Lilli, França, 1968, pág. 50), existe a VILA FEITOSA, palco de lutas renhidas dos seus raturais com invasores de várias nacionalidades.

7. Apoiado em conspícuos historiadores, o Des. Carlos Xavier Paes

(X) Carlos Feitosa, Juiz de Direito aposentado, é colaborador desta Revista e autor das monografias CLASSIFICAÇÃO DA CARREIRA DE JUIZ DE DIREITO e A MANUFATURA DA SELA NO ARTESANATO DO COURO.

Barreto, ocupando-se da procedência dos pioneiros, esclarece que "A colonização do nordeste não pode ser estudada com omissão de referência ao *Minho, de onde, lembra VARNHAGEM, vieram os habitantes mais nobres de Pernambuco, no século XVII* (HISTÓRIA DO BRASIL).

"A antiga *Forum Latinorum*, depois Freguesia da Ponte do Lima, ao tornar-se sede, em 1258, obteve todos os direitos de governo, inclusive, nota GAMA BARROS, *o de poder estabelecer feiras semanais*" (HISTÓRIA DA ADMINISTRAÇÃO DE PORTUGAL).

"Era a terra dos cavaleiros para cuja investidura mistér se fazia a *investigação de nobreza até o bisavô* e a de possuir castelos e tórres, tão poetizadas pelas lendas" (OS PRIMITIVOS COLONIZADORES NORDESTINOS, 1960, pág. 150).

8. O mesmo linhagista insigne, formando-se no jesuita FERNÃO CARDIM, dá uma nota assaz curiosa a respeito dos lusos provenientes de Viana do Castelo: "*os habitantes mais nobres de Pernambuco, os que mais luxavam em Olinda, era oriundos de Viana; para eles se distribuíram o melhor das Sesmarias outorgadas pelo donatário*" (TERRA E GENTE DO BRASIL).

* * *

9. A primeira notícia que se tem a respeito da região onde se situa a VILA FEITOSA é a de que ela foi assolada pelas legiões romanas, que fundaram a *Vila Dómisi* (TRATADO GENEALÓGICO DA FAMÍLIA FEITOSA, de Lenonardo Feitosa, 1952, pág. 5, Tipografia Paulino, Fortaleza), deixando *vias, vilas e construções* como marca inapagável de sua passagem pelos recantos encantadores da terra portuguesa.

10. No século V, os bárbaros *alanos, vândalos* (que deram origem ao termo *vandalismo*) e os *suevos*, todos do grupo germânico, invadiram a península e, na vila, corromperam o étimo DÓMISI para DOMES (Leonardo Feitosa, obra citada, pág. 5).

11. Empunhando a meia-lua do Crescente, e dando o *salto de Tárik* (nome do General que comandava os árabes), os mouros transpuseram o *estreito de Gibraltar*, e ocuparam o país no século VII, devassando-o com hordas selvagens, montando os puro sangue, sem par no mundo, em cavalaria ligeira e adestrada.

12. Por volta do século IX, a região foi invadida por piratas *vikings* (*vik* — *baía*, local onde eles levavam suas vidas), povo normando (que quer dizer *homens do norte*), chefiados por ERIK, o *Vermelho* que, em número colossal, "*atacavam desembarcando em ágeis e robustas naves, devastando territórios inteiros*" (DESCOBERTA DO MUNDO, Abril Cultural, 1971, pág. 129), não deixando sua dominação restrita ao norte de Portugal, pois penetraram tóda a Europa.

13. Quando passaram a exercer a mecânica, praticando o escambo "*desde o rio Tâmsisa e o rio Reno até o rio Dvina e o gôlfo de Bótnia, comprovado pela existência de moedas inglesas, francesas e flamengas no Mar do Norte*" (DESCOBERTA DO MUNDO, idem ibidem, pág. 131), mudaram o nome da urbe para VILA VENDREDI (*sexta-feira*, em memória do dia da chegada), in Leonardo Feitosa, obra referida, pág. 5.

14. Expulsos os invasores na campanha que passou à História de Portugal como A RECONQUISTA, dentro dos novos predicamentos adotados, para apagar na memória dos pósteros o passado de submissão, a localidade passou a chamar-se CONSELHO FEITOSA (significando *cheia de feitos*), em homenagem aos heróicos filhos da terra que se bateram com

cenodo na expulsão dos seus opressores, tendo sido COUTO DA CASA DE BRAGANÇA, dinastia reinante de Portugal, depois da RESTAURAÇÃO DE 1640 (Leonardo Feitosa, idem, pág. 5).

15. O emigrado da *Vila Feitosa*, em Portugal, dirigiu-se ao norte do Brasil, onde conquistou o posto de Capitão das Milícias da Colônia, "Cap. João Álvares Feitosa" (SESMARIAS *Pernambucanas*, vol. IV, págs. 96, 103, 160 e 163, Edição da Biblioteca Pública, Recife, 1959), casando-se com ANA GOMES VIEIRA (NOBILIARQUIA PERNAMBUCANA, de Antônio José Vitoriano BORGES DA FONSECA, 1935, vol. II, pág. 427, in ANNAES da Biblioteca Nacional, sob a direção de Rodolfo Garcia), filha do Coronel Manuel Martins Chaves, "rico colono, Senhor da Capela do Buraco, depois Porta da Fôlha, lado de Sergipe" (Leonardo Feitosa, idem, pág. 6).

A CONQUISTA DA TERRA E SUA EXPANSÃO

16. JOÃO ÁLVARES trazia no sangue o passado das lutas de seus ancestrais com romanos, germânicos (alanos, vândalos e suevos), mouros (árabes) e normandos (vikings), na defesa da *Vila Feitosa*, ressaíndo, como figura máxima de sua gens, em todo o País, o Condestável NUN' ÁLVARES, o mais nobre e ilustre de sua linhagem, e o não menos insigne Almirante PEDRO ÁLVARES CABRAL, Senhor do Castelo Belmonte, Alcaide-mor de Azurara e Capitão-mor do "Mar Oceano", quando descobriu o Brasil (PEDRO ÁLVARES CABRAL, de J. Estêvão Pinto, Lisboa, 1968).

17. Tôda essa ancestralidade atávica o reinol a transmitiu a seus filhos o Comissário-Geral de Cavalaria LOURENÇO ÁLVARES FEITOSA e Coronel FRANCISCO ÁLVARES FEITOSA; aos netos Coronel LOURENÇO ÁLVARES PENEDO E ROCHA, Coronel MANUEL FERREIRA FERRO, da Fazenda Cacimbas, e Capitão-mor dos Cariris-Novos PEDRO ÁLVARES FEITOSA, da Fazenda Papagaio, aos bisnetos, tetranetos, e dêstes por diante.

18. Essa gente, em rázias tremendas, no médio e alto Jaguaribe (do Icó aos Inhamuns), e no Jaguaribe-mirim (atual Rio Salgado), até os Cariris-Novos, lutaram contra os Montes e os destruíram, obrigando-os a refugiar-se nas Capitánias vizinhas, bem assim aos seus parciais, como os Mendes Lobato, nas Alagoas; o Cel. Teodósio Nogueira Lima e o Ten. Cel. Antônio Gonçalves de Sousa, em Pernambuco; e, os Barbalhos, na Paraíba (Antônio Gomes de Freitas, INHAMUNS — *Terra e Homens*, 1972, pág. 94, Fortaleza, 1972).

19. Um documento contemporâneo dêstes recontros danados, uma carta do Juiz do Jaguaribe Clemente Azevedo ao Senado da Câmara do Ceará, narra o seguinte: "hontem que se contaram 20 deste entrou uma grossa tropa de gente neste Cariri vinda dos Inhamuns e se incorporou com o Coronel João da Fonseca Ferreira e os Tapuyas do Genipapos e começaram a dar pelas casas dos moradores, prendendo e matando a sangue frio os que lhes apareceo, e no primeiro dia mataram quatro homens sem nenhum ser criminoso e nem pegar em armas, saquiando e roubando tudo quanto se acha nas ditas casas, como se fosse quadrilha de bandoleiros, e amarrando as mulheres casadas e viúvas honradas levando-as em suas companhias para onde lhes parece, e os negros que acham pelas fazendas e culumins tudo levam disendo que fasem tudo com ordem que tem do Dor. Ouvidor geral para isso e debaixo do nome de El-Rei N. Senhor, rompem voses qdo. dão nas casas e os moradores delas se rendem

sem resistencia alguma e debaixo desta matam e fazem tão pouca conta de mim que dizem logo me vem botar fora deste Cariri, e os meus officiaes e que dentro delle não ha de ficar governo de pessoa alguma ms. que eles...." (INÉDITOS Relativos ao Levante Ocorrido na Ribeira do Jaguaribe...., Barão de Studart, in REVISTA do Instituto do Ceará, 1896, pág. 157).

20. As ocorrências aqui narradas têm tôdas as côres e violências das praticadas por seus ancestrais vikings, quando desembarcaram no norte de Portugal e saquearam tôda a Europa, dominando-a comercialmente, depois. Evidentemente o fato se verificou, mas não com o colorido que lhe emprestou o ressentido Juiz do Jaguaribe.

21. Outros atos de brutalidade foram praticados pelas violentas GENTES DOS INHAMUNS, durante suas lutas com os Montes, como se vê dêste passo: "...chegando á Fazenda de S. Matheus dos Inhamuns achou o comissário da cavalaria Lourenço Alves Feitosa e seu irmão Coronel Francisco Alves Feitosa com seus parentes e sequases, e o Coronel João da Fonseca Ferreira que todos tinham chegado ao mmo. tempo com suas tropas dos Cariris-Novos com as quais tinham assolado e destruido as fazendas dos Montes e morto seus vaqueiros todas as coisas e os matariam tambem se elles pa. se lhe não levantarem com as fazendas e vidas se lhe não fugissem, pa. se valerem dos meios da justiça que quixosos requereram ao d.º Ministro, sendo os tais absurdos patentes ao d.º Ministro, que não só os não castigou nem conhecimento quais logo tomaram delles, mas ante pelo reconhecer seus facinorosos os ricos e aposentados se uniu com elles, fazendo-se seu parcial com os quais fes sequitos e armou tropa com elles, mandou os seus officiaes p.ª maior execução das suas insolências pelas ribeiras abaixo a dar nas outras casas dos Montes, e do ms. povo de gum. ditos Feitosas são contrarios inimigos Capiteas saquiando tudo qto. nas casas acharam, furtando-lhes todas as suas armas que tinham em suas casas p.ª a defesa do Gentio bravo assim cumpridas como curtas principalmente as guarnecidas de prata e sobretudo despojando-lhes suas melhores das peças de ouro com que estavam armadas e de todas as suas roupas, descompondo-as de palavras e ações desonestas, metendo-lhes as mãos pelas maneiras das saias e atirando a espingarda aos que fugiam a esta furia" (Requerimento do povo ao Capitão-mor do Ceará, Manuel Francês, datada de 07 de Fevereiro de 1725, subscrita pelos Vereadores do Senado da Câmara de Fortaleza", (INÉDITOS. idem, ibidem, págs. 186 e 187).

22. Ainda neste século, êsse ouro foi retirado de uma arca, cujo dono estava moribundo, sendo escondido no ôco de uma catingueira, de onde extraviou-se. O saque e a violência são a lei dura da guerra. Assim procederam os aliados americanos contra o povo vencido da Itália, Alemanha, Japão, Coréia e Vietnam do Norte, praticando horrores. A matança de civis, mulheres e crianças, desarmadas, postos em filas na *Aldeia de My lai*, no Vietnam do Norte, superou de muito o que praticaram os nazistas alemães na *Aldeia de Lidice*, na Polônia.

23. Leiam-se os autores italianos a respeito da ocupação americana em seu país, especialmente o documentário *A PELE, best seller* de CURZIO MALAPARTE, de onde o escritor cearense João Climaco Bezerra colheu êste doloroso registro de um de seus personagens: "Assiste aos meninos sendo vendidos. Três dólares uma menina de dez anos, dois dólares um menino. E os negros americanos que apalpam as meninas, metem as

mãos por entre os botões dos calções dos meninos" (*Romances e Guerra*, UNITÁRIO de 21 de Junho de 1964).

24. Aliás, em tempo de paz, a polícia não faz outra coisa. Ainda recentemente, por ocasião da morte de ARMANDO ARRAES FEITOSA, ocorrida no dia 1.º de Maio de 1972, na Cidade de Aiuaaba, o Delegado Dr. Luís Coêlho de Carvalho, depois de prender aqueles que achou fossem implicados no assassinio do valoroso chefe político dos Inhamuns, vasculhou todas as Fazendas, limpou-as de armas, e ainda subtraiu um milhão de cruzeiros, arrombando um guarda roupa da Fazenda Murzela, de Cândido Alves Feitosa Filho, cujo procedimento criminoso ficou provado no Juízo de Saboeiro, através de *Justificação Judicial*.

25. Muitas daquelas armas, arrebanhadas pelas GENTES DOS INHAMUNS das Fazendas dos seus contrários, os Montes — atitude que tinha por objetivo diminuir a força do inimigo — inclusive a famigerada "lagartixa", de uso pessoal do Coronel Francisco Álvares Feitosa, o pioneiro, de que nos dá notícia JOÃO BRÍGIDO, que viu o cano na Fazenda COCOCI (côcuci), in *O ARARIPE* de 19 de Março de 1850, ano IV, n.º 181, Crato), todo esse material fazia parte da coleção do Dr. Lourenço Alves Feitosa, do Cococi, o qual foi recolhido pelo Exército, quando dêle tomou conhecimento (*Jornal O POVO*, de 22 de Setembro de 1972).

DOMINAÇÃO E POVOAMENTO

26. Assentado o predomínio dos Feitosas sobre os Montes, e afastada a possibilidade de estes virem a embaraçar os trabalhos do criatório daqueles, todo o sul do Estado sofreu a influência das GENTES DOS INHAMUNS, e com elas se desenvolveu a região caririense.

27. É válido para o Ceará a explicação dada por GEOGRAFIA ILUSTRADA com respeito aos ferozes colonizadores mineiros que, "saindo diretamente de suas aldeias — sem passar por qualquer experiência de vida urbana —, aqui chegaram com seus valores intactos, plantando-os em Minas" (MINAS GERAIS, fasc. n.º 3, pág. 200, Abril Cultural, 1971).

28. Informa o historiador e romancista José Alves de Figueiredo, do Cariri, que *na extremidade sul da região, nas cabeceiras do Carirú, nas proximidades da Serra do Araripe*, dois sertanistas vindos do São Francisco, "João Alves Feitosa e José Alves Cavalcante, em fins do século dezessete, lançaram os fundamentos dessa localidade (Vila de Santana do Cariri), erigindo uma capelinha sob a invocação da santa que lhe deu o nome" (ANA MULATA, romance).

29. O Comissário-Geral Lourenço Álvares Feitosa, e demais companheiros, "com grande risco de suas vidas", conquistaram três olhos d'água no Cariri; ilhargas do Riacho dos Porcos, e pediram-nos a começar do Brejo da Prata e por onde corre o Riacho dos Pilões (SESMARIAS, vol. 6.º, págs. 115 e 116. n.º 435), dada em 18 de Julho de 1710.

30. Ainda o Comissário-Geral Lourenço Álvares Feitosa e seu filho o Coronel Lourenço Álvares Penedo e Rocha, declarando haverem descoberto um "riacho a custa de suas fazendas e risco de suas vidas", o OUZAME OCANO dos indígenas, batizado por eles *Riacho Corrente* (por ser diferente dos dos Inhamuns, que são efêmeros), foi pedido e concedido a 8 de Junho de 1720 (SESMARIAS, vol. 6.º págs. 173 e 174, n.º 471), onde eles instalaram numeroso grupo, conhecido por *Família Corrente* (Leonardo Feitosa, op. cit).

31. Também o Comissário-Geral Lourenço, seu irmão o Coronel Fran-

cisco Álvares Feitosa, o filho daquele Coronel Lourenço Penedo, e outro, descobriram terras lavradas nas *Cabeceiras da LAGOA DO CARIRI* ou *Carité*, pedadas na *Cachoeira de riba*, e as pediram e povoaram, sendo-lhes concedidas a 13 de Março de 1724 (SESMARIAS, vol. 11.º págs. 176 e 177, n.º 111).

32. O Sargento-mor Leandro Custódio de Oliveira e Castro, pernambucano de Ipojuca, em depoimento numa *Justificação* promovida pelo Capitão-mor dos Inhamuns, "José Álvares Feitosa Junior", perante o Ouvidor-Geral da Comarca do Ceará-Grande, Afonso Ferreira, a 15 de Setembro de 1807, para fazer "*investigação de nobreza até o bisavô*" — como o Des. Carlos Xavier Paes Barreto, em seu OS PRIMITIVOS COLONIZADORES NORDESTINOS, registrou a *práxis* — afirmou que o Sargento-mor Francisco Ferreira Pedrosa, "*potentado da Capitania da Paraíba*, com expedição armada e a sua custa, desbaratou "os índios do Brejo Grande (tribo Cariús), os Jucás e os Crateús".

33. Diz ainda a *Justificação para investigação de nobreza até bisavô* que o sertanista "Francisco Ferreira Pedrosa, nasceu daqueles bisavós do *Justificante*, que se cazou com Dora Josefa Álvares Feitosa, esta filha daquele Coronel Francisco Álvares Feitosa", e resolveu domiciliar-se no Brejo Grande (Santana do Cariri), onde constituiu família, sendo avô paterno do Capitão-mor dos Inhamuns, José Álvares Feitosa Júnior.

34. Por igual, o Sargento-mor Francisco Ferreira Pedrosa descobriu em um *pé de Serra* um ôlho d'água corrente e lagoas na cabeceira do riacho que os gentios os chamam de AVARAM e QUINQUILAR, e pediu-as a pegar do BREJO DOS BURITIS, meia légua abaixo, estando datada de 16 de Dezembro de 1729 (SESMARIAS, vol. 11.º, págs. 200 e 201, n.º 127).

35. ARNAO DE OLANDA CORREA, figura notável nos Cariris-Novos, foi o primeiro Capitão-mor da Real Vila do Crato (Carta Patente de 29 de Abril de 1765, in Livro de Registros de Patentes n.º 109, pág. 83, do Arquivo Público do Estado — doc. n.º), foi casado com D. Francisca Álvares Feitosa, filha do Capitão João Cavalcante de Albuquerque e de sua mulher D. Maria Álvares Feitosa, esta filha do Coronel Francisco Álvares Feitosa, o pioneiro (NOBILIARQUIA PERNAMBUCANA, idem, vol. II, pág. 285).

35. Antes de ser nomeado para o posto de Capitão-mor, Arnao de Olanda Correa exerceu cargos de relêvo como o de Juiz Ordinário de São José dos Cariris-Novos (Missão Velha), em 1762, e o de Sargento-mor da dita Povoação. 3 anos antes de galgar o cargo mais alto, quando a Aldeia do Miranda se elevou a Real Vila do Crato (OS ARNAUDS NO CARIRI, Padre Antônio Gomes de Araújo, in REVISTA do Instituto do Ceará, 1953, págs. 68 a 80).

36. Cessado o exercício do cargo de Capitão-mor, de Arnao de Olanda Correa, ocupou-o, como Capitão-mor dos Cariris-Novos, PEDRO ÁLVARES FEITOSA, da Fazenda Papagaio, nos Inhamuns, filho do Coronel Francisco Álvares Feitosa, o primitivo (NOBILIARQUIA PERNAMBUCANA, autor citado, vol. I, pág. 455).

38. Um filho de Arnao de Olanda Correa e de D. Francisca Álvares Feitosa. JOSÉ DE OLANDA CAVALCANTE, nascido a 07 de Junho de 1746, batizado no Sítio do Riacho do Jucá e falecido em 1796 no Engenho Monte Alegre (Livro de Batizados da Freguesia do Icó, n.º 3, fls. 38), como o pai, desempenhou o cargo de Capitão-mor dos Cariris-Novos, sendo Senhor do Engenho Monte Alegre, conforme o inclito historiador

Padre Antônio Gomes de Araújo (REVISTA do Instituto do Ceará, 1953, pág. 75).

39. Outro filho de Arraio e de D. Francisca Alvares Feitosa, o Coronel MANUEL DE BARROS CAVALCANTE, antes residente em Crateús, situou-se no Brejo Grande (Santana do Cariri), em 1817, e, "Na sua casa senhorial do Sítio Desterro, tornou-se um potentado", tendo sido Juiz de Paz do Crato (RETALHOS DO PASSADO), Celso Gomes de Matos, "Correio do Ceará" de 23 de Maio de 1964). Pelos serviços prestados à consolidação do Império Brasileiro, atingiu as insignias de Coronel de Cavalaria, e teve seu nome apresentado, em 1847, para o Senado do Império (O CLÁ DE SANTA QUITÉRIA, Nertan Macêdo, 1967, pág. 35).

40. O Major José do Vale Pedrosa, que faleceu como Tenente-Coronel, e era filho do Capitão-mor dos Inhamuns, José Alvares Feitosa Júnior, teve papel saliente na GUERRA DO PINTO, cujas forças por êle comandadas, "no dia 23 de Maio de 1832, atacaram vigorosamente, no lugar Poço do Cavallo, as forças rebeldes de Pinto Madeira, rechaçando-as e pondo-as em precipitada fuga deixando dezoito mortos" (documento do Arquivo Público do Estado, in O PATRIARCA MAJOR JOSÉ DO VALE EM MISSÃO NO CARIRI, Gomes de Freitas, ITAYTERA do Instituto Cultural do Cariri, vol. 14, pág. 170).

41. Depois da *Batalha do Poço do Cavallo*, o Major José do Vale Pedrosa recebeu nova missão do Presidente da Província, José Mariano de Albuquerque Cavalcante, para *guarnecer a Cidade do Crato*, nos termos do ofício de 25 de Junho de 1832, assim redigido: "como não me convém deixar a Vila ao dezamparo por ser um ponto importantíssimo, tenho ordenado nesta data aos Majores Francisco Melo de Araújo Costa e JOZÉ DO VALE PEDROZA, que se achão com mais de 700 homens sustentando outros pontos, para marcharem imediatamente e ocupar este ponto por ser foco dos mencionados insurgentes" (obra citada).

42. Diante de todos êstes fatos, criada a Real Vila do Crato, era natural que o pósto maior, o de Capitão-mor das Ordenanças dos Cariris Novos, ficasse com a Família Feitosa, como realmente sucedeu por três vêzes, como acima se demonstrou, como também todos os postos da Milícia ficaram com o clá, seus parentes e amigos.

43. Para compreensão dêste capítulo, recomenda-se uma leitura do trabalho O GRUPO FEITOSA NO POVOAMENTO DO CARIRI, de Antônio Gomes de Freitas, inserto em ITAYTERA do Instituto Cultural do Cariri, vol. 13, 1969, e REVISTA do Instituto do Ceará, vol. 81, 1967; bem assim, O GRUPO FEITOSA NA FORMAÇÃO SOCIAL DO NORDESTE, do Professor Hugo Catunda, em UNITÁRIO de 24 de Julho de 1955 e REVISTA do Instituto do Ceará, 1955.

INFLUÊNCIA SOCIAL

44. As GENTES DO INHAMUNS, tendo o vasto oeste cearense sob seu controle, do Cariri à Serra dos Coccos, do Icó à Serra Grande, depois de inaugurada a Real Vila do Crato, e apaziguado seu território, com mais de 30.000 km² a cuidar, voltaram-se para o cartório, imitando seus antepassados vikings em relação à Europa que, domado o velho continente, passaram a comerciar.

45. Com sertões de criar ao norte e a leste, e sendo ainda pouco produtiva a cordilheira do oeste, não havendo o que comerciar, face aos escassos aglomerados humanos, o Planalto voltou-se, naturalmente, para

o Cariri, zona de agricultura, com atividades bem diferentes das suas, possuidora de extensos canaviais.

46. Se os Inhamuns precisavam do Cariri, êste, igualmente, necessitava daquele, para se completarem, dando-se um ao outro. Está visto que o excesso de lipídios dos Inhamuns era reclamado na alimentação do Cariri do mesmo modo que a ração do vaqueiro exigia os glicídios que exorbitavam na dieta do brejeiro.

47. Daí por que as trocas comerciais das duas zonas se estreitaram numa verdadeira simbiose, formando um legítimo e formidável acoplamento no consórcio das duas regiões, para satisfação das suas necessidades econômicas, e também sociais.

48. Tropas de burros arreados, preparados para grandes caminhadas, conduzindo surrões de sola e de couro cru, e malas do mesmo material, recheadas de queijo de coalho, de manteiga da terra (para distinguir da *do Reino*), e requeijões, e transportando couros e peles, gado e criações, demandavam o Cariri.

49. Partindo de Tauá, Cachoeirinha (Parambu), Cococi (côcuci) ou Arneirós, tomavam o caminho da Várzea da Vaca (Nova Roma e, ao depois, Campos Sales), passando por Brejo Sêco (Araripe), e daí atingindo o Brejo Grande (Santana do Cariri) até chegar ao Crato. De Bebedouro (Aiuaba, de hoje), apanhavam a estrada do Povoado de São Nicolau, na rota do Rio Umbuzeiro, atravessavam a Vila de Mocambo (Antonina, atual), Assaré e alcançavam o Crato.

50. De retôrno, traziam cargas de rapadura, alfenins, batidas, e tôda sorte de melaços, além de outras mercadorias, como café, arroz, tecidos, e muitos outros materiais de consumo necessários à vida das fazendas.

* * *

51. Êste entrelaçamento das duas regiões não se restringiu apenas às permutas comerciais, por que se estendeu a diversos outros setores, inclusive no da educação e do mercado de trabalho, eis que o Cariri se desenvolveu mais rapidamente do que os Inhamuns, que ficou fechado como um feudo, prês a tradições medievais.

52. Antes da fundação do Seminário do Crato, em 1875, a mocidade estudiosa dos Inhamuns procurava Fortaleza, para os colégios que então ali funcionavam, como veremos a seguir, além do Recife onde se formaram os doutores dos Araújo, e São Luís do Maranhão, onde se ordenou o Pe. Ângelo Alves Feitosa.

53. O Coronel Lourenço Alves Feitosa e Castro (o *Tenente Lourenço* da Guerra do Paraguai e Coronel da Guarda Nacional, no seu regresso), estudou na Escola do Professor Spindola e no Liceu do Ceará. Seu irmão, o Padre Francisco Máximo Feitosa e Castro (Cococi), frequentou o Liceu e o Ateneu Cearense do exímio educador João de Araújo Costa Mendes (1864).

54. O filósofo Fausto Carlos Barreto (São João dos Inhamuns), foi do Ateneu Cearense (1874). Já o Desembargador José Joaquim Domingos Carneiro (São Mateus) frequentou o Liceu de Fortaleza (1854) e o General Antônio Américo Pereira da Silva (São João dos Inhamuns) pertenceu à Escola Central (1863).

55. Fundado o SEMINÁRIO EPISCOPAL DO CRATO, em 1875, tôda a mocidade ávida de saber, dos Inhamuns, afiuiu para êsse estabelecimento, alguns dêles tornando-se mais tarde, Professores do próprio edu-

candário, como o Padre Joaquim Sóther de Alencar (Assaré), Padre Francisco Alexandrino de Alencar (Assaré), além de muitos outros que não chegaram a se ordenar, como Francisco Soares Arraes (Assaré), Teófilo Amarante Filgueiras (Assaré) e José Barbosa da Silva (Assaré).

56. Destacou-se, ainda na *primeira fase*, o Coronel Joaquim Alves Feitosa Sobrinho (Tauá), da Fazenda Cococá (còcucá), uma das figuras mais representativas de sua terra no primeiro quartel d'êste século. É o genitor do Major Feitosa (Eufrázio Alves Feitosa), abastado fazendeiro em Cococi.

57. Na *segunda fase* do Seminário, reaberto em 1881, frequentou-o o Padre Antônio Jatahy de Sousa (Tauá), e os irmãos José Carlos Leal, Manuel Carlos Leal e Manuel da Silva Leal (todos de São Mateus), êste último conhecido por *Né do Canto*, e pai do Coronel Mário da Silva Leal, respeitável político na região do Cariús.

58. Como aluno da *quarta fase*, frequentou-o Eufrázio Alves de Sousa (Tauá), Dr. Gregório Nazianzeno de Paiva (Assaré), Juvêncio Barreto (Tauá), Ulisses de Alencar (Assaré), Augusto Macaúba de Alencar (Assaré), e Joviriano Barreto (Tauá), mais tarde, Monsenhor, Professor e Diretor do Seminário, e marcante personalidade do clero cearense.

59. Há ainda uma grei ilustre, como Antônio Meireles (Tauá), Manuel Pedrosa (Tauá), Francisco Napolião Moreira (Tauá), José Leitão (Tauá), Gustavo Oliveira (Tauá) e Tito Alves de Oliveira (São Mateus).

59. O período mais florescente do velho casarão, abandonado e deserto de hoje (desprezo que dói), foi quando, já transformado em Colégio Diocesano, sua direção foi confiada à invulgar capacidade do austero Mons. Joviniano Barreto, ilustre filho de Tauá que, com a aquiescência de D. Quintino, chamou para ajudá-lo sacerdotes de inegáveis virtudes e grande saber, como o Mons. Vicente Sóther, o Padre José Alves de Lima e o diácono Francisco de Assis Feitosa que, ao depois, foi cura da Sé do Crato e Monsenhor.

60. Como Professor, entre êles se destacaram Mons. Vicente Sóther de Alencar (francês e inglês), Cônego Manuel Alves Feitosa (latim e história eclesiástica), Padre Azarias Sobreira (português e civilidade), Padre Francisco de Assis Pitta (filosofia, apologética, história universal, história natural, física e química), Padre Doutor Manuel Macedo (filosofia, apologética, escritura sagrada), Padre Lauro Pitta (música, geografia, latim, aritmética) e, sobressaindo-se a todos, o Mons. Joviniano Barreto lecionava latim, religião, direito canônico, liturgia, eloquência sagrada e canto-chão.

61. Dessa fase de ouro do casarão do Alto do Seminário foram alunos José Solano Feitosa (Tauá), Mons. Antônio Alves Feitosa e Padre Vicente Alves Feitosa (Arneirós), José Feitosa Sobreira, Gregório Alves Feitosa, José dos Santos Feitosa, José de Augusto Jucá, Raimundo Petrola (Arneirós), e Plínio Ferrer Feitosa.

62. Anualmente, o Planalto enviava seus filhos ao Vale para receber ensinamentos no educandário eclesiástico, fazendo penosa viagem a cavallo, com arreiros e jogos de malas contendo livros, roupas e objetos de uso pessoal, em cambulhada com presentes de queijos, requeijões, doces de leite, tijolo de leite, para os mestres e parentes queridos.

63. Viajavam os meninos com os olhos irchados de chorar, com saudades da mãe e da prima, do poldo rosilho e da vaca ramada, do rio cheio e do açude, do cheiro do campo e do curral, e de tanta *cosita mais*.

Esta transcendental mercadoria não era conduzida em malas e surrões, mas no escrínio do coração. Falo de ciência própria por que também passei por essas amarguras.

64. Caminhavam para o Colégio, com a cabeça e o pensamento voltados para os campos queridos, teatro de suas traquinadas, com o coração arrojado e derramando lágrimas que orvalhavam a caminhada difícil. Daí por que muitos não voltavam aos estudos, e outros, tangidos à força por pais austeros, abandonavam o educandário e tornavam à casa e à prima.

* * *

65. Mas, vamos às letras dos documentos, por que, no dizer do civilista francês, Professor DEMOLOMBE, no prefácio do seu volumoso *Curso do Código Civil: os textos acima de tudo*. E este conceito se torna mais imperativo quando os textos têm um sabor inigualável para aqueles que amam a História e adoram a hoje Real Cidade do Crato.

DOC. N.º 1 — “CREAÇÃO DA VILLA DO CRATO”

Em 1764, 14 de Junho

A povoação da aldea e antiga Missão dos Indios deste Brejo do Miranda, Capitania do Ceará grande, foi creada villa em 14 de Junho de 1764, pelo Dr. Vitorino Soares Barbosa, Ouvidor geral e Corregedor da mesma Comarca de que lhe deo o nome de — Real Villa do Crato.

(A) — Nas cartas dos Governadores de Pernambuco Luiz Diogo Lobo da Silva, e confirmadas pelo Conde Copeiro mor (Manoel de Menezes, Conde de Villa Flor — nota do Dr. Theberge) mandadas ao Ouvidor mandando crear Villas no Ceará, tratando da do Crato se lê a passagem seguinte :

...“entre as referidas falta para estabelecer a do *Miranda* q’ segundo a qualidade de suas boas terras, abundancia de agoas, bondade de ares, e quantidade de matas se tem assentado ser proporcionada a formar-se uma boa villa, unindo-se-lhe os Indios das duas Malocas (1) ou aldeias do Jucá (Missão do Jucá sita na Ribeira do Inhamum (2) e Quixelô, que estiverem fora da Missão da Telha, com todos os Indios, que andarem dispersos, e não pertencerem a alguma das novas villas e povoações, a q’ estejam obrigados, exeptuando deste . . . aquellas q’ achando-se estabelecidas com cassas e lavouras se rejão de forma que não tenham dependencia de Director e se possão conservar nos mesmos Sítios em q’ residem, contando-se como moradores do Termo da Villa a q’ pertencerem, qdo. mostrem ser obedientes à Justiça, e não faltem a observação dos preceitos catholicos.”

(1) Ao invés de Malocas estava escrito Missões, mas verificando o equívoco, foi esta palavra riscada e substituída pela apropriada, eis que, se estivessem missionados não havia necessidade de reuni-los em outra missão.

(2) O Indio Jucá foi missionado pelo Padre José Bezerra da Costa no Lugar Arneirós, sob a denominação de Missão do Jucá, cujos registros eclesiásticos se iniciaram a 12 de Outubro de 1755 e se encerraram em 1763, havendo o Visitador Rangel aberto e encerrado o LIVRO UNIVERSAL EM QUE SE AXÃO LANÇADOS JUNTOS BAPTIZAMENTOS, CAZAMENTOS E MORTES DESDE O ANNO DE 1755 ATÉ 1808, do qual tenho cópia e o original se acha nos arquivos da Diocese de Iguatu. A missão foi criada sob a invocação de Nossa Senhora da Paz.

Mais adiante se lê :

"Á de Baturité q' igualmente me segurão se achar bem situada, por lograr as mesmas vantagens da do Miranda, unirá Va. Me. a da *Telha* com todos os dispersos que achar, da mesma natureza q' deixo o dito na primeira..... (3).

Por aqui parece q' a Villa de Baturité foi creada no mesmo tempo q' a do Crato. (4) Lê-se mais :

"Os Indios Tramember será converiente q' V. me. os una a uma das novas Villas, q' erigir. Desembargador Ouvidor dessa Comarca" (5).

(B) — "...Para a de *Miranda* mandou o Dr. Juiz de Fora (6) as enxadas, machados, e fouces, q' a cada um se destinou p.^a o trabalho das picadas, e demarcações, e quando na mesma ocasião não tinham ido as *Varas*, (7) tinteiro pannos de mesa das Camaras, balanças, pesos e medidas para padrões poderá Vossa me. escrever ao Sarg.^o mor Jeronimo Cabral do Açú, (8) em cujo poder me dizem se acham os referidos utensis, (9) para este lhos remeter, ajudando-se dos q' se destinavão e levou o Desembargador, Ouvidor para *Montemor* (10) q' pela falta de n.^o de casaes não creou villa, e lhe ficarão ociosas, os quaes não sei se pela mudança dos nacionaes dessa povoação para a de Porto Alegre, (6) passarião para o poder do Tente. Coronel Jozé Gonçalves da Silva, (11) a çm. V. Me. os pedirá....".

"Para a condução dos Jucás entendo se poderá V. Me. valer de Pedro Alvares Feitosa (12), q' hoje os está dirigindo, com ser Director interino.....".

"Deos Guarde a V. Me. Recife de Pernambuco em 6 de Agosto de 1763. Sr. Dr. Vitorino Soares Barbosa.

Luiz Diogo Lobo da Silva".

- (3) A Baturité de hoje, fóra a antiga Missão dos Indios Canindés e Jenipapos, com o nome de Montemor-o-Nôvo-d'America, tendo sido inaugurada vila a 14 de Abril de 1764, pelo Dr. Vitoriano Soares Barbosa, Ouvidor Geral e Corregedor da Comarca do Ceará, Juiz Executor e Comissário dos novos estabelecimentos dos mesmos indios, sendo orago Nossa Senhora da Palma e padroeiro São João Nepomuceno.
- (4) A villa de Baturité foi criada, exatamente, com a do Crato, pela ordem de 6 de Agosto de 1763, expedida pelo Governador de Pernambuco Luis Diogo Lobo da Silva, e renovada pelo seu successor Manuel de Menezes, Conde Copeiro-mor e Conde de Vila Fior, em 16 de Dezembro de 1763, ambas em virtude de Ordem Régia que autorizava a criação dessas vilas.
- (5) Os Tremembés, constantes da Relação das Aldeias do livro INFORMAÇÃO GERAL DA CAPITANIA DE PERNAMBUCO, págs. 303 e 304, mais tarde, em 1766, o Governador do Ceará, António José Vitoriano Borges da Fonseca, mandou reuni-los, novamente, na antiga missão da margem do Aracatimirim, quando adotou o nome de Almofala, e teve por orago Nossa Senhora da Conceição.
- (6) O Juiz-de Fora era Miguel Carlos Caldeira, de Porta Alegre, no Rio Grande do Norte.
- (7) Vara é antiga medida linear portuguesa, anterior à adoção do sistema métrico, e corresponde a 1,10m e se subdividia em 5 palmos.
- (8) Açú é municipio do Rio Grande do Norte.
- (9) Utensils por utensilios.
- (10) Montemor aqui referido é o Montemor Velho, atualmente Pacajus, distinto do Montemor-o-Nôvo-d'America, agora, Baturité.
- (11) Foi Diretor dos Indios da Vila de Porta Alegre.
- (12) Pedro Alvares Feitosa, da Fazenda Papagaio, natural do Rio São Francisco, Capitão-mor dos Cariris Novos, era filho do Coronel Francisco Alvares Feitosa, o pioneiro, (e de sua mulher Catarina da Rocha Fezende Macrina (NOBILIARQUIA PERNAMBUCANA, de António José Vitoriano BORGES DA FONSECA, 1925, vol. Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, 1935, pág. 242), mais precisamente Capitão-mor da Vila do Crato, como consta de uma Justificação do Capitão-mor dos Inhamuns, José Alvares Feitosa Júnior (INEDITOS do Barão de Studar), a quem "sempre se tratou com nobreza distincção" (última fonte).

(C) — “Para se proceder à divisão das terras, que a cada um dos moradores das mencionadas Villas (13) se deve dar.... se adverte que cada Portuguesa (broça tre. (14) se compõe de 10 palmos, e cada palmo (15) de 8 pollegadas : (1): e que a legoa quadrada (17) comprehende neste Continente 2.800 braças (14) de comprido e 2.800 de largo, q’ multiplicando-se o referido comprimento pela mencionada largura, q’ o mesmo q’ quadrar na planometria, vem a dar o seu producto em sete contos e quarenta mil braças quadradas, q’ tanto tem a dita legoa”.

Ao Rdo. Vigário se dará para seo passal 100 de comprimto. e 100 de largo.

Ao Rdo. Coadjutor — 100 de comp. e 90 de largo.

Ao Principal 100 — 100 = e se tiver filhos e domesticos 100 — 40 = para cada um.

Ao Capm. mor 100 — 90 = se tiver filhos e domesticos, mais a cada um 100 — 30 1/2.

Ao Sargt. mor 100 — 80 = se tiver fos. e domesticos a cada um 100 — 24.

Ao Capm. 100 — = 70 a fos. e famulos 100 — 17 1/2.

Ao Alfes. 100 — 70 = aos fos. e famulos 100 — 12.

Aos Sargentos e Cabos 100 — 50 = a fos. etc. 100 — 10.

Aos Soldados 100 — 40 = fos. e domesticos, 100 — 7 1/2.

O mesmo para cada morador Indio q’ assistir, ou se agregar às ditas Villas. E serdo officiaes necessarios na mesma Povoação terão as porções q’ competem aos Alferes. Assim tambem aos Escrivães do público, Meirinhos, e seos Escrivães igualmente com os Sargentos.

Advirtindo que para a separação do que competir a cada casal lhe ficará uma braça de baliza na largura, e por todo o comprimento, a qual podem aproveitar em plantar os algodões, e a arvore q’ produz o carrapato para o azeite (18) e coqueiros.

Nesta repartição se não incluem as areas necessárias para os Caminhos competentes, as Igrejas, Casas da Camara, Cadea de assistencia (praça ?) de moradores, e ruas publicas, q’ devem ser direitas e cardiaes, tendo nellas (?) seos quintaes para creações, e lugar destinado a recolher gado vacum, cavallar de serviço e miúdo (19).

Para os curraes se tirarão as competentes a proporção da multiplicação do gado, deixando-lhe sitio para pasto em q’ os tinhão com desafogo e sem aperto attendendo aos necessarios p.^a o de toda a qualidade..... Na certeza de q’ a abundancia delle fertiliza com os seos estercoas as terras, e é de gre. beneficio ás lavouras (20).

(13) Trata-se das Vilas mandadas criar pelo Governador de Pernambuco Luis Diogo Lóbo da Silva, acima referida, de 06 de Agosto de 1763.

(14) Braças, antiga medida portugüesa, anterior ao sistema métrico, corresponde a 2,20m e se subdivide em 2 varas.

(15) Palmo, velha medida portugüesa, correspondente 0,22m do sistema métrico, e se subdivide em 8 pollegadas.

(16) Polegadas, medida portugüesa em desuso, correspondente a 27,5mm, e se subdivide em 12 linhas.

(17) Léguas quadrada equivalente a 43,56 km² no sistema métrico.

(18) O chamado azeite de carrapato é extraído da Carrapateira, planta da familia das Euforbiáceas (*Ricinus communis*, Lineu), também chamada mamona.

(19) Miúdo, aqui, tem o significado de miunça, isto é, animais de pequeno porte.

(20) É um uso das velhas civilizações o aproveitamento do estercos animal para a fertilização das terras destinadas a lavoura. O Des. Osny Duarte Pereira, em “Juizes Brasileiros na China”, observou que o regime atual obriga os camponeses a depositar a fezes em depositos, destinadas a fertilizar as terras exauridas.

Para subsistencia dos pobres orfãos e viúvas se darão 100 br. de comp. e 200 de largo.

(D) — "...Haverá em todas as Villas ou Lugares duas Escolas Publicas, uma para rapazes e outra para Raparigas. Nas quaes se ensinará a Doutrina Cristã, ler, escrever, e contar na forma q' se pratica em todas as nações civilisadas. Na das raparigas alem da Doutrina Chistã, ler, escrever, fiar, fazer renda, costuras e todos os misteres proprios do seo sexo (21).

Para subsistencia das sobreditas Escolas haverá um Mestre, e uma Mestra, q' devem ser pessoas dotadas de bons costumes, prudencia e capacidade dos atos q' possão desempenhar as obrigações dos seus empregos, e as quaes se destinará o emolumento do meio tostão por mez de cada discipulo, e meio alqueire (22) de farinha por anno na occasião da colheita, pago pelos paes dos mesmos Indios, ou pelas pessoas, em cujo poder viverem, concorrendo cada um com a porção que lhe competir em dinheiro, ou efeitos; o q' pacientemente se regula em attenção a grande miseria e pobreza a q' se achão reduzidos" (23).

(E) — No alvará com força de Lei de 1755, em q' se regula o modo com q' se devem tratar os Indios, considerando-os Senhores de sua pessoa, seo tempo e seos bens & & achamos o segte.:

"Se em Lisboa custa o sustento de um homem de trabalho um tostão, e é por isso de dois tostões o jornal de um trabalhador; a essa imitação se deve taxar a cada Indio de serviço o dobro do que lhe é preciso p.^a o diario sustento regulado pelos preços da terra. Se um artifice ganha em Lisboa trez tostões por dia, e um trabalhador somente, desta imitação se taxará aos Artifice do referido Estado a metade mais do jornal q' se houver arbitrado aos trabalhadores. Todos os referidos jornaes serão pagos por férias aos sabbados de cada semana, cobrando assim nas quintas (herdades ou por essas quantias. Fr.) em q' houverem sido taxados ou em panno, ou em ferramenta, ou em dinheiro, & (24).

(F) — Termino de configuração, em q' mostra a fundação e forma delineada para a d.^a Villa (Crato).

"Aos 21 dias do mesmo mez de Junho de 1764, neste mesmo Brejo do Miranda, e sobredito terreno demarcado para a fundação da futura Villa.... e o alinham.^o da configuração e forma, com q' se havia de

(21) Estas artes eram as chamadas prendas do lar, afazeres domésticos.

(22) Alqueire é velha medida portuguesa de superficie e corresponde a 2,42 ha, pelo sistema métrico. Em Minas Gerais e Rio de Janeiro o alqueire compreende o duplo dessa medida.

(23) O pagamento dos Mestres, por parte dos pais dos indiozinhos ou de seus responsáveis, em mercadorias, demonstra o primitivismo em que se encontrava a sociedade, que vivia a época em que o dinheiro pouco circulava, sendo o lugar dste ocupado pelo genero alimenticio de maior procura, já que a carne era fácil. Nos requerimentos de licença e informação das "Desobrigas das Fazendas de 20 bezerras até 50, e de 50 acima", nos termos do Estatuto da Freguesia de Nossa Senhora da Paz de Arneiros, pagavam os fregueses, na primeira hipotese, doze garrotes, e, na segunda, doze bois (LIVRO DE NOTAS, CARTAS PASTORAIS, ORDENS E CAPITULOS DE VISITAS DA PARÓQUIA DE NOSSA SENHORA DA PAZ, DE ARNEIROS, de 1838). Eram os costumes do tempo.

(24) Esse velho costume português, transportado para a Vila nascente, ainda hoje vige no interior do Brasil. Tratando-se de uma população miserável, naquele tempo o indio, e, hoje, o agregado, só come no dia em que trabalha, e, por isto, deve ser pago diáriamente. Aproveitando-se dessa situação, o senhor mantém um armazém onde de tudo se vende, legumes, panos e cachaça, e o seu objetivo não é servir ao seu trabalhador, mas auferir lucros exagerados daquela situação desigual, e trazê-lo preço por dividas à terra. São verdadeiros servos da gleba, tal qual os do tempo da Idade Média.

fazer o arruamento....." "regulada a dita praça pela Igreja q' nella existe ainda arruinada, a qual tem de frente 50 palmos, e 100 de fundos, se deixarão 20 palmos de area na frente de seos dois lados em cada um para o q' pudesse ser necessário pelo tempo adiante vindo-se a fazer de novo como carece" (Segue-se a delineação largura e proporções de suas areas & edificios publicos e particulares, mandando tirar arterias a corde, e dar-lhes 40 palmos de largo, ordenando q' as casas sejam todas por um padrão q' dá o Ministro).

(G) — (Demarcação p.^a area da Villa um quadrado de 300 braças (14) de cada lado — No centro um quadpilatero ou praça de 30 braças de cada lado = Marcará as 11 ruas, com 228 areas para casas = sendo 70 na praça ocupando os 3 lados do norte, sul e Leste — Ai outro ficará a Igreja).

"Correndo em circunferencia da dita Villa uma levada de agoa excellente e em tarta copia q' pode fazer mover dois moinhos, se os houvesse, e sitira da mão do rio chamado Miranda, q' lhe corre para um lado, e pelo outro do Batateira" (25).

(A Villa foi denominada no acto de levantamento do Pelourinho = Real Villa do Crato = e lhe foi dado para Orago N. S. da Penha de França, e por Padroeiro S. Fidelis).

(H) — Termo pelo ql. se assignou Distrito a esta Villa do termo q' lhe fica pertencendo, e patrimonio a Camara della socias, e logradouros comuns.

= "assignou elle d.^o Ministro o termo da mesma Villa, e o declarou q' esta ficaria sendo tudo o que comprehende a divisão da Freg.^a de S. José dos Cariris dita na Missão Velha, e alem do q' esta comprehendendo lhe ficará mais pertencendo no sobredito terreno pelo Rio do Carihu abaixo a todas as suas vertentes até onde faz barra o Rio dos Batiões, Freg.^a do Inhamum (26), e por este rio acima, e Fazenda da Conceição () inclusive entrando pelo Riacho da Cruz the indo confins esta Capitania com a do Piaui pela parte do sul, e pela do norte ficará pertencendo a Villa do Icó, como dantes era; e para patrimonio da d.^a Camara assinou as terras em q' está o Eng.^o das Almecegas, e todos os mais sitios q' se aforarem por ella, e assim mais todas as sobras das terras, q' por elle d.^o Ministro fica medidas, e demarcadas, e q' ficarem depois de repartidas, as das de seos moradores; e assim mais rocias comuns as sobras de alinhamento do terreno da dita Villa no circuito della, e para o pasto comum, e logradouros de todos os seos animaes todos os tableiros de agreste que não forem capazes de planta, e o sacco entre o rio do Miranda e o Batateira até a Serra do Araripe, e por esta o q' comprehender de marco a marco na sua divisão e largura até

(25) A descrição é perfeita. A "levada de agoa excelente e em tanta cópia q' pode fazer mover dois moinhos" é o Granjeiro, que o percorri, todos os Domingos, com outros meninos, nas eras de 30, em busca dos banhos do Poço da Escada e do das Piabas, onde pulávamos e dávamos cangapés. Realmente, a levada é o Granjeiro que tem o Batateiras de um lado e, do outro, o Rio chamado Miranda, atualmente conhecido por Rio da Ponte, sem nenhuma significação, e que deve o Instituto Cultural do Cariri por uma placa bem ostensiva, na ponte, dando o seu verdadeiro nome. A expressão mãe do Rio é um brasileirismo que se define como leito do rio até à extrema das margens, quando o mesmo, transbordando, alaga as várzeas ribeirinhas e penetra nos matos.

(26) O Rio Bastiões faz barra no Rio Cariús no lugar Poço d'Anta, como está nos registros eclesiásticos antigos, atualmente Poço Dantas, por desconhecimento de suas origens, há poucos quilômetros da Cidade de Cariús.

onde divide esta Capitania com a de Pernambuco, e Piauí; e só na dita serra não poderá pessoa nem uma de fora desta Villa e do seo termo lançar na d.^a serra animaes assim vacuns, como cavalares, a se fazer sem licença da d.^a Camara, pagando-lhe o q' for determinado, e cujo rendimento. em particular lhe ficará pertencendo tambem p.^a seo patrimonio e para se tirar lenha todo o mato q' comprehende as ditas terras, não se cortando páo de qualidade de q' costuma dar taboado".

(I) — «Escritura de doação, que faz o Capm. mor Domingos Alvares de Mattos por si e como procurador bastante de sua mulher D. Maria Ferreira da Silva ao Reverendo Fr. Carlos Maria de Ferrara, Missionario do Gentio Carihú, e mais agregados de um pedaço de terra sita nas Cabeceiras do Miranda dos Cariris Novos.

Saibão quantos este público instrumento de escriptura de doação, ou como para sua validade melhor nome e lugar haja, e dizer-se possa virem q' no anno de de nascimto. de Nosso Senhor Jesus Christo de 1783, aos 3 dias do mez de dezembro do d.^o anno nesta Missão do Miranda, Ribeira dos Cariris Novos, termo da Villa Nova de N. Sa. da Expectação do Icó, Capitania do Ceará Grande, onde eu Tabelião ao diante nomeado fui vindo, e sendo ahi apparecerão partes presentes e aduantes de uma o Capm. mor Domingos Alvares de Mattos, por si, e como procurador bastante de sua mulher D. Maria Ferreira da Silva, como me constou de uma procuração q' se acha lançada no livro de notas, e de outra o Rdo. Pe. Fr. Carlos Maria de Ferrara como procurador e administrador do Gentio Carihu, e mais agregados, pessoas de mim Tabelião reconhecidas pelas proprias de q' faço menção e de que dou fé, e logo pelo d.^o Capm. mor Domingos Alvares de Mattos foi dito em minha presença e das testemunhas ao diante nomeadas e assignadas q' elles entre os mais bens que possuem, e estavam de mansa e pacifica posse era bem assim uma sorte de terras nas cabeceiras do Miranda dos Cariris Novos da qual se dava, e doava toda a terra que pertencem as agoas vertentes, q' quebrão para a Missão correndo pela barreira o rumo do sul até a ponta da Serra do Araripe, todo o sacco, ou enseada q' fica dentro e para a parte do norte té o lugar onde faz barra o riacho da mesma missão, o dahi dando as costas ao brejo cortando direito a uma ponta grande da serra para a parte do Rio de S. Francisco, da parte do poente, da qual terra poderá o dito Gentio tomar posse, e o dito Fr. Carlos Maria de Ferrara para a situação de sua Aldea e Missão quer por si quer por authoridade da justiça, e quer a tome quer não de hoje para todo sempre as ha por impossadas pela ciusula constituti, e q' de si demittia toda a posse q' na d.^a parte de terras tinham, e q' em tempo algum poderião inovar cousa algua contra o q' dito tinham, e q' fazendo o contrario não querião ser ouvidos em juizo nem fora delle tanto por suas passaos, como por seos herdeiros para o q' se desaforarão de todos os privilegios, izenções e liberdade e do juizo do seo foro, e tudo o mais q' a seo favor faça, e só q' esta valesse, e se lhe desse todo inteiro cumprimento como nella se declara, para o q' pedião as justiças de Sua Magestade, q' Ds. Guarde, fação m.^o inteirame. cumprir e guardar este instrumento assim e da mma. sorte q' nelle se contem e declara, e logo pelo d.^o R. Pe. Frei Carlos, como procurador e Missionário do d.^o Gentio foi dito q' elle aceitava a dita escriptura na forma que nella se declara, e se obrigava nas pessoas dos dos. gentios em tempo algum não innovar cousa algua, nem nelles haver arrependimento por serem mto. contentes, e ami-

gável composição, porem com declaração q' largando o dito gentio a Missão tornaria as terras a antiga posse do dito doante, ou de seos herdeiros, e de como assim o dicerão e outorgarão estipularão e aceitarão eu Tabelião com pessoa publica estipulante e aceitante estipulei e aceitei em nome do auzente a qm. o favor desta tocar possa, e pedirão fosse feito este instrumento nesta nota em que assignará sendo presentes por testemunhas q' tambem signarão o Coronel Antonio Lopes de Andrade e Feliciano Mendes, pessoas que reconheço pelas proprias de q' se tratão. E eu Roque Correa Marrocos escrevi = Domingos de Mattos, assino a rogo de minha mulher D. Maria Ferreira da Silva, e como seo procurador Domingos Alvares de Mattos = como procurador Missionario do dº gentio Fr. Carlos Maria de Ferrara, Capuchinho Antonio Lopes de Andrade = Feliciano Mendes da Silva. E não se continha mais em a dita escriptura de doação, q' eu Roque Correa Marrocos Tabelião publico do judicial e notas na nova Villa de N. S. da Espectação do Icó, e seo termo Capitania do Ceará grande, por Sua Mage. q' Ds. Ge., aqui trasladei bem e fielmente. do proprio do meo livro de Notas, donde a tomei, a q' me reporto, e vai na verdade sem cousa q' duvida faça, e comigo proprio este traslado conferi e consertei, e me assinei de meu sinal publico e razo o seguinte estava o sinal publico = em fé da verdade Roque Correa Marrocos concertado comigo proprio Tabelião Roque Correa Marrocos (27).

(J) — Acto de retificação de posse, e de nova posse tomada judicialmente e mandado dar pelo Dr. Ouvidor Geral e Corregedor desta Comarca Victorino Soares Xerez Barbosa Juiz commissario desta Real Villa ao Senado da Comarca della das terras de q' já estava de posse a sua antiga Missão, e agora de presente demarcadas, e das mais q' por sobra se tomarão para o Patrimonio della.

Anno do nascimº de N. S. J. Christo de 1764 aos 10 dias do mez de Julho nesta Real Villa do Crato Capitania do Ceará Grande, eu Escrivão publico judicial e notas della fui mandado pelo Dr. Ouvidor Geral Corregedor da d.ª Comarca, e Erecta sobre dita Villa, por impedimento de doença do escrivão do cargo com o Senado da Comarca desta Villa, a saber: o Juiz Ordinário o Capm. Francisco Gomes de Mello — Vereadores João Vidal de Negreiros = Simão Roiz = Manoel de Souza Pereira = e o procurador do Conselho Agostinho de Moura, todos encorporados em corpo da Comarca para effeito de se ratificarem na posse das terras que já tinha esta antiga Missão do Brejo do Miranda, tomada

(27) A transcrição acima, da Escriitura de doação, foi feita rigorosamente tal como a copiou o cientista FREIRE ALEMÃO, sem a alteração de uma virgula nem o acréscimo de uma palavra por extenso ao invés de abreviada como se encontra no original, nem a omissão de uma palavra ou acréscimo, como se encontra, se se contrastear o texto do cientista com o do historiador Antônio Bezerra, às fls. 224 a 226, do livro *ALGUMAS ORIGENS DO CEARÁ*, 1918, Fortaleza - Ceará, Tip. Minerva, de Assis Bezerra, de cuja obra Irineu Pinheiro se serviu para a sua obra *EFEMERIDES DO CARIRI*, 1963, Imprensa Universitária do Ceará, às págs. 246 a 248. No texto de Antônio Bezerra há a excrecência "a qual fiz por me ser destruída" e "annos" e a troca e "onde" por "aonde", que não está na cópia cientista. Ao tempo da Comissão Científica, Antônio Bezerra, moço de 20 anos, dedicava-se à poesia e, só muito mais tarde, integrou-se de corpo e alma na História. Por isso, até que se localize a fonte primária da escriptura em questão, dou primazia ao texto do botânico, até por parecer mais fiel ao registro primitivo, eis que a escriptura daquela época era inçada de abreviaturas. Contrariando Antônio Bezerra e Irineu Pinheiro, Freire Alemão dá o nome do escrivão da escriptura como sendo Roque Correa MARROCOS e não MARREIROS.

por seus Missionarios, cuja terra por não estar demarcada judicialmente a demarcou e tombou o d^o Ministro.....”.

O Rdo. Pe. Manoel Teixeira de Moraes, Vigário actual desta Real Villa (do Crato) Julho de 1764.

Joaq. da Veneza Barbonio, foi o ultimo Missionário da Missão do Brejo do Miranda.

No patrimonio de terras demarcadas p.^a a Camara do Crato ficarão incluidos alguns Sítios, já habitados, cujos moradores os tomará a foro perpetuo, e são :

- Sítio do Urucu aforado a Cosme Cardoso, morador nelle... “para elle e seus descendentes enquanto mundo durar”.
- Genipapeiro a Manoel Furtado Leite morador nelle.
- Engenho da Almecega a Romualdo Machado Barbosa morador nelle.

(L) — *Numero de habitantes da Villa do Crato no tempo de sua criação.* “excedendo estas (as casas marcadas) ao numero dos moradores q’ por ora ficão, e estão já agregados nesta dita Villa a amostra geral q’ a todos passou (o Ouvidor) na qual apparecrão 208 homens...”.

(M) — *Matricula de meninos e meninas nas escolas.* “E logo mandou o d^o Ministro vir a sua presença todos os meninos desta Villa, e achou terem idade sufficiente para poderem aprender a ler e escrever na Escola 53 meninos, os quaes logo entregou ao Mestre João Salvador e 37 meninas, q’ do mesmo modo aprenderão a cozer, fiar, e fazer renda, havendo Mestra.....” (Já nestas escripturas se fala em = lavaristos =.

(N) — “Termo de entrega q’ fez o Coronel Manoel Ferreira Ferros (28) dos bens pertencentes á Igreja da Missão do Jucá, de que foi Conductor o dito Cabo dos seus casaes para esta Villa do Crato.....”.

(O) — O Inventario dos bens achados da Igreja da Missão do Jucá, foi escripto por Eufrasio Alves Feitosa (29) = em 16 de Junho de 1764 = Isto era nos Inhamuns, onde existia a d.^a Missão do Jucá.

(P) — Este importante Livro, ainda em 1814 estava na Camara do Crato, onde foi visto em correição em 15 de Dezembro pelo Ministro Albuquerque.

E está no fim esta nota lançada pelo Dr. Theberge.

“Foi este livro encontrado no Cartório da Ouvidoria q’ se acha em parte annexo ao Cartório do Crime do Icó, pelo Dr. P. Theberge, q’ conhecendo a importancia q’ tem para a Camara do Crato lhe o manda restituir.

Icó, 1.^o de Dezembro de 1853.

Dr. P. Theberge

Hoje para em mãos particulares, e por obsequio foi franqueado ao Sr. Manoel Ferreira Lago (30).

Crato, 5 de Março de 1860”.

(28) O Coronel Manuel Ferreira Ferro, da Fazenda “Cacimbas”, foi Comandante do Regimento de Cavalaria dos Inhamuns, filho do Coronel Francisco Alves Feitosa, e de sua mulher D. Catarina da Rocha Rezende Macrina (NOBILIARQUIA PERNAMBUCANA, autor citado).

(29) O Coronel Eufrásio Alves Feitosa, foi Comandante do Regimento Montado dos Inhamuns “e sempre se tratarão como nobre distinto” (Justificação já referida, dos INÉDITOS do Barão de Studart, foi o edificador da Igreja de Arneirós, onde era residente, e filho do Sargento-mor João Bezerra do Vale, da Fazenda “Cabaços”, e de sua mulher D. Ana Gonçalves Vieira, filha do Coronel Francisco Alves Feitosa, o pioneiro.

EXPONDO O TEXTO DO MANUSCRITO

63. As *Cartas* dos Governadores de Pernambuco e demais peças delas decorrentes, a seguir transcritas, foram copiadas fielmente, tal como me foram remetidas, por fotocópias, pela Biblioteca Nacional, sem a alteração, por aumento ou diminuição, de uma vírgula. Apenas deixei uma palavra que, por maior esforço que dispendesse, não consegui decifrá-la. O encargo ficará para alguém mais atilado, mas bastante consciente para não adivinhar.

64. Lamentavelmente as ditas *Cartas*, e os textos, não estão escritos e copiados integralmente pelo botânico FREIRE ALEMÃO (e não sabemos de quem foi a culpa, se dele ou de Théberge), nem consta o inteiro teor do *Inventário* da Missão do Índio Jucá, de Arneirós. Há, apenas, resumo e referências. As primeiras, talvez se encontrem, um dia, no Arquivo Público do Estado, ou noutro local, e, ainda pode ser achado o livro da ata da criação da Real Vila do Crato. Quanto ao *Inventário*, peço o auxílio do Padre Antônio Gomes de Araújo, para localizá-lo.

(A) — O texto usado aqui foi fotocópia de um apanhado dos MANUSCRITOS do botânico FREIRE ALEMÃO (Francisco Freire Alemão de Cisneiros), Presidente da *Comissão Científica de Exploração*, que esteve no Ceará no século passado, em 1860, que se serviu já de uma cópia feita pelo historiador Dr. Pedro Théberge, copiada do original sete anos antes da Comissão. Os livros, o original e a cópia de Théberge, estão desaparecidas, só restando o resumo de Freire Alemão, segundo o meu conhecimento.

(B) — É curioso o cuidado que o Governador pernambucano teve em mandar fornecer aos silvícolas que iam ser realdeados na antiga Missão do Miranda, os instrumentos de trabalho, fazendo a discriminação de cada um, e demais elementos indispensáveis ao desenvolvimento da Vila nascente, prevendo, inclusive, quem seria o condutor dos índios, de Arneirós, para o Crato, no caso, o Coronel Manuel Ferreira Ferro, das "Cacimbas", Comandante do Regimento de Cavalaria das Milícias dos Inhamuns, e filho do Coronel Francisco Álvares Feitosa, o pioneiro.

(C) — O território recebido em doação para nêle ser constituída a Vila, e situação dos seus moradores, a *Carta dá*, em primeiro lugar, a extensão das medidas lineares portuguesas antigas e, em seguida, diz quanto tocará a cada um, no mesmo nível igualdade, neste tocante, o Vigário Padre Manuel Teixeira e o Principal dos Gentios (índio José Amorim); o Coadjutor e o Capitão-mor; o Sargento-mor; o Capitão e o Alferes; Sargentos, Cabos, Escrivães, Meirinhos; Soldados e moradores.

Prevê que, na separação dos quinhões de cada um, haja uma braça de baliza de largura em todo o comprimento, ordenando que êsse espaço seja aproveitado com o plantio de algodões, carrapateira e coqueiros (não obstante estar-se no *País das palmeiras...*, talvez por isto mesmo, para aproveitar a dadivosidade do terreno). Esta usança ainda vige nos Serfões, com o nome atualizado de *corredor de cercas*.

Com as mesmas preocupações de quando foram concedidas as *Sesmarias* — em que se ressalvavam o terreno necessário à edificação da casa da Câmara, dos caminhos, das pedreiras, das fontes, etc. — a *Carta* excluiu da repartição as áreas para os caminhos, Igrejas, casas da Câmara, Cadeia, assistência aos moradores (praças) e ruas públicas.

Mais ainda. Determinou que as ruas deveriam ser retas (*direitas*) e orientadas no sentido norte-sul, leste-oeste (*cardiaes*), e assim foi feito. Ainda hoje o esquadramento da Cidade do Crato é perfeito, como se observa de sua planta. Determinou também que as casas teriam *quintaes para criação*, destinados ao consumo. Eram as chamadas miunças: criação de cabras, ovelhas, pirus, galinhas, capotes ou guinés, etc.

Foi mais minucioso ainda quando deu o tamanho dos currais, declarando dever ser reservado *sítio para o pasto, com desajôgo*, dando ênfase ao aproveitamento dos *esterços*, esclarecendo que será de grande benefício para as lavouras. Naturalmente as terras do ubertoso Vale, ainda virgens, dispensavam êsses cuidados. Teriam grande significação nas cansadas terras de Portugal. Na vestusta China hoje as fezes humanas são postas a curtir em depósitos, para êsse fim.

(D) — Dando de início à separação dos sexos nas escolas públicas da Vila, recomendada pela Igreja, cautela que teve vigência até os nossos dias, foram criados dois estabelecimentos: um para rapazes, outra para moças. Prática benfazeja, que nunca deveria ter sido abandonada, como agora se verifica nos próprios estabelecimentos de ensino católicos, como o Colégio Cearense e outros. *Tempora mutantur et nos in illis*.

Recomendou-se que, aos meninos, fôsse ensinada a doutrina cristã, a ler e a escrever, e a contar, como assim a praticam tôdas as nações civilizadas. Às meninas, dispensou-se, apenas, as contas, em razão do entendimento estratificado de que a mulher não tem facilidade para o raciocínio, mas mandou fiar, costurar, fazer rendas, e todos as prendas adequadas ao seu sexo.

Para os meninos, um Mestre; para as meninas, uma Mestra; que devem ser dotados de bons costumes, prudência e capacidade, virtudes que hoje andam escassas, motivada pelo imediatismo que avassala o mundo, apegado unicamente aos valores materiais com desprezo ao espiritualismo.

Por demais curioso era o modo como deviam ser satisfeitos os pagamentos dêsses Mestres. "O emolumento de meio tostão por mês, de cada discípulo, e meio alqueire de farinha por ano, na ocasião da colheita, pagos pelos pais dos mesmos índios, ou pelas pessoas em cujo poder viverem".

Ao tempo da Colônia, a circulação monetária era penosa, por falta de moedas divisionária ou dinheiro em espécie. A sua vêz, a farinha era escassa nessa época, dando ensejo a que *Cartas Régias*, vêz por outra, recomendassem e até ordenassem o cultivo da mandioca, a *farinha de pau*, como era chamada. Daí a sua importância de haver figurado como moeda circulante, substituindo o dinheiro, como sucedeu ao fumo na Bahia e ao boi em Arreirós. Aliás, ressaltando a importância da farinha, a Carta Magna de 1824, ficou conhecida por *Constituição da Mandioca* (História do Brasil, Blch Editores, pág. 318).

(E) — Reportando-se ao *Alvará com Fôrça de Lei de 1755*, que regula o modo como os índios devem ser tratados, considerando-os como *senhores de sua pessoa, de seu tempo e de seus bens*, determina que, se em Lisboa um homem de trabalho gasta com o seu sustento um tostão, sendo, pois, de dois tostões o salário de trabalhador; por esta razão, pagar-se-á o dôbro do que o trabalhador aborigene necessite para a sua manutenção diária.

Há uma filosofia de sua vida, que corre mundo, de que o *portuga*, se ganhar dois tostões, come um e guarda o outro; sendo este princípio a origem de muitas fortunas desses irmãos no Brasil, especialmente no Ceará. Naturalmente este *Alvará com Fôrça de lei de 1755* deu base a essa norma. Sucede, no entanto, que o brasileiro procede o inverso, isto é, se ganha dois tostões, toma emprestado um, come os três tostões, e fica devendo um.

Para o Artifice (pedreiro, carpinteiro, ferreiro, pintor, etc...), a mesma orientação. Se o artesão ganha três tostões por dia em Lisboa, para o Artifice do Estado do Brasil será dada a taxa conferida aos trabalhadores mais a metade.

Obriga ainda que referidas diárias (*jornaes*) sejam pagas por semana (*férias*), aos sábados, nas quantias em que foram taxadas ou em pano ou ferramentas ou em dinheiro, etc. Nos sertões, tanto nas fazendas como nos sítios, e nas construções nas cidades, o sistema ainda é o mesmo. O pagamento mensal só tem uso para os Empregados públicos e particulares.

(F) — O *Térmo de Configuração em que Mostra a Fundação e Forma delineada para a Vila do Crato*, procedido a 21 de Junho de 1764, lavrado 7 dias depois de criada a Vila, é um ato notável, informando que a Matriz, — que existe, ainda que arruinada — tem 50 palmos de frente (11 metros) e 100 de fundos (22 metros), e se deixarão 20 palmos de área na frente, de cada um de seus lados (4,40 metros), para que se possa, pelo tempo em diante, se construir o templo, com mais capacidade.

Seguem-se o delineamento e proporções de suas áreas, edifícios públicos e particulares, mandado tirar artérias a cordel, e dar 40 palmos de largura às ruas (8,80 metros), ordenando que as casas, sem exceção sejam por um padrão que lhes fornecerá o Ministro Ouvidor.

(G) — Dada a *Configuração Vila*, procedeu-se a *Demarcação*, formando-se um quadrado de 300 braças (660 metros quadrados de cada lado); marcaram-se 11 ruas, com 228 áreas para as casas, sendo 70 na praça (154 metros quadrados), ocupando os três lados: norte, sul e leste.

(H) — Assinou o Ministro o termo que compreende o território da Vila a Freguesia de São José dos Cariris (Missão Velha), seguindo pelo Rio Cariús abaixo, pegando tôdas as suas vertentes até onde faz barra o Rio dos Bastiões (um quilômetro acima da cidade de Cariús), e, por este Rio acima, até a Fazenda Conceição, inclusive entrando pelo Riacho da Cruz até os confins com a Capitania do Piauí, pela parte do sul; pelo norte fica pertencendo ao Crato a Vila do Icó, como dantes era. Era um território imenso que, com o tempo, foi se desmembrando, formando novas Vilas.

Por esse termo, ficou fazendo parte do patrimônio da Câmara o tradicional Engenho ALMECEGAS, cuja denominação ainda hoje perdura (DIÁRIO OFICIAL do Estado de 31 de Outubro de 1968, pág. 9.797), e todos os sítios que a ela se aforarem, como os URUCU e GENIPAPEIRO (já antes nomeados), as sobras de terras, que ficaram medidas e demarcadas pelo Ministro, e as que restaram depois de repartidas com os seus moradores.

O termo especifica ainda que as roças comuns, as sobras de alinhamentos do circuito da Vila, e as do pasto comum, e logradouros de

todos os seus animais, os tabuleiros de agreste (que não se prestarem ao plantio), os sacos dos Rio do Miranda e do Batateiras até a Serra do Araripe e, por esta, o que compreender, de marco a marco, na sua divisão e largura, até onde divide esta Capitania com as de Pernambuco e Piauí.

Há uma recomendação importantíssima com relação aos campos, que é a de não se permitir que pessoa alguma, de fora da Vila, e de seu Termo, solte na serra animais vacuns e cavalares, sem licença da Câmara, devendo pagar o que for determinado, cujo rendimento reverterá ao seu patrimônio; bem assim, ao se tirar lenha, não se cortará *madeira de lei*, que sirva para desdobrar táboas. Aliás esta recomendação já constava de antigas *Cartas Régias*.

(I) — A escritura de doação é ato divulgado por Antônio Bezerra em *ALGUMAS ORIGENS DO CEARÁ* e por Irineu Pinheiro em *EFEMÉRIDES DO CARIRI*, cujas alterações entre os três textos já foram assinaladas aqui.

(J) — A 10 de Julho de 1764, 26 dias depois da criação da Vila, lavrou-se a ata de retificação da posse da área ocupada pela Missão do Brejo do Miranda, por seus Missionários, e da nova posse tomada judicialmente, dada ao Senado da Câmara da Real Vila do Crato, sendo este representado pelo Juiz Ordinário Capitão Francisco Gomes de Melo, Vereadores João Vidal de Negreiros, Simão Roiz e Manoel de Souza Pereira, e do Procurador Agostinho de Moura, todos formando o corpo da Câmara, cuja terra, por não estar delimitada judicialmente, a demarcou e tombou o Ministro.

(L) — Na amostra geral a que o Ouvidor passou os habitantes da réo Vila, compareceram 208 homens, excedendo as casas marcadas ao número dos moradores que por aquela ocasião ficaram e estavam já agregados nela. Foi o primeiro recenseamento a que se procedeu no Crato, de minha lembrança, no momento.

(M) — Mandou ainda o Ministro vir à sua presença todos os meninos da Vila em idade escolar, suficiente para aprender a ler e a escrever, e contou 53 meninos, os quais, incontinenti, passou-os aos cuidados do Mestre João Salvador, primeiro Professor Público do Crato, é óbvio.

Contou ainda 37 meninas nas mesmas condições de aprender a cozer, fiar, fazer renda e trabalhar em labirintos, entregue a uma mestra. Igualmente foi o primeiro censo escolar verificado no Crato.

(N) — É de lamentar-se que não esteja transcrito, por inteiro, o termo de entrega dos bens pertencentes à Igreja da Missão do Jucá, de que foi Condutor o Cabo dos seus casais, Coronel Manuel Ferreira Ferro, cujo material hoje está perdido.

(O) — Dois dias depois da Criação da Real Vila do Crato, foi lavrado o *Inventário dos Bens Achados na Igreja da Missão do Jucá*, tendo-o escrito o Coronel Eufrázio Alves Feitosa, nos Inhamuns, onde estava situada a Missão do Jucá.

(Q) — A nota de tristeza, para um pesquisador, é exatamente esta de que, ainda em 1814, livro tão importante, estava na Câmara do Crato, tendo sido visto em *Correição* pelo Ministro Albuquerque. Aliás, antes, achava-se êle no Cartório da Ouvidoria, anexo do Cartório do Crime do Icó, quando o Dr. Pedro Théberge o remeteu à Câmara do Crato, reconhecida a sua importância.

"T A R D E"

G. LOBO

OUÇO AO LONGE O PLANGER TRISTE DE UM SINO
IMPREGNANDO O AR DE NOSTALGIA;
UM LINDO ACORDE ALEM — É A AVE MARIA,
É CARINHOSA PRECE — um doce hino

O HORIZONTE É UM MANTO PURPURINO;
É QUASE NOITE, VAI MORRENDO O DIA.
ENVOLTO NA TRISTEZA OU NA ALEGRIA,
VAI CADA UM SEGUINDO O SEU DESTINO.

O CORAÇÃO E O SOL TÊM SEMELHANÇA :
MANHÃ, OCASO, TRISTEZA, ESPERANÇA,
EM DECORRÊNCIA DO QUE ACONTECEU

E, QUANDO O SOL SE PÕE, SEMPRE ACONTECE
UM CORAÇÃO EM ÂNSIA SE ESTREMECE :
FOI MAIS UMA ESPERANÇA QUE MORREU...

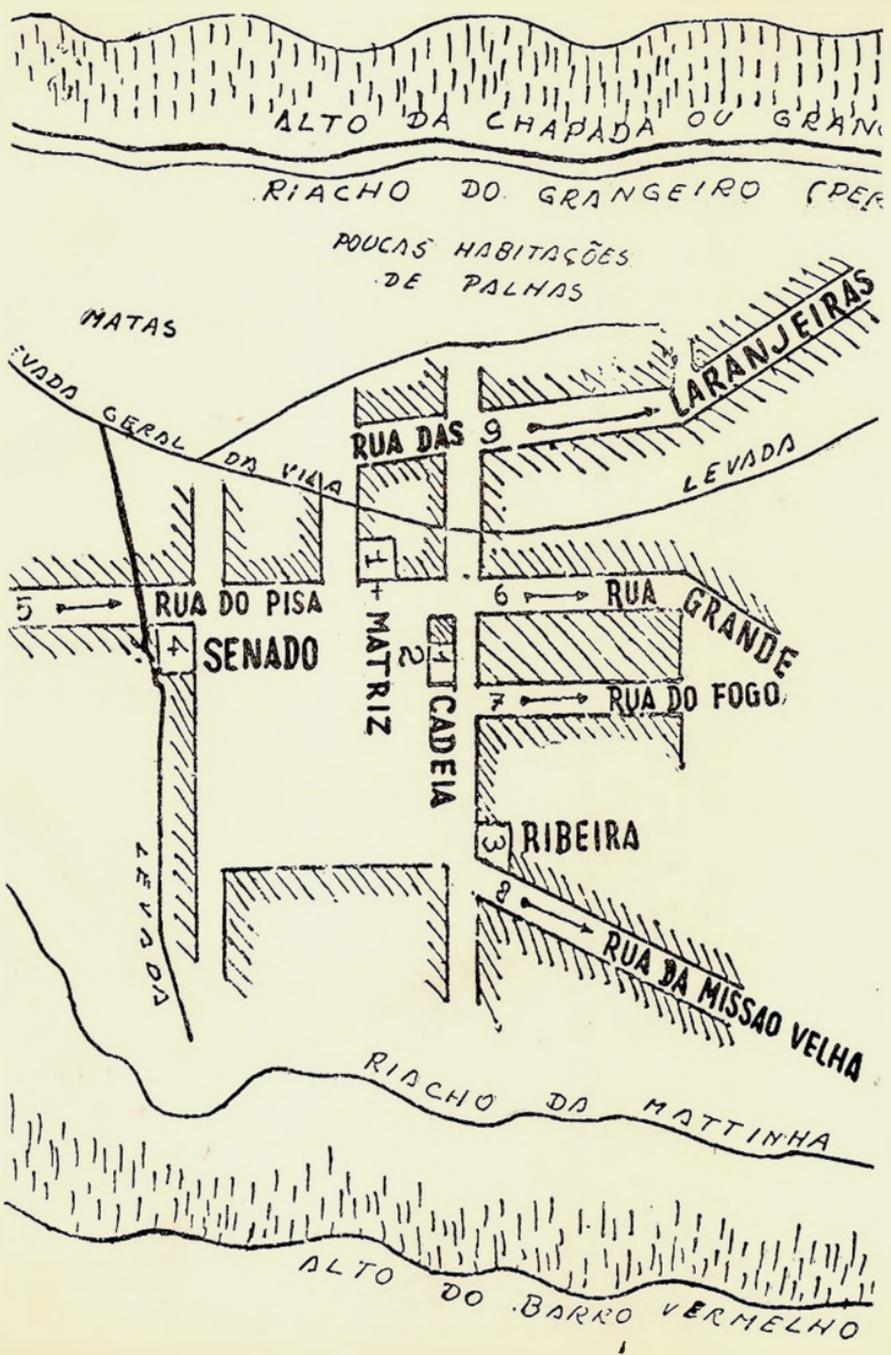
É curioso saber-se como nasceram os nomes das Vilas brasileiras, e por que os colonizadores foram mudando os apelidos indígenas pelo europeus, quando, na realidade, aquêles indicavam sempre um acidente geográfico, um fato ou observação da vida aborígene, como Tauá, Cococá, Cococi, Jucás, Camaliões, Missão do Jucá, Missão da Telha, Missão Velha, Missão Nova, Missão do Miranã, ou *Ouazame Ocano, Avaram, Quinquilare, Cariri*, etc., ao passo que os nomes europeus nada significam para a terra descoberta.

A Coroa Portuguesa considerou êsses predicamentos todos bárbaros, e recomendou aos seus prepostos que, à proporção que êsses *Lugares* fôsem sendo elevados a *Vila*, tomassem os nomes de *Lugares* e *Vilas* do Reino, conforme Avisos que eram retransmitidos em *Bandos*, como êste que se lançou a respeito dos Jucás, lido ao som de caixa, e fixado no local mais público do *Lugar São Mateus*, no dia 28 de Setembro de 1767, do Capitão-mor do Ceará, em cumprimento de ordens emanadas do Governador-Geral de Pernambuco :

"Outrossim, determina que nas *Vilas* e *Lugares* que se erigirem nas Aldeias dos Índios se denominem com nomes dos *Lugares* e *Villas* do Reino que bem parecerem ao Governador *sem atenção aos nomes bárbaros que atualmente têm*".

"Em observância das mencionadas *Leis* e *Ordens* que esta *Aldeia* que até agora se chama *Jucá* daqui por diante se denomine *Arneirós* por tal seja tido e havido e reconhecido em todos os atos judiciais e extrajudiciais e nem jamais se poderá em tempo algum chamar de outra forma. Dada na Freguesia de Nossa Senhora do Monte do Carmo dos Inhamuns, aos 28 de Setembro de 1767. ass. Antonio José Vitoriano Borges da Fonseca" (Do Livro n.º 534, do Arquivo Público do Ceará).

Foi cumprindo ordens como esta que a Missão do Miranda passou a chamar-se *Real Vila do CRATO*, apelido tirado de Vila de igual nome em Portugal. Como as *Cartas* do Governador de Pernambuco não foram registradas, integralmente, mas somente nas partes vitais, não se tem o texto que ordenou a mudança do predicamento *bárbaro* pelo *metropolitano*.



Organização ANTONIO ALMINO DE LIMA

POSTOS DE GASOLINA, LAVAGEM E LUBRIFICAÇÃO NOS
PRINCIPAIS PONTOS DO CARIRI, PARA SERVI-LO

P O S T O S D E V E N D A

POSTO SERVICENTRO ESSO — FONE: 531 — CRATO

POSTO ESSO SÃO MIGUEL — FONE: 352 — CRATO

POSTO ESSO BATATEIRAS — — CRATO

POSTO ESSO MARAJÁ 1 — FONE: 371 — JUAZEIRO

POSTO ESSO MARAJÁ 2 — FONE: 370 — JUAZEIRO

POSTO ESSO TIGRE — FONE: 82 — MILAGRES

POSTO ESSO JATI — — JATI

POSTO ESSO IDEAL — — BARRO

Organização ANTONIO ALMINO DE LIMA

ESCRITÓRIO CENTRAL — FONE: 531

ENDEREÇO TELEGRÁFICO: PETRALMINO

C R A T O

—

C E A R Á

E seja um dos beneficiários da nova máquina de lavagem
automática Turbo-Récorde.

Banho de Shampoo e cêra no seu carro, em 10 minutos.

Um serviço dos padrões das grandes cidades.

No SERVICENTRO ESSO, em CRATO, Rua Santos Dumont

VOCÊ JÁ IMAGINOU O MAIOR BANCO PARTICULAR DA AMÉRICA LATINA OPERANDO EM SUA CIDADE?

VOCÊ JÁ IMAGINOU O MAIOR CONGLOMERADO DE EMPRESAS, DE TODOS OS SERVIÇOS, BEM AO SEU ALCANCE, PARA MELHOR SERVI-LO?

VOCÊ JÁ IMAGINOU UM FINANCIAMENTO QUE NÃO FOSSE POSSIVEL REALIZAR, E QUE, NO ENTANTO, VOCÊ PODE REALIZÁ-LO, AQUI EM CRATO?

VOCÊ JÁ IMAGINOU TODA UMA GAMA DE SERVIÇOS FINANCEIROS À SUA DISPOSIÇÃO, INCLUSIVE SUAS VIAGENS AO EXTERIOR?

**POIS TEMOS TUDO AQUI!
AQUI MESMO, EM CRATO!**

PROCURE A SUA AGENCIA *BRADESCO*

Banco Brasileiro de Descontos S. A.

RUA Dr. JOÃO PESSOA, N.º 246 — CRATO — CEARÁ

RECEBENDO F. S. NASCIMENTO NO INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI

Quiz a bondade dos companheiros de Diretoria do Instituto Cultural do Cariri que fôsse eu o intérprete, nesta hora, de nossas alegrias e venturas, por ver ingressar, oficialmente, neste sodalício, o homenageado de hoje. Não vejo outra razão para que esteja eu neste local e com esta missão, mas, perquerindo o passado, descubro uma outra — sim, uma outra — a estreita, antiga e fraternal amizade que me une a Francisco de Sousa Nascimento.

Não é de hoje que palmilhamos os mesmos caminhos da literatura, de descobrir autores e livros, de pesquisar fatos sociais e de analisar homens e acontecimentos, notadamente os ligados á vida do Crato.

Nascimento foi, praticamente, por quase dez anos,, meu vizinho — e explico melhor, residindo minha familia na Santos Dumont, antigo número 61, trabalhava ele no número 63, a Cooperativa Agrícola do Cariri, e muito estreita e afetiva foi a nossa amizade.

Posteriormente casou-se ele com prima legítima do meu Pai — Jacira, que é pessoa das mais queridas em nossa familia, e assim, por afinidade, tornou-se nosso primo.

Da longa convivência, das longas palestras, dos longos debates, aqui em Crato e na sua residência em Fortaleza — pude ir interpretando o Nascimento, conhecendo melhor sua alma, seu espírito brilhante, sua liderança inconteste, sua inteligência privilegiada.

O Nascimento, comerciário humilde, trabalhando no balcão da Mercaria Beija-Flor, o Nascimento da Cooperativa Agrícola, o Nascimento da Escola Técnica de Comércio, onde, pela primeira vez, terçou armas com as letras, perpetrou versos, enveredou pela análise social, emergiu na crítica literária e foi ardentoso defensor da linguística — porfiando polêmica com os doutos da terra, polêmicas que lhes valeram credenciamento e prestígio nas esferas culturais.

Conheço vários Nascimentos. O Nascimento bom pai e bom filho, bom esposo, e bom companheiro. O Nascimento rebelde contra êsse estado de cousas que ainda prejudica o Crato. O Nascimento destruidor de deuses — falsos deuses dos pés de barro que se sustinham nos altares da ignorância popular e do messianismo político...

O Nascimento intelectual, desde o verdor dos anos, revelando conhecimentos profundos de linguagem, passeando livremente por autores e livros, dissecando ideais profundas... O Nascimento que reviveu uma fase literária e cultural do Crato, revivendo o jornal A CALSSE, da Associação dos Empregados no Comércio, que teve, no seu tempo, periodo dos mais brilhantes.

O Nascimento que lançou em Crato os furdamentos de uma revista — A PROVINCIA, precursôra das modernas publicações de hoje, inclusive da revista do nosso Instituto Cultural do Cariri, a ITAYTERA.

Então concluo que é por conhecer tanto o Nascimento que me foi dada a incumbência de recebê-lo hoje, em nossa Casa, no Instituto que

ele ajudou a fundar, que amparou nos seus primeiros tempos, que sempre acompanhou com ternura, entusiasmo, aprêço e admiração, que sempre prestigiou, mesmo morando fora do Crato — é esse Nascimento que de-sejo saudar, embora com a limitação das minhas palavras, mas com a amplidão dessa amizade que nos une.

Distinto auditório :

Desculpai se vos roubo esse precioso tempo, na enumeração desses fatos sobre a vida e a obra do nosso novo imortal.

Mas é meu dever dizer-vos ligeiros traços biográficos desse moço, que hoje atinge os umbrais da nossa cabócla imortalidade. Faz parte da ética que eu vos dê a conhecê-lo melhor, por isso vos digo que Francisco de Sousa Nascimento é filho do casal Raimundo Antonio do Nascimento e Maria Eloi de Sousa Nascimento — ainda vivos, felizmente — residentes em Crato, para onde se mudaram, desde 1930, vindos do Município de Serrita, Pernambuco. São pessoas humildes de posses materiais, mas infinitamente ricas de privilégios espirituais e morais. Foi a 14 de Outubro de 1926, no Sítio Neco, Município de Serrita, propriedade da família, que veio ao mundo o nosso homenageado. Aos 4 anos transferiu-se para o Crato, com os seus, porque lhe estava destinada a predestinação histórica de aqui crescer, beber seus primeiros conhecimentos, adquirir essa admirável formação cultural e aliar-se aos filhos da terra, para lhe dar, ainda mais, maior projeção e brilho nas lides culturais.

Aqui fez as primeiras letras com a famosa Beata Neves, depois foi aluno do antigo Grupo Escolar Cratense, hoje Grupo D. Quintino, e, por fim, na Escola Técnica de Comércio do Crato.

Três irmãos — Pedro, Antônio e Teresinha, todos casados, — dois filhos, Marciano e Pablito, o pai e a mãe, esta é a família de Nascimento, a mais próxima, a sanguínea, pois, na realidade, sua família inteira é o Crato, cidade que ele ama, com verdadeira paixão, e por cujos problemas se interessa.

Quando na Imprensa Universitária, foi o grande amigo do Crato, facilitando a edição de nossos livros e revistas, enviando publicações para as nossas Bibliotecas.

E agora, na direção da Divisão de Intercâmbio Cultural, é outro embaixador nato do seu e do nosso Crato, facilitando contactos, buscando ajuda, falando e defendendo os interesses de nossas Escolas superiores, junto á Reitoria.

E na imprensa, é essa revelação auspiciosa de crítico literário, surpreendente para alguns que não o conheciam, mas perfeitamente exequível para os que privam do seu círculo de amizade — e que sempre esperaram esse desabrochar esplêndido que é o seu livro, A EXTRUTURA DESMONTADA, que lança, oficialmente, nesta noite memorável.

Na análise dos dois livros de Durval Ayres, Nascimento se superou a si próprio, e obteve o mérito de, fiel ás suas origens, não negar o esforço realizador de sua inteligência, nem a pertinácia dos estudos aprofundados na análise das cousas.

Dele já afirmou Eduardo Campos : Nascimento nos oferece a todos nós uma lição de humildade, a do crítico que não se empenha em fazer brilhar o seu mestrado de autoridade aprendida no assunto, mas a intenção formalmente objetiva de um procedimento disciplinado, em que se sente trabalhar e falar um analista didático, e nos oferece uma valiosa ajuda para o entendimento da elaboração da obra literária”.

MANOEL MONTEIRO: O HOMEM E A OBRA

É curioso observar como diferem as aspirações humanas e, particularizando o problema, como esse jôgo de interesses costuma situar-se em posições extremas da existência. De um lado, o escritor pobre a denunciar no poder encantatório das palavras seus sonhos de opulência e grandeza; do outro, o literato social e economicamente bem nascido a demonstrar, no seu desencanto, o fastio dos salões e o despreço a tudo mais que a vida argentária proporciona.

Costuma o escritor Jâder de Carvalho afirmar que o poeta Otacilio Azevedo procurou realizar suas aspirações de riqueza no artesanato da poesia, e em seus versos, que falam de carros de bois e de conhecidos espécimes da fauna nordestina, não raro se abstrai dêsses valores telúricos, transportando-se visionariamente para castelos de ouro e pedrarias, onde odaliscas repetem, em bamboleiros lúbricos, a dança dos sete véus.

Tal conceito, expedido pelo próprio Presidente da Acadmia Cearense de Letras, reveste-se de autoridade e autenticidade. Revela o homem que é o nosso novo imortal, simples, desprendido, avêso ás homenagens e aos incensos. Faz crítica literária por amor, por conhecimento, por devotamento, por autcridade, e porque — acima de tudo, sabe fazer crítica literária.

Não vos assusteis, porque não entrarei na seara da análise da obra do F. S. Nascimento. Não me compete, além do mais falecem-me os conhecimentos especializados para tal intento.

Mas apenas quiz flagrar, para verdes a realidade do homem que temos á nossa frente, um depoimento de quem tem, como Manoel Eduardo Pinheiro Campos, a autoridade de fazê-lo.

Ao receber, portanto, F. S. Nascimento, no Instituto Cultural do Cariri — faço-o por dever protocolar, porque, do ICC ele já é, desde o seu nascedouro. É o filho pródigo que volta, que encontra a casa aberta e iluminada, festiva e alegre, para recebê-lo. É o convívio dos irmãos de ideais, nas letras, nos livros e no jornalismo, que ele encontra garri-damente festivo, para o abraçar e o receber.

É a volta sentimental — e qual a volta que não é sentimental? — ao Crato de suas origens, de sua formação cultural, dos seus amores. de seus primeiros brilhos na escalada da inteligência.

Recebê-lo em nosso seio, F. S. Nascimento, é alegria dupla.

Dupla pela amistosidade e fraternidade dessa recepção. E pela honra com que vós passais a emprestar a esta Casa, cadinho querido de todos nós, onde a vossa imortalidade começa hoje, e vosso nome se inscreve, hoje, mais do que nunca, na história das letras de nossa querida comunidade!

(Palavras pronunciadas na sessão magna do Instituto Cultural do Cariri, em 17.06.72, em Crato, quando da posse de F. S. Nascimento na Cadeira N.º 14, daquêlê sodalício, que tem como Patrono, Manuel Monteiro)

A Manuel Rodrigues Monteiro, porém, essas suntuosidades orientais, forjadas na utopia ou no sonho, parece em nada o haverem impressionado, não nos constando, portanto, terem jamais entrado nas suas cogitações quaisquer outras formas de vida que não a firmada na realidade objetiva.

Filho de José Rodrigues Monteiro e D. Guilhermina Candéia Monteiro, a sua infância viveu-a Manuel Monteiro num dos lares mais abastados do Crato, de vez que era o seu genitor um homem de grande fortuna, em torno de quem se concentrava a vida financeira da cidade. Indubitavelmente, teve êle o conforto dos senhorzinhos, cercado de serviços e acumulado de adulações, nada disso havendo influido na formação da sua personalidade.

A um dos homens mais inteligentes e cultos da região caririense, fora-lhe confiada a educação, em sua fase inicial, aprendizado que lhe teria propocionado a necessária base para os estudos subsequentes. Do convívio com o Prof. José Joaquim Teles Marrocos, o maravilhoso químico dos milagres de Maria de Araújo, teria lhe nascido, talvez, o interesse pelas reações da retorta e as prospecções boticárias, resultando, mais tarde, na sua primeira graduação em nível superior numa Escola de Farmácia.

Existe ainda um aspecto na formação de Manuel Monteiro que revela a sua afinidade com José Marrocos. Não foi o itinerário imediato, comum aos moços ricos do seu tempo, e que o poria diante dos mestres famosos do Liceu do Ceará. Mas o que o levaria, primeiramente ao Seminário do Rio Comprido, e depois ao de Diamantina, onde concluiu pela sua falta de vocação para a carreira sacerdotal. O padre Monteiro, conforme lhe passaram a chamar colegas e amigos pela sua persistência no uso da batina, possivelmente teria recebido dos pais o aconselhamento para a vida eclesiástica, mas no íntimo talvez lhe houvesse ficado do mestre-escola alguma referência ao ensino ministrado nos seminários, a que devia as bases da sua admirável cultura.

Mas, desvanecido dos estudos teológicos, o que iria predominar no seu *curriculum vitae* seria a sua formação acadêmica, primeiramente através da sua graduação em Farmácia, com uma iniciação nas ciências médicas, e depois com a obtenção do bacharelato em Ciências Jurídicas e Sociais, pela Escola Livre de Direito do Rio de Janeiro.

Foi o jornalismo, porém, a atividade em que mais se demorou, atuando não apenas na imprensa brasileira, nos principais jornais do Rio de Janeiro e Fortaleza, como na do estrangeiro, na qualidade de colaborador de famoso órgão informativo francês, no caso o *Paris-Soir*. Na então capital brasileira, chegou Manuel Monteiro a ocupar a chefia do setor de reportagens de *O País*, configurando-se o seu prestígio nessa empresa jornalística ao patrocinar o ingresso de Antônio Tórres, contemporâneo de seminário em Diamantina, no seu quadro de redatores.

No jornalismo cearense, inicialmente no *Unitário* e depois no *Correio do Ceará*, experimentou Manuel Monteiro variadas fórmulas para atrair o interesse do grande público, fazendo crítica literária, realizando a ficção, a poesia e a crônica, e divulgando conceitos filosóficos, invariavelmente da sua autoria.

A crítica literária que se praticava na época, com exceção feita à pontilhada por Araripe Júnior no *Ibsen*, consistia de uma aferição até certo ponto arbitrária, firmada na aptidão impressionista do julgador,

fazendo-se ainda menos adequada à revelação do processo criador quando buscadas as suas leis fora dos limites da Poética, conforme Aristóteles, ou da Estética, segundo Croce.

No exercício da crítica, revelava Manuel Monteiro uma consciência bastante arguta e profunda do fenômeno literário, detendo-se em aspectos considerados fundamentais da criação literária, que somente muito mais tarde haveriam de ser estudados por homens como Georg Lukács. Incluíam-se nessa visão antecipadora os trabalhos feitos sobre Coelho Neto, em que negava ao escritor maranhense autenticidade e, mais do que isso, o necessário equilíbrio entre conteúdo e forma na sua ficção.

Como poeta, não se viu dominado pelo fascínio da orquestração, dos efeitos sonoros das palavras, parecendo-lhe mais importante a busca da significação essencial. Na elegia ao irmão morto, como no soneto de recordação da vida sertaneja, o que ressalta é justamente essa preocupação. E, se noutras oportunidades se chega a pressentir qualquer intenção perfeccionista, logo se verifica tratar-se de uma injunção rímica ou da necessidade de complementação de uma unidade métrica.

Foi, porém, nos poemas "O infinito" e "A constelação" que Manuel Monteiro conseguiu melhor aprofundar a sua visão do mundo. Se no primeiro sua percepção se aguçava a ponto de, "ouvindo o vento gemer por entre os troncos do arvoredo", poder confrontar o seu ruído com os "insondáveis silêncios do infinito" que imaginava, no segundo sua concepção do cosmos resultava em cogitações como esta:

"As estrêlas da Ursa,
Luminoso arquipélago perdido
Nos últimos confins
Do mar do espaço,
Muito antes que existisse
Olhar que os refletisse,
Já fulguravam misteriosamente".

Suas aptidões cogitativas, já evidenciadas na realização poemática, fizeram-se mais penetrantes, quando se propôs a ministrar ensinamentos através de afirmações axiomáticas e outras formas sintéticas de expressão. As colunas já mantidas no *Correio do Ceará*, resolveu então acrescentar a seção que intitulou de "Frases começadas", numa tentativa de levar ao grande público as lições apreendidas no manuseio dos livros e nas auscultações da natureza humana. Por algum tempo foi o seu objetivo alcançado, mas quando percebeu que os seus conceitos estavam sendo preteridos pelo leitor, que preferia rir com as estultices de Manê-zinho do Bispo, resolveu dar por encerrada a sua missão de divulgador de idéias e preceitos morais.

O documentário incluído por Dolar Barreira em sua *História da Literatura Cearense*, vol. IV, e as observações feitas por J. de Figueiredo Filho em artigo publicado no jornal *O Povo*, de 27.2.70, ainda revelam outras particularidades importantes da personalidade de Manuel Rodrigues Monteiro. Figura singularíssima da vida literária cearense, não foi senão cearense, não foi senão pelos seus méritos que a projeção do seu nome conseguiu chegar até os nossos dias, sendo perpetuado numa das cadeiras do Instituto Cultural do Cariri. Ao tomá-lo como patrono, sinto-me envaidecido e honrado, senão por reconhecer-me identificado com

os seus atributos intelectuais, mas pela coincidência de também praticar a crítica literária, gênero em que atuou com a disposição prospectiva dos verdadeiros exploradores do universo da ficção.

ATA DA SESSÃO ORDINÁRIA DO INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI, REALIZADA EM 17 DE JUNHO DE 1972

Aos dezessete dias do mês de Junho do ano de 1972, às 18 horas, reuniu-se, em sessão preliminar à sessão sobre que seria realizada às 20 horas para a posse de F. S. Nascimento na Cadeira 14, o Instituto Cultural do Cariri. Os trabalhos foram abertos pelo Dr. José Alves de Figueiredo Filho, na Presidência, que, constatando número legal, mandou que o Secretário Geral fizesse a leitura da Ata da Sessão anterior, que foi aprovada por unanimidade. A seguir foi feita a leitura do expediente recebido e expedido nos últimos dias. Passou-se a ordem do dia

O consócio General Raimundo Teles Pinheiro apresentou propostas para sócios efetivos da nossa entidade dos escritores Raimundo Girão e Mozart Soriano Aderaldo, que foram aprovadas sem restrições. O Presidente se congratulou com essa iniciativa de vez que os dois eminentes vultos das letras cearenses eram figuras por demais ligadas à nossa entidade. O 1.º dele foi o autor do nome da nossa instituição e o 2.º assistiu a solenidade de nossa fundação, em 18 de outubro de 1953 e poderiam, de fato e de direito, serem considerados fundadores do I.C.C. Recebê-los na qualidade de sócios efetivos era por demais honroso para todos nós, pois isso significava tê-los ao nosso lado, em nossa luta, em lugar de simples homenagem como Sócios Honorários. O autor da proposição discorreu sobre a vida e a obra de cada um dos novos consócios, reportando-se sobre a notável contribuição que vêm dando às atividades culturais do nosso Estado.

A seguir, o Presidente comunicou que já se acha no prelo o 16.º número da Revista ITAYTERA, com notável repercussão dos números anteriores, e grande expectativa quanto ao próximo a circular. Acredita que no próximo mês ela estará em circulação. Com a palavra, o tesoureiro Antonio Correia Coelho informou que a nossa subvenção federal do ICC relativa a 1972 ainda se acha em suspenso, sem ser recebida, por falta de documentação comprobatória das despesas. Essa providência foi adotada, enviando-se tudo o que o Ministério havia solicitado. A Presidência solicitou que todos comparecessem à sessão extraordinária do nosso I.C.C., logo mais as 20 horas, quando F. S. Nascimento tomaria posse no ICC e lançaria o seu livro "A Exutura Desmontada". A aludida sessão será realizada na Faculdade de Filosofia do Crato. O Secretário Geral, J. Lindemberg de Aquino propôs um voto de louvor, em Ata, do escritor Caririense Durval Aires, eleito para a Academia Cearense de Letras, proposição aprovada por unanimidade. Como nada mais havia a tratar, o presidente agradeceu a presença de todos os consócios e deu por encerrados os trabalhos, dos quais foi lavrada por mim, J. Lindemberg de Aquino, Secretário Geral, a presente ata, que será lida e, se achada conforme, assinada por quem de direito.

Crato, 17 de Junho de 1972.

ass. J. DE FIGUEIREDO FILHO — Presidente

J. LINDEMBERG DE AQUINO — Secretário Geral

(Seguem outras assinaturas)

RECEBENDO NERTAN MACEDO NO INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI

Escritor Nertan Macêdo :

Oportunidade única e sem par, em minha vida, esta, a de saudar-vos, no instante em que ultrapassais as portas do Instituto Cultural do Cariri, para vos sentar numa de suas Cadeiras.

Não sei se os pensamentos que adiante se desenvolverão vão se coadunar com a importância e o brilho desta solenidade e o sentido incomum desta cerimônia.

Se meu coração se enche de emoção, meu peito e meu ser se enchem de patriótico orgulho, em ser o intérprete de todas as nossas venturas e alegrias, ao receber-vos em nosso Instituto.

Porque, acima de tudo, sois um dos nossos, nascido num Maio não muito distante sob a cálida brisa úmida que desce das quebradas do Araripe — a percorrer os verdes brejais molhados por fontes regadias, que emolduram a paisagem natural desta terra abençoada, nossa e vossa.

Vós tendes, portanto, direito adquirido, por imperioso naturalismo telúrico, de entrar nesta Casa, e nela se instalar, tão bem soubestes engrandecer seu nome e tão bem soubestes representar o seu povo, por todos os recantos da nacionalidade !

Como — e de que maneira — pois, saudar aquêlo que já é entranhadamente nosso, que nunca foi um estranho e que, pela sua cultura, pelo seu renome e pelo seu amor á terra, já está definitivamente a ela vinculado ?

Tarefa, ao mesmo tempo, fácil e ingrata !

O protocolo, porém, o exige.

O coração e a mente não reagem, não discrepam.

Enchem-se os dois de prazer e de orgulho, de entusiasmo e de satisfação — e por isso estou aqui e aqui me tendes frente a vós e frente a êste auditório, para desejar-vos as boas vindas a esta Casa que também é vossa, e da qual, por força dêsse espartanismo próprio do Cearense, estais distante há tantos anos, embora espiritualmente, celebrais, sempre, est unidade de pontos de vista conosco, na luta comum pela sua grandêza.

O Instituto Cultural do Cariri, pois, enche-se de festas e de luzes, de alegrias e de flôres. É a noite da vossa chegada.

Pede o protocolo que sejam ditas palavras de vossa biografia oficial, nesta saudação. Direi, apenas, para não quebra-lo :

— NERTAN MACÊDO DE ALCÂNTARA, filho de Júlio Teixeira de Alcântara e Coriã Macêdo de Alcântara. Nascido em Crato, Ceará, a 20 de Maio de 1929.

— E o resto ?

O resto é claro e evidente ! A curva ascensional de quem nasceu para vencer, um estudante brilhante, um jovem de valor, uma revelação da inteligência.

Quando daqui assistes, no verdor dos anos, cumprireis, de certo, o

fado do nomadismo de nossa raça. Ereis um predestinado ao fulgor e ao brilho dos grandes centros da inteligência e da cultura nacionais.

Embora filho de terra de naturêza esplêndida, que se farta de verde, tînheis, dêse já, na alma, a missão histórica do cearense telúrico, que a fôrça do destino empurrava para as grandes metas da vida.

Parsifal Barroso já disse, com muita propriedade, que "Não se deverá esquecer, entretanto, que antes de cumprir o fadário transregional, o cearense exercita e aprimora suas qualidades específicas, adquirindo a blindagem do espartanismo nativo, com a qual vencerá suas lutas, sempre em busca de uma segurança e de uma libertação".

Foi o que vos aconteceu, cantor dos vaqueiros, dos sertões e dos místicos de nossa terra!

Se vencestes, é porque a couraça que vos envolvia tinha e tem a fibra do povo que cantais e tem a férrea resolução desta gente imortal do sertão bravo, que tornastes nacionalmente admirada.

Nertan Macêdo, poeta do sol e da luz!

Vaqueiro ilustre, na roupagem obrigatória de uma civilização de consumo.

Vaqueiro obrigado ao uso do paletó e da gravata, quando o gibão de couro e a sela de montaria melhor lhe assentam!

Esprimido entre escritórios e apartamentos, saudosos do cenário natural que lhe é próprio, dos vastos campos e das vastas caatingas, onde aboia o vaqueiro á procura de uma res tresmalhada...

Cantor dos beatos e cangaceiros!

Novelista dos clãs imemoriais, que encheram com suas páginas de sangue, de heroísmo e de vingança, a paisagem social do sertão!

Inimitável prosador, poeta renomado, estudioso da gênese cearense, intérprete fiel e seguro de nossas guerras santas, guerras acompanhadas e assistidas de sóis inclementes, cangaços e misticismos...

Ninguém vos superou nessa dilética que esprime sertão e dôr, drama e sangue, reza e fé, cânticos de morte e aboiros dolentes — o capítulo imortal que as sêcas, no seu longo fadário, escreveram no sertão dorido, e que exigiam o intérprete adequado, como vós o fostes.

Citando, mais uma vez, o grande Parsifal Barroso, em seu livro — O CEARENSE — relembro quando ele diz que "a especialização cósmica da região cearense está á espera de uma exaustiva e sistemática investigação.

Parece-nos — diz o ilustre intelectual — que, até agora, sômente dois autores souberam ir ao encontro dos objetivos visados, paralelamente, pelos mestres Gilberto Freyre e Pompeu Sobrinho, focalizando a visão telúrica do palco ou cenário em que se desenrola, há séculos, o intermiável prélio das vicissitudes cearenses. O primeiro, falecido antes que a Universidade Federal do Ceará publicasse sua excelente obra — NOTÍCIAS NO POVO CEARENSE — foi o notável escritor cearense — Yáco Fernandes.

O segundo a quem toca a urgente missão de escrever a saga admirável do cearense, é Nertan Macêdo, o escritor mais enamorado das causas e dos seres que povoaram a caatinga desnuda e enxuta, e dos que ainda lutam em busca de uma segurança que os ajuste ao seu meio ambiente.

Através da vasta e importante obra de fixação dos lances mais dramáticos dessa luta áspera e desigual, sempre renovada, o autor de O

PADRE E A BEATA demonstra como, através desse fadário, o sertanêjo e sua gleba formam um conjunto, por força do estreito e vital liame que se estabeleceu entre os dois termos de extranho binômio e ainda se prolonga até nós”.

Ninguém melhor do que o Mestre Parsifal poderia dizer o que se espera de vós, Nertan Macêdo. E temos certeza de que vós o fareis.

Sêde, pois, benvindo a esta Casa, onde encontrareis força, ânimo, apoio e decisão, para o cumprimento dessa meritória tarefa!

Aqui não se saúda, neste instante, isoladamente, o emérito redator do **DIÁRIO DE PERNAMBUCO** e do **JORNAL DO COMÉRCIO**, do Recife, de larga temporada na Veneza Brasileira, se cujos usos e costumes se fez também cantor.

Não se saúda o poeta primoroso do **ACALANTO**, que é uma das obras-primas do verso, pela suavidade do estilo:

“Adormecei, amiga, adormecei
Urge adormecer, adormecei,
Colocai vossas mãos, assim, de leve,
Assim, de manso, colocai
Vossas mãos sobre as minhas,
Adormecei vosso corpo, adormecei...”

Não se saúda o poeta que cantou, tristemente, as alamêdas do Cemitério de Santo Amaro do Recife, que sempre desejou visitar á tardinha,

“se brando for o vento e manso o ocaso”

e onde repousa o seu amigo, o Padre Antônio Fernandes, da Companhia de Jesus,

“Tazarino recurvo, metido na sua negra sotáina de jesuíta indiano, lembrando uma águia de bronze, alma lusitana, ardente de fé e submissão a Deus”,

ou o poeta que também cantou **Canudos**, onde,

“O Conselheiro desce as montanhas de cinza,
e abre, pelo arraial, caminho ao ossuário,
as órbitas de fogo incendiando o dia”.

Não se saúda, aqui, o jornalista do Recife e o poeta adolescente, não menos se saúda o jornalista adulto e bem informado, fazendo brilhante e invejável carreira na **TRIBUNA DE IMPRENSA**, **O JORNAL** e **JORNAL DO COMÉRCIO**, no Rio de Janeiro — e construindo, nêles, as trincheiras das lutas sociais.

Não se saúda, também, só o grande escritor, que no fim dos anos 40 era a revelação da literatura brasileira.

O Nertan que já, então, era amadurecido espiritualmente.

O Nertan que em 1949 surgia com o **CADERNO DE POESIA**, da Editora **A NOITE**, com estrondosa repercussão. A poesia e o jornalismo já eram uma síntese brilhante do espírito daquêle que ainda estava por revelar a mais varonil e curiosa de suas facêtas — a de cantor dos sertões ásperos, duros e sofridos.

Em 1956 era o autor de ASPECTOS DO CONGRESSO BRASILEIRO e em 1959 estreitava com o CANCIONEIRO DE LAMPIÃO, marco inicial dessa cadeia de livros sociológicos que sacudiria a literatura brasileira.

O ano de 1960 nos trouxe o Nertan com o ROSÁRIO, RIFLE E PUNHAL, seguindo-se 1961 com o PADRE E A BEATA e em 1962 com o CAPITÃO VIRGULINO FERREIRA, O LAMPIÃO.

O MEMORIAL DE VILANOVA vem de 1964 — depoimento autêntico do que fôra a chacina de Canudos. Em 1965 editava O CLÁ DOS INHAMUNS, para se seguir O CLÁ DE SANTA QUITÉRIA e o BACAMARTE DOS MOURÕES, e outras obras que seria fastidioso enumerar.

A crítica literária já o consagrara. Dêle se ocuparam e sôbre sua obra escreveram, em artigos e ensaios: Jorge Amado, Anibal Machado, Otávio de Faria, Aderson Magalhães, Adonias Filho, Nilo Pereira, Raimundo Sousa Dantas, Plínio Salgado, Menotti del Picchia, Mauro Mota, Aloisio de Carvalho, Emil Farah, Waldemar Cavalcanti, Willy Levy, Rui Santos, Brito Broca, Santos Morais, José Condé, Antônio Olinto, Fernando Mota, João Clímaco Bezerra, Eduardo Campos, Antônio Girão Barroso, Mozart Soriano Aderaldo, Fernandes Távora...

A Academia Cearense de Letras o recebeu em seu seio, no famoso "quarteto cratense" naquela Casa, que ele completava e que era composto por si, por Figueiredo Filho, por Martins Filho e Cursino Belém, o último dos quais já não nesta vida.

Álvaro Moreyra — o grande e inesquecível Álvaro Moreyra — o celebrizava, em sua crônica na Rádio Globo:

"Tarde linda, aquela em que Nertan Macêdo pôde assinar o CANCIONEIRO DE LAMPIÃO para tanta gente.

Foi de coração que o "bandido poeta" chamado Nertan Macêdo, que tem também a sua Maria Bonita, chamada Maria Gessen, fêz esse cancionero do povo, de poesia viva, com cheiro de chão, chão, outra palavra do sertão, cheiro de flor, cheiro de fruta. CANCIONEIRO DE LAMPIÃO, tão bem ilustrado por Bianco, precisa de uma edição popular, de cordel, para que ande de mão em mão, de sentimento em sentimento, de memória em memória.

Grande poema, na verdade, Nertan Macêdo!

Abro os meus braços para você, para a sua juventude, e lhe digo: poeta bom! poeta bom!

Será pecado dar ao CANCIONEIRO o nome de Evangelho?

Se for, já pequei..."

Mais tarde diria VALMIR AYALA, falando sobre ROSÁRIO, RIFLE E PUNHAL:

"Estamos diante de um trabalho documentado, fiel, simples, poético. Um trabalho que só encontra precedente, no gênero, no magnífico "Romanceiro da Inconfidência", de Cecília Meireles".

Não se saúda, aqui, portanto, a figura nacional do cratense, que tanto cresceu na admiração do povo, no prestígio das massas — com a sua série de livros de bolso — CINCO HISTÓRIAS SANGRENTAS DE LAMPIÃO — récord de vendas no país.

Deixamos tudo de lado, só queremos receber, neste instante, o

DISCURSO PRONUNCIADO PELO ESCRITOR NERTAN MACEDO

Meus Senhores :

A longevidade pode às vezes resultar num drama pessoal. Erza Pound, um dos poetas maiores do nosso tempo, falecido há pouco aos oitenta e sete anos, conheceu duras humilhações : foi mantido na prisão solitária de um acampamento militar na Segunda Guerra e, mais tarde, confinado como louco, por treze anos, num hospital psiquiátrico norte americano.

Não faz muito, Henry de Montherlant, uma das mais puras glórias do teatro e da literatura francesa, mergulhou, pelo suicídio, naquele "inferno privado" que foi, também, em nossos conturbados dias, o de Ernest Hemingway.

Outro grande do nosso tempo, Charles Maurras, o teórico do na-

NERTAN pessoa humana, simples e afável, autêntico, apreciador da água da Nascente e dos alfenins dos nossos engenhos, da bagaceira dos brejais, das histórias malassombradas da Serra do Araripe e da sua infância na Praça da Sé.

Os outros Nertans já pertencem ao Brasil todo.

Queremos receber aqui Nertan Macêdo, menino travêso das ruas e bécos do Crato antigo, o Nertan nosso, bôa prosa, bom papo, "causer" admirável, dominando toda uma artologia do anedotário popular e dos sambas de Noel.

O Nertan que, mesmo com as características nacionais, permanece autêntico às suas origens. O fan do piqui e do dôce de buriti, da mangaba e da ciriguela, dos dôces, dos cheiros, das cousas do seu e do nosso Crato.

É ele que vem sentar-se ao nosso lado, por ser um dos nossos.

É o vaqueiro Nertan, cansado das lides da civilização, que procura no suave regaço do Instituto Cultural do Cariri o repouso para as canseiras da vida.

É a vós, vaqueiro Nertan, que saúdo e desejo as boas vindas !

Boas vindas que traduzo nos abraços cordiais e nos sorrisos de alegria, estampados em todos os rostos, a alegria cordial, sincera e afetiva de todos os que fazem esta Cidade, a vossa e a nossa Cidade, a alegria de quem vos recebe neste instante, e vos dá passagem, e vos pede para sentar.

A alegria com emoção forte, com cheiro bom do mato do brejo, o carinho sincero e mais puro, para vos receber e vos impor esta imortalidade, no Instituto Cultural do Cariri, desta Cidade do Crato, Cabeça de Comarca, Coração do Cariri !

Sêde benvindo, Nertan Macêdo !

(Palavras pronunciadas na Sessão Solene, do Instituto Cultural do Cariri, no auditório da Faculdade de Filosofia do Crato, na noite de 27.02.73, quando da posse do escritor NERTAN MACEDO na Cadeira N.º 17, dêsse sodalício, que tem como Patrono João Brígido dos Santos).

cionalismo integral, por ter vivido muito, e, ainda, talvez por ter sido fisicamente surdo, foi arrastado a um tribunal popular no após-guerra, uma corte odienta que pôs às avessas, aos olhos do mundo, a beleza e a intenção do seu pensamento de homem da França e da Provence, cheio de cutilações e de grecidade.

E que dizer do drama do marechal Pétain, vencedor de Verdum, condenado a pesada pena em sua velhice?

Revolta e comove, ao mesmo passo que exhibe as chagas da frágil condição humana. Sim, é grande e tantas vezes injusto o tributo que o homem paga por viver muito.

Essas reflexões, queridos e bons amigos do Crato, guardadas as proporções e o relacionamento devido, vêm a propósito da longevidade do nosso extraordinário João Brígido, um dos patronos deste Instituto, sob cuja égide me acolhestes nesta Casa, para meu orgulho e satisfação. Mas, se o nosso fabuloso cronista viveu muito, pródiga de acontecimentos lhe foi a existência, conforme o testemunhou em seus numerosos escritos.

Jáder de Carvalho, a voz mais alta e bela da poesia do Ceará, ao organizar a Antologia de João Brígido, pintou dele um retrato definitivo.

Relendo a introdução do mestre à Antologia, ocorreu-me o contraste entre o juízo que a posteridade fez de João Brígido e de outros cearenses de talento, como Quintino Cunha. O autor de "Pelo Solimões" ficou ao anedotário popular; e as histórias e lendas que correm a seu respeito quase sempre não fazem justiça ao homem criador e culto que ele foi. A imagem do excessivo boêmio sempre me pareceu mais exagero do que fato real. De qualquer modo, ele terá sido, como tantos do seu tempo, vítima do meio ambiente provinciano, modorrento e sem perspectivas, a que faltava tudo ou quase de tudo para a realização de uma obra séria e duradoura. O poeta viveu num Ceará de quase nenhuma oportunidade. Recordá-lo é vê-lo sempre numa mesa de café, a dizer piadas ou a escrever versos satíricos. Quem já pensou na solidão de Quintino ou de José Albano, que viveram na Europa e acabaram condenados a mover-se na direção de um horizonte que não ia além da Praça do Ferreira?

João Brígido é diferente. Deus Nosso Senhor deu ao velho panfletário e cronista o privilégio de ser um animal informático, numa época em que não se ligava muita importância ao dia-a-dia, tampouco ao passado. Não me consta, nem pude verificá-lo nos admiráveis trabalhos que sobre ele escreveram Hugo Catunda, Joaquim Alves, Leonardo e Orlando Motta, H. Firmeza e Gomes de Mattos, para não mencionar outros, como os de Cruz Abreu, R. Ribas, Antônio Drummond e Adília Nunes Freire, que o meu admirado patrono neste Instituto fosse alguém capaz de jogar a sua saúde pela janela, queimando a alma e o corpo em noitadas. Brígido tinha hábitos morigerados. Sempre em casa, cercado de familiares e correligionários ou no jornal, a redigir os seus magníficos memoriais de acontecimentos, fatos, usos, costumes passados.

Foi um homem profundamente tocado pelo amor e pela curiosidade da vida, dos homens e das coisas que o rodearam desde a infância. Possuia em alto grau o instinto de testemunhar sobre seus semelhantes.

Permitam-me recordar: João Brígido, criança ainda, quando vem das suas origens capichaba/fluminense para o Ceará, é mimado por Pinto Madeira, no Recife, onde se demora com a família.

Conhece o Crato, respira, mora, estuda, aprende e luta aqui no

Cariri, quando todo o nosso vale era um mundo perdido, um reduto de politiquieiros e caudilhos à moda antiga, depois da Independência: cenário de intrigas e contendas ferozes, dominado pelos bacamartes e cacetes dos "cabras" dos engenhos do pé da serra — o tempo mesmo em que nasce o Padre Cícero, Patriarca dos Sertões.

Entra a fundo nas tricas e futricas da terra, no Crato, na Barbalha, onde quer que o convocasse a paixão política que vem da sua mocidade.

É o bicho político por excelência. O liberal, o ativista, o demandista facioso, tão à maneira do tempo, tão Ceará, tão Império, tão Brasil.

Vê tudo, vê todos que os rodeiam. Integra-se. Participa. Clama. Elogia. Ataca. Fere. Mas não esquece o passado...

Em meio ao turbilhão, os olhos da sua alma se voltam para o antigamente. que viu. O que sentiu. O que lhe deixou no corpo e na alma as marcas mais sensíveis.

Se já na vida pública, conhece o senador Thomás Pompeu de Souza Brasil, ainda menino sentara nas pernas do caudilho Pinto Madeira, um monarquista rebelde. Um dos seus amigos de infância, com quem quase morre afogado num banho de poço, no Quixeramobim, estrepolia que também fiz muitas vezes no nosso antigo e saudoso poço das Piabas, nos tempos de Cleto Milfont, é um menino esperto e endiabrado, chamado Antônio Vicente. Nem mais nem menos do que o futuro Antônio Conselheiro, o bronco profeta que inspiraria Euclides da Cunha. A vida, tão avara para outros, sempre pródiga para João Brígido, suprimindo-o com dilatados anos e muitos acontecimentos...

Esse político, esse cronista, esse militante da verrina, que tudo via e escutava com interesse, tem sido acusado mais de uma vez de escrever mal. Tem sido também incriminado, pelos catadores de piolho, de não respeitar certos fatos e, sobretudo, datas. Julgamento do qual nem de longe participo.

Era João Brígido um autodidata, sim, mas quanta graça, quanta verve, quanta espontaneidade em muitas das suas páginas, particularmente as de memórias, que para mim constituem uma das delícias da nossa literatura nativa!

Brígido era um estilista a seu modo, à maneira de um conversador cheio de vivacidade e interesse. Mordaz no comentário e na crítica, nem por isso deixava de ser verdadeiro. Não me espantam no velho patrono as idéias que eram, de um modo geral, as do seu século. Liberal, agnóstico, progressista, sempre atento aos destinos da nossa província, refletiu sobre tudo e todos: a Proclamação da República, a Maçonaria, as viagens do Presidente Afonso Pena, a emancipação dos escravos, o senador Pinheiro Machado, a carestia de vida, o nosso pessimismo, a liberdade, o inverno, o clero, o comércio, a seca, os dizimos, a genealogia dos partidos, a emigração, o combustível, o porto do Mucuripe, o canal do São Francisco, o casamento religioso, a estrada de ferro de Baturité, a açudagem, as barragens subterrâneas, o analfabetismo, o divórcio, o pan-americanismo, o jogo, os nossos "bons, burros e bravos" ancestrais, os imóveis, a exportação, — tudo quanto lhe foi dado assistir, ou rememorar...

E coisa extraordinária: conservando-se monarquista, ele, que fora, no Império, um liberal, um não-católico e um progressista, acreditando na ciência e na técnica como o maior instrumento da emancipação econômica, não se fez republicano quando da adesão geral ocorrida no País, após a queda de Pedro II.

O Imperador, ele o conhecera nos seus dias áureos, quando eleito deputado geral do Ceará. Tinha pelo monarca o respeito e a veneração de um autêntico súdito. Louvou-o sempre, como o faria também ao genro, o Conde d'Eu, de quem foi companheiro de viagem na única visita feita ao Ceará pelo marido da Princesa Isabel.

É que a longa vivência com a terra, seus hábitos, problemas, bem como com os nossos antepassados, impediu João Brígido de render-se incondicionalmente às idéias que professava em política e filosofia, desenraizadas da realidade.

Talvez pelo seu amor à terra cearense e aos que a semearam com a sua carne e o seu sangue, ele, inconscientemente, professou a lição de Barrés, de que a verdade social, humana, espiritual e até mesmo política de um povo está na sua íntima convivência com o chão e os seus mortos.

Aí reside, a meu ver, algo que eu chamaria de "sábua contradição" do velho mestre e panfletário. Sua longividade não se transformou em tragédia porque a sua maneira ágil e plástica de atuar fê-lo não um acomodado, mas um amoldável, sem quebra dos seus compromissos e das suas idéias.

Não renunciou à fidelidade monárquica, mas nem por isso se sentiu na obrigação de abandonar o campo, alijando-se da participação na República, sufocando a vocação eminentemente política. Não virou as costas aos novos tempos, não se tornou um solitário, um frustrado, face às instituições criadas pelo 15 de Novembro.

Voltou à liça, com a mesma vontade de dizer, de brigar, de contrariar, de narrar, de criticar. Ganhava e perdia. Mas, perdendo ou ganhando, fazia da longa existência a ação que o seu temperamento inquieto necessitava continuamente.

Meus amigos :

Sou grato, de coração, ao meu querido Padre Gomes, aos meus caros Figueiredo Filho e José Newton Alves de Sousa e aos outros não menos caros companheiros do Instituto Cultural do Cariri, por esta acolhida tão amável e generosa.

Persegue-me, há tempos, o remorso de não ter ainda tomado posse desta cadeira. Deus sabe, porém, porque não o tinha feito preocupações e trabalhos que me assoberbam no Rio de Janeiro, onde resido.

Mas aqui estou. Para dizer do prazer e da honra que sinto neste momento, em sentar nesta Casa como um dos seus membros efetivos. Graças aos senhores, estou mais uma vez pisando a terra do Crato. E pode haver maior felicidade para quem, como eu, nasceu aqui ?

Muito obrigado a todos.

ATA DA SESSÃO EXTRAORDINÁRIA DO INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI, REALIZADA EM 27 DE FEVEREIRO DE 1973.

Ac vinte e sete dias do mês de fevereiro do ano de 1973, às 21 horas, realizou-se a sessão extraordinária para a posse do escritor Nertan Macêdo, na Cadeira n.º 17, da Seção de Letras do Instituto Cultural do Cariri, tendo como Patrono o jornalista João Brígido dos Santos. Foram

os trabalhos abertos pelo Sr. Presidente, professor Dr. J. de Figueiredo Filho que convidou a comporem a mesa, o Dr. Thomaz Pompeu de Souza Brasil Neto, o Prof. Pedro Felício Cavalcanti, o Brigadeiro José Sampaio Macêdo, Escritor João Climaco Bezerra, Dr. Denizard Macêdo, Dr. Nério Batteudieri e o Prof. Raimundo de Oliveira Borges. Falou em seguida o jornalista João Lindemberg de Aquino saudando o empossando, lembrando suas raízes telúricas e suas realizações culturais no campo da literatura regional e do jornalismo em Recife, no Diário de Pernambuco e no Jornal do Comércio, voltando à Fortaleza onde participa ativamente nas lides jornalísticas e onde escreve suas mais marcantes obras. Ao término, e dando prosseguimento aos trabalhos o professor Figueiredo Filho passou a palavra ao escritor Nertan Macedo que discorreu em brilhante discurso sobre a longa vida do Patrono da Cadeira, João Brígido dos Santos, vida intensa na participação através dos jornais da época, nas lutas políticas do Ceará dos finais do século XIX. Concluindo os trabalhos falou o Prof. Figueiredo Filho, lembrando as ligações do Instituto Cultural do Cariri e da Faculdade de Filosofia do Crato, e empossando o novo sócio. Passando a palavra ao professor Pedro Felício e ao Dr. Thomaz Pompeu, falou o primeiro acêrca da doação do terreno para a construção da Escola do SENAI. O Dr. Thomaz Pompeu lembrou a Escola e prometeu que tudo fará para sua efetivação em Crato, no ano e meio que lhe resta à frente da Confederação Nacional das Indústrias. Como nada mais havia a ser tratado o presidente deu por encerrado os trabalhos, dos quais foi lavrada a presente ata, por mim, secretário "Ad Hoc", Antonio Nirson Monteiro, que será lida e se achada conforme, assinada por quem de direito.

Crato, 27 de fevereiro de 1973.

ass. J. DE FIGUEIREDO FILHO — Presidente

J. LINDEMBERG DE AQUINO — Secretário Geral

(Seguem outras assinaturas)

ACEJI ASSOCIAÇÃO CEARENSE DE JORNALISTA DO INTERIOR
Rua Floriano Peixoto, 735 — Telefone: 21-86-80 — Fortaleza

Fortaleza, 2 de setembro de 1972

Ofício N.º 24 / 72

ITAYTERA (Agradecimento)

Confrade,

Em mãos, a revista ITAYTERA N.º 16, edição 1972, amável oferta do prezado confrade, patriarca e mestre do Instituto Cultural do Cariri.

Referida publicação, espelho vivo da inteligência e cultura dessa região, passará ao acervo de nossa

entidade, para deleite de seus associados, enquanto levamos ao ilustre jornalista e escritor, os nossos agradecimentos pela lembrança e distinção, com que nos honrou, honrando, sobretudo, a quantos, conosco, fazem jornalismo no interior.

Saudações Acejianas

Júlio M. Braga

2.º Secretário

Raimundo Nonato Ximenes
Presidente

BANCO DO BRASIL S.A.

— AGÊNCIA DE CRATO —

3 8 A N O S D E B O N S S E R V I Ç O S

— AO COMÉRCIO !

— À INDÚSTRIA !

— À AGROPECUÁRIA DA REGIÃO !

PRAZOS ATÉ 12 ANOS

CARENCIA ATÉ 6 ANOS

JUROS ATÉ 7% AO ANO

**AQUISIÇÃO DE INSUMOS MODERNOS, FINANCIADOS
ABSOLUTAMENTE SEM JUROS.**

C R A T O

—

C E A R Á

DISCURSO PRONUNCIADO PELO GENERAL DR. PINHEIRO MONTEIRO POR OCASIÃO DE SUA POSSE NA CADEIRA N. 15 DO INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI

Exmo. Sr. Presidente do Instituto Cultural do Cariri

Exmo. Sr. Representante do Governo do Estado.

Senhores Consorcios.

Ilustre Comitiva da Casa Juvenal Galeno.

Meus Senhores e Senhoras.

Ao transpor os umbrais desta Instituição Cultural, onde no dia de hoje, venho investir-me na cadeira titulada com o nome de LEANDRO DE CHAVES E MELO RATISBONA, julgo do meu dever rememorar traços culminantes da vida dessa figura impressionante de homem público, que, por bem dizer, caiu no olvido das gerações modernas, não obstante haver deixado, assim no Parlamento do Império como na Jurisprudência Brasileira, glorioso nome.

Nasceu no Crato a primeiro de maio de 1824. Filho de THOMAZ LEITE DE CHAVES E MELO e ANTONIA JOAQUINA DE SÁ BARRETO. Neto, pelo lado materno, de Joaquim Antonio Bezerra de Meneses e de Ana Angélica de Jesus de Sá Barreto. Descende, pois, de duas famílias de estirpe e de grande projeção social no Cariri. A família BEZERRA DE MENESES que aqui aportou nos primórdios do nosso povoamento e cuja ascendência remonta ao personagem histórico DIOGO ÁLVARES CORREIA, o intrépido CARAMURU. Outra família da qual descende RATISBONA é a família Sá Barreto. Consoante informe do distinto genealogista padre Antônio Gomes de Araújo, era tetraneto do Capitão FRANCISCO DE MAGALHÃES BARRETO E SÁ, fundador de Barbalha, que fora consorciado com INÊS DE SOUSA, filha de... e de POLUCENA DE ABREU LIMA. Iniciou os estudos na própria casa paterna, tendo por condiscipulo o irmão JOAQUIM SECUNDO DE CHAVES E MELO. O genitor contratara modesta professora para lhes ensinar a ambos as primeiras letras e rudimentos de humanidades. SECUNDO exerceu entre nós a profissão de Médico e de Farmacêutico, conseguindo grande conceito e refulgente posição social.

RATISBONA desempenhou, ainda adolescente, o cargo de Tabelião no Cartório dos Órfãos, quando ficou órfão de pai. Deixando a Cidade berço, transportou-se para Recife a fim de concluir o Curso Secundário. Terminado o tirocínio Ginásial, se matriculou na ACADEMIA DE DIREITO DE OLINDA, a esse tempo ostentando galeria de Catedráticos eminentes, muitos dos quais rivalisavam com os sábios mestres da decantada Coimbra, apontada como rival de um dos maiores centros universitários do velho mundo.

E foi em Olinda que recebeu graduação Universitária, em dezembro de 1853, aos 29 anos de sua idade. Passou pelos bancos acadêmicos num período de paz no Brasil e em fase de desenvolvimento e de risonha prosperidade em quase todo o território pátrio.

Já lá se tinham ido, na amplitude do tempo, os embates políticos em torno da abdicação, da maioridade de Dom Pedro II, sobre a Reforma Judiciária e o Processo Criminal. Tinham se extinguido as agitações da Sabinada. Extintos estavam também os tumultos de outros episódios sangrentos que se instalaram no Maranhão, chefiados por quem se arvorou de caudilho político, sendo simples, modesto e obscuro fabricante de balaios.

De igual maneira haviam suplantado a revolta praieira de 1848, onde o heroísmo de Nunes Machado e Pedro Ivo, a exemplo dos precursores da liberdade pátria, oferecera resistência contra desacertos administrativos acumulados no País, desde o longínquo período colonial.

Os partidos políticos, existentes naqueles dias recuados do Império, passaram a se desentender. Digladiavam-se em lutas constantes. Respiravam atmosfera de atitudes inconciliáveis.

Serenaram depois quando da organização de novo Ministério que recebera o batismo de Ministério de Conciliação. Para ele são convocados elementos que pertenciam às duas grandes Agremiações Partidárias, ou sejam políticos liberais e conservadores. Era esse panorama político que se descortinava na época, quando um acontecimento, tão benemérito quanto memorável, surgira em meio a esse ambiente de serenidade e paz.

Estudantes das Escolas de Pernambuco e São Paulo, num mixto de consternação e revolta, investiram contra a escravatura, regime desumano agravado, dia a dia, através de navios negreiros que despejavam nos portos, em proporções alarmantes, elementos da raça negra, à guisa de esteio econômico, de fator preponderante e decisivo na balança do desenvolvimento da grandeza Nacional.

Iniciava-se, aí, a campanha em prol da remissão dos cativos. Foi a época que viu gloriosa constelação de moços, cada um dos quais se arvorara em apóstolo da causa que defendiam: um Joaquim Nabuco, um Tobias Barreto, um Castro Alves, um Patrocínio, um Rui Barbosa, um José Bonifácio — o moço, um Antonio Bezerra, um Dragão do Mar, um Justiniano de Serpa, um Juvenal Galeno, um Eduardo Salgado, um Barão de Studart e muitos outros que, frementes de entusiasmo arrebatador, e, com todo ardor Cívico, espalhavam, a mancheias, pelas lindes distantes da pátria, seus ideais libertários e anseios renovadores.

Teria Leandro Ratsbona participado de tão intenso movimento levado a efeito por esses moços sequiosos de justiça? Teria se incorporado a essa falange valorosa, por amor à dignidade humana, tanto batalhara ao ponto de seus componentes entrarem na história como os Paulos da emancipação? Não, não possuo argumento que me autorise afirmá-lo.

Sei, entretanto, que diversamente do que aconteceu com os colegas liberais, não dera apoio ao Gabinete Saraiva, francamente abolicionista.

Isso ouvi eu ao José Geraldo Bezerra de Menezes, parente próximo de Ratsbona, advogado fluminense, indilogista notável, de cuja personalidade se ocuparam alguns escritores nacionais. Além disso, duas provas há que evidenciam sobejamente sua simpatia pela benemérita causa a que estou aludindo. Quero me referir ao artigo de sua lavra em defesa da lei Ensébio de Queiróz que extingue em 1850, o tráfico africano; e o

editorial de 1871 a favor da Lei do Ventre Livre, a qual declara libertos os filhos dos escravos que nascessem após a publicação da inculcada Lei. Ambos esses escritos, no "Radical", órgão liberal editado, outrora, no Rio, os vi em poder do seu filho, juiz em Santa Catarina, Dr. Alexandre Ratsbona.

* * *

Cursava Ratisbona o 2.º ano jurídico quando o enviaram à Assembléa Provincial, representando o Cariri. Pouco antes se filiara ao Partido Liberal, chefiado, no Ceará, pelo Senador Pompeu, personalidade de prestígio, festejado dos seus pares, e querido pela sua grandesa moral e mental no Cenário da Nacionalidade.

Muitos cearenses de valor militavam apoiando o chefe, dentre os qua'is se sobressaia Ratisbona que, graças à facilidade de fazer proselitismo, contribuiu, eficazmente, para que engrossassem, na razão direta do termo, as compactas fileiras liberais. Merecendo confiança dos correligionários urge-se Deputado Geral. Antes, porém, de ingressar no Parlamento, foi à Europa, onde visitou vários países. De regresso da culta Alemanha onde aperfeiçoou estudos, assumiu sua cadeira, ombreando-se com os maiores vultos do nosso Parlamento.

E como se portou no Parlamento? Orador consumado, poderoso na argumentação, rico de imagens, cedo se impôs, fosse pela maneira de defender os negócios da terra natal, fosse por revelar sólidos conhecimentos dos múltiplos problemas da nacionalidade.

Quem, por ventura, ler os Anais da 12.ª e da 13.ª legislaturas depara com discursos da sua autoria. São primores oratórios, modelos de aticismo, capazes de, ainda hoje, serem elogiados pelo colorido da linguagem, pela inteireza dos conceitos e pela lógica de observação. Político reservado, mas franco, no emitir opiniões, exemplar de democracia perfeita, quando discursava não só dominava pela dialética, como também vencia pela bondade emanada do coração.

Quantos o conheceram no desempenho do mandato parlamentar puderam, sem favor, testemunhar-lhe o desprendimento, a abnegação e a coerência de atitudes que falam bem alto da sua conduta no exercício do cargo que soube desempenhar antes como dever vocativo do que como rendosa profissão. Não existe identidade entre vocação e profissão. Já o Padre Leonel Franca fixou a diferenciação entre uma e outra. A propósito transcrevo, aqui, o que asseverou esse eminente sacerdote referente a cada uma dessas modalidades da ação humana.

"A profissão é o exercício de uma atividade a que dedicamos algumas horas do dia, é sempre algo que permanece á superfície de nós mesmos e que podemos mudar uma ou mais vezes numa existência, se o aconselham as circunstâncias.

A vocação é a orientação total da vida para o ideal digno dessa consagração perfeita.

"Rasão suprema de uma existência, empolga a alma toda e dá-lhe a grandeza de seu valor".

Há um traço comum entre essa bela discrição e a atividade política de Ratisbona. Vezes muitas esquecia de si próprio para cuidar desinteressadamente do bem-estar coletivo. Dele poder-se-ia dizer, portanto, o que dissera Joaquim Nabuco ao retratar-se fazendo auto-análise con-

cienciosa do seu caráter: "Em política nunca fui nominalista. Não me movia a imaginação literária, muito menos a abstração filosófica, mas a compaixão completa pela sorte do povo".

Outra atuação de Ratisbona que merece lembrada é seu labor na imprensa. Foi jornalista apreciado e terço. Sem cunho de espetaculosidade. Polemista por índole. Consoante depoimento dum cronista da época, nesse terreno deixava-se levar pelos sentimentos do coração. Retrocedia, diz êle: "Ao impulso de força estranha que não era o do seu senso íntimo, mas uma força estranha que o prostava". Que dizer de seu estilo? Claro, simples, preciso, harmonioso. Escrevia à maneira dos intelectuais e cientistas que marcavam época. Encantava com palestra ilustrada geralmente apreciada pela graça e encanto. Sabia emprestar donaire à narração dos acontecimentos. Doutor nas Ciências Jurídicas, não menos o foi na História Universal, nas Literaturas Francesa e Portuguesa. Manuseava os clássicos diuturnamente. Recitava de memória todo o poema épico de Camões, enaltecendo e celebrando o autor, qual novo Torquato Tasso que, em surto sublime, se comprasia em enaltecer maravilhado o incomparável épico lusitano. No Liceu do Ceará lecionou Português. Mereceu ali a confiança do Corpo Docente e entusiasmo dos discípulos. De justiça foi incorporaram-lhe o retrato na galeria dos mestres daquele estabelecimento. Não obstante grandes conhecimentos de que era portador nenhum livro publicou.

Milton, Dante, entre outros muitos que a história aponta como modelo de escritores egrégios, são, todos o sabem, figuras geniais da Literatura Universal. Plena rasão assiste a Buffon quando afirma: "Só as obras bem escritas lograrão ser eternas". A análise cuidadosa de quantos trabalhos escreveu em jornais e revistas é o *quantu satis* para aferir a erudição. À mingua de maiores exemplos em abandono do que afirmo, transcreverei, aqui, algumas cartas, dentre muitas, endereçadas ao Senador Pompeu, com quem manteve amistosa e fraternal correspondência. Contêm sabor vernáculo. Poderão ser lidas com agrado e admiração. Na primeira missiva sente-se que o signatário amava a polêmica. Sente-se ainda que estava asenhorado dos mínimos detalhes da justiça eleitoral. Vejamos: "Temos, agora, algumas coisas a dizer pela imprensa a respeito das eleições do Crato e Messejana em presença do julgador da Relação de Fortaleza. Não li, porém, o acordão e não sei se você tem.

Servia-me ao menos para dar uma surra boa no canalha do Juiz de Direito. Diga-me, porém, quando acha conveniente que eu apareça na imprensa".

Na segunda missiva assim se expressou: "Li, ontem, toda a discursão do Senado a propósito da crise ministerial e achei que estou na altura do assunto. Os nossos amigos falaram, indubitavelmente, com muita franqueza e elevação de espírito, mas o seu discurso e o de Zacarias são dois primores de estilo parlamentar.

Aceite, pois, os meus emboras. Honra também ao velho Bento: saiu com dignidade; o que não se explica é o procedimento que com ele tiveram os colegas. É preciso amar o poder a tal ponto de ser impossível a vida sem ele para descer-se à ignomínia a que chegou o Ministéri de 25 de julho. Não é possível alusão alguma a respeito de certos homens nossos".

São cartas que na realidade despertam interesse e curiosidade, já pela atitude moral do miscivista em não transigir com o patrimônio

histórico do partido, já pela elegância das frases desprovidas de metáforas e construções hiperbólicas.

Terceira carta: — É resposta a outra do Senador Pompeu datada de 5 de janeiro de 1877. Expõe pontos de vista concernentes ao embate travado no Parlamento, entre elementos liberais e conservadores que se mantinham em discordância e incompreensíveis quanto à legalidade de diplomas.

“Tenho acompanhado com todo o interesse a questão entre o Liberato e o Aquiraz, o Graciliano e Maciel, e parece-me que os nossos amigos têm toda razão.

“Certamente se o artigo 3.º, parágrafos 3 e 4 da nova lei eleitoral, não compreende a hipótese de que se trata o princípio das incompatibilidades, foi estabelecido unicamente para os funcionários públicos de certa categoria. Tão restritas, porém, não foram as vistas do legislador. As frases *Obras Públicas, Fornecimento Público*, são, ao contrário, de uma latitude imensa; e só por uma abstração ridícula poder-se-á desviá-las do seu verdadeiro sentido.

“Chamam-se *Trabalhos Públicos — Obras Públicas* (as expressões são equipotentes) todos aquêles que se fazem por ordem e por conta do Estado. Esta definição adotada por Dalloz, parecendo à primeira vista não abranger a questão, é aplicada pelo mesmo autor a todos os trabalhos que têm por fim a utilidade geral, e se executar por concessão do Estado, entrando nesta ordem os caminhos e vias férreas.

“Outros escritores acentuam a espécie, ainda com mais clareza. “Trabalhos públicos são aquêles que têm o caráter de utilidade geral”.

“Levada assim a matéria aos verdadeiros termos, não há tangente por onde possam escapar os que sustentam a idéia oposta; e à medida que se penetra mais na natureza íntima do assunto, vê-se também manifestar-se mais ostensivamente o direito exclusivo que tem o Estado de conceder trabalhos, obras e empresas de utilidade geral, porque afinal êste direito é ao mesmo tempo um dos atributos da sabedoria.

“Que importa que semelhantes trabalhos devem antes ser confiados em regra à iniciativa particular do que à administração pública ?

“É isso apenas uma questão de conveniência, não altera o princípio, porque é sempre da autoridade pública que emana tudo.

“Não há, portanto, meio algum de ocultar-se e esconder-se à ação e influência do governo em objetos dessa ordem; ação e influência estas que, sendo de natureza decisiva, dão por isso mesmo a razão das incompatibilidades.

“Que importa ainda que o Empresário, o contratador dos trabalhos e obras públicas seja um simples concessionário, sem favores de outra ordem, se nessa qualidade somente, uma vez eleito deputado, êle pode pretender muito mais do que obteve ?

“Mas foi êsse o grande inconveniente que a lei quiz evitar, tornando-o impossível em qualquer hipótese.

“Era engraçado que o legislador só tivesse tido em vista os fornecedores de arsenais e secretaria do estado !

“Oh ! repito, semelhante hermenêutica seria por demais ridícula. Infelizmente, porém, acredito que o governo e a Câmara atual são capazes de tudo; aquêles cometeu tanto escândalo na execução da lei, que a câmara, sua feitora, nunca poderá ser melhor que ele.

“Veremos se me iludo”.

Quarta carta: escrita em 1877 da cidade fluminense de Paraíba do Sul.

Encontrava-se o autor na época um pouco afastado da política partidária, entregue a trabalho advocacionais.

Ante a complexidade dos sofrimentos, os angustiosos momentos, de triste memória, por que passava o Ceará a braços com o espetáculo de degradação e miséria advindo na seca de 77, apela para amigos influentes, desperta-lhes piedade, solicita-lhes imprescindível cooperação no objetivo de angariar donativos para os infelizes comprovincianos.

Na carta que irei lêr ver-se-á quanto vai de nobre e edificante, quanto de solidariedade humana, quanto de esforços, na obra caritativa que então realizou um gesto insofismável de filantropia e altruismo.

Ei-la: "Neste momento imprimem-se as circulares que eu, o Macário e o Rufino de Almeida vamos dirigir às pessoas gradas deste município, pedindo um socorro, um auxílio para nossa bela Província, vítima neste momento de terrível flagelo da seca. Acredito que faremos alguma coisa. Do resultado terá você notícia muito breve, sendo, naturalmente, o encarregado de remeter o que apurar-se.

"De que forma poderíamos provar o interesse que temos pelos nossos infelizes comprovincianos senão assim mesmo?

"Daremos o que pudermos de nossa parte. Agenciaremos, com a mais viva solicitude, o óbulo que quizer dar-nos a filantropia dos amigos. Agora mesmo me dirijo ao José Aires, em Juiz de Fora, ao Ladislau na Sapucaia para tomarem a si a mesma tarefa.

O motivo é tão justo, tão nobre, que eles não deixarão de ajudar-nos na situação em que se acham, e na qual podem fazer alguma coisa.

A muitos pretendo ir pessoalmente".

* * *

Se muito já discorri sobre a ação do político e do jornalista, justo é, agora, no encerro da minha tarefa, dizer-vos algo no tocante a outro aspecto da sua vida — a advocacia.

Por entre as fulgurações do seu gênio sentenciou Rui Barbosa: "Duas profissões tenho amado sobre todas: a Imprensa e a Advocacia. Numa e outra me votei à liberdade e ao direito. Nem numa, nem noutra conheci jamais interesse ou fiz distinção de amigos e inimigos toda vez que se tratava de servir ao direito ou à liberdade".

Nestes sábios dizeres do grande apóstolo defensor dos oprimidos, se enquadra a atividade forense de RATISBONA.

O respeito à lei e ao direito foi, indubitavelmente, o traço dominante da sua personalidade singular.

Familiarizando com as realidades forenses no domínio da justiça, mostrou sempre desvelo para as causas que lhe eram confiadas.

Conhecia a fundo a jurisprudência dos tribunais, de parceria com os estudos psiquiátricos, de biologia, de sociologia, de história, matérias cujo conhecimento se faz mister no exercício profissional.

Na tribuna judiciária seus arroubos eloquentes se tornaram famosos.

Chamava a atenção da grande assistência quando funcionava nos julgamentos sensacionais.

Do que foi Ratisbona como cultor do direito e criminalista notável, disse, entre outros, Abner de Vasconcelos:

"Pertenceu ao período áureo da vida judiciária cearense, na qual deixou longa e honrosa tradição".

Foi, na verdade, grande criminalista. Dedicou-se, com verdadeiro carinho, a essa difícil especialidade desde que Lombroso, o sábio mestre em Turim, abalou os alicerces da velha escola clássica, e, destruiu conceitos antigos que vigoravam não só em relação ao crime, mas também aos criminosos.

Outras escolas penais mereceram dele acurados estudos.

Todas se baseiam em trabalhos de Medicina Legal os quais com dados de fato e princípios científicos, demonstram a existência nos delinquentes de taras hereditárias e impulsos emocionais.

* * *

Faz 72 anos que se foi do convívio humano, lá na cidade fluminense de Paraíba do Sul, esse denodado batalhador.

Vitimou-o embolia cerebral. Encerrou-se-lhe desse modo a brilhante carreira judiciária onde conquistou merecida reputação. "A República", jornal de tiragem no norte do Brasil, noticia-lhe a morte.

Numa das suas colunas encontram-se as seguintes referências merecidamente elogiosas. "Foi um talento de filigrana, com muitos dotes para a atração dos ânimos, o ilustre cearense que morreu ontem. Espirituoso, insinuante, e de uma palestra que enleava, era o que os franceses chamam "Causeur" sublime. Dominava tanto os salões ou rodas aristocráticas com os meis aldeões".

"Foi homem à imagem de Saldanha Marinho", é o Barão de Studart quem diz: "Orador, era tal a sua fama que provocou a sua aparição na Câmara acentuado movimento de curiosidade que não decepcionou".

* * *

Exmo. Sr. Dr. Figueirêdo Filho :

Quis a Providência fôsseis o sucessor do pranteado Irirêu Pinheiro na direção do Instituto Cultural do Cariri. Sob os vossos auspícios vem esta Entidade realçando bem alto os créditos da já famosa cultura da nossa terra.

A vigência triunfal que tem deve à vossa energia realizadora. Para tanto não poupareis esforços a fim de vê-la, dia a dia, aumentada e engrandecida, com grande número de sócios, muitos dos quais, como os recepcionários desta noite, aqui ingressaram através de honroso convite vosso.

Apraz-me citar, entre os sócios, o Padre Antonio Gomes de Araújo, autorizado historiador e personagem de invulgar cultura e talento; Raimundo Eorges que, além de erudito professor, se sagrou, sem contestação, entre os melhores advogados do Estado; Raimundo Teles Pinheiro, oficial general do nosso Exército, escritor, amante das boas letras, preocupado confesso com conhecimento de História do Brasil e, em particular com episódios sensacionais da Região Caririense; Otacílio Anselmo que adquiriu no domínio das letras lugar de relevo, escrevendo o Pe. Cicero Mito e Realidade, bem como a Revolução de 30 no Ceará; Edméa Arrais, escritora de elite que ingressou neste sodalício, biografando seu pai, Alexandre

Arrais, elemento dos mais brilhantes da sua geração, homem progressista que não substituiu a cultura e a quem como administrador nossa cidade ficou devendo assinalados serviços. E outros não menos famosos que compõem o ninho privilegiado de inteligências, neste Instituto. Isto posto, tenho eu uma obrigação que cumprir.

E a de saudar os consócios que mourejam nesta Casa, empenhados todos na feitura de trabalhos valiosos, por vezes revestidos de originalidade.

Saudando este pugilo de homens de letras que, aqui, se reúnem e congregam, eu faço na pessoa do grande amigo Figueirêdo Filho, que sobre ser um dos nomes de maior porte e de maior peso no professorado, em Crato, é também ocupante de uma das cadeiras desta Associação; cadeira titulada com o nome de José Alves de Figueiredo, o admirável autodidata, o jornalista conceituado, o escritor corretíssimo do "Ana Mulata" para quem tributando à sua memória a homenagem que de direito lhe cabe, concentro, neste instante, o pensamento e a saudade.

A personagem de que se trata logrou não só dos seus contemporâneos, senão de mim e de vós outros, Senhores do Instituto, toda atenção e todo respeito.

Quer na imprensa regional, quer no exercício da Prefeitura do Crato, ou onde quer que estivesse ocupado posição de relêvo, nosso digno genitor. Sr. Figueirêdo Filho, não foi só paladino das causas benéficas, mas também elemento de escol da nossa intelectualidade.

Parece-me a mim incompleta esta singela digressão em torno do vosso ininterrupto mourejar no campo das letras, se não trouxesse, à baila, uma ocorrência que, sobreposse, exorna vossa personalidade de escritor, de jornalista, de professor e historiógrafo. Lembro-me, como de ontem, da vossa presença na nossa bela e magnificante capital, onde fostes tomar posse numa das cadeiras da Academia Cearense de Letras.

Grande foi o júbilo que, então, sentistes ante o louro com que resolveram coroar a brilhante militância literária a que vos consagrastes desde os albos da mocidade.

Grande também foi nosso contentamento ao ver o Presidente desta instituição, o único caririense, aliás, que com a fronte coroada, ingressava, garbosamente, naquele cenário de ilustres homens de letras.

De modo tão preclaro substituístes na cadeira N.º 34 daquele sodalício o inesquecível Dolar Barreira, glória entre os civilistas do país, escritor também cheio de elegâncias, professor Emérito da Universidade Federal do Ceará, onde magnificante doutrina o alto da cátedra de Direito Civil, sempre prestigiado da simpatia e afeto dos discípulos que lhe escutavam fascinados, pela magia da palavra oracular as memoráveis lições.

Não descerei desta tribuna sem pedir vênias para endereçar uma saudação de especial agradecimento a brilhante representação da "Ala Feminina" que, veio de Fortaleza afim de abrilhantar, com sua presença, esta sessão a que estamos assistindo.

A um gesto de tão acentuada gentileza só um espírito por demais impermeável a gratidão poderia ficar indiferente. Aliás, dizer "Ala Feminina" é o mesmo que fazer menção indireta da Casa de Juvenal Galeano, cenáculo das nossas letras e também das nossas mais distinguidas tradições, seja no setor literário prosperamente dito, seja no da hospitalidade.

Suas portas estão sempre escancaradas para receber e homenagear não só coestaduanos que festejam alguma efeméride digna de maior irradiação, mas também visitantes de projeção que, pisando o solo cearense bem nos merecem particulares demonstrações de apreço e carinho, mesmo como consagração pública de seus talentos e méritos patentes.

* * *

Tenho por fim que dizer duas palavras ao Dr. Raimundo Borges, eminente causídico, um dos mais doutores do magistério, na Escola de Filosofia do Crato e ornamento da vida judiciária cearense.

Sensibilizado agradeço-lhe a saudação que me dirigiu em estilo seletivo, próprio de quem possui o privilégio de falar em linguagem castiça de tão bem dizer.

As autoridades presentes, aos professores, sacerdotes, estudantes e amigos, erfim a mais lídima expressão do meu reconhecimento pelo esplendor que com sua presença deram a esta solenidade.

ATA DA SESSÃO EXTRAORDINÁRIA DO INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI, REALIZADA EM 26 DE AGOSTO DE 1972.

Aos vinte e seis dias do mês de Agosto de 1972, às 20 horas, realizou-se a sessão extraordinária para a posse do General Dr. Joaquim Pinheiro Monteiro e do professor Aécio Feitosa. Os trabalhos foram abertos pelo professor Dr. J. de Figueiredo Filho, na Presidência, que constatando a presença do número legal, convidou os componentes da mesa, ressaltando a presença da ala feminina da Casa Juvenal Galeno, de Fortaleza, e passou a palavra ao Dr. Raimundo de Oliveira Borges que saudou o empossando Gen. Dr. Joaquim Pinheiro Monteiro. Em seguida falou o Dr. J. Pinheiro Monteiro, traçando o perfil biográfico do Patrono da Cadeira, Dr. Ratisbona, tendo ao final feito uma saudação aos sócios do Instituto Cultural do Cariri. Dando prosseguimento aos trabalhos desta sessão, o professor J. de Figueiredo Filho passou a presidência da mesa ao Padre Antonio Gomes de Araújo, que por sua vez cedeu a palavra ao professor Figueiredo Filho que saudou o empossando, Prof. Aécio Feitosa, lendo para a assistência o seu "Curriculum Vitae". O professor Aécio Feitosa, em seu discurso de Posse, traçou os dados biográficos do Patrono da Cadeira, Padre Francisco Pita. Ao término deste ato o Presidente deu posse aos dois novos sócios do Instituto Cultural do Cariri. Como nada mais havia a ser tratado, o presidente agradeceu a presença de todos os sócios do Instituto e da assistência em geral, e deu por encerrados os trabalhos, dos quais foi lavrada a presente ata, por mim, Antonio Nirson Monteiro, secretário "ad Hoc", que será lida e, se achada conforme, assinada por quem de direito.

Crato, 26 de Agosto de 1972.

ass. J. DE FIGUEIREDO FILHO — Presidente

J. LINDEMBERG DE AQUINO — Secretário Geral

(Seguem outras assinaturas)

THOMAZ OSTERNE DE ALENCAR S. A.

COMÉRCIO — INDÚSTRIA — AGRICULTURA

PARA AVIAMENTOS E PEQUENAS INDÚSTRIAS :

MOTORES YANMAR DIESEL

UMA ORGANIZAÇÃO TRADICIONAL NO CARIRI

MOTORES ELÉTRICOS GENERAL ELETRIC

MOTO-BOMBAS MONTGOMERY E YANMAR

GELADEIRAS GENERAL ELECTRIC E CONSUL

LIQUIDIFICADORES ARNO E WALITA

RÁDIOS E RADIOFONES PHILCO, ABC, PHILLIPS

TELEVISORES EM GERAL — INCLUSIVE EM CORES

VARIADO MATERIAL ELÉTRICO

MATRIZ : RUA Dr. JOÃO PESSOA N.º 405 — FONE : 583

FILIAL : BARBARA DE ALENCAR N.º 796 — FONE : 584

ENDEREÇO TELEGRÁFICO : OSTERN

C R A T O

—

C E A R A

Discurso em Crato

Raimundo Girão

Vale bem a pena ter caminhado a vida, entrar na floresta outonal do setenta e receber delicados mimos como a alegria que me enche a alma neste momento.

Quem o fez pode dizer-se feliz e quedar-se no doce remanso das aspirações satisfeitas, e eu me reconforto das forças que dão a tranquilidade da alegria de viver.

Sou caminhheiro, assim, que chega e bate o pé dos sapatos e experimenta os eflúvios da vitória contra as asperezas dos dias, passando-os um a um, ora sem embaraços, ora com eles, sempre no ânimo de não intimidar-se dos insucessos, nem delirar na satisfação das conquistas.

Mimo de alegrias, outro que me vem, é este de ter sido eleito sócio efetivo deste Instituto Cultural do Cariri, numa unanimidade que realça a eleição e graças a generosidade do proponente, o meu dileto amigo Gen. Teles Pinheiro e aquiescência entusiasta e imediata do Presidente Figueiredo Filho e demais sócios presentes à sessão.

Venho de longe para receber a honraria e sentir quanto o coração dos que a ela me chamaram é bom e largo. Os meus olhos deixaram atrás as fronteiras verdes e buliçosas do mar valente e pararam diante do outro verde calmo da montanha do Araripe outra fronteira no sul deste Ceará de cores várias que tanto nós amamos quanto mais com ele sofremos.

Saí de minha casa e vejo-me, aqui, noutra minha casa, plenamente à vontade, sem os constrangimentos das cerimônias e obediência de protocolos, como se estivera de chinelos e pijama. O Crato, esta gloriosa e tão glorificada cidade cabeça de comarca e capital dos afetos dá-me este bem-estar inefável e eu me euforizo na delicadeza e cavalheirismo como que me trata e atende.

Quando, em 1953, numa das muitas visitas a esta aldeia do Miranda, manifestaram-me alguns amigos o desejo de fundarem uma academia de letras do Crato, onde se congregassem os intelectuais da terra, sem qualquer intuito que não fosse o da colaboração, alvitrei melhor seria a criação de um centro de pesquisas culturais de âmbito mais aberto. As academias de letras por seus objetivos mesmos confinam as expansões do espírito curioso e valem mais como premiação a valores da inteligência em verdade já consagrados. Não possuem a elasticidade suficiente para permitir lucubrações de ordem mais diversificada, nos diferentes campos do conhecimento humano.

Um centro ou instituto, sem as clássicas linhas das Academias literárias, ao contrário, estimula muito melhor os estudos científicos e sociológicos, e daí o motivo da minha sugestão. Daí a criação do Instituto Cultural do Cariri, mais amplo de finalidades e com a extensão maior da área de sua atuação, compreendendo aqueles municípios constitutivos da região caririense.

Guardo a convicção de terem acertado aqueles bons amigos que me

consultaram e guardo mais ainda a certeza de ter concorrido para o excelente êxito da nova instituição, de vida tão ativa e brilhante, tão útil e valioso ao desenvolvimento da cultura cearense.

Na composição de seu quadro social fui inscrito como sócio correspondente e agora, decorridos vinte anos, eis me vem às mãos o título de sócio efetivo — Sensibiliza-me profundamente o fato e digo-o com sinceridade.

Com a modéstia dos meus recursos intelectuais e a disposição de alguma coisa realizar em benefício de nossas atividades culturais, convenço-me de ter realizado um pouco na obtenção de melhores meios e modos para o desenvolvimento dessas mesmas atividades, em nosso Estado. Efetuando estudos, pesquisando, divulgando em livros e artigos de revista e colunas de jornais, incentivando a juventude a compreendê-los e deles tomar parte, orgulho-me de haver contribuído, ao lado de Mozart Soriano Aderaldo e com o apoio de Plácido Castelo, para a inclusão, pioneira no Brasil, de uma Secretaria de Cultura no esquema de distribuição dos setores administrativos do Estado.

Não quero fazer praça disto, e do mais que tenha feito, por simples e injustificada vaidade, e sim levado por uma razão superior — a de mostrar que cada um de nós pode, se aparelhado de poder de vontade, construir algo, colocar no majestoso edifício do Saber um tijolo, alguns tijolos, muitos tijolos, com os quais e sem os quais o edifício somente se ergueria.

Cultura não é privilégio de ninguém, mas o é dos que sabem aprimorar o espírito num labor constante, livre de preconceitos e com boa ordenação dos conhecimentos adquiridos no terreno fértil das Ciências, das Letras e das Artes.

Cultura no sentido intelectual, no de mensagem aprimorada da capacidade criadora, diferente e além do que se entende por civilização, esta no seu conceito de progresso material e de conteúdo temporal. Cultura, na acepção de obra espiritual e não só da inteligência, ou seja o resultado de lenta e fecunda elaboração interior, um triunfo daquela sobre esta. Dir-se-á melhor uma *superação* daquela sobre a outra. Nas palavras de Celso Brant: "A Cultura é substantiva; a civilização, adjetiva. Através da civilização, o homem se liberta da sua contingência animal, ainda como animal. Por meio da cultura, abrem-se para o espírito horizontes de esplêndida e infinita beleza, em que se sente irmão dos anjos e igual a Deus".

É preciso fixar bem essa distinção para não trabalhar em equivoco e fazer juízo falso, para ver com nitidez quanto é qualitativo o processo cultural, e não quantitativo. Para ver, sem engano, quanto cultura é refinamento superior da mente e não simples refinamento material, objetivo, favorecendo aquilo que poderíamos chamar de comedismo e bem estar burguês, no utilitário refastelamento que o dinheiro pode dar.

Meus caros amigos do Instituto Cultural do Cariri:

Muito obrigado pela honra que me conferistes e se incorpora ao volume de minhas vaidades sadias, dessa vaidade que não retira o homem de si mesmo para torná-lo um fátuo, e sim dessa que revigora em nosso íntimo a confiança de um merecimento, puro. Penhora-me o vosso gesto, que me obriga ao compromisso de a ele integralmente corresponder. Dentro dos restantes das minhas energias eu o farei.

(Em 12 de Janeiro de 1973, na Faculdade de Filosofia do Crato).

AGRADECIMENTO À OUTORGA DA CIDADANIA DE FORTALEZA

Exmos. Srs. :

Presidente da Câmara Municipal de Fortaleza e

Senhores Vereadores

Demais distintas autoridades

Exmas. Senhoras

Queridos amigos civis e militares

Possuído de profunda emoção e escudado na franqueza rude e na lealdade sem discrepância que DEUS houve por bem dotar-nos, manifestamos, sem rebuços ditirâmbicos, o mais veemente agradecimento e sincera gratidão aos componentes desta ilustre CASA LEGISLATIVA, que acolheram, generosamente e por unanimidade, proposição do caro amigo Antoni Costa — afortunadamente ex-discípulo do inolvidável EUDORO CORREIA — e decretaram a Lei número 4.057 de 29 de setembro último, conferindo-nos a magnitude da honraria de CIDADÃO desta bela, nobre e querida Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção.

E, por igual, agradecemos ao Exmo. Sr. Prefeito Vicente Fialho, pelo carinhoso gesto de apreço e consideração em sancioná-la.

Guardaremos, permanentemente, no recôndito do coração, este instante memorável de confiança e de amizade, sinete indelével da generosidade, do entendimento, da robusta compreensão, da fé e do aprimorado humanismo deste maravilhoso, hospitaleiro e boníssimo povo desta encantadora "loura desposada do sol", cobiçado patrimônio proclamado e difundido por todo o imenso e adorado Brasil que, por sua vez, de modo geral, cultiva enraizado sentimento democrático, profunda e essencial humanidade cristã, a par de acendrado espírito de conciliação.

A vós, lídimos representantes da nobre comunidade fortalezense, à qual de muito nos associamos de alma e coração, o nosso muitíssimo obrigado pela confortadora outorga da CERTIDÃO DE BATISMO de tão dignificante cidadania. Guardá-la-emos carinhosamente irmanada com outros DIPLOMAS honrosos conferidos ao atual General de Divisão já na Reserva, notadamente ao de AMIGO DO COLEGIO MILITAR DE FORTALEZA.

Ela, preciosa CERTIDÃO, consagra oficialmente o nosso cinquentário carinho, afeto e paixão devotados a esta bela metrópole, cenário feliz dos sete anos de fé e esperança alimentados pelo jovem estudante do inesquecível Colégio Militar do Ceará, herança indestrutível legada pelo inconmensurável EUDORO CORRÊA. Nele, protegido pela graça DIVINA, aprimoramos os nossos conhecimentos intelectuais, consolidamos o caráter tradicional transmitido pelos nossos antepassados cofundadores do Crato e Juazeiro do Norte, cimentamos o nosso civismo e acendrado amor à Pátria, o são espírito da camaradagem bem compreendida, da lealdade, da disciplina, da verdade e da justiça.

Nesse mesmo deslumbrante cenário, embelezado pelos "verdes mares bravios", posteriormente, dedicamos honestamente, 22 anos dos 38

de atividade profissional, apaixonada e exclusivamente consagrados ao Brasil através do Exército, desde o posto de Aspirante a Oficial no 23.º Batalhão de Caçadores, que recordamos com muito carinho e enlevo, ao de Coronel Chefe do Estado Maior da 10.ª Região Militar, com os naturais intervalos empenhado, igualmente, em outras Guarnições Militares, como Natal, São Paulo, Recife, Caruaru e Rio de Janeiro.

Aqui vivemos conjunta e fraternalmente, meditando sobre cruciantes problemas, angustiantes preocupações e grandiosas esperanças, desde à pequenina, provincial e tranqüila urbe de 90.000 munícipes, pitorescos e pachorrentos bondirchos, iluminação pública a gás carbônico, e sonolentos jumentinhos conduzindo ancoretas com água potável da Pirocaia ou do Zuca Acioli, até à atual turbulenta, progressista linda capital, pontilhada com inúmeros arranhacéus, hum milhão de trepidantes habitantes, milhares de velozes veículos motorizados e a conseqüente desmedida periculosidade trombetada diáriamente pelos hodiernos instantâneos meios de divulgação.

Aqui, DEUS nos conferiu a glória de servir mais, ambicionando fazê-lo com capacidade e eficiência, sabedoria e justiça, serena energia aliada à sincera amizade e equanimidade, com o objetivo de bem orientar os nossos sempre queridos comandados na permanente busca da harmonia necessária à sintonia: da inteligência com o trabalho, dos esforços com as possibilidades compatíveis, da firmeza de caráter com o civismo esclarecido; tudo com a precua finalidade de formar cidadãos aptos à conquista e manutenção dos valores indispensáveis à plena realização das aspirações máximas do bem-estar comum, da segurança e paz social, da maior prosperidade e grandeza do nosso povo, na sua totalidade.

Nesse sentido, e notadamente nos melindrosos e felizes comandos da nobre e promissora juventude, no Centro de Preparação de Oficiais da Reserva de Fortaleza, na Escola Preparatória de Cadetes e no Colégio Militar de Fortaleza, onde e quando tivemos a ambicionada ventura de dirigir e orientar a educação e instrução de centenas de jovens, de origens e idades variáveis, nos quais sempre acreditamos, amando-os como pai e creditando-os total confiança, em decorrência dos especificados compromissos assumidos apenas com DEUS, com seus genitores, com seus superiores, com seus pares, com suas esclarecidas aspirações e deveres integralmente definidos e assimilados em toda a sua plenitude.

Afirmaram alhures que a juventude sonha certo e age ardorosamente, porém com impropriedade. Daí, partindo dessa premissa, a nossa permanente prece a Deus para que nos iluminasse a mente e o coração, a fim de perlustrarmos invariavelmente, apesar dos antagonismos e pressões possíveis, o caminho exato para fazer corretamente certo tudo aquilo que deve ser feito, para que ela, eliminando ou neutralizando o tabu, agisse ardorosamente certo e apropriadamente.

Teríamos coroado esses objetivos obstinadamente perseguidos, embora as deficiências e antagonismos normalmente existentes?

Chefes superiores, entre outros, da estirpe dos Marecrais FRANCISCO DAMASCENO FERREIRA PORTUGAL, HUMBERTO DE ALENCAR CASTELO BRANCO, de inesquecível e saudosa memória, e DÉCIO PALMEIRA DE ESCOBAR, nosso último Chefe no augusto Estado Maior do Exér. B., disseram documentadamente SIM, para nossa suprema honra, plena tranqüilidade e paz de espírito, permitindo a convicção de que não vivemos inutilmente.

E, com a graça de DEUS, cremos que o confirmarão, como têm manifestado os que alegremente nos encontram e abraçam efusivamente, todos os nossos ex-comandados distantes do nosso convívio, e, ora instruem, asseguram a lei, a ordem e a tranquilidade nas casernas dos grandes centros ou das fronteiras distantes; ora desbravam a fabulosa Amazônia, constroem portos e vias de comunicação, saneiam e embelezam cidades; cu planejam e executam nas funções de Secretários de Estado ou de dirigentes de grandes empresas; ou pontificam nas cátedras, aplicam a justiça nos tribunais, legislam nas ASSEMBLEIAS e CÂMARAS, ampliam a produtividade da terra nos campos, amenizam as dores e sofrimentos nos consultórios e nos hospitais; em suma, cremos no severo veredicto de todos os nossos queridos ex-comandos que mourejam nas especialidades preferidas, empolgam e manejam, com segurança, a apropriada ferramenta que promove o desenvolvimento, o progresso, a paz social, o almejado maior bem-estar do nosso amado Brasil.

E nos julgamos pródiga e nababescamente recompensado, notadamente pela demonstração de amizade e distinta consideração que nos trazem o rejuvenescimento.

Senhores Vereadores
Distintas Senhoras e Senhoritas
Diletos companheiros e velhos amigos

Irmanando integralmente o fanático amor que dedicamos ao querido CRATO do nosso nascimento ao da querida FORTALEZA da nossa adoção, que vimos crescer, prosperar e nos acolhe oficialmente como seu CIDADÃO, reafirmamos a nossa imperecível gratidão aos componentes dos PODERES LEGISLATIVO E EXECUTIVO desta decantada bela Capital, em particular ao ex-aluno N.º 496 do Colégio Militar do Ceará — Antônio Costa Filho — e, paralelamente, pedimos a DEUS que credite a todos indistintamente, aquilo que imploramos durante toda a nossa vida pública totalmente dedicada ao Brasil, neste ou noutros Estados da Federação, no Exército ativo e como possível na sua Reserva: *o incomparável dom de fazer muito bem tudo o que se deve fazer pela e para a comunidade a que pertencemos.*

Empenhai toda a vossa capacidade física, intelectual, moral e cívica, no sentido de impulsionar vigorosamente para a frente e para cima, agora e sempre, o Município de Fortaleza, o Estado do Ceará, o amado Brasil, Custe o que custar!

Caríssimos amigos.

Gratíssimo a todos que vieram abrilhantar esta dignificante homenagem, que transferimos, humilde e simbolicamente, da pessoa especificamente, para a imagem do oficial superior do democrático Exército Brasileiro, que tudo envidou, tudo deu de si vigorosa e honestamente, com a indispensável e eficiente cooperação dos seus leais, compreensivos e sempre queridos auxiliares, para conseguir a integral formação intelectual, moral e cívica de ótimos filhos, afetivos e leais amigos, e excelentes brasileiros, evidente e plenamente úteis à família, à sociedade e à Pátria.

DEUS os recompense!

Fortaleza, Fevereiro de 1973.

GEN. RAIMUNDO TELES PINHEIRO

Encantos da Vida Bucólica

Ouvia falar no sítio Grangeiro do Jeli Brito mas nunca o havia conhecido. Hoje pertence ao Walter Peixoto e seus familiares. Estes cederam a meu genro, Jósio de Alencar Araripe que, pela segunda vês, passa férias, nêsse edem que as crianças adoram e os adultos também.

Minhas férias escolares eram passadas no Lameiro, na velha propriedade que era dos avós paternos. Apenas, um sítio de fruteiras. Meu pai reconstruiu casinha ao lado da casa grande que já não existe e edificou capelinha, consagrada à Sagrada Família. Hoje, pertence à outras pessoas.

Nunca me esquecerei de uma missa de Natal, à meia noite. Meu filho Cauby, dono de bela voz, fez o solo de "Noite Feliz" e, todos nós entoamos o côro.

De lá, tenho gratas recordações. Meus filhos ainda passaram férias, naquele ambiente familiar. Essa etapa da vida terminou. Os mais velhos, já se foram. Os dois filhos, casados. Outras famílias. Eneida, no Crato, Cauby, casado no Recife, residindo na Paulicéia, ainda pretendendo voltar para o Nordeste, farto da vida trepidante, da maior cidade da América do Sul.

Esse paraíso que é o Grangeiro, o silêncio e calma da natureza e das coisas, trazem à imaginação, a saudade do que vai longe. O canto dos pássaros, a imponência dos pavões, a transitarem pelo pátio do casarão de escadaria e longo passeio, o grasnar dos gansos agressivos e ainda, o coachar das rãs, à noite, prenúncio de chuvas, os capotes com seu "tô-fraco", a anunciar o amanhecer, são encantos desses arredores do Crato.

Não tenho a pretensão de descrever êsses pés de serra do Araripe, mesmo que fosse poetisa. Falar apenas, do bem estar que a gente sente, do ar puro que se respira, do banho de bica, da paz que nos envolve, da doce melancolia do crepúsculo e, da alegria das manhãs de sol, depois de noite chuvosa de tempestade, já é o máximo!

Meu esposo e eu aproveitamos também com os filhos e netos, alguns dias de descanso. São uma trégua em sua vida de intelectual, um pouco exagerado, em ler e escrever, em demasia. Até daqui, vão saindo crônicas e artigos, apesar de seu médico, Dr. Raimundo Bezerra, recomendar-lhe, um pouco de tranquilidade e socêgo, fóra do Crato.

Mas isto está na massa do sangue.

É como um vício, benéfico para alguns, mas para êle, de nenhum interesse pessoal. Tem, em toda a sua vida servido mais ao próximo, do que a si mesmo.

Muitas campanhas, polêmicas, até com cientistas, saindo vitorioso. Pelo bem da terra e de seu povo é que tem afrontado hostilidades. Para êle, nunca pretendeu nada.

É êsse Crato e o Cariri que o prendem e o facinam.

Daqui do Grangeiro, olhando a serra azul mais longe, o vale imenso, super povoado, cidades, de dia enfeitando a paisagem, à noite pontilhando de luz o horizonte; os canaviais, os leques dos coqueiros, as setas das macaubeiras, apontando para o céu, levadas a correr, vindas diretas dos mananciais do Araripe e, atrás da casa, a muralha verde da chapada, para os que, por aqui nascem e se criam, faz-nos compre-

Trovas

ILDEBRANDO SISNANDO

Que nome devemos dar
a essa coisa esquisita,
que mulher nova e bonita
faz nosso peito abrigar ?

A semente de afeição,
que num beijo ela ofertou,
nasceu bem no coração,
mas o ciúme crestou.

Aquêlê teu Até breve,
que me dissestes à partida,
nunca pensei nem de leve
ouvir o resto da vida.

Muitas vêzes um sorriso
equivale a saudação,
e nem se torna preciso
um gesto aperto de mão.

Loucura de carnaval
é coisa que contagia.
Nesse alegre festival
brinca até cego sem guia.

O sono à noite perdi
no dia em que te encontrei.
Se um beijo teu recebi,
sem o coração fique.

Tu és filha de um sorriso
nascido no coração.
Viverá no paraíso
quem merecer tua mão.

ender o apêgo à terra.

É por tudo isso, o desejo de engrandecimento do Cariri, da melhora da população pobre que vive a mourejar em solo fértil e rico.

Dias virão, tenho certeza, que a administração do município, em boa hora escolhida, com o apóio dos governos, chegará a dar prosperidade e condições de vida, aos que podem e desejam trabalhar.

Sítio Grangeiro, janeiro de 1973.

Escuta o que vou dizer
a ti com quem vou casar :
— Nunca julgues merecer
mais do que te possa eu dar.

Eu te comparo à roseira
que passa o ano florida.
Tu sorris a vida inteira,
roseira da minha vida.

Quando o beijo é de amor
mas por Deus é permitido,
nunca tem tanto sabor
quanto o beijo proibido.

Se encontras mulher bonita,
tu bates mais apressado.
Coração, não faças fita,
já vejo a morte ao teu lado.

Os beijos de minha neta
vão direto ao coração.
De mim fizeram poeta,
trazem grande inspiração.

Eu vi Amália na igreja
muito contrita a rezar.
A Santa que se festeja
devia dar-lhe o lugar.

Há no céu tanta beleza
quando o sol surge ao nascente,
que parece a Natureza
alegre sorrindo à gente.

Para o bravo jangadeiro,
só acho comparação,
no destemido vaqueiro
do meu amado sertão.

Nos jovens, as emoções,
que denuncia o rubor,
são os primeiros clarões
duma alvorada de amor.

No meu sertão não choveu,
a sêca tudo arrasou,
até jumento morreu,
nem urubu escapou.

O beijo foi inventado
em um momento feliz.
Eloquente e reservado,
tudo cala e tudo diz.

BOTICA, CARTÓRIO E BODE — Eis a chave da carreira de Raimundo Nonato: a fidelidade ao ambiente. Não quer dominar o mundo. E por isso é dono do seu espaço: o R. G. do Norte. Como o sente e como sabe interpretá-lo bem! Sem fumaças de sociologia, e trazendo subsídio sociológico. Sem mania de erudição, e ensinando tanta coisa a gente. Sem “castigar o estilo” e a comunicação fazendo-se limpa, direta, sem afetação.

Foi assim em *Lampião*, em *Mossoró*, e em *Memórias de um Retirante*. É assim, talvez mais ainda, em *Figuras e Tradições do Nordeste* que integra a “Coleção Mossoroense”.

Na aparência, é um conjunto de crônicas de unidade temática. Ligam-se todas, de uma forma ou de outra, a fatos ou pessoas da área nonatiana. Por isso mesmo, e sem prejuízo da fatura e demais características do gênero, retêm, em muitos aspectos, o histórico-social.

Esse entrelaçamento, longe do híbrido, consegue equilíbrio e autenticidade, com um duplo rendimento: o literário e o informativo. É um informativo de primeira mão, decorrente das coletas e observações pessoais do autor, que assume com os leitores o compromisso de ampliar a narrativa de *O Banco da Botica*, ponto de rodizio dos influentes na vida municipal para conversas sobre política partidária e familiar; e, em correlação, sobre a figura humana e profissional do farmacêutico prático, que nenhumserviço de fiscalização da medicina conseguiu, até hoje, afastar de clínica, da pequena cirurgia e das terapêuticas. Algumas e exigir boa saúde do doente para que ele resista. Caso do purgante de jalapa com os seus coadjuvantes: melas, ouvido entupido de algodão, silêncio e quarto escuro.

Excluídas as referências de circunstâncias, existe a respeito um bom livro de memórias *Meu Mundo é Uma Farmácia*, de J. de Figueiredo Filho, do Crato. Raimundo Nonato trás ao assunto uma contribuição viva e cheia de interesse afirmando em páginas da categoria de “O Cartório de seu Bidas”, “O bode do Prefeito” e “A Charanga e a Fenix”.

Crato, 22 de Junho de 1972

Ilmo. Sr.

DURVAL AYRES

Fortaleza - Ceará.

Ilustre Senhor:

O Instituto Cultural do Cariri sente-se honrado em participar a V. S. que em sessão ordinária do dia 17 de fluente, foi proposto, pelo nosso Secretário Geral, J. Lindemberg de Aquino, um voto de louvor, em ata dos nossos trabalhos, a V. S., por motivo de sua recente eleição e posse na Academia Cearense de Letras.

A sua assunção á Casa da Cultu-

ra Cearense representa a cristalização pura e simples do desenvolvimento mental e intelectual dos caririenses, cuja família tem na sua pessoa um dos mais legítimos representantes. É prova de reconhecimento do seu valor e honra, sobremodos, a nossa Região.

Referido voto de louvor, como não poderia deixar de ser, foi aprovado por unanimidade dos nossos consócios.

Atenciosamente,

José Alves de Figueiredo Filho
Presidente

ESCRAVATURA NO CEARÁ

A percentagem de sangue negro no cearense não atinge a 10%. É quase a mesma da zona canavieira cariense, que fica ao sul do Estado, nos limites com Pernambuco. O Cariri não teve a riqueza das regiões produtoras de açúcar do litoral nordestino. Sua produção não passava da rapadura, ou de aguardente. Sua economia não permitia a importação de escravos, que virham só como trabalhadores de engenhos, especializados.

A abolição da escravatura, quatro anos antes do país, a 25 de Março de 1884, é às vezes menosprezada por historiadores apressados. Numericamente, eram diminutos os cativos, na província. A criação de gado, riqueza da terra, não exigia trabalhadores que não fossem livres. O próprio dono da fazenda e filhos transformaram-se em vaqueiros,

campeadores. O algodão sempre foi plantado pelo trabalho alugado. Quando da guerra de Secessão, nos Estados Unidos, e a produção cearense aumentou, nenhum escravo foi, porém, importado. Melhorou então a diária do trabalhador dos algodoads.

Na terrível sêca de 1877 a 1878, dizimando o rebanho sertanejo e desarticulando a vida, em todo o Nordeste, o escravo tornou-se desnecessário, ou mesmo peso morto.

Mascates, notadamente de procedência italiana, intronavam-se, pelo interior, faziam barganha de mercaderia com o cativo que sobrava, encaminhando-o às lavouras cafeeiras do Sul. Apesar da proibição do tráfego marítimo, apareceu a cabotagem de escravos, adquiridos por pouco mais ou nada, nas fazendas atingidas pela calamidade climática.

A PALMEIRA

DANDINHA VILAR

GENTIL PALMEIRA, LINDA, FARFALHANTE,
COM AS TRANÇAS SOLTAS BALANÇANDO AO VENTO,
AIROSA, ESBELTA, ALTIVA E ELEGANTE,
COMO QUEM QUER GALGAR O FIRMAMENTO;

NÃO SE INTIMIDA AO SOL TÃO CAUSTICANTE
NEM SE ACOVARDA AOS FRIOS DO RELENTO.
GARBOSA E BELA, IMPAVIDA, ARROGANTE,
SIMBOLIZANDO A PAZ DO ENCANTAMENTO;

COM PORTE SENHORIL, TÃO SEDUTORA.
DE RAINHA Á PERFEITA SEMELHANÇA,
IMPEROSA, IMPONENTE, SONHADORA...

DA BELEZA — ÉS FELIZ REALIDADE;
DE QUEM CHEGA — A VISÃO DE UMA ESPERANÇA
E DE QUEM PASSA — UM MARCO DE SAUDADE.

Pelo dismantelo da economia, a situação perdurou depois da estiagem prolongada.

O heroísmo dos abolicionistas de Fortaleza foi justamente, em proibir êsse tráfico ilegal, sustentando a luta tenaz contra a polícia e a prepotencia do momento. Simples jagadeiro — Nascimento, deu o grito de guerra — **AQUI NÃO SE EM-BARCAM MAIS ESCRAVOS**. E não houve mais qualquer embarque de mercadoria humana.

A luta tornou-se épica, encabeçada pelas sociedades abolicionistas, impressionando anti escravagistas, do quilate de José do Patrocínio e Joaquim Nabuco. A Província modesta do Nordeste abriu caminhos. Cearenses, com atuação em Mossoró e no Amazonas, seguiram-lhe a mesma rota luminosa.

Os antropólogos de hoje censuram Rui Barbosa, padrão da inteligência nacional, conhecido em todos os recantos deste nosso Brasil, pelo fato de, no princípio da República, mandar destruir o arquivo da escravatura. Justificou o ato para que não ficasse aquela mancha a denegrir nossa civilização. Naqueles papéis estavam as origens das diversas raças africanas, que foram importadas para a nossa economia.

Podemos ver documentos em cartórios, mas sem especificação da origem étnica de cada peça, como chamavam.

O Exmo. Sr. Juiz — Dr. Leônidas Ferreira de Sousa, gentilmente, offerrou-me documento da venda de escravo, da comarca de Cascavel, Ce. Foi passado em 1875, a 7 de Julho, antes da célebre sêca de 1877, quando a província estava, mais ou menos próspera. O escravo, menor, com 12 anos de idade, foi adquirido de Sousa, na vizinha Paraíba, ao preço exorbitante para a época de hum conto de réis. Sacerdote o comprou. Naquele tempo se adquiria um boi manteúdo por dez mil réis. Não

podemos estabelecer o equivalente em cruzeiros, agora, dada a desvalorização da moeda.

Tomemos conhecimento da CERTIDÃO, do Cartório de Emiliano de Paula Moreira, da cidade de Cascavel, Ceará :

“Certifico a requerimento verbal da parte interessada, que às folhas quatro a cinco, do livro em que se encontram lavradas as escrituras de ESCRAVOS, em meu poder e Cartório consta o de teor seguinte : Escritura Pública da venda do escravo José que ao Padre Luís Barbosa Moreira faz Isaac Vieira Lima. Saibam quantos público instrumento de escritura pública da venda virem que sendo no ano de Nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de mil oitocentos setenta e cinco aos sete dias do mês de Julho do dito ano nesta Vila de Cascavel da Comarca de Aquiraz em meu Cartório onde me achava eu tabelião abaixo nomeado por me ser distribuida esta escritura, aí compareceram presentes partes havidas, e contratadas como vendedor Isaac Vieira Lima e como comprador o Padre Luís Barbosa Moreira moradores este na Pitombeira deste termo e aquêle morador na cidade de Sousa da Paraíba do Norte desta província e conhecidos de mim tabelião pelos próprios de que dou fé. E pelo mesmo vendedor me foi dito em presença das duas testemunhas abaixo nomeadas e assinadas, que êle é senhor e possuidor de um escravo de nome José, de côr parda natural da Paraíba do Norte o qual se acha matriculado no Município da cidade de Sousa daquela província com os números trezentos e vinte da matrícula geral e sessenta e nove da relação apresentada; e porque o possui livre e desembaraçado de qualquer embargo, penhora, ou hipoteca e todos os seus achaques novos e velhos, vende como de fato vendido tem de hoje para sem-

pre por meio desta ao comprador Pe. Luís Barbosa Moreira pelo preço e quantia de hum conto de réis e que logo lhe foi entregue pelo dito comprador em moeda corrente, ceste império, pelo que lhe dava plena e geral quitação de pago e satisfeito, para mais em tempo algum lhe não ser pedida por si e nem pelos seus herdeiros; e que toda posse, domínio e senhorio que no dito escravo tem tido, todo cede e transpassa para a pessoa do comprador que gozará como seu que fica sendo por bem desta. E pelo comprador foi dito que aceitava esta escritura de venda a êle feita e desde já se dava por empossado do referido escravo José. Pagou o comprador de selo proporcional a quantia de um mil réis e mais o imposto de siza na Coletoria desta Vila como do conhecimento infra transcrito. Número quatrocentos e cinquenta e cinco. Coletoria das Rendas Provinciais de Cascavel. Exercício de mil oitocentos setenta e cinco. A folha dois, verso do livro número oito de receita fica lançado a quantia de trinta mil réis que pagou o Reverendo Senhor Luís Barbosa Moreira proveniente do imposto correspondente ao escravo José por ser solteiro de doze anos de idade natural de Paraíba do Norte sem ofício que se acha matriculado na Paraíba do Norte com os números trezentos e vinte da matrícula e um de ordem na relação, que comprou a Isaac Vieira Lima por um conto de réis trinta mil réis. Em seis de Julho de mil e oitocentos e setenta e cinco. O Escrivão Joaquim Libânio Ferreira. O Coletor José Irineu de Araújo. E, assim me pediram lhes fizesse este instrumento que depois de lhes ser lido e achar conforme reciprocamente o outorgarão, a aceitarão e assinarão, e eu tabelião público a aceitei e assinei com as testemunhas presentes Amâncio José Pereira e Manuel Felício de

Oliveira que tudo presenciaram e esta me ouviram ler. Eu Joaquim Gomes da Silva segundo tabelião público que a escrevi e assinei em público e razo do que uso. Em testemunho da verdade (J. G. S.) O 2.º Tabelião Público Joaquim Gomes da Silva. (aa) Isaac Vieira Lima. Padre Luís Barbosa Moreira. Tests. Manuel Felício Oliveira. Amâncio José Pereira. Está conforme o original ao qual me reporto e dou fé. (a) Emílio de Paula Nogueira, Tabelião e Oficial de Registro de Imóveis em Cascavel, Ceará.

Cascavel! é cidade próspera. Tem a singularidade de ter topônimo que lembra das mais terríveis cobras venenosas do sertão. Seu nome primitivo, SÃO BENTO, é o santo protetor contra peçonha de ofídios. Alguém já cogitou em mudar-lhe tal denominação. Mas está por demais arraigado, entre o povo.

O escritor, advogado, poeta cearense — Quintino Cunha, celebre no anedotário nortista, é também autor de poesia que corre mundo, em torno do encontro das águas do Rio Negro com o Solimão. É ela distribuída, em folheto, como brinde pelas casas de negócio de Manaus.

Em certa ocasião em mesa de café, de Fortaleza, com amigos, disse êle, — Minha mulher é uma cobra. Todos ficaram de queixo caído, pois, conheciam a senhora dele como anjo de brandura, tipo da dedicação da dona de casa nordestina.

— Que coisa é esta, Quintino? — foi a pergunta que um da roda lhe fez imediatamente.

— Filha de Cascavel só pode ser uma cobra!

A verdade incontestável é que a Província do Ceará, após luta heróica, libertou os cativos, em 1884, após diversas emancipações de municípios a começar por Acarape, agora Redenção, nove anos após a compra de José, em Cascavel.

Aliança de Ouro S. A.

Indústria e Comércio

MATRIZ: RUA SÃO PEDRO, 379 — FONES: 340 e 539

TELEGRAMA: ALIANÇA — CX. POSTAL, 17

JUAZEIRO DO NORTE — CEARÁ

Distribuidora da:

CIA. SIDERÚRGICA NACIONAL

Chapas pretas e galvanizadas

Distribuidora da:

CIA. GOODYEAR DO BRASIL

Correias Industriais e Mangueiras

AGENTES EXCLUSIVOS OLIVETTI

E mais:

CASA ROSADA

ARMAZÉM FEIJÓ

CASA SAMPAIO: Tecidos e Confecções

Agência Crato:

RUA Dr. JOÃO PESSOA N.º 246

AGENTE EXCLUSIVO OLIVETTI

MATERIAL PARA CONSTRUÇÃO

Engenhos de Rapadura na Região do Cariri Cearense

APRESENTAÇÃO

A primeira idéia de quem inicia um trabalho é de colocar-se adiante do ponto existente sobre o assunto. Ou se penitenciar e reconhecer-se sem novas proposições vanguardistas. Esta atitude evitaria a acumulação caótica e impotente de bilhões de palavras sem motivo oferecidas pelas bibliotecas do mundo.

Sou cearense do Cariri, zona sul do Estado, Lavras da Mangabeira, distante 18 léguas ou 108 quilômetros aproximadamente da cidade polarizadora, Crato. Convivi na sociedade rústica de um engenho de rapadura entre senhores e cablocos — como filho da terra e observador de sua realidade social.

A qualidade da montagem do presente estudo compromete-se com o tempo — sem condições de aprofundamento. Mesmo assim esforço-me por produzir algo original — com idéias pessoais, as vezes exóticas. Falando-me intensa prática, minha forma de expressão torna-se truncada — cheia de vácuos entre frases — o que poderia não ser visto como defeito e sim tentativa de produção antes de um amadurecimento necessário.

Este trabalho não o quero considerar de cunho científico, uma vez que não possuo o treinamento acadêmico amalgamador de prática e teoria acumuladas com estudo sem método. No fundo penso torná-lo mais coerente, mesmo que menos autêntico. Sinto-me um mero documento do Nordeste que conheci, o que me faz querer uma cristalização em palavras.

“Então o alpendre e a bagaceira se transformam em laboratório: pois vistas a esse tempo lento, como se sob um microscópio, e que há na textura das coisas por compactas que sejam elas; laboratório: que parece tornar as coisas mais abertas

as coisas se fazem mais amplas, mas largas, ou mais largamente, e deixam ver os interstícios que a olho nu o olho não sente, para que as entremos por entre, através, do fundo, do centro; laboratório: onde se aprende a aprender as coisas por dentro”. —

— João Cabral de Melo Neto, em “O Alpendre no Canavial”.

Considero o engenho uma expressão artesanal da economia nordestina — comparação rebuscada, com algo de verdadeiro. Tudo no engenho é feito com mão-de-obra do sertão, desde as grossas colunas e fornidas tesouras de estrutura arquitetônica do edifício até as caixas/formas onde será moldada a argilosa e doce substância final do processo produtivo. Há no espaço um grito estrangulado de sangue. Uma segunda realidade física formada com o resultado do homem e do solo em luta pela sobrevivência. O engenho é um ser monstro vivo entre os cablocos transformados em matéria-prima, premiados pelas moendas da

fome e da doerça, e o senhor dono da terra e dos instrumentos, vivendo sonhos burgueses de esperança. Muitos autores descrevem o drama da indústria da rapadura — José Lins do Rego — Josué de Castro — José Américo de Almeida — José de Figueirêdo Filho — todos catalogados ao longo deste trabalho. Um mundo apanhado em relances sociológicos, históricos, econômicos, geográficos, políticos, esperando fornecer algum dado aproveitável.

Conheci outras regiões canavieiras do Nordeste — na Bahia, a zona do Recôncavo, Alagoas e Pernambuco — zona da mata, e posso afirmar ser a zona canavieira do Cariri a mais pobre, raquítica e menos produtiva. Nossos canaviais existem margeando vazantes de rios temporários, formando vertentes de boa imagem a quem as sobrevoa. Há um mito de fertilidade de nosso solo.

Estruturalmente me expressei de forma cinematográfica — não consigo ver o livro sem a utilização das técnicas descobertas pelo cinema — inclusive os títulos terão denominação técnica de partes filmicas — zoom — grande plano etc. Parto agora, com a energia da memória e trechos de livros para a montagem final.

ZOOM — A COLOCAÇÃO PLANETÁRIA — A TESE

“O Cariri é uma região que compreende, in totum ou em parte, os seguintes municípios do extremo sul do Ceará: Crato, Barbalha, Juazeiro do Norte, Missão Velha, Milagres, Mauriti, Brejo Santo, Jardim, Santanópolis, São Pedro, hoje Caririçu, Quixará.

“É assim que o povo caririense entende a região em que mora, sem dar-lhe limites exatos dos rios, relevos geográficos etc.” (1)

No lado cearense da Serra do Araripe situa-se geograficamente o Cariri. Inúmeras povoações — muitas fontes de água — rapadura de coercivo doce — com mercado garantido por toda a região norte do País. Seus engenhos também destilam aguardente, sendo esta o único subproduto a fazer concorrência à rapadura na linha de produção.

Os índios cariris foram os antigos habitantes do solo, tribos radicadas sob o aproveitamento da irrigação das encostas da serra no plantio de alimentos. Em 1953 o Dr. Tomás Pompeu Sobrinho assim se expressou em artigo no jornal “O Povo”, de Fortaleza:

“Ao conjunto desta faixa circunscrita e ao pequeno vale é o que se conhece por Cariri. Abrange vários municípios do Estado, e não tem mais de 7.660 quilômetros quadrados de área, com uma população de 330.000 habitantes, o que dá a densidade geográfica de 43. A parte nuclear, com 4 municípios, mede 2.460 quilômetros quadrados, com a população de 171.000 habitantes, correspondendo à densidade demográfica de 73. Estas cifras dão uma idéia da concentração humana no minúsculo vale de Batateira, a região melhor irrigada do Cariri”.

A evolução populacional da região a estimo na base de 70% com referência aos dados acima — fato sem a devida comprovação, uma vez não possuímos informações das últimas pesquisas.

“Não fica satisfeito o caririense quando alguém o chama de sertanejo, o seu Cariri de sertão. Não toma a palavra sertão em seu sentido mais amplo, na acepção de zona do interior, afastada da faixa lito-

(1) — *Pinheiro, Irineu — O CARIRI.*

rânea. O Cariri, do Ceará, é uma espécie de zona da mata pernambucana, ou dos brejos da Paraíba. É o verdadeiro oásis cearense como muitos o denominam. É uma ilha verdejante cercada da zona cearense criadora. No tempo de estiagem é que o contraste da natureza se torna bem flagrante. Dos pés de serra do Araripe brotam dezenas e dezenas de fontes perenes que derramam a fertilidade na região. As quedas pluviométricas, graças também à proteção carinhosa do Araripe, são das melhores no nordeste. Mas, há zonas de serra e outras mais baixas, sem água regadia, férteis também, mas, que não se prestam à lavoura canavieira. São utilizadas noutras culturas, completando assim a riqueza agrícola da terra". (2).

A importância do Cariri forma-se desde tempos coloniais na exploração da lavoura e beneficiamento da cana-de-açúcar.

PLANO DE CONJUNTO — EVOLUÇÃO HISTÓRICA

Os índios iniciaram o processo produtivo da região com a cultura da mandioca — nativa — depois trabalhada para a extração da farinha. "Foi o cultivo de mandioca pouco tempo depois sobrepujado pela cana-de-açúcar vinda até os Cariris Noyos, das regiões vizinhas ao litoral. Qual a época exata da chegada das primeiras sementes? E de onde vieram a privilegiada região caririense, naquele tempo, quando predominava a civilização do ciclo do couro? De Pernambuco, que nasceu açucareiro desde Duarte Coelho? Do recôncavo baiano? Estava toda a região ainda sob a influência dos Ávila, da Casa da Torre. Ainda hoje muitas famílias caririenses conservam o sobrenome dos troncos baianos que nos colonizaram, nos albores da vida civilizada caririense". (3).

Torna-se desnecessária uma visão nacional da cana — me detendo apenas na região focada, restringindo a partes que considero mais importantes.

A rapadura conserva em si todos os princípios integrais da cana de-açúcar. O mesmo não acontece ao açúcar, devido a processo químico utilizado em sua refinação. Ainda hoje não se fabrica açúcar no Cariri — o que vale dizer que a usina não substituiu o engenho no beneficiamento da cana.

"A usina não medrou em terras caririenses. Diversas causas impediram-na de vencer. Foi comprada em segunda mão e sua produção nunca foi compensadora. Iniciou-se logo com a grande seca de 1932, com a produção de cana diminuída e a rapadura com aumento exagerado de preço. Não quis o lavrador submeter-se a contratos de usineiros. Foi um bem a usina, aos moldes pernambucanos, não prosperar. O Cariri é a região de pequenas propriedades e a cana-de-açúcar não suplantou a policultura. A energia de Paulo Afonso está preste a chegar no Vale. A usina tem que surgir também, mas, que nos venha para melhorar o nível de vida dos pequenos lavradores e dos trabalhadores rurais e não unicamente para destruir o engenho de rapadura, sem nada de bom e de duradouro deixar na terra". (4).

(2) — *Figueirêdo Filho, José de* — ENGENHOS DE RAPADURA DO CARIRI.

(3) — *Idem, IDEM.*

(4) — *Idem, IDEM.*

Muitos empreendedores tentaram enfrentar essa conjuntura de 1958 cheia de vícios econômicos — somente com sermões e agrupamentos passageiros não se organizou até o presente a usina caririense.

PLANO MÉDIO — HOMEM E SOLO — VISÃO ATUAL

Inúmeros pesquisadores se detiveram nos tipos humanos do nordeste açucareiro. Seres subnutridos — afastados do fluxo evolutivo das cidades — injustiçados — eternos presos ao feudo dos engenhos na época da moagem, onde sua mão-de-obra é adquirida por preço absurdo. Em um engenho de Barbalha, constatei há um ano o pagamento de diária no valor de Cr\$1,00, na moeda do presente. Isto para compensar um regime de trabalho iniciado 1 hora da madrugada e terminado às 19. A distribuição de tarefas baseando-se na competência de cada elemento — computando-se principalmente a força física e o destemor ao perigo — desde metedores de fogo na boca da fornalha sob uma temperatura média de 50 a 60 graus centígrados — até cambiteiros lidando cada com 5 burros de carga valentes e indóceis — todos sob a observação incansável de feitores melhores pagos.

A massa habitadora da região caririense realimenta continuamente o braço na produção. Não seria por falta de homens que o engenho sofreria crise na sua continuação. Mesmo sob as agruras do tacão patronal, com ordenados de subnutrição, homens feitos se sujeitam passivamente às exigências. Tipo humano conformado — como diz o poeta violeiro de cordel.

“Senhores de engenho são absolutos em suas terras; aplicam justiça, distribuem direitos, gozam de privilégios perante os maiores. Em torno de suas pessoas, tendo o engenho como ponto de referência ou de reunião, gravitou a política brasileira do Império, como havia gravitado, muito embora sob o domínio da metrópole lusitana, no período colonial. A política rural, nascida desde os primeiros dias do Brasil, veio crescendo e dominou durante o Império; esse domínio se fez, a princípio, através do açúcar e das fazendas de café; dos senhores de engenho do nordeste e dos fazendeiros do vale do Paraíba”. (5).

“Possui o misero caboclo em seu mocambo, apenas o banco tosco na sala, jirau na cozinha, e uma cama de vara na camarinha, que é a parte mais escura da casa. Sua alimentação assombraria qualquer especialista em dietética dos Estados Unidos e da Europa. Consiste em feijão-de-corda, farinha de mandioca, rapadura e, raramente, um pedaço de carne para tempêro da feijoada”. (6).

A saúde física do nordestino da região dos engenhos desce aos mais baixos índices na escala de saneamento — grassam epidemias — moléstias fixas — fome, e surgem gritantes dizimações. São os principais inimigos do progresso no Cariri — fome — doença.

Sob os elementos vistos acima — Crato e Juazeiro do Norte — como os principais centros populacionais — passam a servir de palco aos acontecimentos históricos, políticos e ideológicos.

(5) — *Diégues Junior, Manoel* — *ENGENHO DE AÇUCAR NO NORDESTE.*

(6) — *Figueirêdo Filho, José de* — *ENGENHOS DE RAPADURA DO CARIRI.*

Apesar de despreparado totalmente — o cariense esboça alguma reação ao estado geral de suas existências. Muitos exemplos de bandoleiros das estradas — praticando justiça com os meios pessoais — são cantados em lendas nas feiras do nordeste. Famílias emigrando para Canudos — se unem a Antônio Conselheiro — depois ao Padre Cícero no Juazeiro, e, finalmente, como último suspiro — ao Beato José Lourenço — no Caldeirão, onde foram esmagados por forças governamentais. Inda hoje se sente no espaço os fantasmas dos cangaceiros — como vislumbre de salvação aos famintos.

“Vários fatores concorriam para esses surtos de revolucionários, entre outros, um relativo adensamento de população formada por emigrantes que nos anos de seca acorriam para o vale, proveniente das províncias vizinhas; sua mais íntima relação econômica com Pernambuco, o centro mais desenvolvido de todo o Nordeste e cujos movimentos insurreccionais se refletiam mais ou menos acentuadamente na região; um relativo progresso econômico do próprio Cariri, que já nos fins do século XVIII contava acerca de 90 engenhos de açúcar e, causa não desprezível, a influência de padres católicos, como Alencar, imbuídos das idéias da Revolução Francesa, que então se propagavam pelas principais cidades do Brasil”. (7).

“Nos começos do século XX, coincidindo precisamente com a concentração de sertanejos pobres em torno do Padre Cícero, assiste-se a uma verdadeira guerra civil localizada, que se propaga a todo o Cariri. Juntem-se a isto os conflitos permanentes por demarcação de terras, a tenebrosa exploração do trabalhador do eito, as incursões de grupos de cangaceiros contra propriedades, vilas e mesmo cidades, e teremos as linhas gerais de um panorama do Cariri entre a última década do século XIX e as três primeiras décadas do século XX”. (8).

O cabloco posto em seu estado natural — o localizamos em sua sociedade — lutando para safar-se da secular condenação ao trabalho forçado nos canaviais. As lutas referidas forneceram prática guerreira — o que seria uma hipótese de futura explosão social no nordeste — não vindo ocorrer por ausência de liderança orientadas e sem preparo político adequado. As forças revolucionárias nascentes se esvaíram em fanatismo ou levantes isolados — até em serviço indireto ao grupo dominante — se montado em torno do senhor do engenho tropas de choque para a proteção da casa grande.

Com o Cariri sob o reino de um determinismo histórico inalienável, captemos estas descrições de marasmo :

“O tempo de moagem é aguardado por patrões e moradores, como o acontecimento principal da vida rural cariense. O agregado tem trabalho certo e a família melhora de alimentação, com o acréscimo da ração de guloseimas do engenho. Mel, rapadura quente, alfenim, cana e garapa, quase que à vontade do corpo. O porco do chiqueiro do pobre tem também direito à baba de rapadura que quase fica exposta ao consumo de todos os bichos da redondeza”. (9).

(7) — *Facó, Rui* — CANGACEIROS E FANÁTICOS

(8) — *Idem, IDEM.*

(9) — *Figueirêdo Filho, José de* — ENGENHOS DE RAPADURA DO CARIRI.

O elevado grau de dependência do caboclo ao patrão pode ser resumido nas palavras seguintes, apresentadas para enfeixar este pleno médio da sociedade na zona açucareira do Cariri :

“O morador do Cariri tem obrigações com o senhor do engenho. Tem que trabalhar na moagem, na época das plantações, limpas, e atender sempre às necessidades do patrão. Só aluga seus braços a outrem, quando há escassez de trabalho no sítio onde mora. Seu salário oscila com o bom ou mau tempo. Se é ano de inverno, o braço fica mais raro e a paga é mais avultada. Se a seca acomete o Cariri ou a zona sertaneja, há verdadeira avalanche de trabalhadores de aluguel e o preço da diária, mesmo do morador, baixa também, em face da concorrência exagerada. A norma é adaptar-se mesmo, mais ou menos, ao salário mínimo oficial”. (10).

GRANDE PLANO — ANÁLISE DOS FATORES COMPONENTES — ANTÍTESE

“Quem quer que reduza à mesma lei a economia política da Terra do Fogo e a da Inglaterra moderna não pode produzir outra coisa senão os mais vulgares lugares comuns” — Engels.

O engenho é a empresa principal do Cariri, de natureza puramente agrícola, sobrevivendo alimentada pelos lucros e empréstimos de uma política estatal dirigida.

Os bens instrumentais utilizados na industrialização da cana são pitorescos em sua aparência técnica — de apurado feitio e acabamento instruído pela experiência do passado — sendo muitos forjados nos próprios sítios — utilizando madeira de lei local e mão-de-obra de ferreiros e mestres de redondeza.

O plantio da cana é efetuado na época invernososa — cavando-se coças por processos de uso tradicional — em forma de caixão ou de valados. A semente é adquirida dos sítios próximos e postas ao solo para uma germinação de caulo que produzirá por quatro ou cinco anos.

O corte da cana é feito utilizando-se de facão retangular com corte funcional na parte superior — denominado rabo-de-galo. Os feixes atados com folhas verdes do caule, isentos de palhas secas, são lançados por cambiteiros aos costados de burros que partem velozes. No engenho reserva-se espaço para o depósito das cargas, donde são retiradas pelo metedor de cana para socagem às moendas. Inicia-se então o processo dinâmico extrativo.

O fogo é a fonte energética do engenho — alimentando a máquina a vapor e as caldeiras — onde se cozinha a garapa a tornando mel em ponto de coagulação. A máquina a vapor é a força motriz do sistema de carretas e polias — conectadas às moendas — com o fim único de quebrar a cana — como se denomina no engenho a pressão imposta ao longo dos caules. A garapa retirada nessa fase desliza por curva de nível a um tanque — ou paiol — em ponto intermediário entre as engrenagens mecânicas e a fornalha — sendo que esta se encontra sempre em ponto inferior ao nível das moendas, facilitando assim o transcurso do suco sem necessidade de força impulsora.

Nossa referência a máquina a vapor como a força motora do en-

genho se deve ao fato de ser este o sistema encontradiço comumente na região do Cariri, que vive épocas remotas nas suas instrumentações fabris — principalmente na zona agrícola. Mesmo assim muitos empresários já adquirem motores a óleo diesel — sem levar em conta o alto custo de manutenção e posterior majoração no custo da produção.

As partes do engenho são o motor e a fornalha. Partes extrativa e de beneficiamento.

A fornalha compõe-se de caldeiras, tacho e gamelas. Sob as caldeiras e o tacho arde o combustível usado para o fornecimento do calor suficiente para cozinhar a garapa. Observamos tratar-se o combustível referido de bagaço da própria cana, saído das moendas, posto para secar na bagaceira e transportado em couro curtido arrastado por bois amestrados. Cada caldeira corresponde a um estágio no grau de cocção de garapa, existindo, para avaliação, dois operários com passadeiras ou colheres/gigantes transportando continuamente de uma caldeira à seguinte o líquido em evolução. O ponto final da linha das caldeiras é o tacho — peça de cobre e bronze — onde o mel adquire a consistência suficiente — segundo o olho clínico do mestre da rapadura. É então despejado nas gamelas — tanques rasos de madeira — em forma de círculo — para o caixejamento, encerrando-se o processo de beneficiamento.

Sobre as mutações sofridas pela cana no engenho, observamos o que se segue :

“O metedor de cana é trabalhador discreto. Fala menos e raramente abre a boca para entoar uma cantiga ou para assobiar uma canção, cuja música aprendera nos amplificadores da cidade. Mete as mãos na moenda. Tem de ser vigilante. Qualquer descuido pode sair-lhe muito caro. Mete as mãos na moenda ou a carrêta o arrasta pela roupa. Com o engenho a motor as coisas ficaram perigosas. Não raramente, podemos ver na feira, caboclos com um dos braços decepados, em consequência de acidentes nas moendas. Outro novo funcionário do engenho é o mecânico do motor. A gente da casa, o caboclo analfabeto, também aprende a lidar com máquinas. Seu aprendizado é rápido, bem demonstrando a capacidade e inteligência do nosso povo. Com poucas lições, sabe lutar com engrenagens mecânicas e complicadas, feitas na América, na Europa e mesmo pela capacidade extraordinária de Antônio Linard que tem fábrica de ótimos motores e de engenhos, em plena zona caririense, em Missão Velha.

“O trabalhador mais compeetrado do engenho é o mestre da rapadura. Há deles, afamadíssimos. Fora do Cariri, não é ninguém que possa igualá-lo na arte de cozinhar e de dar essa consistência fixa à rapadura caririense. Vive olhando caldeiras e tachos com a pasadeira na mão. De vez em quando, um grito ao metedor de cana para regular direito a fornalha. Se o mel “chichilar”, a rapadura fica encerrada e perde o valor”. (11).

O capital fiduciário na região do Cariri tradicionaliza-se em mão de poucos, fortunas hereditárias com solos férteis mas cansados pela monocultura e falta de repouso. Não se compensa o uso abusivo das terras. A própria irrigação das encostas da serra do Araripe se encarrega, nas épocas invernosas, do fornecimento de matérias orgânicas para a substância da cultura repetida a mais de dois séculos.

(11) — *Idem, IDEM.*

O equipamento técnico e insumos utilizados são os mais primitivos. Arados, cultivadores, enxadas, pás, picaretas e adubos animais. Ao efetuar o corte — o agricultor atea fogo ao palhico, aceirando as margens do canavial para evitar propagação de incêndios — elevando-se nos céus o clarão dessa queimada em versão canavieira. Trata-se de processo adubativo — o mais comum em utilização. Nos meses de novembro e dezembro as noites da redondeza avermelham-se pelos fogos de palhico.

A força de trabalho do Cariri a analisamos com estes subsídios seguintes :

“Eram criadores os primeiros coloros do Cariri. Como os bandeirantes de Piratininga, caçadores de ouro e pedras preciosas, também se embrenhavam pelo desconhecido, em busca de novas pastagens para o gado. Notou logo o alienígena a diferença entre esta região e as outras zonas sertanejas circunvizinhas. A água perene de suas fontes foi o primeiro convite ao homem para soltar o laço e agarrar-se à foice e ao cabo da enxada”. (12).

Com enorme facilidade os caboclos mudam de engenho. Muitos chegam a pertencer a 15, até 20 engenhos — levados por desentendimentos, melhores propostas de salário, facilidade de habitação, maior proximidade das zonas urbanas, lutas físicas, crime de morte. Existem exceções — elementos fiéis às famílias dos senhores — vivendo no mesmo sitio ha dezenas de anos — com seus braços sendo transferidos de pai para filho.

A organização social do sitio de cana cristalizou-se de forma medieval, a justiça sendo feita pelos próprios elementos de cada localidade, e, quando necessária ação de maior vulto, se reuniam os principais proprietários para discutir penalidades ou tomada de medidas energicas no combate a ameaças externas. O respeito ao patrão é a única lei do Engenho. A policia da cidade somente penetra no sitio quando solicitada. A justiça pratica-se com surras, chicote e sal, amarrando-se os cabras a mourão para este fim — no centro da bagaceira. Não existem problemas de difficil solução — em se tratando de dúvidas pessoais entre os moradores.

A pirâmide social do engenho possui no ápice a casa grande — chefe, filhos, sobrinhos, parentes sob sua tutela, sempre numerosos, mas com residência fixa na cidade, onde os filhos estudam no período letivo e retornam nas férias; na parte intermediária, feitores, capatazes, mestre de rapadura, mecânico do motor e mestre carpina; e, finalmente, na base, metedor de fogo, de cana, tirador de bagaço, tangedor de boi botador d'água, de lenha, caixeador, alimentador de máquina a vapor, seguidos de outros auxiliares sem funções determinadas.

A violência domina o engenho — pelo elevado grau de incivilidade e rudeza dos participantes do processo produtivo. Observa-se mortes a peixeiradas, a mel fervendo, em lutas corporais muitas vezes encerradas a cacetes a mando do patrão. A faca-peixeira é instrumento constante no cinto de todo caboclo.

O engenho é mantido sob regime de força. O patrão normalmente conhece noções importantes de administração da rapadura, possui rudimentos de contabilidade mercantil e traz consigo experiência fornecida pelos ancestrais. Raramente tenta modificar a ordem técnica existente.

(12) — *Idem, IDEM.*

Se mantém rígido em seus métodos, retirando do engenho, como de uma mina sem final, a sobrevivência de seus familiares — segundo o exemplo do passado. A margem de lucro nunca ultrapasse o previsto — pois o mercado do produto caracteriza-se pelo excesso de oferta e a procura a cada ano diminuindo um pouco mais.

O mercado da rapadura faz-se na cidade mais próxima do engenho, junto a armazéns que a negociam como único objeto de compra e venda. O senhor vende seus produtos a serem recebidos no sítio através de caminhões, carroças de burros, carros de boi ou animais de carga. Normalmente o agricultor é forçado a vender sua produção antes do próximo inverno — pois a umidade das chuvas e outros fatores climáticos veriam acarretar graves danos ao estoque armazenado em depósitos inadequados.

Todas as cidades caririenses possuem feiras semanal — sábado ou domingo — sendo nessa ocasião efetuadas vendas ao povo — pelos armazéns — da rapadura adquirida do produtor. Não trataria esta como única hipótese. A exportação a outros estados — ou mesmo para a zona norte do Ceará — é a outra opção do comerciante intermediário, que fica sempre com o maior rendimento, apesar de elevadas incidências cobradas nas fronteiras dos municípios pelo estado — fator que vem a se refletir diretamente no agricultor da cana.

Foram apresentadas particularidades sobre a produção dos engenhos — onde tentei uma visão crítica e o fornecimento de material para apreciação primária do campo social no Cariri cearense.

SÍNTESE — TENDÊNCIAS — FINAL

“Dos engenhos da minha terra
só os nomes fazem lembrar:
Esperança, Estrela Dalva,
Flor do Bosque e Bom Mirar”. — *Ascenso Ferreira*
em OS ENGENHOS DA MINHA TERRA.

“RAPADURA — Tijolo de açúcar mascavo endurecido e de variadas formas. Sob o ponto de vista nutritivo, a rapadura é bem superior ao açúcar refinado, por sua maior riqueza de princípios minerais, principalmente de ferro”. (13).

O Cariri monta um bolsão no Nordeste econômico. Situa-se entre a seca e as idéias industrializadoras dos polos de desenvolvimento. Assim, a indústria da rapadura vai vivendo os últimos momentos, com sistemas rústicos e seculares de produção. O surto evolutivo trará a usina — os problemas se acumularão pelo lado social para a resolução dos princípios tecnoburocráticos. A força de representação política regional desceu à impotência. Em 1959, um grupo de técnicos da Universidade da Califórnia, liderados pelo Prof. Morris Assimow, trouxe ao Cariri vultosos projetos para a formação de um parque industrial próprio. Fábricas de cerâmica, cimento, de beneficiamento de milho, mandioca — e não se falou em cana-de-açúcar, o produto principal de região. O resultado de tudo isso foi a falência — por falta de base nos elementos locais típicos. Experiência empírica que nos custou a poupança coletiva — total descapitalização da agricultura regional — na aquisição de fábricas

A ESTRADA

DANDINHA VILAR

PARTIMOS. E A ESTRADA NOS CONVIDA
A PERCORRÊ-LA CHEIOS DE ESPERANÇA.
TEMOS EM META A GLORIA APETECIDA
APOIADOS NO AFÃ DE QUEM NÃO CANSA.

LONGA ESTRADA. SEM SOMBRAS, SEM GUARIDA,
CHEIA DE CURVAS, SOL E SEM BONANÇA.
ONDE UM VERDE DE OASIS PELA VIDA
SURGE DE CHÔFRE E O NOSSO OLHAR ALCANÇA.

AQUI E ALI COLHEMOS NA VERDADE
ALEGRIA EM FLOR, PAISAGENS VEMOS
DE ALGO QUE NOS DÁ FELICIDADE.

MAS, CANSADOS, NO FIM, ENTÃO TEREMOS
SOBRE NÓS, A POEIRA DA SAUDADE
E A FADIGA POR TUDO QUE SOFREMOS.

completas dos Estados Unidos, Thecoslováquia e Alemanha Ocidental — hoje penhoradas ao Fanco do Brasil para a cobertura de dívidas monumentais.

* * *

O tema escolhido me daria margem para detalhadas pesquisas — o que fugiria a minha objetivação. De forma superficial circulei por vários tópicos que os considero importantes — não me detenho a rigor em nenhum. Projeto para o futuro um aperfeiçoamento dessa tese.

A síntese nos fornece uma economia de engenhos em decadência no Cariri. Podemos considerar como monumentos funcionando fora do tempo — do seu ciclo histórico ha muito encerrado pela evolução. Mas os fatos nos incitam a ver o caboclo, o senhor do engenho, o edifício, a bagaceira, os primeiros respingos da chuvarada se aproximando — como a nos apontar pontos concretos que necessitam de estudo, de atitudes do próprio homem se conscientizando do seu mundo material. O engenho vive e se mexe.

“— A vossa submissão era filha da ignorância e da miséria. Eu vos dei uma consciência e um braço forte para que pudesseis ser livres.

“Relanceou a vista pela paisagem do trabalho organizado. Só a terra era dócil e fiel. Só ela se afeiçoara ao seu cunho de bem estar e de beleza. Só havia ordem nessa nova face da natureza educada por sua sensibilidade construtiva.

“E recolheu-se com um travo de criador desiludido :

“— Eu criei o meu mundo; mas nem Deus pode fazer o homem a sua imagem e semelhança”... (14).

(14) — Almeida, José Américo de — A BAGACEIRA.

INDUSTRIAS E MASSAS ALIMENTICIAS GESSI

— I M A G —

Esmerada fabricação

dos mais famosos

biscoitos e macarrões

PRODUTOS DE ALTA QUALIDADE

A venda nas

principais mercearias

e super mercados

Rua Santos Dumont, 20/22

FONES 647 E 386

CRATO

CEARÁ

C O D E M A

COMÉRCIO DE MADEIRAS LTDA.

Material de construção:

Ferro

Cimento

Azulejos

PRÉÇOS SEM COMPETIÇÃO

MATRIZ EM CRATO:

Rua Bárbara de Alencar, 661/683

FILIAIS:

Juazeiro do Norte e Iguatu

José de Siqueira Cavalcanti

Nascido em CRATO, Cidade do Sul do Estado do Ceará, Município do Cariri, Região ao sopé da Serra do Araripe, na Divisa com Estado de Pernambuco. Filho de Teófilo de Siqueira Cavalcanti e Maria Luiza Sisnando de Siqueira Cavalcanti. São seus avós paternos o Des. Dr. João de Siqueira Cavalcanti e Maria Joaquina de Albuquerque Arco-Verde Cavalcanti, ambos naturais de Pernambuco, e avós maternos Idelbrando Sisnando Batista e Luiza Sisnando, êstes cratenses.

Recebeu amparo e proteção destacados de seu irmão mais velho e padrinho de batismo, Dr. Elias de Siqueira Cavalcanti que financiou seus estudos, quando cursava o Ginásio de Crato, sua terra Natal, até quando se Bacharelou em Ciências Jurídicas e Sociais, em 1936, com apenas 20 anos d idade, 21 incompletos, devendo a êle, sua nomeação, quase a seguir, para a PROMOTORIA PÚBLICA da grande e próspera Cidade de Itaperuna, onde se casou, em 16 de Setembro de 1937, com Adelina de Azevedo Paiva, hoje ADELINA DE SIQUEIRA CAVALCANTI, filha do Senador e Advogado Manoel de Castro Paiva, de sagrada tradição de saber e honra, como as deixou seu irmão ELIAS e as tem seu irmão Teófilo Artur de Siqueira Cavalcanti Filho, do Tribunal de Justiça Militar e da Faculdade de Direito da Universidade de S. Paulo.

Fez as primeiras letras com a Professora VICENCIA GARRIDO, com Escola no oitão da Catedral de Crato. Depois cursou o Colégio Diocesano de Crato, sob a direção excepcional do Pe. FRANCISCO DE ASSIS PITA, grande educador. Foram seus Professores destacados JOSÉ DE FIGUEIREDO FILHO, Pe. ANTONIO GOMES, seu paraninfo de Ginásio, José Bezerra de Brito. Concluiu o Ginásio em Crato, de onde seguiu para Fortaleza, preparando-se em um Cursinho dirigido pelos Professores JOSÉ TELES DA CRUZ, DJACIR DE MENEZES, etc., submetendo-se a VESTIBULARES, na FACULDADE DE DIREITO DO CEARÁ, sendo aprovado plenamente, para prosseguir seu curso ali, até o 3.º ano inclusive, transferindo-se para o 4.º ano do Curso de Bacharelado, no Estado do Rio, fez estudos de alemão, francês, inglês e latim. Bacharel em 1936, com apenas 20 anos, exerceu o Ministério Público no Estado do Rio, e a seguir passou a exercer a advocacia em S. Paulo, ao lado de seu irmão Dr. ELIAS DE SIQUEIRA CAVALCANTI, prosseguindo em seus estudos no Curso de Doutorado da Faculdade de Direito da Universidade de S. Paulo, que concluiu efetivamente em 23 de Abril de 1953. Há o seguinte destaque a registrar em sua carreira universitária. Dirigiu o programa "DIREITO E JUSTIÇA", da ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS ALUNOS DA FACULDADE DE DIREITO DA UNIVERSIDADE DE S. PAULO, pronunciado ao microfone da RÁDIO RECORD de S. Paulo, ao lado do Dr. Otavio Augusto Machado de Barros ou nos impedimentos deste; fez, uma vez por semana, sobre tema jurídico, o artigo de fundo do "Diário Comércio e Indústria" de S. Paulo; desempenhou por dois anos consecutivos a Vice-Presidência do "INSTITUTO DE DIREITO CIVIL COMPARADO, junto ao CURSO DE DOUTORADO da FACULDADE DE DIREITO DA UNIVERSIDADE DE S. PAULO, sendo Presidente o Emérito Professor Dr. LINO DE MORAIS LEME; pronunciou, a pedido da Sociedade Bra-

sileira de Criminologia e Ciências Penitenciárias, na SALA DO ESTUDANTE DA FACULDADE DE DIREITO, uma CONFERENCIA sob a PRESIDENCIA do Prof. FLAMINIO FAVERO, sob o tema, "FILOSOFIA PENAL", amplamente divulgada; disse, sob o patrocínio da SECRETARIA DE EDUCACÃO E CULTURA, na data da fundação dos CURSOS JURÍDICOS NO BRASIL, uma Conferencia amplamente divulgada; foi apresentado em sua estreia no TRIBUNAL DO JURI, sob a presidencia do Prof. JOSÉ SOARES DE MELLO, pelo grande jurista e Tribuno Dr. IBRAÍM NOBRE; foi patrono de Juizes, Procuradores e promotores de Justiça diversos, em inúmeros pleitos, de Desembargadores e Juizes do Tribunal de Alçada Civil e Criminal; sob contrato firmado com Associação dos Delegados de Polícia do Estado, e ao lado de seu primo Dr. Osorio Pereira Cavalcanti, foi, em certo pleito, patrono de todos os Delegados e Escrivães da Polícia Civil do Estado de S. Paulo; Impetrou MANDATO DE SEGURANÇA em favor de todos os funcionários da Secretaria do Tribunal de Justiça do Estado de S. Paulo; foi advogado da maioria dos funcionários da Junta Comercial do Estado de S. Paulo; funcionou no TRIBUNAL DO JURI DA CAPITAL, sob a Presidencia de PAULO COSTA, depois DESEMBARGADOR; do Prof. JOSÉ SOARES DE MELLO, notável Criminalista, como adversários, no Ministério Público, IBRAIM NOBRE, BARROS PENTEADO, JOAQUIM DA SILVA, VIRGILIO LOPES DA SILVA, depois PROCURADORES GERAES DA JUSTIÇA DO ESTADO, esteve, em dito Tribunal Popular, ao lado de grandes criminalistas locais, como ADRIANO MARREY, DANTE DELMANTO, WALDIR TRANCOSO PERES, AMERICO MARCO ANTONIO, MANOEL PEDRO PIMENTEL (atualmente JUIZ do TRIBUNAL DE ALÇADA DO ESTADO DE S. PAULO); patrocinou com seu irmão Dr. Elias de Siqueira Cavalcanti, diversas demandas na JUSTIÇA MILITAR DO EXÉRCITO, em casos de relativa repercussão, como v. gr. o de FALSIFICAÇÃO DE CERTIFICADOS DE RESERVISTAS, quando funcionava como AUDITOR desta REGIÃO MILITAR o GRANDE TOMAS DE MADUREIRA PARÁ; na JUSTIÇA MILITAR DO ESTADO, defenderam, ele e o indicado irmão, o CRIME PASSIONAL de ALIBRANDO RONCHI, em notável julgamento, apresentando-se como adversário o criminalista, Dr. Antonio de Noronha Miragaia; defendeu com Elias dois casos de real projecção no JURI, a causa de SEVERINO DE SOUZA DO Ó e o DUPLO HOMICIDIO conjugado com TENTATIVA de VIRGILIO SANTANA, muito comentado na imprensa local; o caso de ROBERTO DE LARA CAMPOS, ocorrido dentro do FORO da Pr. CLOVIS BEVILÁQUA, foi amplamente divulgado; também o processo da "FACULDADE DE FARMACIA E ODONTOLOGIA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL", foi defendido por ele e Elias, figurando como Juiz, o depois Des. VASCO JOAQUIM SCHMIDT DE VASCONCELOS, cearense ilustre; em Parecer emitido em uma AÇÃO CRIMINAL da qual foi vítima o BANCO DO PRASIL, o grande criminalista Prof. BASILEU GARCIA, Catedrático da Faculdade de Direito da Universidade de S. Paulo, os honrou com sua concordância ("O BANCO DO BRASIL É ENTE ESTATAL OU PARAESTATAL"?) (transcrito na integra na REVISTA DE DIREITO ADMINISTRATIVO e REVISTA DOS TRIBUNAIS de S. PAULO); influenciaram-no, sobremaneira, no FÓRO de S. Paulo, as figuras dos JUIZES JULIO CESAR DA SILVEIRA, LAUDO DE CAMARGO, WASHINGTON DE OLIVEIRA, RAFAEL DE BARROS MONTEIRO, MARIO GUIMARÃES, EDGARD DE MOURA BITTENCOURT, BRÉNO CARAMURÚ TEIXEIRA, TOMAZ DE

MADUREIRA PARÁ, ADERSON PERDIGÃO NOGUEIRA, JUAREZ MATOS BEZERRA DE MENEZES, SAMUEL FRANCISCO MOURÃO, DARCI DE ARRUDA MIRANDA, MANOEL TOMAZ CARVALHAL, EROTIDES DA SILVA LIMA, do GINÁSIO DE CRATO, é constante a lembrança dos professores Pe. Francisco de Assis Pitta, José de Figueiredo Filho, José Bezerra de Brito, Pe. Emídio Lemos, Pe. Antonio Gomes, da FACULDADE DE DIREITO DO CEARÁ, lembro-me muito de JOSÉ SOMBRA, de GOMES DE MATTOS, LUIZ DE MORAIS CORREA, BENEDITO CARVALHO DOS SANTOS, ANTONIO FURTADO. Foram seus colegas do Ginásio de Crato, os Professores FRANCISCO DE ALCANTARA MARTINS, da FACULDADE DE DIREITO DO CEARÁ. E foi seu colega de turma até o 3.º ano do Curso de Bacharelado, o Prof. Wagner Barreira, por sinal de humor inextinguível. Na Faculdade de Direito da Universidade de S. Paulo, influenciaram muito sobre sua formação intelectual os Professores LINO DE MORAIS LEME, o prof. NOÉ DE AZEVEDO, o Prof. BENEDITO DE SIQUEIRA FERREIRA, o Prof. WALDEMAR FERREIRA, o Prof. Braz de Souza Arruda, o Prof. Miguel Reale (hoje Magnífico REITOR), o Prof. CESARINO JUNIOR, o Prof. VICENTE RAO, o Prof. SAMPAIO DORIA, o Prof. ATALIBA NOGUEIRA, que muito o orientaram na pesquisa jurídica, em todos os sentidos. Fez o Curso de Bacharelado, com média superior a 7. Consta dos termos do CURSO DE DOUTORADO da FACULDADE DE DIREITO DA UNIVERSIDADE DE S. PAULO, que foi aprovado em todas as Cadeiras de Referido Curso, a saber, DIREITO PÚBLICO, "TEORIA GERAL DO ESTADO", grau 9, em 6.3.52; HISTÓRIA DO DIREITO NACIONAL, grau 7, em 19.II.52; DIREITO CIVIL COMPARADO", grau 9, em 21.1.52; CRIMINOLOGIA, grau 8, em 14.1.52; ECONOMIA E LEGISLAÇÃO SOCIAL, grau 9, em 23.12.52; FILOSOFIA DO DIREITO, Apr. grau 8, em 23.IV.53, e, sua tese de DIREITO INTERNACIONAL PÚBLICO foi aprovada com 10 e DISTINÇÃO, em 20 1.53, sendo que lhe foram encomiásticas as referências do insigne Catedrático Prof. BRAZ DE SOUZA ARRUDA, que apenas lhe fez uma única crítica, a de citar autores estrangeiros, pelas iniciais, de modo a ele não poder diferenciar um de outro. Provou, de modo a evidenciar, que nos respectivos países eles assim são citados. Na Cadeira de ECONOMIA E LEGISLAÇÃO SOCIAL, na qual obteve, creio que a maior nota, sua tese sobre "O CONTROLE DO EXERCÍCIO DO DIREITO DE GREVE, PELO ESTADO MEMBRO FEDERADO", o constitucionalista Prof. SAMPAIO DORIA, após o seguir por longo tempo e de formular a devida crítica ao seu trabalho, muito o elevou; em FILOSOFIA DO DIREITO, seu trabalho, poucos meses após, foi readaptado e objeto de uma Conferência, em 11 de Agosto, na SALA DO ESTUDANTE, na FACULDADE DE DIREITO, sob o patrocínio da SOCIEDADE DE CRIMINOLOGIA E CIÊNCIA PENITENCIÁRIA, e publicada na íntegra, em jornais e Revistas da época, outorgando-lhe o Presidente da Sociedade, o Procurador da Justiça Dr. ASTOR GUIMARÃES DIAS, o título de Professor; os Insignes Catedráticos LINO DE MORAES LEME, WALDEMAR FERREIRA, NOÉ DE AZEVEDO, sempre o trataram com a maior distinção, fora das ARCADAS, o mesmo ocorrendo com o Prof. JOSÉ SOARES DE MELLO, que foi Presidente do JURI, nesta CAPITAL, Desembargador, e seu cliente em uma demanda, com seu colega do TRIBUNAL DE JUSTIÇA, BASILEU GARCIA, adversário de lides forenses, como o caso da "GALERIA DE ARTES IV CETENÁRIO", em que defendeu a GALERIA e éle a outra de um QUADRO. Seus trabalhos ju-

ridicos principais estão fielmente registrados na referência que lhe faz "QUEM É QUEM NO BRASIL", Ed. Soc. Br. de Ex. Com. Ltda., Rio, Av. Erasmo Braga, 277, 1951, p. 1355. CAVALCANTI, JOSÉ DE SIQUEIRA. Àqueles acrescentem-se os trabalhos seguintes: "BEM DE FAMILIA", larga pesquisa jurídico filosófica, com aproximadamente 800 páginas, recém concludida e atualizada, que será dada á publicidade ano que vem; é sócio efetivo da ORDEM DOS ADVOGADOS DO ESTADO DE S. PAULO, SECÇÃO DA CAPITAL, desde 1938, INSCRIÇÃO 3.127; dispõe de Escritório de Advocacia, em prédio próprio, á Pr. da Bandeira, 40, 16.º Conjunto "A", Centro, Capital, Tel. 32.84.37, e em seu Bairro, Moema, Av. Sabiá, 797, perto da Pr. Nossa Senhora Aparecida. Pertence á "LIGA DOS ADVOGADOS; á ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS ALUNOS DA FACULDADE DE DIREITO DE S. PAULO; á Sociedade Brasileira de Criminologia e de Ciência Penitenciária; é sócio proprietário do SPORT CLUBE PINHEIROS, "Sócio Proprietário do TOURING CLUBE DO BRASIL; publicou: "O Direito em seus pressupostos éticos e Morais", "Os Graus da Culpa", "O Suicídio como Índice da Intranquilidade Humana", "O contrato Sui Generis do Corretor de Seguros", "Assombrosa Iteração da Personalidade Delinquencial", "O Regime Jurídico da Publicidade Comercial", "A Tacita Recondução e o Princípio da Revisão Imperante nas Locações", "O Contrato Sui Generis do Corretor de Seguros", "O Direito em sua causa e objeto", "Impugnação da Testemunha e Contestação do Testemunho no Crime", "O Direito Intertemporal e a Legislação falimentar", Como executar provisoriamente o despejo?", "Concurso de Avalistas e Avalistas Sucessivos", "Será o Substratum da obrigação", "A ressabida COISA JULGADA", "A garantia de defesa como pressuposto constitucional", "O ilícito sob a égide da lei civil e penal", "Casamento nulo e Inexistente", "As Dioceses como Entes Jurídicos", "Do Enriquecimento sem Causa", "Exame da Causa na Obrigação Cambial", "MANDADO DE SEGURANÇA EM FAVOR DO JUIZ DALMO DO VALLE NOGUEIRA", "MANDADO DE SEGURANÇA EM FAVOR DO JUIZ DE MENORES DE S. PAULO", "MANDADO DE SEGURANÇA CONTRA A MESA DA ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DE S. PAULO", "Razões de defesa de Dr. Clementino de Souza e Castro Junior", FILHOS: Dra. Maria Luiza de Siqueira Cavalcanti, Azevedo, Advogada, casada, com Dr. Francisco de Assis Azevedo, também Advogado, residentes á Rua José de Magalhães, 613, Vila Clementino; e José de Siqueira Cavalcanti Filho, 3.º anista de Direito e Funcionário do Tribunal de Justiça local. São seus netos os menores impuberes, CLAUDIA DE SIQUEIRA CAVALCANTI, JOSÉ DE SIQUEIRA CAVALCANTI NETO, FLAVIO JOSÉ DE SIQUEIRA CAVALCANTI, FRANCISCO JOSÉ DE SIQUEIRA CAVALCANTI, estudantes, nascidos em S. Paulo, Capital, filhos de seu filho, que é casado com uma alemã, UTA JOHANNA. Possui inúmeros trabalhos divulgados pela "REVISTA DOS TRIBUNAIS, de S. Paulo; REVISTA FORENSE, ARQUIVO JUDICIARIO e REVISTA DE DIREITO ADMINISTRATIVO DO RIO DE JANEIRO, pelos jornais "O ESTADO DE S. PAULO", "FOLHA DE S. PAULO", DIARIO COMERCIO & INDÚSTRIA DE S. PAULO; pela RADIO RECORD; de S. PAULO, PROGRAMA "DIREITO E JUSTIÇA".

Colabora na parte literária de "ITAYTERA". Revista do INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI", dirigida por seu primo Prof. José de Figueiredo Filho.

Policlínica Odontológica do Crato

SERVIÇOS DENTÁRIOS COMPLETOS

Clínica

Cirurgia

Prótese

Radiologia

Dr. ANIBAL VIANA DE FIGUEIREDO

Dr. FRANCISCO AILTON ESMERALDO

Rua Bárbara de Alencar, 903

esquina com a Dr. João Pessoa

CRATO

GEARÁ

CONTABILIDADE

Francisco Hélio de Sousa

CONTABILISTA

Contabilidade em Geral

ESCRITÓRIO:

Rua Dr. João Pessoa, 282 - altos

TELEFONE: 678

CRATO

—

CEARÁ

Algo real sobre o combate de Miguel Calmon

Sem nenhuma dúvida, um dos acontecimentos da sedição do Juazeiro que mais impressionou a opinião pública foi o combate de Miguel Calmon, sobretudo pela morte do capitão José da Penha Alves de Sousa, o que concorreu para a brevidade do avanço triunfal dos sediciosos até as vizinhanças de Fortaleza.

Comandando apenas 380 combatentes para enfrentar o ataque de 500 jagunços, J. da Penha resolveu abandonar Iguatu e retirar-se para Miguel Calmon (atual Ibicuã, distrito de Piquet Carneiro — antigo Jirau), certo de que sua topografia tinha condições favoráveis para o combate defensivo.

Tal resolução provocou várias censuras de alguns politiquinhos fortalezenses, um dos quais assim manifestou-se :

"Se não quer combater, convidamos voltar Fortaleza".

Das provocações anônimas que lhe foram dirigidas, esse despacho foi o que mais contrariou J. da Penha, que assim manifestou-se ao "coronel" Filemon Ferreira Magalhães, seu grande auxiliador, em cuja residência estabelecera o seu posto de comando :



Cap. José da Penha Alves de Sousa, patrono da cadeira N.º 31 da Academia Norte-Riograndense de Letras. Nasceu em Angicos - RN, a 13 - 05 - 1875.

"Esta politicalha da cidade é uma canalhice. Eu não voltarei. Ficarei com você até o fim. Se você morrer, Filemon, asseguro qu o enterrarei. E espero que você me faça o mesmo".

Convém acentuar que tais provocações anônimas foram motivadas por um telegrama dirigido de Iguatu para o presidente Franco Rabelo, assinado, obrigatoriamente, pelo ex-oficial comissionado Firmino Henrique de Oliveira, que assim procedeu por ter sido ameaçado de morte pelo Dr. José de Borba Vasconcelos e pelo "cel." Pedro Silvino de Alencar, que comandava a legião constituída de bandidos e fanáticos. Eis o texto do aludido telegrama :

"José da Penha miseravelmente fugiu para Suçuarana".

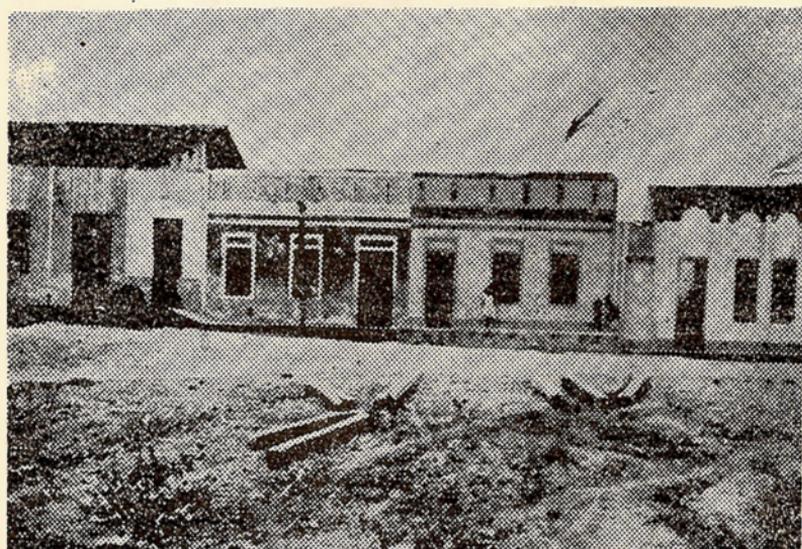
Realmente, a tropa deslocou-se, inicialmente, para Suçuarana (hoje, Suçuarara), tendo partido, em marcha acelerada, às 19 horas do dia 15 de fevereiro (1914), segundo afirmação de Francisco Souto. E lá permaneceu até as 17 horas do dia seguinte.

Conforme salientou Rodolfo Teófilo, "o Ministro da Viação ordenou que os trens da "Baturité" chegassem somente à penúltima estação (Suçuarana), ficando assim Iguatu sem comunicação com Fortaleza". (1)

Por coincidência, naquele dia, às 9h 30m, um trem-pagador chegou a Suçuarana. Logo depois, de ordem de J. da Penha, o ten. Júlio Bruno conduziu a locomotiva às estações vizinhas, de onde voltou aproximadamente às 14 horas, com 25 carros-de-carga, nos quais a tropa foi transportada para Miguel Calmon.

Tão logo chegou a Miguel Calmon, antes do anoitecer do dia 16 de fevereiro, J. da Penha deu início à execução do plano defensivo, para o que foi auxiliado suficientemente pelos irmãos Filemon e José Ferreira Magalhães (vulgo Zequinha das Contendas).

1) "A Sedição do Juazeiro" — 2a. ed., Editora Terra do Sol, Fortaleza, p. 72.



Trecho da rua principal de Miguel Calmon, vendo-se, assinalada, a residência de Filemon Magalhães, na qual J. da Penha instalou o seu PC. (Foto do autor)

Quase simultaneamente, sob o comando de José de Borba e Pedro Silvino, a jagunçada invadiu o município de Iguatu.

Sem um efetivo condicional para cobrir a zona sul do povoado com uma linha de defesa e resistência, o comandante José da Penha, após realizar cuidadoso reconhecimento do terreno, estabeleceu um dispositivo em profundidade ao longo da estrada de ferro, por onde, naturalmente, desembarcariam os atacantes.

Face a tal resolução, pouco além do vilarejo e numa extensão superior a 1 km, com o objetivo de travar um combate de aniquilamento, e tendo em vista desfechar fogos, a tropa entrenchou-se às margens da ferrovia, a cerca de 100 metros de cada lado, numa perfeita ligação pelo fogo.

Segundo informes do cap. Júlio Marinho da Silva, a quem devo importantes detalhes daquele acontecimento, assim foi organizada a posição de resistência :

A margem esquerda da via férrea foi ocupada por 4 pelotões, comandados, respectivamente, por Zequinha das Contendas e pelos tens. Artur Inácio, Raimundo Ribeiro e Mourão, estes dois comissionados. Na margem oposta foram instalados apenas 3 pelotões, cujos comandos couberam aos tens. Marques, Palmeira e Júlio Bruno.

Convicto da aproximação dos sediciosos, que logo chegaram a Afonso Pena (ex-Lages e atual Acopiara), J. da Penha passou a revistar a tropa constantemente, até mesmo durante a noite, apesar de achar-se adoentado, sem dúvida no intuito de manter-se no setor defensivo por ocasião de ser atacado. Ademais, por ter recebido um telegrama de Pedro Silvino marcado data para almoçar em Miguel Calmon, o bravo chefe expedicionário desenvolveu sua vigilância com patrulhas de reconhecimento nas áreas encobertas para as sentinelas.

Nessas inspeções, quando utilizava sua montada, J. da Penha não se acompanhava de ninguém. A pé, porém, fazia-se acompanhar de Filemon Magalhães, do cap. Manuel Afonso de Carvalho, comandante



José Terto Nunes Magalhães (Zé Terto). Este retrato foi reproduzido da fotografia de um grupo de jagunços tirada em Juazeiro, após o ataque à cidade do Crato, ocorrido
o 23 - 01 - 1914.



Retrato de Zé Pinheiro reproduzido da fotografia do grupo que voltou a Juazeiro depois da tomada do Crato

êles recompensados. Ainda está em perigo questão que vocês defendem, porém se não enfraquecerem vitória é certa. Concordem sempre com Pedro Silvino. Abenção a todos. — Padre Cícero".

Sem dúvida influenciados por êsses telegramas, os dois chefes da coluna sediciosas resolveram efetuar o ataque a Miguel Calmon sem demora, para o que organizaram um contingente de 300 combatentes rigorosamente escolhidos e designaram José Terto para comandá-lo.

Naquele mesmo sábado, 21 de fevereiro, o contingente dirigiu-se para o ataque.

2) Na sua excelente obra PATRONOS E ACADEMICOS, volume I (Editora Pongetti, Rio-1927), embora sumariamente, o escritor Verissimo de Melo biografou o cap. J. da Penha, expondo, de modo justo e louvável, todas as suas qualidades excepcionais, assim iniciando a descrição da vida do ilustre e heróico oficial do Exército: "O capitão José da Penha foi um bravo homem, altamente inteligente, culto e destemido, mas duramente marcado pelo destino. Antes de lançar-se na política norte-rio-grandense, passara pelo dissabor de ver morrer sua esposa, em consequência da prisão de que fora vítima, por motivos políticos, no Ceará". Para comprovar o que afirmou, eis como o Autor concluiu a notável biografia: "Além de sua colaboração de cunho político, nos jornais da terra e no Ceará, publicou José da Penha: "Pela Defesa Nacional", (1900); "Aerostação Militar", (tradução), 1901; "Pela Pátria e Pelo Exército", (1902); "Manual Militar", (1903); e "Espiritismo e os Sábios", (1903), este último livro prefaciado por Farias Brito".

da força de reserva, e do sgt. José Ponce Leão. (2)

Por sua vez, a jagunçada revigorou-se para a luta projetada, em face das seguintes mensagens telegráficas, tidas como ordens-do-dia:

"Juazeiro, 21-2-1914.

Coronel Pedro Silvino — Iguatu.

Consta muitos nossos estarem voltando sem permissão chefe. Peço entre relações com todos para cada um se persuadir deverá agir como em causa própria. Anime-os para evitar deserções. — Padre Cícero".

"Juazeiro, 21-2-1914.

José Terto e mais chefes turmas — Iguatu.

Animem tratem bem a todos de modo que cada um anime companheiro se interessando todos como causa própria. Lembrem que quanto fizerem nesta boa intenção de trabalharem por Deus e a Santíssima Virgem serão por

Certamente Zé Terto e seus comandados desconheciam a região em que marchavam. Mas, naturalmente, sabiam de que forma a força policial estava preparada para resistir ao ataque, conforme este foi realizado.

Ao chegar no sítio "Folguêdo", localizado entre Afonso Pena e Miguel Calmon, José Terto aprisionou o vaqueiro Antônio Ibiapina e obrigou-o a servir-lhe de guia.

Está claro que o aludido vaqueiro revelou maiores detalhes sobre a posição da tropa, porquanto, ao aproximar-se do "ponto de apoio" do pelotão comandado por Zequinha das Contendas, o mais avançado da "reunião articulada", Zé Terto abandonou a linha férrea rumando para sua margem direita e, devidamente afastado das trincheiras, voltou a marchar na direção em que vinha, avançando paralelamente à estrada de ferro. Quando

chegou à altura do posto comandado pelo ten. Júlio Bruno, o mais próximo do povoado, Zé Terto atacou-o pela retaguarda.

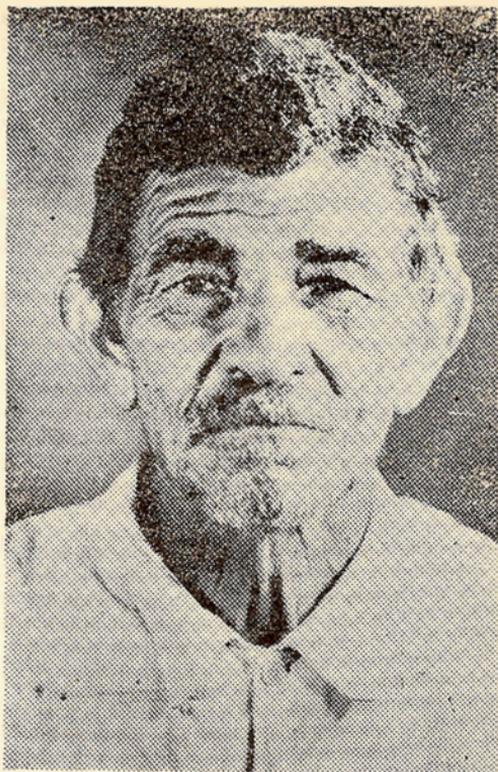
Eram 6 horas e 30 minutos de domingo, 22 de fevereiro.

Quando escutou os primeiros disparos, o cap. José da Penha montou a cavalo e, desacompanhado, saiu a trote para a trincheira atacada, aonde passou a comandar pessoalmente a resistência, então efetuada ao contrário.

Após normalizar a situação naquele posto de combate, J. da Penha dirigiu-se para os postos vizinhos, que já se achavam fortemente atacados. E foi ao chegar no último, comandado pelo ten. Antônio Marques, que o bravo chefe expedicionário, "debaixo de tiros", expediu o telegrama com que o cel. Franco Rabelo reavivou o entusiasmo do povo fortalezense:

"Presidente Franco Rabelo — Fortaleza. Estamos atacados e oferecendo séria resistência. Viva a República! J. da Penha".

Ao contrário do que afirmaram Rodolfo Teófilo (*op. cit.*, p. 75) e J. B. de Holanda Cavalcanti ("Um Crime Político", Fortaleza, 1934), J. da Penha não retornou ao povoado. Existe até um desacordo entre as duas afirmativas, que assim são narradas:



Vaqueiro Antônio Ibiapina, que guiou o bando de jagunços para o ataque a Miguel Calmon. Esta foto foi tirada em 1914, por um profissional de nome Severino, a pedido do Dr. Manuel Pinheiro de Sousa, que, na época, contava 13 anos de idade e era telegrafista da RVC.

Rodolfo Teófilo: "Mas, ao cair a noite de 22, o Capitão José da Penha, montado e acompanhado por uma ordenança, saiu imprudentemente, a passar revista às trincheiras".

J. B. de Holanda Cavalcanti: "Cumprida essa missão, voltou à povoação, mais ou menos ao meio dia, onde permaneceu até duas horas da tarde, quando regressou às trincheiras".

Está claro que tais afirmações resultaram de informes irreais, convido salientar que J. B. de Holanda Cavalcanti, tenente comissionado da tropa do cel. Alípio Lopes de Lima Barros, não participou da campanha chefiada pelo cap. José da Penha.

Como sempre acontece em torno de fatos históricos, a realidade foi revelada por Francisco Souto (ten. com.), autor duma narrativa do combate de Miguel Calmon, publicada e comentada por Irineu Pinheiro no jornal "A Ação", de Crato (17-10-1953) e reproduzida no seu livro póstumo "Efemérides do Cariri", 2.º livro da Coleção "Itaytera", editado pela Imprensa Universitária do Ceará (1963).

Igualmente verdadeira foi a série de informações que me deu o cap. Júlio Marinho da Silva, com que integralizei certos capítulos do "Padre Cícero, Mito e Realidade". (3)

Outra confusão que ainda perdura em torno do combate de Miguel Calmon: é a autoria da morte do cap. José da Penha. De fato, desde 1914 até agora são apontados como autores de tal homicídio os sediciosos José Terto, José Pinheiro e Manuel Rosa (indicado por si próprio). (4)

A verdade, porém, decorridos 59 anos, acaba de ser revelada por um informante incontestável, conforme está descrito mais adiante.

Quando J. da Penha dirigiu-se para o local do ataque, foi seguido pelo cap. Manuel Afonso de Carvalho e pelo ten. Júlio Marinho da Silva, ambos a pé. Daí porque perderam-no de vista antes de chegarem ao posto atacado, de onde êle já havia rumado para o vizinho, apesar do fortíssimo tiroteio.

Em face dos atacantes terem invadido o setor defensivo, Afonso de Carvalho e Júlio Marinho voltaram ao povoado, para organizarem sua defesa com a tropa de reserva, o que foi realizado imediatamente.

Enquanto isso, logo depois de redigir e providenciar a transmissão do telegrama para o presidente Marcos Franco Rabelo, J. da Penha movimentou-se na direção do posto comandado por Zequinha das Contendas, que já estava sendo atacado.

Logo de início, êle foi alvejado duas vezes por grupos atacantes, conseguindo deslocar-se e escapar do tiroteio, o que foi visto pelo ten. Francisco Souto, que se achava em luta na mesma margem da ferrovia.

Pouco depois, tendo avançado cerca de 50 metros, êle foi atacado por um grupo constituído dos irmãos Tibúrcio, Jacinto, Esperidião, Na-

3) Editora Civilização Brasileira S. A. — Rio — 1968.

4) Conforme revelei in "A Revolução de 30 no Ceará", pp. 193/5, José Terto foi morto, traiçoeiramente, pelo ten. Manuel Benício e pelo cabo João da Mancha, ambos da Polícia paraibana, certa noite da 1.ª quinzena de out. de 30, entre Juazeiro e Crato. Morte mais bárbara foi a de José Pinheiro, vulgo Zé Pinheiro, que foi retirado da cadeia do Crato, onde cumpria sentença por crime de morte, pelo negro Zé Preto, após a tomada da cidade pela jagunçada. Mês depois de haver liquidado o valente delegado Quintino Feitosa, Zé Pinheiro retornou a Alagoas, seu estado natal. E lá, certo dia de 1915, em virtude de novo assassinato, para o qual fôra bem pago, caiu nas mãos de um grupo de bandidos a serviço da família da vítima. Sem perda de tempo, Zé Pinheiro foi esfolado vivo, esquartejado e jogado na fôrnelha de um engenho do município de Água-Branca.

poleão, Manuel e João Tomé, comandados por seus primos Manuel e João Chiquinho.

Tão logo começou o tiroteio, J. da Penha foi atingido por uma bala no temporal direito, morrendo imediatamente.

É verdade que foram efetuados vários disparos contra êle, alguns dos quais atingiram e mataram sua montada. E o tiro que o matou foi disparado por João Tomé, o mais jovem dos irmãos mencionados acima.

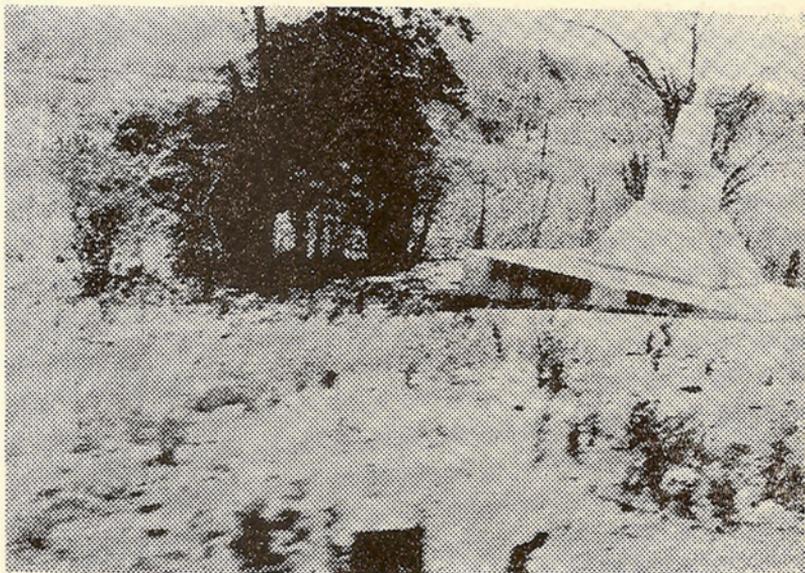
Eis aí, portanto, a verdade do sempre lamentável acontecimento, a qual me foi revelada pelo cratense José Calazans Callou, por intermédio do assíduo pesquisador Hermógenes Martins e do integérrimo historiador Pe. Antonio Gomes de Araújo.

E, como testemunho da realeza dessa afirmativa de José Calazans, eis outros informes que êle me forneceu :

Os irmãos Tomé nasceram no lugar denominado "Minador do Negro", município de Buique — Pernambuco, e lá residiram durante muitos anos. Por motivo de desavenças e intrigas, retiraram-se para Juazeiro do Norte e, posteriormente, para o sítio Baixa Verde, da família Callou, município do Crato, onde faleceram, com exceção de um, cujo paradeiro é desconhecido. Quanto ao João Tomé, "o mais jovem e mais destemido", como frisa José Calazans, faleceu em 1915, com a idade de 22 anos, acometido de uma febre fortíssima.

Não obstante a ausência do cap. José da Penha, os pelotões entrincheirados permaceram lutando assustadoramente, chegando a abaterem mais de um terço dos atacantes, que, pelo meio-dia, foram reforçados por um grupo de 70 atiradores comandados por Manuel Calixto, que foi ferido duas vezes.

Como está claro, a resistência da força policial, que teve a dura-



Monumento à memória de J. da Penha, levantado no próprio local em que tombou e foi encontrado o seu cadáver, na manhã de 23 - 02 - 1914. (Foto do Autor)

ção de 12 horas e meia, não resultou de um comando único mas do esforço e da iniciativa de cada subalterno agindo isoladamente.

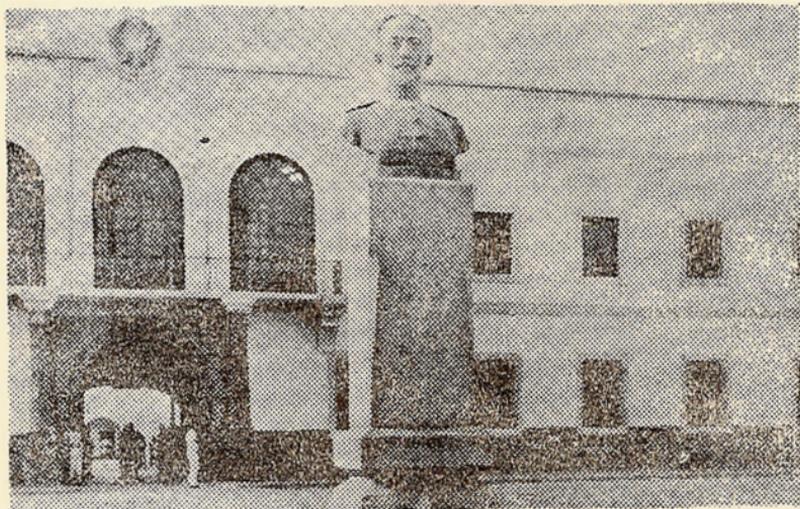
Com a retirada dos atacantes, que ocorreu ao anoitecer, os defensores abandonaram as posições de combate recolhendo-se aos acantonamentos, com exceção dos comandados de Zequinha das Contendas, que, apesar de ferido, só deixou a trincheira ao clarear do dia.

Igualmente como subsídios para a verdade histórica do combate de Miguel Calmon, transcrevo, integralmente, um trabalho notável que o Frei Marcelino de Milão deixou escrito à mão e que foi reproduzido por P. Metodio da Nembro *in* sua obra I CAPPUCINI NEL BRASILE — MISSIONE ECUSTODIA DE MARANHÃO (1892-1956), Milano — 1959, Centro Studi Cappucini Lombardi — Vila Piave, 2.

* * *

A noite do dia em que telegraficamente foi comunicada a Fortaleza a morte do heróico comandante (si tratta del capitano José da Penha, capo della seconda spedizione di forze legali contro i rivoltosi), recebi convite para ir ter com Dom Manuel, no Passo Episcopal. Ali, à presença do Antiste e seu secretário, Pe. Aguiar, me é oferecida a missão delicada de, munido de todas as faculdades espirituais, visitar asparóquias invadidas pelos jagunços, prestando aos vigários todo auxílio e apoio no sentido de conter e acalmar os jagunços e defender, assistir e consolar as populações aterrorizadas.

Na manhã seguinte, segui eu no trem do horário com raros passageiros que iam saltando e abandonando o trem, grau a grau, que este avançava, chegando a longa composição a Senador Pompeu com a minha única pessoa. Em Quixeramobim encontrei um grupo de soldados fugitivos em estado de petição de miséria. Senador Pompeu apresentava um aspecto de uma praça de armas. Seiscentos jagunços a tinham invadido. O Comércio fechara e as famílias estavam homiziadas.



Busto de bronze do cap. J. da Penha, diante do QG da Polícia Militar, o qual foi retirado da então Praça Marquês do Herval, a fim de deixar o local para ereção da estátua de José de Alencar. (Foto do Autor)

Ai fui bem recebido pelo Coronel Sindou. Poucas horas, aproveitando uma locomotiva e um único carro, segui para onde se travava a luta em Miguel Calmon. Auxiliado e auxiliando um grupo de homens de boa vontade, enterramos os últimos cadáveres esparsos pelo mato. Eram dias de copiosa chuva daquele inverno, um dos melhores do Ceará.

Cumprida a visita a Miguel Calmon, segui para o hospital de sangue em Lages (atual Acopiara) onde passei a noite confessando cerca de 80 feridos auxiliado em tudo por uma alma cristã de escol, que é o Sr. José Leite, farmacêutico prático de Barbalha. De madrugada celebrei o santo Sacrifício, dando a comunhão a todos os feridos.

Regressei em seguida a Senador Pompeu. Defender casas comerciais de saque, conter os elementos mais turbulentos, pregar sermões campais que convenceram muitos engajados de boa fé a voltar aos seus lares, foi a

minha missão nos dias de demora em Senador Pompeu. Os bandos de jagunços iam descendo em demanda da capital. Em Quixeramobim, a pedido daquele venerando e santo vigário, Pe. Salviano, demorei alguns dias para tranquilizar famílias ameaçadas.

Quixadá foi o lugar onde me uni outra vez à onda bárbara. Deus sabe o que sofri no trem que transportava mil jagunços a Baturité, nas longas horas de agonia que custou a nossa chegada à estação do Putiú. Uma dúzia de bois abatidos pelo coronel Dutra foi o repasto daquela turbulenta coorte. O trem devia seguir pelas 11 horas da noite, mas boatos, talvez falsos, de que estava minado o trecho Itapaí, aconselharam para deixar a partida para a manhã seguinte. Foi um erro fatal. Aos jagunços saciados despertara o intuito do saque. Eu, com febre alta, contive a onda na ponte do Putiú até às 2 horas da madrugada. Chovia a cântaros. Pedro Silvino e José de Borba tiritavam de febre. Os che-



Frei Marcelino de Milão, sobre quem assim referiu-se o Pe. Antônio Gomes de Araújo: "Inteligente, orador vibrante, talhado para servir a Deus e ao próximo, fez-se capelão dos leprosos em Fortaleza, tendo contraído o mal e dele faleceu, no sítio São Francisco, perto de Fortaleza, a 30 - 10 - 1840, contando 58 anos de idade.

fes de turmas já não eram obedecidos. Um mais forte acesso de febre obrigou-me abandonar o meu voluntário posto de defesa. Foi das 3 às 5 que a jagunçada invadiu a cidade, roubando algumas casas comerciais, inclusive os armazéns do coronel Pinto do Carmo.

Com todos esses particulares para desmentir a vil calúnia levanta-da contra mim, por êste Sr., de haver eu compactuado com os jagunços no saque da cidade.

Por alguns dias, minha missão foi percorrer, sempre a chamado, a serra, a cidade de Aracoiaba, a fim de conter grupos esparsos de jagunços que se separaram do grosso do exército para realizar excursões cri-minosas. Reunido o grosso dos revolucionários em Maranguape, aí pas-sei alguns dias desenvolvendo minha missão pacificadora até que a que-da de Franco Rabelo e a nomeação do Interventor Militar, coronel Se-tembrino de Carvalho, deram como terminada a sangrenta campanha.

Na primeira quinzena de março, a pedido dos chefes, confirmado por um telegrama do Pe. Cícero, com uma bênção e palavras conforta-doras do Sr. Bispo, realizava eu o caminho doloroso de regresso. Mil jagunços, numa interminável composição de carros puxados por duas locomotivas, deviam seguir até Iguatu, ponto terminal da linha, debaixo de minha fiscalização e responsabilidade.

Viajamos dois dias e duas noites intermináveis, fazendo pequenas paradas em estações secundárias para receber o indispensável combustí-vel das locomotivas. Só o meu anjo da guarda testemunhou o que de mais dilacerante sofreu minha alma nesta dolorosa "Via crucis" da volta dos jagunços. Em Iguatu, depois de um sermão campal, na praça da matriz, vi os bárbaros tomarem o rumo do Cariri.

Estava acabada a minha missão e eu livre, mas quanto, oh! quanto abatido física e moralmente!

Devo consignar aqui, que nunca fui desrespeitado e que durante a longa campanha tive ensejo de constatar o grande prestígio do hábito de S. Francisco e o imenso respeito a Êle prestado por todos. Em geral observei sempre o seguinte: o jagunço respeitava três cousas: a mulher, a Igreja e a cachaça. Acrescentarei que, entre as revoluções, esta foi uma das menos sangrentas e que o segredo da vitória dos jagunços con-sistiu no imenso pavor que os precedia em toda parte, abridolhes fácil caminho para uma avançada vitoriosa.

TIPOGRAFIA E

PAPELARIA DO

CARIRI

Rua Dr. João Pessoa, 380/386

Crato -:- Fone: 564 -:- Ceará

Associação Atlética Banco do Brasil

— CRATO —

Manifesta seu regozijo junto à intelectualidade do Ceará pelo lançamento de mais um número de ITAYTERA - produto do esforço e da capacidade realizadôra dos homens de Cultura de nossa terra,

VISITE SEMPRE A NOVA A A B B —
SIMBOLO PUJANTE DO NOVO CRATO!

BANCO INDUSTRIAL DO CARIRI S. A.

A SÓLIDA ORGANIZAÇÃO

BANCÁRIA QUE NASCEU

PARA SERVIR À REGIÃO

MATRIZ:

JUAZEIRO DO NORTE:

Rua Santa Luzia

FILIAL:

CRATO,

Rua Bárbara de Alencar

O Ferro entre os Negros Angolianos

Alguma coisa se escreveu sobre a arte de fundir o minério de ferro e de trabalhar o ferro metálico, entre os naturais de Angola. O Engenheiro Bacelar Bebiano, numa tentativa de um estudo global, publicou "Notas sobre a siderurgia dos indígenas de Angola e de outras regiões africanas", edição da Diamang, Lisboa 1960. Mestre Carlos Esterman, missionário por longo tempo no sudoeste angolano, deixou anotações valiosas sobre o assunto naquela porção de território ultramarino. E Manoel Alfredo de Moraes Martins em "Contatos de Cultura no Congo Português", Lisboa, 1958, edição da Agência Geral do Ultramar, referiu-se abundantemente à siderurgia nativa.

Na tentativa de uma recomposição histórica para um levantamento cronológico dos achados referentes à incipiente siderurgia em terras africanas e muito particularmente em Angola, apuramos o seguinte:

As mais remotas dessas descobertas remontam à Pré-História. São relativamente frequentes os achados de restos de forjaria em condições idênticas aos da província de Banchi, na Nigéria, onde foram encontrados artefatos de ferro cinco metros abaixo do fundo do vale do Rio Delimi, enterrados em camadas de solo, de mistura com instrumentos de pedra, o que permitiu colocar aquela indústria do ferro, no período neolítico.

Porém, como testemunho pré-histórico, o mais importante deles, com relação a Angola, embora fora de seus limites, é o que se refere à caverna de Mumlewa em Bala, na antiga Rodésia do Norte.

A um nível classificado Monsteriano, observou-se a presença de restos de um forno, e junto dele cinzas, algumas petrificadas. Sobre este conjunto existiam vários níveis, contendo instrumentos neolíticos e, grande quantidade de pontas de ferro.

Os pesquisadores Dart e Nino del Grande, em presença dos elementos encontrados, estimaram o nível Monsteriano num mínimo de quatro mil anos antes de Cristo e o forno em dois mil anos antes de Cristo, correspondendo assim ao começo do neolítico sul-africano.

Admite-se, que aqueles vestígios correspondem aos mais antigos trabalhadores do ferro África do Sul.

A uns 350 Km da caverna de Mumlewa encontram-se as famosas ruínas de Zimbabué, onde igualmente foram descobertos numerosos locais com ferro fundido, assim como escórias.

Do conjunto de achados tem-se concluído que a indústria do ferro no sudoeste africano datava duns 800 anos A. C., embora seja idéia generalizada que, por aquela época já a indústria do ferro estivesse amplamente difundida.

Razões de conhecimento e mesmo de ordem religiosa, podem ter condicionado a generalização da primitiva indústria siderúrgica.

Escavações levadas a efeito no Tanganika, ponto histórico de migrações para o Sul da África, mostraram que no ano 1000 da nossa era os habitantes do local sabiam trabalhar o ferro. A caverna de Mumlewa na Rodésia dá-nos a existência da metalurgia 2000 anos A. C. Entretanto,

a documentação portuguesa do século XV e de princípio do século XVI cor.duz à conclusão de que os Hotentotes do Cabo ainda em 1510 desconheciam o ferro.

Seriam os séculos XVI e XVII áqueles em que o ferro fixar-se-ia naquelas regiões austrais, em mãos dos Bantos, os grandes invasores do continente, tidos como divulgadores do ferro na África.

Do exposto, avultam alguns saltos culturais. Ainda nos territórios da República do Congo, está praticamente comprovado que o uso do ferro é antigo em alguns pontos e recente em outros.

Também tem sido asseverado que, em diversas zonas africanas, passou-se abruptamente do uso de utensílios de madeira para o emprego de artefatos de ferro, sem transição pela indústria da pedra.

Em Angola, possuímos elementos que nos conduzem à certeza de que o aparecimento do indústria do ferro representou verdadeira revolução notadamente no setor social.

Cosmas Indicoplestes, o insigne monge egípcio, registrou que os Agaus da Abissínia vinham em 547 da nossa Era, à África do Sudoeste, trazendo ferro que trocavam por ouro.

Segundo alguns autores, a indústria do ferro teria surgido no Egito, onde se generalizara, entre 600 e 500 A. C., subindo o Nilo no rumo do sul do continente. Para outros, entretanto, não teria sido o Egito o responsável pela expansão do ferro em terras africanas.

Opiniões abalisadas procuram demonstrar que a arte da siderurgia alcançara a região dos lagos africanos vinda do oeste, ou mesmo do sudoeste, em época relativamente recente.

E ainda existem pesquisadores, como Sshourburgth, que teimam em afirmar ser o alto-forno originário da África.

Finalmente, vale anotar, que alguns estudiosos têm admitido que a generalização do ferro na zona que interessa a Angola, data de há menos de mil anos.

Parece que os Lunda-quiocos foram instruídos na arte do ferro pelos Ealubas do leste. O fato de Revenstein, citado por Felven, nos falar de Ngola, o ferreiro (mussuri) que foi Jaga de Matamba, é um testemunho no litoral angoliano e no seu interior, da influência do leste, na arte da siderurgia.

A indústria nativa do ferro atraiu a atenção dos portugueses desde o início. Foi nas proximidades de Ubassa, importante centro daquela indústria, que D. Francisco de Inocência Cantinho, mandou construir a Real Fundação do Oeiros, mandando vir mineiros biscainhos, que eram peritos em fundir sem liquidar, o que não aconteceria com os negros do país, conforme os registros de 1767.

Em Oeiros, teriam sido fabricados reparos para peças de artilharia enviadas do Reino e, até alguns canhões. De Mabassa e de Oeiros, foi exportado ferro para o Brasil.

E, os forjadores nativos de Mabassa, forneciam ferro em barras ao governo de Angola, desfrutando assim, de prerrogativas especiais.

Conforme ficou exposto, o campo desta pesquisa é razoavelmente insidioso e movediço, aliás como soe acontecer com determinadas investigações em solo africano. Apesar das dificuldades, das lacunas, dos claros encontrados aqui e ali, não nos faltaram elementos para os itens que se seguem.

MATÉRIA PRIMA E PRODUTOS DA REDUÇÃO

O minério para a produção de ferro metálico, é obtido pelos nativos, nos mais diversos pontos da Província, onde a matéria prima é abundante.

Entre os povos do Nordeste de Angola, correm versões do aproveitamento do ferro meteórico, mas, na verdade, nada foi apurado de modo a corroborar a veracidade das alegações.

Segundo o engenheiro Bacelar Bebiano, os nativos aproveitam, via de regra, a limonita dos pântanos, a qual os europeus, impropriamente chamam de pirata.

Segundo informações de alguns pesquisadores, em algumas regiões angolanas, os nativos forjadores não dão preferência aos minérios mais ricos, e sim aqueles mais oxidados e mesmo hidratados, os quais, por serem menos compactos, são mais facilmente presíveis. Assim o forjador angolano, costuma rejeitar a magnética, interessando-se sobretudo pela limonita.

No entanto, em Massangano extraem sagnetita de areias aluminárias.

No Dondo usam minério de Ubassa que é em última análise a pura magnetita, encontrada em enormes blocos, alguns deles pesando toneladas.

Na região de Mbassa, no Conselho de Cambembe, o dois principais morros ferríferos são o Samba-Quiba e o Sequela, cujos nomes lembram divindades nativas patronas das artes mineiras.

A magnetita e a hematita, a par de outras formações, encontram-se na Província, desde Mbassa até o Andulo, Bailundo, Chitado, Pocolo e Sá da Bandeira.

Os mineiros de Andulo exploram o ferro no Ochileco, onde a hematita e a magnetita se apresentam em lentes, veis e nódulos.

Também no Alto Zambeze se encontra a hematita, em concentrações maiores nas proximidades de Manluriga e de Nigeri, parecendo encaixadas nas rochas dolomíticas da série de Roan. Na Mupa, no Cuanhama, a magnetita usada pelos forjadores aparece em formações características das regiões desérticas.

Segundo mestre Carlos Esterman, pesquisadores da etnografia do sudoeste de Angola, na região de Osimanaia, as mulheres costumam ajudar os homens nos misteres da lavra, cavando a camada que cobre o minério. Cabe aos mineradores destacar os blocos através de compridas alavancas feitas de madeira resistente e extremadas por ponteiros de ferro. Voltam as mulheres, desta vez para os trabalhos de britagem dos blocos, efetuados com pedras sobre pedras. Segue-se o transporte do material para o acampamento dos fundidores.

No Alto Zambeze e na Lunda, o minério é explorado nas planuras e na meia encosta. A preferência é pela limonita.

Muita contradição por toda a Província ruínas de antigos fornos de fundição, e montanhas de escórias de velhas atividades ferreiras. Manoel de Moraes Martins, em sua obra citada, alude ao fato, notadamente na região do Damba.

No que concerne aos processos de fundição, é de se dizer que há grande variedade. Segundo Bacelar Bebiano, os Andulos (Vila do Andulo), usam um processo de fundição único e diferente dos demais praticados pela maioria das tribos da África Meridional.

Como resultado das fundições, obtém os nativos ferro esponjoso. No Coanhama, o ferro é obtido por liquefação.

O ferro metálico é levado para as oficinas dos ferreiros, que o batem, produzindo barras, que se destinam a obras, ferramentas, utensílios e instrumentos diversos.

Vale aqui transcrever o resultado de uma análise de escória e ferro de fundições quiocas, feita pelo Laboratório do Instituto Superior Técnico (P. C. Diamang N.º 50).

- 1.º — O minério é de boa qualidade, com pouca sílica, teor relativamente elevado de ferro, muito pouco enxôfre, apenas se notando que a percentagem de fósforo é já apreciável.
- 2.º — Os produtos obtidos (ferro fundido, ferro trabalhado) são também bastante puros sendo o teor de carbono muito baixo. As duas mostras diferenciam-se praticamente só no teor de silício, que é muito menor no ferro trabalhado.
- 3.º — As escórias contém ainda grande quantidade de ferro e muito pouco cal.

Do exame realizado, concluiu-se que o produto obtido é de fato excelente e revela grande pericia por parte dos fundidores, e que o metal manufaturado pelos quiocas apresentam-se muito próximo do aço e é de grande pureza.

O FÔRNO E OS FOLES

O forno e os foles constituem os dois elementos fundamentais do trabalho de redução.

Os fornos africanos dividem-se em duas categorias: os que operam através de tiragem e os que trabalham à base de insuflação de ar por meio de foles manuais. Pertencem a este segundo tipo os fornos de Angola.

Nesta província Ultramarina podem ser observados dois tipos de construção de fornos: os cavados no solo e os construídos propriamente ditos. Estes, alcançam em Angola altura que oscilam entre 1,50m e 2,20m. Em outras regiões africanas podem atingir alturas descomunais.

O forno verdadeiramente construído, é antropomórfico, figurando um dorso humano. Consta de uma boca ou goela, por onde começa a operar a dissociação do minério e do ventre, onde o ar é insuflado através de tubos ou porta-vento. Podem ser observados ainda o algarviz por onde sai o ar e a abertura do forno onde entra o algarviz. A parte inferior é o cadinho onde se acumulam o metal e a escória. A abertura por onde sai o metal é o olho do forno.

O forno simplesmente cavado no solo é contradição em muitos pontos da África, inclusive em Angola, conforme ficou adredamente conhecido.

Geralmente o lugar do forno é escolhido em pequena rampa. As paredes são feitas com placas de barro. O comprimento do forno varia entre 3 e 4,50m. Ele é dividido em dez seções, as quais são reduzidas uma a uma aplicando-se os foles sucessivamente. As seções vão sendo destruídas a medida que o trabalho é executado. A operação dura um dia.

Segundo mestre Carlos Esterman, no Coanhama, o local da fundição é vedado em forma de cerca com blocos de escória. Os trabalhadores abrem no campo de operações cova sub cilíndrica com cerca de 40sm. de diâmetro e outro tanto de profundidade. Enchem a cavidade de carvão e, do lado da abertura colocam dois foles, do tipo convencional, ou fole tambôr. Depois, em tórno da abertura colocam minério britado. Em seguida é lançado fogo ao fôrno e, após cerimônia propiciatória, entram os foles em atividade por 10 ou 12 horas.

Depois de se verificar o bloco incandescente e de se constatar que está "queimado", é ele retirado e espetado duas ou tres vêzes com um ferro aguçado. E quando o ferro líquido escorre pela areia ficando ali até o dia seguinte.

Na Lunda e no Alto Zambeze, a operação é efetuada em fôrnos que lembram tronco de mulher. O fôrno é carregado com carvão, sendo que uma parte deste é queimada do lado de fora. Em tórno da boca colocam os artifices minério e carvão, que vão sendo lançados aos poucos de goela abaixo, enquanto os dois foles insuflam através dos porta-ventos e do algarviz de argila encaixado devidamente na abertura do fôrno.

Passando 4 horas os foles param. O mestre arranca a tampa do fôrno e um ajudante puxa o bloco candente.

Na região do Bimbe, no Bailundo, o fôrno foge um pouco ao formato antropomórfico. Consta de um retângulo muito alongado, emparedado entre blocos de barro com dois foles em cada topo. O fundo é cheio com carvão de madeira sôbre o qual é disposto o minério britado (olumbue).

Vale insistir aqui no feito antropomórfico, lembrando dorso de mulher, dos fornos do Nordeste de Angola. Em verdade lembram mulher sentada no ato do parto. Apresentam seios, umbigo e tatuagens públicas femininas. O olho ou porta do fôrno, completa a ideia desta imagem. As margens da vala de descarga são as pernas e são chamados braços dois troncos oblíquos que aguentam a frente da construção.

Em sínteses: trata-se de um fôrno mulher.

Esta zona, bastante extensa, que abrange a Lunda, o Alto Zambeze e parte do Moxico, é a única, salvo melhores informações, onde podem ser encontrados tais fornos.

Na Rodésia, Theodoro Bent assinalou fôrno deste feito. Entretanto, em local bastante afastado de Angola, no sudoeste do Togo, também foi registrado fôrno figurando dorso de mulher. Mais um aspecto dos intrincados mistérios africanos.

Com relação aos foles, existem em África diversos modelos. Em Angola, o mais comum é o que tem feito de caixa redonda, comunicando em peça inteira com os tubos porta-ventos. A caixa é fechada na parte superior com pele de animal doméstico ou selvagem. Duas varetas de madeira presas à pele, servem para o acionar. Observa-se o regime de ventilação forçada. Este tipo de fole é conhecido por fole-tambôr e além de usado em Angola, também o é no Congo.

No Alto Zambeze, foram registrados foles com quatro elementos insufladores. São, no dizer de Bacelar Bebianno de modelo único em toda a África.

Os foles-tambor angolanos são usados tanto na fusão do metal ferroso, como na oficina de ferreiros.

No forno de fundição, os foles são colocados em sentido radial ou cruzado e nunca dispostos em oposição, para evitar-se a entrada de ar que lhes anula a ação.

Seriam os paleonegritos os inventores dos foles de madeira. E, na zona deles foram registrados os melhores alto-fornos africanos.

TÉCNICAS NATIVAS

Comecemos pelo combustível. O carvão, notadamente entre os Quiocos, é motivo de especial escolha. A preferência recai sobre as árvores denominadas mussesse e mucossos, respectivamente *Burkea Africana* e *Erythrophloeum Africanum*. Tais madeiras fornecem fogo mais quente e deixam depois de queimadas, pouca cinza.

Também certas partículas das escórias, das fundições anteriores, atuam como fundentes, fato que pode ser constatado no Cazengo.

No capítulo da têmpera, usam via de regra, folhas de determinadas plantas.

Usando métodos nitidamente empíricos, possuem os especialistas verdadeiro olho clínico hereditário e curtido nas lidas quotidianas. Exemplificando, é notável a segurança com que determinam o grau da fusão, calculando-o pelo brilho das partículas incandescentes, e pela cor das chamas do forno.

Também os foles, na maioria desprovidos de válvula, são acionados defasadamente, para assegurarem a continuidade do jato de ar.

No que toca ao trabalho de ferraria, começa o ferreiro por bater a massa esponjosa ferrífera, aplicando sobre ela martelo que propicia a separação do metal da escória.

Sabe o ferreiro que o reaquecimento e a repetida martelagem, contribuem para a pureza do ferro, e que das pancadas do martelo sobre o metal frio, resulta têmpera que se procura imprimir as peças de cutelaria.

Dotado de grande habilidade, o ferreiro angoliano conhece métodos especiais para puxar, encaisar, caldear e furar o ferro.

O ferro para obra, constitui até hoje importante indústria nativa. Mas as peças mais vulgares da produção engoliana são enxadas, machados e facas. Já quase não fabricam lanças e peças de prestígio, os ferreiros nativos. Estas, geralmente gládios e achas de mando, de uso dos chefes, eram muitas vezes friamente cinzeladas, e valorizadas com embutidos artísticos de cobre ou latão.

Os instrumentos de trabalho são muito reduzidos. Além dos foles usam uma bigorna ou safra, algumas vezes constante de um bloco de pedra. Ali são executados os misteres mais pesados. Na oficina empregam normalmente martelo em forma de badalo e pequena bigorna cuneiforme cavada num tronco. Martelo de menor calibre é usado para acabamentos, assim também furadores, raspadores e tenaz de anilha móvel.

Trabalham os ferreiros sentados no solo sobre uma esteira, protegidos por pequeno alpendre.

ASPECTOS SOCIAIS

Os forjadores nas sociedades africanas, sofrem de particular ambivalência. Enquanto em alguns meios são respeitados, em outros são desprezados.

No reino de Kanem, no nordeste do Sudão, os forjadores têm tamanho prestígio que possuem sua própria lei e seu próprio Tribunal, aspecto que se estende aos árabes Tundjurs.

No Senegal, entre os Mandés, o forjador é criatura desprezível. Mas, artivamente, foi muito respeitado e até chefe de sociedades secretas.

No Alto Níger, os forjadores formam casta importante e são geralmente curandeiros e magos.

Entre os Terdas da Libéria, os cães negros são privativos dos chefes e dos forjadores.

Entre os Tuaregues vive uma casta de escravos forjadores.

Em Angola, o ofício é transmitido por herança. Esta a regra comum. De modo geral, são os forjadores considerados como grandes mestres de uma profissão que atinge o misterioso e o sobrenatural. No Coanhama, depois das tarefas, os forjadores costumam se recolher em proissão. Entre os Quiocos, a oficina do ferreiro, ocupa lugar proeminente no centro da povoação, afirmando assim a elevada categoria do ofício.

A indústria do ferro entre os Quiocos, foi um dos importantes fatores do seu predomínio econômico e político, sobre as tribos confinantes.

Forjadores de grande nomeada foram os Cazengos, dos quais há referências desde os primeiros tempos da colonização e também os Luangos, que constituíram corporações de ferreiros ambulantes, percorrendo grandes extensões da Província, forjando e vendendo ferro.

MISTICISMO E CRENDICES

Para os Dogons do Níger, o forjador é um ladrão do fogo, um Prometeu e, o fogo, teria sido roubado do céu por um ladrão inicial.

No Cassai o forjador é considerado irmão do sol.

Entre as sociedades pastoris dos Grandes Lagos, o fogo é símbolo de força geradora.

Entre os já citados Dogons, a técnica metalúrgica combina instrumentos macho (martelo) e fêmea (bigorna). O apóio de madeira da bigorna é o leito.

Em Angola, como ficou dito, o forno lembra a figura de mulher e muito especialmente, na Lunda e Alto Zambeze, esta mulher aparece na posição de parto. Ao bloco de ferro fundido chamam de filho e às escórias de placenta (ndonje).

Por ser o forjador em algumas zonas responsável pelo sangue vertido, crê-se na Abissínia que ele se transforma em vampiro.

No Cassai, o forjador ultrajado come terra, tornando o solo estéril e os curandeiros evitam fazer sangrias nos forjadores.

Os Quiocos, consideram os forjadores responsáveis pela derrubada das florestas. Entendem que o forjador arma o homem para a fertilidade e para a destruição.

Na Lunda Central, o forno deve ser descarregado no mesmo dia da fundição. Se assim não ocorrer, morrerão nos ventres maternos os filhos em gestação. Também o forjador tem que se penitenciar perante o sol, o centro do fogo puro, por ter sujado o fogo terreno na fundição do ferro.

O forjador é ao mesmo tempo mestre e mago.

O forjador no período de trabalho, tem que tomar cuidado com a comida, por causa das poluições sexuais. Tem que evitar as relações in-

timas, mesmo com a própria mulher, para que possa aplicar a maior potência viril em seu trabalho, assegurando o sucesso das operações. O operador de fole, durante a execução do serviço tem que abster-se de relações sexuais. Caso contrário o fole ficará sem potência.

Os forjadores da Lunda, evocam a todo momento os antepassados forjadores.

Paralelamente ao consórcio sexual do fogo e do ferro, o forno tem forma feminina e o fole é considerado masculino, sendo itifálica sua forma especial. O olho do forno por onde é introduzida a ponta do fole é considerada pelos quíocos região pubiana.

A fundição do ferro, é ao mesmo tempo cópula e parto. Daí, quando rebentam o forno para retirar o filho da fusão, exclamam efusivamente: "O ferro está nascendo".

E, corroborando com mestras insígnies, é de se afirmar que quanto maior a complexidade das cerimônias, mais moderna é a indústria.

CRATO, 19 de Agosto de 1972

Ilmo. Sr.

PROFESSOR JOSÉ ALVES DE FIGUEIREDO FILHO

CRATO — CE.

Ilustre Senhor :

Rotary Club do Crato tem a elevada honra de comunicar a V. S. que em reunião do seu Conselho Diretor, houve por bem reelegê-lo para a condição de SÓCIO HONORÁRIO de nossa entidade.

Essa eleição, que se faz mais uma vez, é um tributo de confiança, reconhecimento e admiração a V. S. pelo muito que tem feito á causa do Crato e do Cariri, no setor cultura, divulgando e documentando os nossos fatos históricos e dando ênfase ao nosso folclore, numa tarefa de valorização das nossas cousas, sem par em nossa terra.

A sua presença, mais uma vez, no seio da família rotária local, é motivo de muita honra e orgulho para todos nós, que sempre o tivemos na mais alta consideração.

O nosso gesto, espontâneo, traduz, antes de tudo, o sentimento que domina todos os cratenses, de orgulho por vermos conterrâneo tão ilustre a galgar, continuamente, posições de relêvo na vida literária do Estado e da Nação, honrando, com a sua inteligência privilegiada, a comunidade de onde se originou.

Nesta oportunidade, temos o prazer de convidá-lo a tomar parte na Assembléia Festiva com que, ás 20 horas do dia 26 do corrente mês, comemoraremos a passagem dos 35 anos de existência do Rotary Club do Crato.

Gostariamos de contar com a sua honrosa presença nessa festa do coração, quando comemoramos o transcurso de tão grata e significativa efeméride para a comunidade rotária local.

Saudações Rotárias,

PAULO CARTAXO ESMERALDO
Presidente

JUVENCIO MARIANO DOS SANTOS
Secretário

Jornal Cearense Desconhecido? Exemplar e Museu do Recife

O Barão de Studart, a quem o Ceará deve das maiores contribuições para a elucidação de sua história, escreveu na "REVISTA DO INSTITUTO DO CEARÁ", tomo especial de 1924, consagrada ao centenário da Confederação do Equador, o registro de OS JORNAIS DO CEARÁ NOS PRIMEIROS 40 ANOS. Em primeiro lugar se encontra o DIÁRIO DO GOVERNO DO CEARÁ, surgido na quinta-feira, 1.º de Abril de 1824. Foi seu diretor o denominado republicano e depois martir de suas idéias — Padre Gonzalo Inácio de Lóiola Albuquerque e Melo, com o sobrenome nativista, já acrescido — MORORÓ, editado na TIPOGRAFIA NACIONAL DO CEARÁ, presente de Pais de Andrade aos revolucionários que faziam parte do GOVERNO PROVISÓRIO, cujas principais figuras eram os carienses Tristão Gonçalves de Alencar Araripe e o comandante das armas — José Pereira Filgueiras, forjados na atmosfera de civismo da então vila de Crato. Todos aqueles dois heróis, com o Padre Pinheiro Landim, Joaquim Felício Pinto de Almeida e Castro e Antônio da Rocha Lima assinam a ata do estabelecimento da tipografia a 31 de Março de 1824, em Fortaleza.

Na lista dos primeiros órgãos da imprensa, saídos no Ceará o emérito historiógrafo dá como tendo circulado, em segundo lugar O CEARENSE, no ano de 1825, e na mesma tipografia que editou o DIÁRIO DO GOVERNO DO CEARÁ, que, por sinal, não passava de um bi-semanário, circulando às quinta e aos sábados.

No mês de Março, do corrente ano, passei temporada em Recife e tive a ocasião de visitar o MUSEU DE AÇUCAR E DO ALCOOL, à avenida 17 de Agosto. É dirigido pela inteligência do Dr. Fernando da Cruz Gouvêa. Instala-se em prédio moderno, primando pelo asseio e boa ordem em tudo. Tôda a vida canavieira pernambucana está aí representada. Possui também das melhores bibliotecas de Recife, especialmente no setor de obras antigas, no original. Dr. Fernando é perfeito cavalheiro que sabe cativar o visitante sentindo justo orgulho da instituição que dirige, com tanto apurmo. Entre outras preciosidades, deparei-me com grosso volume da primeira edição, em latim, do livro do BARLEUS sôbre o Brasil holandês.

Minha surpresa, porém, chegou ao auge, quando a gentil bibliotecária me abriu o jornal cearense "GAZETA DO CEARÁ", saído em Fortaleza no dia 6 de Abril de 1824, encadernado e guardado com muito carinho. Não é o número original do periódico fortalezense que deveria ser o segundo jornal na classificação do Barão de Studart.

É sua cópia exata, com o mesmo tipo e papel, trabalho magistral feito na BIBLIOTECA PÚBLICA, do Rio. Todo o assunto que aborda é de caráter inteiramente ligado ao movimento republicano, soprado de Recife, em 1824, com maior repercussão no Ceará. É portanto, órgão intei-

Cuidado: Os Heróis Estão Soltos

Creio ter alguma experiência para tratar do assunto que se segue porque, tendo participado, em Recife, de um grupo criativo, fazendo música e apresentações públicas em shows, conheci muitos heróis, já que a ribalta é uma das coisas que mais atraem os heróis de nossos dias. O grupo chamava-se "Nuvem 33" e atuou, em 1972, na peça "Armação" (janeiro — Teatro do Parque e I Festival Nacional de Teatro Amador de Caruaru); no "Shom I" (março — Teatro do Parque); no "Shom II" (fim de junho — Casa 17 do Pátio de São Pedro); na I Feira Experimental de Música (novembro — Nova Jerusalém), e no "Shom III" (dezembro — Beco do Barato). Além disso tive apresentação individual no show "Sonhos & etc." (Teatro Santa Isabel — março) e, em fevereiro de 73, em Natal (campus universitário), ao lado do meu amigo Demóstenes e do Tamarineira Village (na mesma ocasião apresentou-se também o grupo "Opção", natalense).

O heroísmo é um assunto complexo e requer um mínimo de conhecimento prático, de maneira que receio que os não iniciados não entendam bem a razão desse trabalho. Talvez a maior confusão esteja na

distinção a fazer entre as pessoas. Quero dizer: hoje, há muitos vampiros com rosto de anjo. E vice-versa. Nunca foi tão difícil apreender as verdades ou inverdades das pessoas, daí o clima de pânico e a fragmentação que torna aos mais participantes, aos emergentes de nossos dias, a dificuldade extrema de uma defesa ou reação. Qual a origem do mal? Talvez o instinto de auto-defesa e auto-conservação. Como as enguias elétricas, os porcos-espinhos, as lagartas de fogo, estamos constantemente a ponto de provocar a descarga mortífera ou soltar o veneno letal. Hoje, é muito difícil praticar o heroísmo como nos velhos tempos, mas ainda se persegue o "status" de herói sob outras facetas. Os chefes, os super-astros e todos os fascinados pela rapidez com que sua imagem pública de elemento dominador venha a difundir-se de algum modo, são exemplos. Também transvestiu-se o caráter moral nessas aspirações: sob as formas mais satânicas, mostram-se nossos novos heróis. Esta é a beleza que consegue hipnotizar e envolver. E é, ao mesmo tempo, um monstrego que nos faz recolher para dentro de nós mesmo, porque um herói nunca admite ou-

ramente revolucionário publicado seis dias após o primeiro número do DIÁRIO DO GOVERNO DO CEARÁ, na mesma editora, doado pelo presidente de Pernambuco — Manuel de Carvalho Pais de Andrade.

Em 1929, o Barão de Studart enuncia a GAZETA CEARENSE, já em quarto lugar dos jornais que classificou, com tanta paciência.

Onde o lugar, que, da GAZETA DO CEARÁ, cuja cópia autêntica, com o mesmo tipo e o papel, de igual qualidade com assuntos republicanos, saído a 6 de Abril, do mesmo ano da Confederação do Equador? CRATO, ABRIL DE 1963. (Do jornal "O IDEAL")

tro herói e os mundos que crescem dentro de cada um se alargam no plano íntimo, mas se estreitam no plano exterior, pela impossibilidade de caber tantos heróis no mundo. Cada um deles — dessa demoníaca raça — lança algumas sementes do mal com a mesma afetação com que faz saltar seu agulhão envenenado, isto é, inocente de tudo. A única coisa que tem em mente é que precisa ser herói a qualquer custo.

O estrelismo tem destruído vários grupos, no mundo todo, dada a mania do herói de brilhar sozinho. Existem determinados heróis que, para se manterem fortes, ou para adquirirem luz para seus caminhos, só se alimentam da carne de outros heróis. Assim, fica estabelecida uma sobrevivência vampiresca.

Uma coisa interessantíssima de se observar é o diálogo de dois heróis. Nenhum está interessado em ouvir o outro: querem apenas contar vantagens sobre suas presas.

Quando um herói é reconhecido oficialmente, aclamado pela imprensa e badalado nas bocas, torna-se um super-herói. E dê-lhe um par de asas e ele voará mais rápido que o Super-Homem.

Tal fenômeno de heroísmo, que está se tornando tão generalizado, deve-se ao fato de nossa sociedade global estar vendendo muito barato os bilhetes para a ego trip. E, assim, até o pessoal da contracultura, que falava muito em iluminação e transcendentalismo, também tomou seu lugar no barco e, para deixar muita gente na pior, sem entender mais nada, começou a espelhar o mesmo sistema exterior, corrupto e decadente, entre suas paredes.

Cada um de nós tem, no fundo, um pouco de herói. Cuidado, porém, com os heróis crônicos, que existem em grande quantidade perto de você, muito bem camuflados. O que você tem a fazer para detec-

tá-los é procurar uma ação heróica que os torne participantes. Dificilmente um herói resiste a isso. Tente uma, duas, até três vezes. Esteja preparado, principalmente se ele é seu amigo, porque uma das coisas mais deprimentes da vida é ver um herói se revelando. É como se você o estivesse vendo pela primeira vez. De maneira que atente para as características do herói:

Normalmente ele sabe mais que você, curtiu mais que você, é mais experiente em tudo; um dono da verdade, em suma. Ele não se interessará no que você falar, a menos que isso deixe margem para que ele cometa pequenos heroísmos. Tenha em mente que um herói precisa de público.

Se você for inteligente e criativo, o herói vai querer sugar isso de você, e uma das maneiras como ele desvia-lhe a atenção deste fato é colocando-lhe como observador direto dele, fazendo mil e uma prescrições para lhe atrair e lhe arrancar a pele.

O herói, no entanto, é uma pessoa angustiada, porque dia a dia se depara com novos heróis, tão fortes ou mais fortes que ele. E quando tem que ceder diante de um, despedaça-se todo por dentro. Muitas vezes ele deseja nunca ter sido inoculado com tal doença, mas está metido até o pescoço no heroísmo e o que tem a fazer é, cada vez mais, aguçar suas presas no esmeril dos flashes e dos elogios da máquina cultivadora de heróis, mesmo que tudo não passe de uma mera representação... caseira.

São Paulo, 17 de março de 1971.

P. S. — Como exemplo de heroísmo, veja o comportamento de Stephen Stills no documentário "Celebração Musical em Big Sur". Aliás, o Crosby, Stills, Nash & Young tem uma história que culminou numa transa bem heróica. Tchau.

Seu Dotô, como é que pode?

Antônio Gonçalves da Silva
"PATATIVA"

Seu Dotô, nosso Nordeste
É mesmo a terra da fome,
Onde o matuto não veste,
Onde o matuto não come.
A agricultura é sentença
E sem haver assistência,
O jeito é se escangaiá.
Parece mesmo um pagode!
Seu Dotô, como é que pode
Este Brasi miorá?

Carsando dura apragata
O nosso pobre cabôco
Se soca dentro da mata,
Pisando inriba de tôco,
Bota um alarme de broca,
Depois nela fogo toca.
Depois da mesma queimá,
Ainda lhe dá cansêra,
Pruque tem a garranchêra,
Que é preciso incoivará.

Êle, naquele vexame,
Logo o terreno incoivara
Mas porém, não tem arame,
Precisa cercar de vara.
Depois da roça cercada,
De ferramenta pesada
Segue no mesmo rojão,
Pois com nada se aquebranta
E na terra seca pranta
O caroço de argodão.

Pranta com munto prazê,
Com munta satisfação,
Pruquê no rádio ABC,
Que comprou de prestação,
Todo momento que liga,
Além de muntas cantigas,
Escuta uma voz falá,
Uma voz dizendo: "prante,
Que o governo garante".
E o seu desejo é prantá.

Pranta no sêco a semente
E depois de tê chuvido,
Êle diz munto contente:
Meu argodão tá nascido
E vai a limpa fazê,
Mode o mato não crescê,
Pois, pra podê dá de conta,
É preciso que se arroje,
Puxando um forte frefoge
Com uma inxada na ponta.

Vendo o prantio na linha,
Sempre de bom a mió,
Agarra dimenhãzinha,
Té chegá o pôr do só.
A sua manutenção
Meidia é sempre feijão
E de noite muncunzá,
Mas, nada de esmorecê,
Uvindo o rádio ABC,
Sempre mandando prantá.

Esta roça tá firmada,
Porém, tem a capôera;
Esta aqui limpa de inxada
E aquela de roçadêra.
O seu argodão rôço
Tá se tornando um colôço,
A roça tá muito bôa,
De fulô, toda amarela,
Pode a gente chamá ela
Um bordado de assafrôa.

E êle o trabaio fazendo,
Sempre aguentando o ripuxo,
Aqui e ali já tá vendo
Desabrochando o capucho
E o camponês não descansa,
Cheio de fé e esperança,
Por vê o argodão abrí,
Diz, alegre e munto esperto
Já tá chegando bem perto
Do guverno garanti.

A roça no mês de agosto
Tá bem arva de argodão,
Tá mesmo de fazê gosto,
Tá mesmo um manapulão,
Quem de longe repará,
Sabendo bem compará,
Logo em sua mente toca
Que aquilo é bem parecido
Com um lençó estendido,
Coberto de tapioca.

E o nosso honesto matuto
Sempre da roça pra casa,
Achando que o seu produto
Vai dá lucro e não atrasa.
De noite, perto da mesa,
Com a lamparina acesa,
Todo cheio de ilusão,
Destranca o rádio ABC,
Pruquê deseja sabê
Que preço tem argodão.

Com os seus dedos grosseiro,
Passa ali hora e mais hora,
Mexendo com o pontêro,
Em toda estação demora,
Porém seu rádio ABC,
Desta vez, não qué sabê
De negoço de argodão,
Derne o Sú inté o Norte,
Só tá falando de esporte,
Pelé, Garrincha e Tostão.

Bota o pontêro pra lá
E é sempre uma coisa só,
Puxa o pontêro pra cá
E é o mesmo Futibó
E aquele nosso caboco
Já quage com ar de lóco,
Vai ficando meio brabo
E diz bastante raivoso:
“Êste rádio é mentiroso!
Eu só vendendo êste diabo!”

Cheio de raiva e quisila,
Já de esperança perdida,
Tranca o seu rádio de pila
E fica a pensá na vida,
Dizendo a sua senhora:
“É uma grande caipora
Vendê argodão barato!
Perdi todo o meu serviço,
Trabaiei com sacrifício,
Pra botá tudo no mato!”

Na vida de agricultô,
Não há pobre que se saia,
Pra todo lado que vou,
Tem um bicho de tocaia;
É grande a desigualdade,
Do campo para a cidade!
Você repare, muié,
Que grande escuiambação,
Quinze quilo de argodão
Não compra três de café!”

E toca lá pra cidade
Quatro carga de argodão,
Mas porém mais da metade
Já tá devendo ao patrão.
Com a sobra do dinhêro,
O sobejo dos cruzero,
Que é bem pequena quantia,
Faz uma fraca merenda,
Depois vai comprá fazenda,
Mode vesti a famia.

Depois que de brim barato,
Compra carga pra José,
Chico, Migué, Furtunato,
E uma saia pra muié
E seis vestidos de chita
Pra Joana, Josefa, Rita,
Teresa, Antonia e Sinhá,
Fica coçando o bigode.
Seu dotô, como é que pode
Êste Brasi miorá?

Veja que negoço chato,
O que foi que aconteceu,
Vendeu o argodão barato,
Que tanto trabaio deu!
Aquele bom camponês,
Com as comprinha que fez,
Nem um centavo sobrou,
Ficou de bolsa vazia,
Pensando na garantia
Que o radio tanto falou.

Sem ter no borso um tostão
Vorta o caboco da praça,
Pensando em seu argodão
E incabulado, sem graça,
Quando chega na paioça,
Vai derrubá nova roça,
Pra ôtra safra fazê,
Bem sisudo resmungando,
Xingando e desconjurando
Aquele “Radio ABC”.

Seu dotô, nosso Nordeste
É mesmo a terra da fome,
Onde o matuto não come.
Onde o matuto não veste,
A agricultura é sentença
E sem havê assistência,
O jeito é se escangaiá.
Parece mesmo um pagode:
Seu dotô, como é que pode
Êste Brasi miorá?

Memórias de um Gerente de Banco

Exercia eu as funções de Gerente do Banco do Brasil S. A. em Poxoréu, Mato Grosso — lá se vão 15 anos! — quando fui surpreendido com a minha designação para Inspetor no interior do Piauí e em parte do Maranhão, com sede em Teresina. Cinco meses depois de ter enviado meus relatórios das vistorias realizadas em Florianópolis, Piracuruca e Campo Maior, concluí que o meu trabalho não agradara à Alta Administração. Mandaram-me, algumas semanas depois — e eu recebi a incumbência como duro castigo mal disfarçado — instalar quatro novas agências, fruto da inflação que ameaçava arruinar o Brasil:

PINDARÉ-MIRIM, no Maranhão;

CANGUARETAMA, distante 114 léguas de Natal, no Rio Grande do Norte;

GUMPA, cidadezinha semi-morta, perto da foz do Xingú, no Pará;

RIO DAS CONTAS, na serra do mesmo nome, perto do rio Bromado, na Bahia.

Naquela época — tempos duros, duríssimos! — ordens dadas eram ordenas executadas. Não ousei, pois, discutir a determinação. Instalei as três primeiras, amargando, sofrendo o diabo em sórdidos hotéis de 5.^a classe, mordido pelos mosquitos, pulgas e persevejos, matando baratas atrevidas e afugentando, a pauladas, ratazanas que mais pareciam preás... Sofrendo o diabo e me servindo de “magníficas” refeições: sopa de calango, de caramujos, fritadas de formigas saúva, filé de orelha, feijão mal cozido e sem sal, bofe, contrabofe, etc ..

Certo dia — Deus seja louvado! — tendo viajado a pé, de avião, de vapor, em costas de burros, de trem, de onibus, de canoa, em carro de bois e motonetas, cheguei, enfadado, “tiririca”, “rôxo” de fome, semi-morto de cansaço, são e a salvo, porem, em Rio das Contas.

Quatro meses depois de muito trabalho, dia e noite, já se aproximando a data da inauguração do novo departamento, verifiquei, sem espanto, que minha lista de marmanjos candidatos a Contínuo era de, “apenas”, 168 candidatos... para um cargo! E cada um dos candidatos era mais recomendado!

Eu estava codificando um telegrama, numa tarde quente, quentíssima, no prédio onde funcionaria a agência, quando fui procurado por uma senhora modesta, D. Terentila Inojosa Cunegundes, com carta de apresentação e recomendação do Prefeito da cidade. Fi-la sentar e disse, depois de ter lido a missiva:

— Estou às suas ordens.

Bem instalada na cadeira, a distinta senhora ageitou a blusa de morim enfeitada com soutache azul, puxou o chale de lã, preta, de cabra, que lhe caía pelos ombros, espalhou a saia rodada de chita vermelha, de florões, com muita goma e bem passada a ferro, encostou a sombrinha no bureau, limpou, com um lenço de Alcobaça, os vidros dos olhos, ordinários, de ferro niquelado, adquiridos, de certo, ha meio século, a algum mascate “carcamo” de passagem pela cidade e iniciou a sua “estória”:

— “Seu” Doutor (Inspetor de Banco, careca e de olhos, só pode

ser Doutor...) vim solicitar a Vossa Mercê empregar aqui, como Contruuo, meu filho Bartolomeu (ela pronunciou Bartulumeu).

— Eu ia dizer que sentia muito não poder atender ao pedido do Prefeito, pois já recebera mais de uma centena de solicitações, entretanto anotaria a que ela me entregara, mas a respeitável dama não me deixou falar:

— Vossa Mercê conhece o Bartulumeu?

Ante minha resposta negativa, informou:

— É uma peste, “Seu” Doutor! Mal desenha o nome e muito pior “dificra” as contas de somar, de diminuir e de multiplicar. Dona Varlançete, a Diretora do Grupo Escolar em Maravilha, que é o bairro em que nós “mora”, por mais que lascasse a régua na cabeça dele e até — o que é proibido pelo Diretor da Instrução Pública — sapecou, lá nele, por mais de uma vez, uma dizia de bolos, não conseguiu ensinar essa “estória” de dividir. Ele não sabe quais são os números par e impar, apesar de eu ter ensinado que é par quando é dois; e impar quando é mais de dois. Gramática então não entra na cabeça dele, nem “giografia”. Com “Seu” Vigário, no catecismo, na Matriz, todas as tardes de 5.^a feira, aprendeu, a custa de muito cocorote, além dos Mandamentos, a rezar Ave Maria e o Padre Nosso, mas já se “isqueceu”. Nunca conseguiu “rescordar” o Credo nem a Salve Rainha. E ainda estaria lá aperriando o pobre do Padre e a Dona Martha, que é Zeladôra, dizendo nome feio, beliscando as pernas das meninas, se “Seu” Vigário não tivesse encontrado ele, atraz do altar de São Benedito, bebendo vinho de missa tirado das galhetas. Deu-lhe uns murros e o expulsou do templo sagrado. Creio que o rapaz é enérgico (ela queria dizer alérgico...) a esse negócio de igreja e de reza. Comadre Balbina, que sabe muita coisa aprendida com a Rita do Doutor, dona do Hotel Universal, diz que meu filho tem pautas com o Tinhoso, o cão, o sujo, o coisa ruim. Parece que tem mesmo!

Parou um minuto para tomar fôlego. Bebeu água que eu ofereci, penalizado, e continuou:

— Bartulumeu não me ajuda no “laboreio” da casa, não me obedece, nem ao pai, que é paralítico há cinco anos, nem a avó, cega e doente. Não me toma a benção, não me ouve, nem me respeita. Só me chama velha chata, corôa, abusada. Bate na irmã. Briga com os vizinhos. Rouba frutas nos sitios dos outros. Todo o sábado passa a noite dançando num bleforé na rua do Piolho e chega em casa, domingo de manhã, “bebinho” da silva, fedendo a cachaça. Todo o santo dia joga tres-sete e vinte e um, a dinheiro, que eu não sei onde ele arranja, num quiosque no largo da feira ou “antonce” joga bozó, com castanhas, por detraz do cemitério, com tudo quanto é cabra safado e “semvergonho”.

Quando não encontra parceiros para os jogos, vai pegar passarinho ou nadar no rio, jogando sapatada. Só descanso um pouco quando chega um circo, pois ele se mete com os “charutos”. Quando o palhaço sai à rua, ele e um bando de safadinhos da mesma marca, sem pai e sem mãe, vãoatraz, respondendo as graças e as imoralidades do tal sujeito de cara pintada, roupa larga e chapéu de funil, montado num burro de costas para o focinho do animal.

Parou um minuto, enxugou uma lágrima e reatou:

— “Sube” que o Tenente Euclides, Delegado, “dixe”, no Mercado, que mete meu filho no xadrez, um dia destes, manda um soldado dar duas duzias de bolo e só solta “adispois” que ele “fizé” faxina e varrer as ruas. Aí eu morro de vergonha, Santa Mãe de Deus!

Nunca mais dormi sossegada. Passo as noites chorando, rezando, pedindo ao Senhor do Bomfim e a Santo Amaro da Purificação que dê um jeito no preguiçoso, dormente e ordinário do meu filho, que não quer nem ouvir falar em trabalho e nem em obrigação. Foi uma inspiração da Divindade, esta noite, me mandando vir pedir a Vossa Mercê empregar o "Bartulumeu" como Contínuo.

Parou e começou a chorar, cabeça baixa, aflita, de fazer dó. Quase caio da cadeira ou desmaio assustado. Lembrei-me, então, que, naquele dia, pela manhã, recebera um memorandum da Direção Geral informando ter sido nomeado Gerente de Rio das Contas um chefe de seção de Colatina, no Espírito Santo — Valdevino Fedegoso Apolinário de Santa Engracia, moço de futuro, trabalhador, talentoso, esforçado e disciplinador, doido para fazer carreira no Banco... Tal colega já trabalhara sob as minhas ordens e me dera, propositadamente, por pura perversidade, muitas dores de cabeça, isso na agência em Sobral. Quem deve a Deus — dizem — paga ao Diabo... Chegara a hora da minha vingança, que é o prazer dos deuses, como afirmam..

Ri-me, íntima e perversamente, informando a D. Terentila que o seu "esforçado" filho seria nomeado.

Cumpri minha promessa e indiquei o nome do rapaz. Dias antes da inauguração do departamento, chegou a nomeação do moço. No outro dia embarquei para a cidade do Salvador, enquanto o novo serventuário, enfiado num vistoso terno de casimira azul marinho, comprado, a prestações, ao Elias Turco, proprietário do Bazar Estambul — tomava posse solenemente, invejado pelos demais candidatos, que lhe rogaram as piores pragas conhecidas...

Transcorreram tres lustros, meses e dias.

Como foi que o Valdevino descascou o "abacaxi", isto é, supoutou o "Bartulumeu"? Ignoro, meu amigo. Se você, porem, tiver muito interesse em saber, escreva, imediatamente, ao Valdevino, que deixou Rio das Contas seis anos depois. Ele, segundo me informaram, é, presentemente, Gerente em Irati, no Paraná.

(Do livro, inédito, "A Cabeleira de Berenice").

Sobral, 10 de setembro de 1972

Exmo. Sr.

Tenho a grata satisfação de comunicar-lhe que, em data de 07 do corrente, em magna sessão realizada às 20 horas, no Palace Clube, e quando a Academia Sobralense de Estudos e Letras, prestou significativa homenagem à Pátria, ao ensejo feliz do Sesquicentenário da Independência do Brasil, foi empossada a nova diretoria deste sodalicio, que na ocasião comemorava o seu 29.º aniversário de fundação.

A nova diretoria para o ano social 72/73, ficou assim constituída:

Presidente : — JOÃO RIBEIRO RAMOS
Vice-Presidente : — JOSÉ GERARDO FROTA PARENTE
1.º Secretário : — JOÃO ALVES TEIXEIRA
2.º Secretário : — ANTONIO FERREIRA PORTO
Tesoureiro : — JOSÉ FERREIRA PORTELA NETO
Bibliotecário : — JÚLIO ÁLVARO COELHO

Atenciosamente

JOÃO ALVES TEIXEIRA — Secretário

LABORATORIO DE PESQUISAS CLINICAS DO CARIRI

Dr. Paulo Cartaxo Esmeraldo

Dra. Maria das Graças Emídio Bríngel

EXAMES: SANGUE - FEZES - URINA

Bioquímica do Sangue

Provas de Fundação Hepática

Sorologia, Culturas e Antibiogramas

Exames Pre-Nupciais

Serviço de Transfusão de Sangue

Rua Santos Dumont, 29

COMÉRCIO E IMPORTAÇÃO DE BEBIDAS LTDA.

Depósitos de Bebidas, Estivas
e Cereais das Melhores
Qualidades

Produtos para pronta entrega
e com os melhores preços

MATRIZ:

Rua Mons. Esmeraldo, 725 - Fone 589

Crato — Ceará

FILIAL:

Rua São Paulo, 866

Juazeiro do Norte — Ceará

Recordando épocas e Narrando fatos

I — APRESENTAÇÃO

Trago à memória todo o meu passado, que jamais sairá do arquivo da lembrança.

A distância mantida pelo recuamento do tempo, não conseguiu nem consegue esponjar do meu alvitre o que a mente preservou.

São decorridos 48 anos que, eu e vários conterrâneos pisamos no primeiro degrau da escada hierárquica da vida militar, na Escola de Aprendizes Marinheiros do Ceará, a quem estou devendo pelo que alcancei em minha vida. Por mais que realize em benefício da Marinha, torna-se pouco para pagar a minha gratidão. Na realidade, nunca se deve deslembrar os benefícios recebidos, quem os deixa cair no esquecimento, é mal-agradecido.

Quem confessa a verdade não merece castigo. Se não fôsse a bondade de Deus e a Marinha, o que seria de mim? Vivia sofrendo de pauperismo desde o meu nascimento, sem esperança para curar-me.

Se a marinha não tivesse dado-me permissão de passar além do portão acessional às suas dependências, não condescendesse-me acolhida como uma mãe diligente ao seu filho, instrução primária completa, estaria no meu adorado Cariri vivendo como agregado da propriedade alheia. Porque não encontraria outra circunstância superante a distinção que a Marinha deu-me para aperfeiçoar-me.

A época no Cariri antes do meu ingresso na Marinha e pouco depois, era difícilíssima para tudo, principalmente para angariar meios de encher a barriga, com esta aprovisionada temos disposição para o trabalho e esperança de melhores dias.

No tempo que corre, o Cariri transborda de fartura. Deus dirigiu sua atenção para êle com mais afinco, apiedou-se do seu povo que era sofredor.

Em 1915, 19 e 32, o Cariri sofreu desassossêgo pelas visitas das sêcas flagelativas, que o assolaram sem dó da miséria dos caririenses. Sendo que, a falta de chuvas em 1915, foi a mais rigorosa.

Houve grande êxodo de flagelados para escapar da fome, pela falta de viveres. Em Juazeiro do Norte, morreram muitas pessoas por falta de alimento e doenças adquiridas por não haver higiene.

Nas estradas que convergiam-se às "Malvas", Crato e Horto, à som-

bra das árvores, permaneciam: — homens, mulheres e crianças, esqueléticos e macilentos estendidos ao chão, sem ânimo para nada, por causa da debilidade do corpo pela ausência de alimentação, fazia cortar coração aqueles dramas de miséria. Os meus contemporâneos, poderão reafirmar a verdade dêste relato.

Se o Governo Federal, em 1915, chegou a enviar víveres para os esfaimados, não chegaram ao destino, desviaram-se do caminho evidente.

Suponho que, os Presidentes da República e do Estado do Ceará naquela ocasião, não ficaram alheios ao flagelo, prestaram auxílio. Mas, os desumanos do passado açambarcaram, deram forma alífera a ajuda do Governo, bateu azas e voou. Por essa razão, milhares de cearenses interioranos deram o couro às varas. Peço indulgência pelo eufemismo que empreguei.

O povo sofreu pacientemente apelando para Deus, comendo macambira e mucunã, manteve-se amigo da ordem, sem praticar saqueio.

Particpei daqueles alimentos, começava-se prepará-los ao amanhecer para terminar pela tarde, nêles não havia o menor sabor, era somente para iludir o estômago. Mas uma vez, graças a Deus porque estou vivo e ter sido contemplado pela sua misericórdia.

A Marinha deu-me oportunidade de conhecer vários países e o Brasil de norte a sul, à exceção do Pará e Amazonas. Estive com um pé no Rio de Janeiro e outro em Manaus. Fui determinado para servir na Capitania dos Portos do Amazonas, com sede em Manaus, em 1938. Todavia, meu colega Franklin fôra designado para São Luís do Maranhão, prestar serviços idênticos aos que eu deveria dar em Manaus, pediu-me para trocar, em virtude de ser amazonense. Assenti, atendendo-lhe a necessidade, obedeci a regra que manda dar a cada um o que é seu.

Era consorciado com moça amazonense, há muitos anos que não iam a Manaus, obtivemos aquiescência do nosso superior, fui servir em São Luís e o Franklin em Manaus, nossa comissão duraria 2 anos, como o foi.

Ao regressar, entregou sua alma a Deus, acho que morreu satisfeito por ter visitado a sua terra natal.

Durante a minha permanência na terra de Gonçalves Dias, mantive boa relação de amizade com os descendentes dos TIMBIRAS, vi nêles afeição pelo amanhã à cultura intelectual, no desenvolvimento da inteligência.

Perdi o meu genitor em 1910 no Amazonas, à margem do Juruá, extractando o látex da seringueira para dar a minha mãe e seus filhos uma mesa com fartura, com o dinheiro adquirido através da vendagem do produto. Porém Deus não o permitiu, deixou a tarefa para mim, mais tarde.

Minha pobre mãe ficou viúva em Juazeiro do Norte com três filhos menores, sendo eu o primogênito. Vivíamos da roça cultivada em terreno alheio, com sacrifício e fadiga, havia ocasião em que as chuvas não eram suficientes para criar a lavoura, não tínhamos retribuição do nosso labor.

Quando uma cousa falhava, eu recorria a outra, para minha mãe não sofrer penúria com os meus irmãos, que eram pequenos.

Executei trabalhos humildes, sempre esperançoso de alcançar socorro do Céu. Vivi a braços com as dificuldades daquele tempo, conheci momentos difíceis que não me fizeram vacilar a fé.

Fui cambiteiro dos saudosos senhores de engenho: — João Bezerra e Tenente Zé Dias como chamavam-no, cassaco de estradas de ferro, ajudante de pedreiro, vendedor de frutas pelas artérias de minha cidade, etc. Louvado seja Deus, pela benção de prosperidade que me deu e longevidade.

Sempre com desejo ardente pedia a Deus para abrir os meus caminhos, permitir um futuro desafogado para este narrador que vivia em dificuldade.

II — ATUAÇÃO DOS DONOS DE ENGENHOS

Vou referir para os mais novos, porque os idosos são sabedores do prestígio e autoridade que um senhor de engenho tinha.

No Cariri não havia fabrico de açúcar, manufaturava-se rapadura amarelinha como gema do ovo, sabor de grau superior as congêneres dos Estados.

A investidura de autoridade era outorgada por cada um a si mesmo. Desde que fôsse senhor de engenho, arrogava-se de mandante dentro da jurisdição do engenho e circunvizinhança. Quando era encontrado alguém chupando um pedaço de cana, levavam-no à presença do senhor de engenho. Perguntava-lhe onde havia adquirido, mediante a situação do momento, confessava que tinha retirado do canavial.

Era-lhe perguntado se queria levar uma dúzia de bôlos de palmatória ou extrair um dente sem anestesia.

Mesmo se ficasse calado, receberia de qualquer forma um dos brindes, sem ter a quem invocar socorro.

Essas crueldades eram narradas por pessoas originárias de Pernambuco e Alagoas, onde tinham cenário.

Graças a Deus, tudo isso já desapareceu, eliminado pela esponja do progresso.

Felizmente, os proprietários dos engenhos no Cariri, tinham natureza benéfica ou compassiva, enérgicos quando alguém procurava abusar da bondade, sem empregar violência.

Para isso podemos apresentar como protótipo da benevolência, o coronel Nelson dono do sítio "Lameiro".

As espôsas dos senhores de engenho no Vale do Cariri, eram verdadeiras santas, não tomavam parte na administração do marido, cuidavam da faina do lar, protegiam os fracos e oprimidos.

Obtive amparo de uma dessas, enquanto trabalhei no engenho do seu marido. Trata-se da saudosa D. Inês, espôsa do primeiro consórcio do senhor João Bezerra, que Deus já os chamou para a eterna morada. Rendo-lhe preito de gratidão pelos favores que obtive daquele casal, mormente da espôsa.

Mantenho-me lembrado do bem, guardo-o na mente e no coração, sempre procurando apagar da lembrança o mal que meu semelhante me faz.

Lá em cima, numa das milhares de estrêlas que ornarn o espaço sideral, criadas para uso residencial dos espíritos, D. Inês e João Bezerra vivem a vida que aqui não desfrutaram, porque este planeta é próprio para o sofrimento.

Queiram mais uma vez receber o meu agradecimento pelo muito que me fizeram, Itaytera será portadora do meu reconhecimento.

Quem ler este trabalho humilde análogo ao autor, fique sabendo que, a menor ocorrência aqui na Terra, os seres humanos dos mundos espirituais são sabedores sem demora. Existe para eles um sistema invisível de comunicação, mais perfeito de que nossa aparelhagem destinada ao mesmo fim.

III — REALISMO E PAREOER

Não posso ocultar a verdade, quem a encobre não merece fé, dizer o que fui não me traz vexame, enunciar o que sou sem cobiça de ostentação, acho que faz manifestar incentivo nos rapazes que almejam um futuro prospérrimo.

Graças a Deus e aos meus esforços, consegui admissão no oficialato. Parecendo-me sonho o que obtive na realidade, nunca pensei de atingir esse grau.

Pelas exemplificações apresentadas podemos inferir que, a Marinha tanto recebe pobres como ricos, é meticulosa no ato ou efeito de escolher, quer seja de uma categoria, quer da outra classe. Seu objetivismo não é opulência e quantidade, exige qualidades.

Não é na côr, como muita gente enciumada fala abertamente que a Marinha só recebe sangue azul.

Aconselho aos rapazes para ingressar na Marinha, quer como aprendiz marinho, quer como aluno do Colégio Naval. Os educandos dêste, serão oficiais em pouco tempo e alcançarão as platinas de almirante.

O aprendiz marinho irá até capitão-de-corveta, corresponde-lhe o posto de major da Aeronáutica e do Exército, bôa dádiva proporcionada aos marinhos e fuzileiros navais. Além disso, terão o ensejo de conhecer os continentes e os oceanos, arquipélagos e ilhas principais.

Desde o seu início como aprendiz recebe bôa alimentação e instrução, ensino mais completo na parte literária e científica.

IV — ESCLARECIMENTO

Quero deixar claro, que não tive nenhuma intenção de menosprezar a quem vive do cabo da enxada, cultivando na propriedade dos outros, quando me referi as amarguras pela falta do necessário à vida, que me faziam recorrer a todo trabalho que aparecia, depois que obtive o amparo da Marinha, manifestou-se-me suavização.

Trabalho não faz perder a honra de ninguém, pobreza também, feliz de quem encontra um lote de terra para cultivar, mesmo na condição de agregado.

A abundância do Cariri, orgulho do Ceará, nasce daqueles que vivem da enxada na laboração de sol a sol, molhados pelas gotas de suor.

V — NARRATIVA DE FATOS HETERÓLOGOS

A minha turma era composta na maioria de rapazes do Cariri, dos componentes tenho nítida recordação de quatro: — Carivaldo e Pedro Pinheiro de Melo, Raimundo de Ômega Pinto e Cleofas Dias Costa, este fôra o substituto de Pedro Pinheiro de Melo, na Escola de Aprendizes Marinheiros.

Raimundo, Carivaldo e Pedro, deixaram a Marinha quando estavam no patim do segundo ano de iniciação.

Depois de 20 anos, voltei ao meu inesquecível Cariri, jamais será esquecido por mim, chão onde meus olhos viram a Terra e a fascinante serra do Araripe pela primeira vez.

Encontrei-me com Pedro Pinheiro de Melo em Juazeiro do Norte, doutorado e exercendo o cargo de Juiz de Direito, em Barbalha. Posteriormente avistei-me com seu irmão Carivaldo, em Petrolina. Relembramos o seu tempo na Marinha, demonstrou-me ter saudade das pessoas ou coisas que as conheceu.

Tive oportunidade de ir a Petrolina, porque estava chefiando a Estação Rádio da Marinha, em Juazeiro da Bahia, minha última comissão no serviço ativo.

Nesta região do São Francisco, na margem bahiana, foi descoberta a maior jazida de cobre, que existe no mundo. Já foram feitos exames do solo e subsolo, numa área com mais de 20 léguas de extensão, com resultado positivo pela presença do minério e teor, que é excelente.

Se aquelas três criaturas acima citadas, que renunciaram a Marinha, tivessem prosseguido na Armada, teriam feito carreira brilhante, todos de nossa época que perseveraram alcançaram o oficialato, quer na ativa, quer por efeito de transferência para a Reserva Remunerada.

O substituinte do Dr. Pedro Pinheiro de Melo é almirante, o de Carivaldo capitão-tenente, ambos estão na R. Remunerada. Procedentes daquela Escola fértil no preparo de homens para servir à Marinha, filhos de Fortaleza e descendência humilde como eu.

A perseverança é escada que o perseverante subindo pelos degraus sem esmorecimento, alcança o marco desejado.

VI — ACONTECIMENTOS APRECIÁVEIS

Fato apreciável ocorrera comigo e o atual almirante que substituiu o Dr. Pedro Pinheiro de Melo como aprendiz marinheiro.

Desde o aprendizado que travamos reciproca camaradagem, obtivemos promoções desde marinheiro de segunda classe até 3.º Sgt. ao mesmo tempo, colega de amizade inquebrável, era escrevente e eu radiotelegrafista.

Tinha afeição aos livros de literatura higiênica, sentia-se satisfeito quando alguém lhe emprestava um para ler. Dizia-me sempre que tinha esperança de ser oficial, eu achava que êle havia ensandecido, porque naquele tempo não existiam as possibilidades atuais.

Nas horas de folga, instruí-me em matemática e regras de português. Aconselhava-me para não deixar de estudar, mesmo na condição de autoridade, como assim consegui dar um pouco de acabamento ao meu conhecimento, afastando-me muito para o aperfeiçoamento.

Em 1934, houve concurso para preenchimento de vagas existentes no Quadro de Contadores Navais. Praças, srgts. e suboficiais poderiam concorrer, inclusive civis. Aquêle colega estava mais preparado do que eu, requereu e alcançou deferimento favorável, enfrentou a banca examinadora e foi aprovado, promovido a 2.º tenente.

Continuei estudando, preparando-me para a minha vez, que teve ocasião em 1952 depois que encaneci, antes do que nunca.

Nesta quadra, o almirante Cleofas era capitão-de-fragata. Aquilo que era objeto de elevada aspiração do ex-sargento Cleofas, Deus o coroou com realismo, na razão ou na justiça dos méritos.

Quem roga a Deus com empenho é socorrido. Qual o pai por mais ruim que seja, deixa de atender a solicitação justa do seu filho? Então, Deus que é justiça, bondade e amor, não falta ao apêlo dos seus filhos que somos nós.

Na Escola de Aprendizes Marinheiros do Ceará, éramos comandados por um capitão-tenente, modelo de perfeição e mentor de qualidade excepcional, formador de mentalidade marinheira, inoculador de patriotismo e amor a Deus. Este, é o elemento raro predominador na constituição de tudo que existe visível e invisível, aos nossos sentidos.

Dava-nos bons exemplos para poder exigir de seus comandados. Possuía dom excelente para inculcar em seus subordinados devotamento veemente aos heróis maravilhosos: BARROSO, CAXIAS, MARCÍLIO DIAS, General Sampaio e os demais que, consagraram-se na peleja que tivemos com os paraguaios.

Nós brasileiros devemos ter na mente e no coração, os nomes e feitos de heroicidade daqueles heróis que combateram no Paraguai, também de igual modo, dos que plantaram a semente de Independência, deixando-a borrifada com gotas de sangue dos seus corpos.

Jamais esquecer o sacrifício daqueles seres humanos em terras estranhas, lembrando-se sempre que os tombados nos combates fluvial e terrestre, deixaram de existir para vivermos e gozarmos do uso dos direitos do homem livre.

O preço dessa liberdade para nós, foi pesadíssimo aos nossos heróis, não há dinheiro que os pague. Apenas exigem de nós — fidelidade às normas da nossa democracia salutar herdade dos nossos ancestrais, união com o Poder Central, ajudando-O na sua linha reguladora delineadora para o progresso em todos os ramos tecnológicos.

Por ocasião do nosso alistamento na Escola de Aprendizes Marinheiros do Ceará, o comandante da referido Escola nos transformou em imagens de atividade funcional e autenticidade do extraordinário Marcílio Dias, consagrado pela fama e feitos honrosos. Daí então, passamos a pertencer a falange daquele herói.

Após a Ordem-do-Dia, deu-nos a gola azul de três cadarços e duas âncoras, com o fito de seguirmos o exemplo glorificador daquele marinheiro do rincão gaúcho, que perdeu a vida com bravura e amor ao Brasil, deixando seu nome gravado na memória dos brasileiros, que será transmitido de geração em geração até a consumação dos tempos, ou seja a extinção da humanidade.

Unificou-se à perpetuação da galeria da legião dos heróis, por ocasião da celeberrima batalha naval do Riachuelo, em 11 de junho de 1865.

Não deu possibilidade ao inimigo do solo guarani, descer o símbolo da nossa Pátria içado no mastro da Parnaíba.

Deu provas de ter dado acolhida a esplendorosa loucação do louvável almirante BARROSO: — “O BRASIL ESPERA QUE CADA UM CUMPRA SEU DEVER”.

Proposição bela pela formosura de patriotismo que encerra, dando encorajamento aos marujos para a batalha, que se travaria no espaço de minutos.

O inimigo estava à vista e descendo o rio, com maior quantidade de vasos de guerra, havia-lhe maior possibilidade para um triunfo, no entanto, sofrera descaminho fragoroso, porque Deus estava com os brasileiros.

Foi dura essa peleja, começada pela manhã e terminada a tarde, com a vitória para o Brasil.

Aproveito o ensejo de hoje ser 11 de junho de 1972, aniversário daquela batalha memorosa, a fim de prostrar-me diante do nome do inolvidável almirante, para lhe oferecer do meu coração vibrações de afeto e louvor, estendendo-as aos destimidos marujos da sua Esquadra.

Em assim, evocar a minha passagem por aquele local histórico há 39 anos atrás, sob o comando do então capitão-tenente Jorge Paes Leme, que mais tarde fôra almirante-de-esquadra, restando da sua insigne pessoa para quem a conheceu, saudade imorredoura. Que a sua memória cubra-se de glória perenal, com ervio de sossêgo durável à sua alma.

VII — TRADICIONALISMO

Juazeiro e Petrolina, atrioutivas aos solos do Leão do Norte e ao bêrço de nascimento do Brasil, distam 840 metros entre si.

Separadas pelo São Francisco e ligadas efetivamente pelo objetivo de progresso dos municípios de ambas, sem azedia bairrista e onzenice em seus habitantes. Ampliam-se em todos setores, com a coadjuvação da SUDENE.

Gozam de prestígio invulgar, recebendo visitas do Presidente, Ministros e Governadores, inclusive as de ORÉADE e OCIANIDES.

Trinta por cento dos petrolinenses e quarenta na mesma proporção nos juazeirenses da Bahia, cultivavam o espiritismo e o candomblé, que vêm sendo transmitidos de geração em geração.

Hayendo inumerabilidade de terreiros ao desempenho das mandigas, que só pode maleficar as pessoas possuidoras de espirito pobre, que vivem intoxicadas pela crença na mandingaria, portadora da *urucubaca*.

Na minha apreciação e das pessoas de maior superioridade no discernimento aceitamos o candomblé como folclórico, sem nenhuma função para consecução de comunicação entre enarnados e desencarnados, ao contrário da crença que seus prosélitos lhe dão.

Se houvesse comunicação mediúnica por ocasião das danças acompanhadas de formalidades, os supostos mediuns falariam língua africana ou seus dialetos, porque estariam possuídos de espirito áfrico. Entretanto dão gritos e saltam, dançam e cantam, sem nenhuma manifestação mediúnica.

Executam por tradicionalismo o que os africanos no Brasil realizavam. Se existisse poder preternatural nas cerimônias nos candomblés, seus adeptos não seriam afetados pelo caiporismo ou *urucubaca*, viveriam felizes e proporcionariam bem-estar aos sofredores.

Não é mentira, porém verdade, que os invisíveis nos protegem e facilitam tudo que podem nos dar, como também nos causam atrofia, dependendo do nosso estado espiritual, positivo ou negativo. Acresce uma circunstância nas manifestações, nem tôda é sincera.

As comunicações entre vivos e mortos são antigas, necessário se torna que haja preparo espiritual e material, requerem tempo e vida santa para ter ensejo ou ocasião de seguimento.

Até mesmo os espiritos de quilate inferior, em determinadas ocasiões, fogem da nossa presença, porque reconhecem nosso estado de impureza, causativo de asco ou repugnância para êle.

Os transportadores do candomblé, suas particularidades com traje adequado e formas rituais, continuaram a praticá-lo neste Brasil caridoso, que acolhe as raças humanas sem preferência de cor.

No tempo que está à vista, é usado como meio de obter comunicação com os espíritos africanos, caboclos (mestiços de brancos com índios), como também tôda indiana.

Não encontro lógica que me convença, que se possa por intermédio do candomblé, usufruir benefícios e produzir malefícios. Para mim e quem tiver o cérebro esclarecido, não há entonação naquele absurdo das absurdidades.

Se êle possuísse tais poderes, quem o trouxe para o Brasil, teria eliminado seus senhores, através de feitiço, para livrar-se do tratamento irregular que recebia.

No entanto, não houve dinamização da energia maléfica que procuravam gerar para prejudicar aos seus senhores. Reuniam-se nas senzalas para a prática do candomblé, gatafunhavam o chão dando distinção as cerimônias, não obtinham resultado, o único meio de livrem-se das injustiças, era fugir para o mato.

Não se pode negar a existência do bem e do mal, pouquíssimos sabem criar e lidar com aquelas forças. O mundo vive repleto de charlatães, que se dizem obtentores dos conhecimentos dos saudosíssimos sábios: — Postello, Elifas Levi, Christian, Papus, Lullo, Hermes, Orfeu, Pitágoras, Moisés e outros.

Cumpre-nos acautelar e examinar com cuidado tudo que nos informam, para evitar que sejamos enganados pelos astuciosos. Quem possui pequenina parcela de forças ocultas, não faz propaganda delas, conserva-se calado.

VIII — NEGROLÓGIO

Ao ingressar na Marinha, como aprendiz marinheiro, na Escola de Aprendizes Marinheiros do Ceará, fora meu comandante o então capitão-tenente, Pedro Augusto Bittencourt. Faleceu na Guarabara como capitão-de-corveta, em 1938, na ativa.

Deixou a vida material para ingressar na espiritual, consciente da sua missão cumprida, para receber no Céu, o galardão pelos méritos do trabalho que realizou em proveito da Marinha, e mercês postas em prática para mitigar o padecimento dos padecedores.

Levou boa bagagem de virtudes e uma consciência aseada. Despediu-se do planeta terráqueo no leito mortuário, apresentando na face e nos lábios, sorriso e semblante de satisfação. Estas características, apresentam-se nos justos, não são peculiares aos ímpios.

Com sua partida para o além, a Marinha perdeu uma estrêla da constelação dos seus quadros, que foi juntar-se com as do Céu.

Na abóbada celeste, vive contemplando a Terra e iluminando os caminhos terrícolas da FAMÍLIA MARINHEIRA, para obstar que os componentes dela não caiam nos fossos do mundo.

O pessoal da Marinha naquela época, sentiu profundamente e pranteou o seu desaparecimento, conservando para sempre a lembrança do seu modo de viver e a magnitude da sua obra.

Juazeiro da Bahia, 11 de junho de 1972.

USINA BEZERRA

IRMÃOS BEZERRA DE MENEZES & CIA.

CAPITAL REGISTRADO

Compra e Beneficiamento de Algodão

MELHORES PREÇOS!

End. Telegráfico: BEMENEZES

Telefone: 203

AVENIDA TEODORICO TELES, 18

CRATO

—

CEARÁ

Organização Técnica Contábil e Comercial Ltda.

Auditorias e Planejamentos
de Empresas em Geral

Assistência Administrativa e
Contábil a Prefeituras Mu-
nicipais

Planos de Aplicação e Pres-
tação de contas

Assistência Técnica Contábil

Execução de Serviços Con-
tábeis Mecanizados Manuais

Constituições de Empresas

Defesas Fiscais Trabalhistas
Previdenciárias

RUA SENADOR POMPEU, 274

Telefone: 513 - Telegrama: "ORTEC"

Crato

—

Ceará

Uma Dádiva Preciosa

Diccionario de la Lingua Castellana

1. Recebi, por ocasião do Natal, um régio presente, revestido de dúplice valor: o que advém dos doadores — meus filhos — pela delicadeza dos sentimentos que revelaram, interpretando um velho sonho meu, e o inerente à dádiva, em si mesma — DICCIONARIO CRÍTICO ETIMOLÓGICO DE LA LENGUA CASTELLANA — de J. Corominas, em quatro grossos volumes, obra de extraordinário mérito, que nos desvenda os segredos do idioma espanhol, em suas origens, em sua história e evolução.

2. Mas, além disso, surge um terceiro motivo de supervalia, talvez inesperado, por seu caráter psicológico e afetivo, que esse mimo representa para mim, com as recordações, que despertou, de tempos longínquos, quando dava eu, por assim dizê-lo, os primeiros passos na vida e os passos primeiros na região encantada da filologia.

3. Com prazer, evoco o passado, para rememorar uma das alegrias de minha meninice e que continua a ser uma das alegrias de minha velhice — a perquirição dos mistérios da linguagem.

4. Contava eu apenas nove anos de idade, quando, sentado à mesa do escritório de meu saudoso Pai, costumava folhear o “Diccionario Enciclopédico”, de Simões da Fonseca, observando a significação das palavras, absorto em meditações a respeito do que lia e não podia compreender, com clareza.

5. A primeira surpresa era acêrca do volumoso livro, de páginas inumeráveis, que abrigava, em seu inesgotável repositório, uma infinidade de palavras. Espantava-me, outrossim, o saber do lexicógrafo, que, no meu ingênuo entender, era detentor da universidade dos conhecimentos. Extasiava-me, ainda, a grande quantidade de “figuras” que ornamentava a obra verdadeiramente gigantesca e constituíam o maior atrativo para minha insaciável curiosidade: gravuras de pássaros, borboletas, animais belos ou esquisitos, retratos de homens ilustres, bandeiras coloridas de tôdas as nações — um conjunto variadíssimo de imagens, que perduram, nítidas, em minha memória, muitas das quais seria capaz de reproduzir, se fôra dotado de habiidade para desenhar.

6. Além de procurar reter a significação de algumas palavras, que considerava mais “bonitas”, como *límpido*, *eternal*, *lucilante* ou “esquisitas”, como *odontologia* (que me atemorizava, pela acepção e me surpreendia, pela composição silábica e pela extensão), exercitava-me em decorar o nome das “figuras” que se me deparavam, fôsem sábios como Sócrates ou generais, como Napoleão e Prim, quer representassem animais extranhos, como rinoceronte e hipopótamo.

7. O processo mnemônico era simples e produzia excelentes resultados: abria o diccionario, ao acaso, e, se a página continha gravura,

colocava rapidamente a mão sobre o nome, para não o ver e depois verificar se acertara. Às vezes, esquecia-os e afastava lentamente o obstáculo, para divisar a primeira sílaba, o que logo me revelava o segredo integral.

8. O Dicionário Enciclopédico de Simões da Fonseca foi, dessarte, um dos meus companheiros de infância, da mesma maneira que o *Corominas* é agora um dos meus companheiros de velhice.

9. Compreende-se, assim, o inestimável valor que a dádiva representa para mim. E tanto mais que, possuindo apenas a edição resumida, de um tomo único, não pudera adquirir, até hoje, a obra completa, de preço excessivamente elevado, acima de minhas possibilidades financeiras.

10. Agora, com esse precioso complemento, disponho de bons léxicos de grego, latim, português, francês, italiano, espanhol, inglês, alemão, russo, hebraico, árabe, sânscrito e, por fim, o benvindo *Corominas*.

11. Pelas mil vicissitudes da vida, um longo período me decorreu, sem que pudesse eu dedicar toda atenção à Musa da Filologia, fase de intenso trabalho no Banco do Brasil, na áurea época, em que, nesse grande Estabelecimento, todos trabalhávamos diariamente até altas horas da noite, para ser erigido o ciclópico monumento financeiro que aí está. Mas, isso é outra longa história e não se relaciona com o assunto.

12. Ao receber a preciosa oferenda, logo deliberei algo escrever sobre o idioma castelhano, afim de corresponder ao gesto dos doadores e, de certa maneira, justificá-lo. Para isso, comecei de tomar algumas providências, uma das quais foi solicitar ao erudito confrade Ministro Ivan Lins me cedesse um livro de sua autoria sobre Lope de Vega, pois, tratando da vida e obra do grande poeta e dramaturgo espanhol, tinha curiosidade em conhecer essa monografia.

13. Remete-me o obsequioso Amigo um exemplar, acompanhado da seguinte carta :

“Atendendo à sua solicitação, tenho o prazer de oferecer-lhe meu pequeno trabalho sobre Ruiz de Alarcón. E, a título de empréstimo, envio-lhe meu livro sobre Lope de Vega. Como verá o amigo, é o exemplar que ofereci a meu Pai e o único que me resta. Não tenha a menor pressa e o Amigo só o devolverá, quando dêle não mais precisar”.

14. Tomei-me de espanto, diante do gesto desse eminente brasileiro e timbrei em responder-lhe imediatamente, nos seguintes termos :

“Apresso-me em comunicar-lhe o recebimento da preciosa joia que me confiou — o livro de sua autoria “Lope de Vega”, no qual aprecia a obra do imortal poeta e dramaturgo, e que é exemplar único, contendo, manuscrita, belíssima e carinhosa dedicatória ao seu ínclito progenitor, o grande brasileiro Ministro EDMUNDO LINS. A valiosíssima gema encontra-se depositada no escrínio, que a generosidade do habilíssimo aurífice de amigos elaborou, no curso desse frutífero período de convívio espiritual tão grato e proveitoso para mim. Essa prenda rara e singular, considero-a sagrada, pelo PAI e pelo FILHO : sagrada, porque corporifica, num livro e numa dedicatória, o amor filial a um extraordinário juiz, glória das letras jurídicas, honra da magistratura, no que ela tem

de mis puro e a cujo excelso pináculo ascendeu, com haver sido Presidente do Supremo Tribunal Federal; sagrada, porque simboliza também a grandeza de um espírito de escol, que sabe distinguir um amigo, com a sua confiança, em tão delicada, sacrossanta matéria. O volume, solicitei-o, para preparar um pequeno estudo, que pretendo dar à publicidade sobre filologia espanhola. Não supusera, entretanto, que só existisse esse exemplar, assinalado por tão magnífico destino. Logo que termine o artigo que vou tentar escrever, irei pessoalmente restituir-lhe o tesouro, de que, com desvanecimento, sou depositário”.

15. E, após tomar alguns apontamentos, devolvi o precioso volume com uma carta deste teor :

“Aqui lhe devolvo “LOPE DE VEGA”, a preciosa joia que tive a honra de conservar em meu poder, durante alguns dias. Através de suas três conferências, muito soube da vida do “MONSTRUO DE LA NATURALEZA”. Dela extraí o soneto ESO ES AMOR, que me servirá de base para um pequeno estudo sobre filologia espanhola. Talvez inclua também um trecho de “EL INGENIOSO HIDALGO DON QUIJOTE DE LA MANCHA”. Resolvi ousadamente empreender esse trabalho, porque um filho meu, formado em engenharia, em Economia e Finanças e em “*Letras Clássicas*”, brindou-me, agora no Natal, com os quatro volumes do monumental DICCIONARIO CRÍTICO ETIMOLÓGICO DE LA LENGUA CASTELLANA, de J. Corominas, e esta é a maneira que escolhi, para agradecer. Ainda sensibilizado pelo seu gesto, consigno novamente minha gratidão, pela insofismável prova de confiança e aproveitamento o ensêjo, para, mais uma vez, exaltar sua magnífica obra filosófica, histórica e literária, esparsa em numerosa bibliografia”.

16. Com o “Lope de Vega” e com o “Ingenioso Hidalgo Dom Quijote de la Mancha”, um de meus livros de cabeceira, inicio hoje o meu pequeno trabalho, para honrar o presente recebido.

17. QUIJOTE, mais célebre e celebrado que seu criador, como um símbolo imortal, vive efetivamente, biologicamente, entre nós, mas não sujeito às contingências humanas, arrastando, em sua glória, como já o arrastara, em suas fantásticas empreitadas, o disposto SANCHO PANZA, antítese do ano, que voava nas asas da fantasia, ao passo que êle, em sua bonomia, estava acorrentado às realidades triviais da vida.

18. Todo autor instila em seus personagens um pouco de si mesmo, infundindo-lhes no espírito algo do que vai na intimidade de seu ser. Mas, se existe, em Dom Quixote, algo de Cervantes, bem como muito da psicologia do povo espanhol, muito há também de nós próprios, de nossos anseios em ver o triunfo do bem, de destruir esses gigantes do mal, que tanto podem ser representados pelo revoltear minacíssimo dos moinhos, como pelas circunvoluções letíferas dos aviões e pelo encadeamento dos átomos em diabólicas explosões.

19. Ser-me-á também guia seguro Lope de Vega, que, pela robustez de seu gênio e pela espantosa fecundidade em produções poéticas e teatrais, foi cognominado “Monstruo de la Naturaleza”, “Fenix de los Ingenios”, esse “Filho Pródigo da Poesia”, a respeito de quem o próprio Cervantes proclamou :

“Llovió otra nube el gran Lope de Vega
Poeta insigne a cuyo verso y prosa
Ninguno le avanta, ni aun le llega”.

20. E, como este despretencioso trabalho foi inicialmente projetado para comentarmos pequeno número de vocábulos do maviioso idioma espanhol, citaremos alguns versos do grande poeta e dramaturgo, verdadeiro criador do teatro de sua pátria, “uma das figuras que, pela multiplicidade de seus dotes, tão diversos, parecem ser o resumo de vida de toda uma nação e de toda uma época”.

21. Joia de rara beleza é o seu soneto cujo tema é o AMOR em que há um interessante jogo de antíteses, que o poeta máximo dos lusíadas versou, com igual altitude e inspiração, constituindo sumo prazer intellectual estabelecer o paralelo entre os dois gigantes da península hispérica:

E S O E S A M O R (Lope de Vega)

Desmayarse, atreverse, estar furioso,
Áspero, tierno, liberal, esquivo,
Alentado, mortal, difunto, vivo,
Leal, traidor, cobarde y animoso;

No hallar fuera del bien centro y reposo,
Mostrarse alegre, triste, humilde, altivo,
Enojado, valiente, fugitivo,
Satisfecho, ofendido, receloso;

Huir el rostro al claro desengano,
Beber veneno por licor suave,
Olvidar el provecho, amar el daño;

Crear que um cielo en un infierno cabe
Dar la vida y el alma a un desengaño:
Esto es amor; quien lo probó lo sabe!

A M O R (Luiz de Camões)

Amor é um fogo que arde sem se ver;
É ferida que doi e não se sente;
É um contentamento descontente;
É dor que desatina, sem doer.

É um não querer, mais que bem querer;
É solitário andar por entre a gente;
É um não conter-se de contente;
É cuidar que se ganha em se perder;

É um estar-se preso por vontade;
É servir a quem vence, o vencedor;
É um ter, com quem nos mata, lealdade.

Mas, como causar pode o seu favor
Nos mortais corações conformidade,
Sendo a si tão contrário o mesmo amor?

22. Tomemos agora a primeira palavra daqueles versos imortais DESMAYRSE — e investiguemos-lhe a origem e outras particularidades, como a passividade ou reflexividade desse verbo no castelhano atual, quando, em português, é intransitivo e assim o era, em espanhol antigo. (Corominas, tomo II, p. 147).

23. DESMAYAR — Chegou ao espanhol, por intermédio do francês, que o levou também ao italiano. Vejamos o que, a respeito, diz Corominas: “Tomado del frances antiguo ESMAYER e também DESMAYER, “perturbar, inquietar, espantar” y este procedente del latin vulgar EXMAGARE, “quitar las fuerzas, voz que dejó descendientes en varios romances itálicos, galos y hispánicos, derivada del germánico MAGAN, “tener fuerzas, poder”.

24. É o mesmo que doutrina o erudito e minucioso lexicógrafo J. F. Machado, com relação ao nosso DESMAIAR: “O latim vulgar EXMAGARE, “perder as forças, a energia, com origem no germânico MAGAN, “ter força, ser forte” originou em português ESMAIAR e, por via culta, ESMAGAR. Por troca entre os prefixos ES e DES, apareceu DESMAIAR (sec XV). “(Ver D. Et. da Língua Portuguesa, tomo I, pág. 766).

25. Idênticamente, o inglês DISMAY tem sua origem no francês DESMAYER (esmayer). O Etymological Dictionary of English Language, pág. 174, assim se expressa, no final do verbete DISMAY: “Both are hybrid words (*desmayer/esmayer*) formed with latin prefixes (EX/DYS) from the old high German MAGAN”. Alemão atual MÖGEN.

26. Dessarte, a raiz primitiva do espanhol DESMAYER é MAGH, que contém a idéia central de PODER. Eis, além dos acima mencionados, alguns descendentes desse recuado tronco: a) — inglês MAY, poder (verbo); MIGHT, poder (substantivo) MIGHTINESS, força, poder; MIGHTY, poderoso, forte; b) — alemão MÖGEN, poder (verbo), MÖGLICH, possível; MOGE e MACHT, poder (substantivo); c) — italiano SMAGARE, a que mais se aproxima do latim SMAGARE e do germânico MAGAN; e também DISMAGARE, “togliere le forze, indebolire”.

27. O próprio grego tem MECHOS, MECHANE (donde os nossos MÁQUINA e MECÂNICA), pois a fonte primeira é o indo-europeu MAGH e MEGH, idéia de PODER. (Boisacq, Dictionnaire Étymologique de la Langue Grecque, página 636).

28. DESMAYRE (espanhol atual DESMAYARSE) é assim a perda do poder, o esmaecimento das próprias forças, do domínio fisiológico sobre si mesmo, o que faz cair em delíquio, em síncope, desfalecimento, vertigem, DESMAIO.

29. Muitas circunvoluções poderíamos ainda executar pelo mundo poético e filosófico da linguagem, tão profundo e tão claro, espelho fiel da natureza, fiel espelho do espírito. Muito longe ainda poderíamos ir, estudando o aspecto etimológico e semântico do cocábulo. Mas, enveredemos por outra senda, onde encontraremos também motivos de meditação e encantamento.

30. DESMAYARSE, presentemente reflexivo, nem sempre o foi, como, ainda hoje, não o é, em português. Isto nos leva a mencionar um aspecto dos mais interessantes do idioma espanhol: a passividade e reflexividade dos verbos (de par com a extrema maleabilidade das variações pronominais), os quais, ora seguem a sistemática de outras línguas, ora se impregnam de matizes, que constituem verdadeiros idiotismos, trans-

mitindo-lhe singular beleza e flexibilidade. Tudo isso aliado ao elegante uso e quase abuso de expressões pleonásticas, que, existindo, com moderação em outros idiomas, tornam-se tipicamente castelhanas, por seu constante e quase insubstituível emprêgo.

31. Relacionemos, dentre centenas, uma série de frases desse tipo, para fazermos, em seguida, algumas apreciações acêrca da matéria :

- a) — ...*éi* y su escudero **SE** entraran por el mesmo bosque donde *vieron* que **SE** habia entrado la pastora Marcela. (Quijote, 119). (Reflexivo de espontaneidade. Note-se o proprietário indefinido de **VER** : *vieron* : viram.
- b) — Mas con todo esto, sube en tu jumento, Sancho el bueno, y vente tras mí... (pag. 149). O imperativo **VEN**, do verbo **VENIR**, acompanhado da variação pronominal **TE**. A tradução literal seria : *Vem-te*, o que não se usa em português. É um verbo *pronominado enfático*, segundo a nomenclatura espanhola.
- c) — !Valame Dios! — dijo Sancho — no *le* dijo io a *vuestra merced* que mirase bien lo que hacia, que no eran sino molinos de viento, y no lo podía ignorar sino quien llevase otros tales en la cabeza ?! (Quijote, 71). — Caso de objeto indireto pleonástico, de uso constante em espanhol.
- d) — No *le* parecieron bien *al ventero las* burlas de su huésped y determinô abreviar y darle la negra orden de la caballera luego, antes que otro disgracia sucediese. (Quijote, 47). — Outro caso de objeto indireto pleonástico.
- e) — Respondió don Quijote : digo que no puede ser que haya caballero andante sin dama, porque tan *proprio* y natural *les* es a *los tales* ser enamorados, como al cielo tener estrellas. (Quijote, 105). Caso idêntico ao precedente. O latim **PRÓPRIUS** produziu **PRÓPRIO**, em português, e **PROPIO**, em castelhanô. Mas, nem sempre foi assim. “La variante con la segunda R conservada se encuentra en documentos de 1184...” Mas, Cervantes já emprega invariavelmente **PROPIO** : “y ésta es la forma que se halla constantemente en el **QUIJOTE**”.
- f) — Pues aunque mováis más brazos que los de lo gigante Briareo, **ME LO** habéis de pagar. (Quijote, 71).
- g) — Llámame mí escudero Sancho. (Quijote, apud Dicionário Gramatical, de David José Peres, pág. 268).
- h) — “ ? Caperucita no regresó ?
Sólo trajeron sus zapatitos...
! Dicen que un lobo **SE LA** comió !”
(Francisco Villaespesa, citado por Idel Becker).

32. Nos trechos *f*, *g*, *h*, surge, em grau mais ou menos acentuado, o dativo de *interesse*, *efetivo* ou *ético*, já herdado do grego e do latim, como se observa, pelas seguintes citações :

- a) — “*Dativo ético* ou *afetivo* — que só se usa com os pronomes pessoais, para indicar o interesse do ânimo de quem fala ou escreve : **TÍ GAR PATÉR MOI PRÉSBUS EN DÓMOISIDRÁ**;

insto é “Que ME faz em casa o velho pai?” (Dativos MOI e Me) — (Gramática Grega, de Brüzzi, pag. 178).

- b) — “Tem analogia com o dativo de interesse o *dativus ethicus* (dativo afetivo) que só se encontra com os pronomes pessoais para indicar a participação do ânimo de quem fala, na ação que o verbo exprime: “Quid MIHI Celsus agit?” “Que me faz Celso? Como passa o meu Celso?” (Gramática Latina, de Ravizza, pag. 236).

33. Fazendo parte da linguagem afetiva, natural é que exista em numerosos idiomas, inclusive no português e nas línguas clássicas. O que, porém, caracteriza o espanhol, nesse particular, é o uso constante desse torneio, de que se poderiam citar inúmeros exemplos, na obra prima de Cervantes, nas de Lope de Vega ou de qualquer outro autor.

34. Muito nos detivemos, ao comentarmos, a primeira palavra do bellissimo soneto do “Monstruo de la Naturaleza”. Monótono seria prosseguir o estudo metódico de todo o seu contexto, palavra por palavra, frase por frase. Preferível, talvez, nos determos no exame comparativo de certos aspectos do espanhol e do português, dois idiomas irmãos, tão semelhantes entre si que parece constituírem um só, e tão diversos, às vezes, em certas particularidades, que, dessarte, caracterizam as tendências de cada um.

35. O espanhol conserva, com relação ao latim, uma similaridade maior que o português. O exame do vocabulário de ambas logo patenteia que as leis filológicas, por causas diversas, atuaram, com muito maior poder nivelador, no português do que no castelhano. Citemos apenas oito exemplos, como poderíamos apontar mil: — a) — LATIM: *dolorem*, espanhol *dolor*, português *dor* (queda da terminação EM, desaparecimento do L medial e fusão das duas vogais subsequentes); b) — LATIM: *matrem*, espanhol *madre*, português *mãe*: a perda do R produziu MADE, que, com o desaparecimento do D, se transformou em MAE, de que, por fim, resultou MÃE, pela contaminação nasal com o M inicial. Surge, assim, um vocábulo completamente diverso (na aparência) do *matrem* latino e do *madre* espanhol. Mas, possuímos também MADRE, com sentido restrito: *madre* de uma irmandade; e ainda MADRINHA, que é, na verdade, *mãe*, na sinonímia católica. Latim: *matrina*, espanhol *madrina*, c) — LATIM CLÁSSICO: *pónere*, latim vulgar *ponére*, espanhol *poner*, *portu*, português antigo POER, português atual PÓR; d) — LATIM: *tenere*, espanhol *tener*, português *ter*; e) — venire, venir, velum, velo, véu; manu, mano, mão; canónicus, canónigo, cônego; e muitíssimos outros.

36. As diferenças de ordem semântica, às vezes, muito grandes, têm toda a sua explicação na história dos vocábulos, nos rumos psicológicos diversos que tomaram, num idioma e no outro, em peculiaridades de ordem regional, fatores todos esses que mostram os inesgotáveis recursos do espírito, ao ir plasmando os instrumentos com que podemos manifestar nosso pensamento. Estudemos alguns casos, entre centenas:

- a) — *Distinto* — Em espanhol, significa *diferente*, “que no es lo mismo; que no es parecido” (Dicionário da Academia Espanhola, pag. 472). No latim: “dividido, partido, separado”, da

mesma maneira que *distinctionem* é “divisão, separação, partilha”. *Separado* e, portanto, diferente. Em português, porém, a separação é para melhor: distinto, eminente, elegante. É comum o fenômeno: a ambivalência de um vocábulo, ora o leva para o enobrecimento semântico, ora para o aviltamento. Compare: *INSIGNIS*, (de *IN* e *SIGNUM*, sinal), marcado por um sinal, feio, disforme; e antonimicamente: marcado por um sinal, assinalado, notável, belo, distinto.

- b) — *Cena* — Em espanhol: *ceia*; em português: *cena*. Homógrafas e homófonas, têm elas origem muito diferente: o espanhol *cena*, *ceia*, provém do latim *COENA*, refeição, *ceia*; o português *CENA* (teatral) dimana do grego *SKENĒ*, “toda barraca ou construção ligeira para servir de abrigo; tenda; construção de madeira e coberta, onde eram representadas as peças de teatro”. Na passagem para o latim, houve abrandamento do *K*: *scena*. Com a nossa reforma ortográfica, perdeu o *S* helênico, surgindo, então, a hemografia.
- c) — *Espanhol*: *contestar*: “responder a lo que se pregunta, habla o se escribe”. (Acad. 342). *Português*: *contestar*, *impugnar*, *opor*. É o uso geral dos dois idiomas, a linguagem coloquial, mas tem também a acepção de provar com o testemunho de outrem, *contestar*, confirmar (em português) e “*declaración y atestiguar uni lo mismo que otros han dicho, conformándose en todo con ellos, en su deposición o declaración*. (Acad. 342).
- d) — *Espanhol*: *Logro* é *lucro*, ganho, proveito. Ambos dimanam do latim *LUCRUM*, lucro. Cada um, porém, seguiu sua direção, não apenas na aparência material, senão ainda semânticamente. Em espanhol, o *U* transformou-se em *O* e o *C* abrandou-se em sua homógrafa *G*. O *LUCRUM* latino revestiu, pois, a forma *LOGRO*, conservando a significação primitiva. Em português, porém, houve bifurcação semântica, juntamente com as formas divergentes: *lucro* é proveito, ganho, mas *lôgro* é burla, engano, isto é, o contrário do castelhano. Trata-se de uma contaminação de sentido, decorrente da contaminação real: o lucro é quase sempre um *lôgro*.
- e) — *Espanhol*: *Exquisito* — “de singular y extraordinária invención, primor o gusto em su especie”. (Acad. 579). *Português*: *esquisito* — excêntrico, extravagante. Este é o uso comum, mas há, em português, também o sentido de excelente, primoroso, elegante, não vulgar. É mais um caso de ambivalência, pois, o latim *EXQUISITUS*, significa, “procurado diligentemente, escolhido, distinto”, vindo a assumir, entre nós, acepção antonímica: excêntrico, extravagante. É assim a linguagem; assim é o espírito: “formidável”, que significa “horrendo, horrível, pavoroso”, transformou-se, na gíria atual, em “maravilhoso, extraordinário, belíssimo: *pequena formidável!*”
- f) — Fiquemo-nos por aqui, uma vez a lista completa seria muito extensa. Mencionemos apenas *borrar*, *brincar*, *cachorro*, *pronto*, *apelido*, *pulcro*, *largo* e dezenas de outros, que diferem semanticamente nos dois idiomas.

37. Existem, outrossim, muitas divergências de gênero, que é sempre uma parte vacilante da linguagem, sobretudo nos tempos modernos, em que a maioria dos idiomas não pode recorrer ao neutro. O critério para a distinção foi sempre instável e baseado, em grande parte, no passado, no remoto passado, em princípios de ordem inteiramente diversa, que, hodiernamente, não mais prevalecem nem poderiam prevalecer. Os gêneros tomam, assim, direções várias, nos vários idiomas. Voltamos a uma época longínqua, observando o que ocorria no sânscrito :

“Il y a aussi trois genres : le masculin, le féminin, le neutre. Malgré cette division des substantifs, la langue sanscrite attribue, *sans raison apparente*, (comme le font toutes les langues de l'Europe, excepté l'anglais) le genre masculin ou féminin à des objets naturellement neutres. Elle aussi, malgré sa régularité, intervertit ou confond souvent ces deux genres, quand il s'agit d'animaux, et n'en réserve l'emploi *rigoureux* qu'aux deux sexes de l'espèce humaine”. (Émile Bournouf — Méthode pour Étudier la Langue Sanscrite, pág. 53).

38. Há, sempre houve, instabilidade : uma palavra é do gênero masculino, num idioma, do feminino, em outro e do neutro, em um terceiro, onde êle ainda sobreviva. Enumeremos apenas poucos casos :

- a) — *Color, côr* — Masculino em espanhol e italiano, é feminino em português e francês. Quanto ao espanhol : “Vacilo en el género hasta la época clásica (y hoy todavía en el lenguaje rural y poético) hallándose el femenino sobretudo en la acepción “colorido del rostro”)... Corominas, 857).
- b) — *árbol, árvore* — Masculino, em espanhol e francês, feminino, em português. Italiano : *álbero*, masculino : Latim ARBOR, nome che solo in logudores e in portughese serbò il genere feminine del latiro, dove il femminile recordava il tempo in cui l'árbero era considerato come “madre” di frutti; poi il genere fu regolato su quello degli altri nomi in OR”. (Dante Olivieri — Dizionario Etimologico Italiano, pag. 30).
- c) — *Sangre, sangue* — Feminino em castelhano; masculino em português, francês e italiano. Quanto ao espanhol : “...*Sanguis* era masculino en latín clásico y signe siendolo em port., fr., ih. (aunque en los SS XIV y XV éste aparece a voces como fem.)” (Corominas, 4.º volume, pag. 139).

39. Por êsses três exemplos, vê-se quão variável é, no espaço e no tempo, a noção de gênero. Apontaremos alguns nomes mais, sem comentários, para evitar prolixidade : el caudal, el cutis, el fraude, el origen, la leche, la nariz, la sal, la sonrisa, la costumbre, el coraje, el lenguaje, el mensaje e outros com esta terminação.

40. Surgem, às vezes, incongruências espantosas, como o substantivo alemão WEIB, mulher, esposa, que é do gênero neutro : *das WEIB*, com o artigo na forma neutra e não, na feminina, como indubitavelmente deveria ser : *die WEIB*. O mesmo ocorre com MADCHEN, senhora, moça, que é do gênero neutro, em alemão : *das MADCHEN*, em vez

de *die* MADCHEN. (É que se trata de um diminutivo e estes são neutros em alemão). KIND, criança, é neutro, também; *das* KIND: e não *die* KIND: uma criancinha, na verdade, pode, de certa maneira, ser considerada como assexuada.

41. Dois idiomas irmãos, descendentes do vigoroso tronco latino, têm, como vimos, muitos pontos de contacto e outros tantos de discrepância. Os vocábulos, com suas peculiaridades semânticas ou meramente de ordem fisiológica, são, com frequência, perfeitamente idênticos, podendo participar de uma sentença portuguesa ou castelhana, indiferentemente. Às vezes, essa unidade vocabular é quebrada apenas pelo acento, que se desloca, de uma sílaba para outra. As causas dessa disparidade dentro da identidade são diversas e, ora a verdade está de um lado, ora, de outro. Soam-nos, como se fôra extravagância, a pronúncia espanhola de palavras como: a) — aristócrata, demócrata; b) — anêcdota. No entanto, com a Ibéria é que está a razão. a) — Aristócrata dimana do grego ARISTOS, o melhor, e KRATEIN, governar, dominar, onde o A breve está a indicar a exata pronúncia; b) — anêcdota provém do grego ANÉCDOTOS, “que não é divulgado” e este de AN, não, e ÉKDOTOS, publicado. A pronúncia portuguesa deveria ser igual à espanhola, mas o uso generalizado consagrou o erro). Em aristocrácia, democrácia, anêmia e em grande número das palavras terminadas em IA, nós é que estamos certos, quando as consideramos paróxitonas. Eis outras discrepâncias: português: elogio, cérebro, medíocre, diocese, Éden, pletóra, telefôre, policia; em espanhol: elógio, cerébro, mediócre, diócesis, Edén, plétora, teléfono, policia e muitos outros.

42. Queremos, agora, realçar uma das belezas do idioma espanhol, um idiotismo que lhe transmite grande flexibilidade de expressão, constituindo um recurso moderno, de igual potencialidade à que possuíam as línguas clássicas — a faculdade de converter qualquer adjetivo num substantivo abstrato. O latim, simplesmente, com usar o *neutro*, transformava o adjetivo BOM, que exprimia, restritamente, uma qualidade, num substantivo abstrato — o BEM, com tôda a sua extensão semântica. Uma qualidade era, assim, elevada à condição de entidade espiritual, despreendida da matéria e funcionando como uma criação de nosso espírito. Entretanto, sem esse neutro sintético, o castelhano encontrou, numa forma analítica — artigo LO — a mesma força, o mesmo poder. Se o antepusermos, por exemplo, ao adjetivo HERMOSO (LO hermoso), criaremos, como por obra de magia, o substantivo abstrato HERMOSURA; de LO ingrato, que pareceria o defeito de um apenas, amplia-se para INGRATIDÃO, que abrange a generalidade, que envolve todos aquêles que esquecem o benefício recebido e, frequentemente, costumam pagar o bem com o mal.

43. Mas, êsse prolífico gerador de nomes é dotado ainda de outras faculdades, como se vê dos seguintes exemplos, extraídos do Dicionário Gramatical Espanhol, do Prof. David José Peres: a) — “todo fué grande en aquel principe: LO rey, LO capitán, LO santo; b) — LO “a la ligera” que escribo; c) — LO “divertida” que pasaran la noche. E agora poder-se-á dizer: “Eso es LO bello del idioma castellano!” São torneios êsses de ESQUISITO sabor, que sômente no castellano se encontram. E aqui empregamos o adjetivo, com a dupla potencialidade semântica divergente que possui nos dois idiomas, isto é, torneio de uma certa *excentricidade* (sinonímia portuguesa) e torneios “de singular y

extraordinária invencion, primor o gusto en su especie" (sinonímia castellana).

44. Estando a agradecer a preciosa oferta de um léxico e tendo relembado o tempo feliz, em que se me deparou o primeiro por mim manuseado, cumpro o dever de evocar o nome daqueles que me proporcionaram a oportunidade de entrar em contacto com a alma de tantos povos. Recordo-os, com admiração, saudade e suma gratidão.

45. Mas, um nome lucila, com extraordinário fulgor e cumpre-me mencioná-lo, por circunstância especial — o de um grande filólogo e helenista, de renome internacional. Não quero exaltá-lo, pelos dotes intellectuais, sobejamente conhecidos, mas pelos generosos sentimentos, por sua extraordinária bondade, como se evidencia, ante o documento, que, a seguir, transcrevo, para honrar a sua memória :

"Rio de Janeiro, 21 de junho de 1970 — Revdmo. Padre Luiz Pecci — Com o seu cartão de 10 de abril, recebi a infausta notícia do falecimento do piedoso sacerdote Padre Augusto Magne. Para mim, porém, êle ainda vive e viverá. Está immortalizado em suas obras : da inteligência e do coração. E, certamente, não é pura coincidência o não haver eu tido conhecimento de sua morte, fisiológica apenas, por imposição irremovível dos destinos humanos, pois, na memória de todos, êle sobrevive, pelo fulgor de seu espirito, pelas lições de sua solidíssima cultura. No meu caso, há um motivo ainda mais forte e poderoso que me faz não admitir a desoladora realidade — a gratidão, que lhe devo, por um grande obséquio recebido. O fato, em si mesmo, é, sem dúvida, uma sequência de muitos outros e constitui norma habitual de sua grande vida. Mas, para mim, êle tem algo de quase sagrado, pela influência que exerceu, em minha vida. E sagrado era, na verdade, pela santa personalidade que o praticou. Naqueles recuados tempos, em que impossível era encontrar-se um professor que nos iniciasse nos mistérios do idioma de Homero, tive a audácia de procurar o sábio helenista e solicitar-lhe que condescendesse em ministrar-me algumas lições. Com grande surpresa, vi que êle aquiesceu imediatamente ao meu pedido, inconveniente, sem dúvida, porquanto iria perturbar a paz de seus estudos. Eis aí quem era o Padre Augusto Magne, glória de nossas letras, glória de sua Ordem Religiosa e que me deu a glória de ser seu aluno. Para mim, não morreu".

46. E agora, volvamos ao "Monstruo de la Naturaleza", para comentarmos versos seus, a respeito da *ingratidão*, pois, com referência a êles, surgiu uma série de coincidências, que configuram um caso extraordinário de premonição, com antecedência de meio século. Ei-los :

"La vida se perdona al homicida
Y aun el honor, con ser de tanto precio;
PERO LA INGRATITUD JAMÁS SE OLVIDA".

47. Por circustância de ordem especial, gravaram-se-me na memória essas palavras com as quais o grande vate profliga a dedionda mácula que conspurca a alma daqueles que sofrem de amnésia moral. E, enquanto sôbre tal matéria meditava, chega-me em casa um dos meus netos,

a quem, no decorrer de uma palestra, informei que, em sua idade (vinte anos), fôra eu gerente do "Jornal de Ilheus", na próspera cidade baiana. Tão curioso ficou êle que não descansou, enquanto não pôde encontrar a coleção completa, encadernada, daquele periódico, a qual dormia em sono semissecular, num armário meu de coisas antigas. Comecei de folheá-lo com o neto, quando, com a máxima surpresa, encontrei um tópico de minha autoria, escrito, em 1.º de julho de 1917, a respeito do mesmo tema. Não supusera jamais que, naquela idade, pudesse ter versado tão ingrata matéria e com tanto vigor, eu que era, então, um inexperiente, um desconhecedor de certos desvios da humanidade! Como, por que me haveria surgido a idéia de fustigar, com tamanha violência, a infeliz teratologia moral?! Não consigo eximir-me ao desejo de transcrever essa objurgatória, redigida, aos vinte anos, quando bem outros são os temas da juventude. Eis os seus termos:

"— Jornal de Ilheus, N.º 260, de 1-7-1917 (Ano VI)

CARTAS MINÚSCULAS — XIII —

"Nada há que mais amargure o coração humano do que o absinto da ingratidão. É a mais dolorosa de tôdas as decepções, a mais terrível de tôdas as desilusões, o fazer o bem com a alma cheia de amor, cheia de generosidade, cheia de dedicação e nobreza e ter-se como recompensa de tamanho devotamento a hediondez de uma ingratidão.

Se lá no reino obscuro e tremendo, onde se ouvem as lamentações dos precitos, o ranger de dentes dos predestinados à eterna dor, se lá possível fôra a prática do benefício, estou a crer que, em vez do célebre dístico que o Alighieri encontrou à porta do Pandemónium, outro, bem outro fôra o que lá se encontrara.

Em vez do "Ó vós que entraís, deixai tôda a esperança", em letras esbraseadas, cidentes, haveria de ali estar: "Ó vós que entraís, parai e considerai: Aqui se pratica a ingratidão!"

E seria um suplicio bem mais horrível e infernal!

Talvez me julguem vítima dêsse vilíssimo flagelo que ao homem inflige o próprio homem.

Não! Esta minha acerba linguagem contra a mais detestável de tôdas as baixesas que fazem ninho na personalidade humana, parte unicamente do que vejo, do que observo, do que presencio, todos os dias.

Ah! Quantas felicidades eternamente derruidas, quantas venturas, para sempre, derrocadas, quanta alegria, quanto prazer transformado em pranto, em lágrimas sempiternas, por causa da ingratidão! Quantos lares enlutados, quantos corações partidos, quantas desgraças!..."

48. Quem não dirá que essa severa e criminosa condenação foi feita, diante de fatos?! Quem acreditará que são simples elucubrações de ordem abstrata, mero assunto escolhido, ao acaso, por quem tem obrigação de preencher as páginas de um jornal?

49. No entanto, meio século depois, poderiam elas ser escritas, acêrca de fatos realmente ocorridos e de meu pleno conhecimento?!

50. Com a sabedoria que nos traz a experiência, talvez ou certamente, a linguagem seria outra, menos dura, mais compreensiva, pois a humanidade não é perfeita e, como tem ocorrido, desde o começo e

acontecerá até o fim, o benefício nem sempre, mas frequentemente, terá como recompensa a ingratidão, o bem será pago com o mal.

51. No entanto, diante da crua realidade, meu comentário talvez pudesse resumir-se numa só palavra: PERDÃO.

52. Ainda estarecido, ante a coincidência dos fatos, estupefacto diante dessa premonição, que se confirmou plenamente, cinquenta anos após bom é que PERDOEMOS, que aceitemos os homens como eles são.

53. Mas, com o grande vate espanhol, temos também de declarar, uma vez que não exercemos poder sobre a memória:

PERO LA INGRATITUD JAMÁS SE OLVIDA

Rio de Janeiro, 29 de Fevereiro de 1972.

N O T A S :

- a) — As citações sobre LOPE DE VEGA foram extraídas da minuciosa monografia do Min. IVAN LINS, intitulada LOPE DE VEGA, na qual aprecia a vida e a obra do famoso espanhol.
- b) — E, na mesma obra, colhemos os trechos de Lope de Vega, por nós comentados.

Rio de Janeiro, 26 de julho de 1972
Mui Caro Amigo —
WALDEMAR PEQUENO

1. Com grande satisfação e entusiasmo mesmo, li o discurso pronunciado pelo erudito Amigo, perante a Câmara Municipal de Belo Horizonte, agradecendo o título, que lhe foi conferido, de Cidadão dessa Magnífica Urbe.

2. Excelsa homenagem que galardoa, não um gesto isolado de benemerência ou um ato ocasional de heroísmo, a que generosos impulsos podem levar os homens de caráter bem formado, mas uma distinção que reconhece e recompensa as virtudes de um varão, praticadas no defluir de uma existência inteira, numa identidade moral contínua, permanente definitiva.

3. Outros laureis foram-lhe já tributados, de ordem intelectual, de caráter político, de feição moral e cívica. Mas essa cidadania outorgada pela Capital que tem a beleza inscrita em seu próprio topônimo, honra é excelsa, condicente com a excelssitude das cordilheiras mesmas de Minas-Gerais, unidade federativa libertária, que, em momentos glo-

riosos, apontou, mais de uma vez, ao Erasil o caminho que seus filhos deviam percorrer. E percorreu-os também o digno Amigo, obedecendo aos impetus de seu ardor patriótico.

4. O horizonte aí é, na verdade, amplo e majestoso, quer na festiva luminosidade da aurora, quer na pompa do zenite, quando rebrilha o sol, em toda a sua fúlgura suntuosidade, ou na etapa crepuscular do ocaso, ao esmaecer das cores, que se vão diluindo em tonalidades suaves, num convite à saudade e à meditação.

5. Porisso, Belo-Horizonte! Cidade, que, além da pueritude topográfica, ostenta, através de seus representantes, a beleza moral de admitir ao seu grêmio aquele que, por sua vida exemplar, a serviço de Minas-Gerais, a serviço de sua formosa Capital, conquistou essa honra singular.

6. Dessarte, ao ouro de suas minas incorpora-se o ouro de um limpo nome: Waldemar Pequeno, grande cidadão de Belo-Horizonte.

Parabens!

José Arraes de Alencar

O BANCO DO NORDESTE RESERVA ESTE ESPAÇO PARA UMA MENSAGEM

Uma mensagem de otimismo,
apoio e agradecimento.

De otimismo: nos destinos
do Nordeste.

De agradecimento: ao esforço
incansável e anônimo
de milhões de brasileiros,
sem o qual pouco valeriam
nossos incentivos,
assistência e financiamentos.

De apoio: às entidades que
conosco participam
- dia a dia, passo a passo, na
luta pelo progresso da Região.

E homenageamos todos aqueles
que, como nós, estão trabalhando.



Uma Carta Pastoral de 1824

JOARYVAR MACÊDO

Do Instituto Cultural do Cariri,
Do Instituto Histórico e Geográfico de Uruguaiana,
Da Academia Internacional de Ciências Humanísticas etc

Documento que me despertou a curiosidade é uma Carta Pastoral datada de 30 de outubro de 1824. Topei-a, fortuitamente, no Arquivo da Cúria Diocesana do Crato, num "Livro de Registro de provisões, portarias, cartas pastorais e outros documentos", da Paróquia de Missão Velha, (livro que contém, outrossim, lançamentos de batizados da citada paróquia, referentes aos anos de 1831 a 1834).

A Pastoral, transcrito no predito livro, de acordo com a norma consuetudinária, dirigiu-a a seus diocesanos "Dom Frei Tomaz de Noronha, da Ordem dos Pregadores, por Mercê de Deus e da Santa Sé Apostólica, Bispo de Cochim, Governador Episcopal de Pernambuco, do Conselho de Sua Majestade Imperial, que Deus guarde, etc."

Não é minha intenção fazer análise do documento em apreço. Aponto-lhe apenas a existência e a fonte aos interessados no assunto — os eventos de 1824.

Trata-se da Carta Pastoral, através de que o Prelado, que tinha jurisdição sobre quase todo o território nordestino, suspende do uso de suas ordens os bravos sacerdotes implicados naqueles movimentos libertários. Nela, o Bispo recomenda aos párocos que ensinam aos fiéis, consoante a lei evangélica, a escrita e incondicional submissão ao Monarca, inculcando-lhes que "um grande mandamento desta Divina Lei é o espírito e fiel obediência ao Soberano..." Incrimina os revolucionários, chamando-lhes de "Lôbos devoradores" que pretendem extraviar e desunir o rebanho, fazendo "perder o fruto da justa Independência do vosso ditoso País". Repreende-vos por "inutilizarem os sábios esforços e vigilantísimos desvelos do Paternal Governo..." Taxa-os de "tigres" e „perversos ingratos". E prossegue: „são malvados, são ímpios os que têm a detestável ousadia de, por aquele infernal estratagemas, vos excitarem à rebelião contra o Ungido do Senhor..."

O Pastor, advertindo que "as sedutoras promessas dos revolucionários só produzem a desgraça do homem crédulo", deplora a mortandade, as tropelias, as chacinas, as devastações etc., nas províncias de sua jurisdição. Excede-se em censuras, particularmente àqueles sacerdotes que gravaram com sangue, nas páginas de nossa história, os mais autênticos anseios de liberdade política: "E que diremos desses indignos sacerdotes, desses abomináveis falsos profetas que revestidos do doce Ministério da Paz, da reconciliação, da caridade e da obediência cristã, vos

enganam, vos seduzem, vos precipitam, propiciando-vos o fel de doutrinas sediciosas, falsas, ímpias, e perfeitamente contrárias ao Espírito e à letra mesma do Evangelho! Desses monstruosos abortos, que com escândalo do céu e da terra e sem alguma vergonha do mundo ou respeito ao alto caráter sacerdotal, que tanto degradam e envilecem, se não confundem de figurar entre os facciosos e rebeldes, apoiando assim a sua herética doutrina, com a sua execrável conduta! Não os comuniquéis, amados filhos. Olhai-os com horror, pois a sua fé não é a do Evangelho, por isso os suspendemos pela Presente de todo o exercício de suas ordens". E adverte mais sobre os sacerdotes revolucionários: "Ex fructibus eorum cognoscetis eos". Ordena depois, atemorizando: "Toda pessoa esteja sujeita às Autoridades superiores, porque não há alguma que não venha de Deus, e aqueles que se lhes opõem serão condenados".

Procura o Bispo justificar seus argumentos, citando São Paulo: "O Soberano é o Ministro de Deus". E, para que dúvida não restasse, assegura que o Apóstolo se referia, de fato, aos Imperadores.

A Pastoral, que não deixa de ser um instrumento de lisonja ao Imperador do Brasil, termina com um hino que o Prelado ordenou fosse cantado pelo povo, sempre depois da missa. Louvaminheiro e bizarro, ei-lo:

"Não temas, ó Monarca, Pai da Pátria
Que do Brasil o Deus Onipotente
Com seu broquel te cobre.

Nos dias de perigo Ele te envia
Dos céus socorro e de Sion te manda
Ciência e fortaleza.

Benigno não esqueça os sacrifícios
Que lhe ofertas, e tuas fiéis preces
Até seu trono subam.

Propício a teu querer paternalmente
Tudo regule, e teus grandes intentos
Por nosso bem confirme.

Os teus troféus serão nossa alegria
E às nuvens exultando levaremos
Do grande Deus o nome.

Cumpra o Senhor os teus e os nossos votos
Bem vemos que guardou o seu Ungido
Para defesa nossa.

Do Trono Augusto volverá os olhos
Sobre a terra, e seu braço nos conflitos
Te ajudará constante.

O Depoimento do Seresteiro

Recentemente, através de programa transmitido por emissora de televisão, o veterano seresteiro Nelson Gouçalves, figura exponencial da música popular brasileira, concedeu entrevista acerca de suas atividades artísticas.

O fato mais curioso, na vida do popular cantor, foi o seu depoimento vigoroso focalizando período em que o veterano cancionista submeteu-se a tutela do vício. Os episódios narrados com fidelidade e sem omissões provocaram emoção dos telespectadores brasileiros.

O programa, sério e eminentemente educativo, teve repercussão constatada em pesquisa da opinião pública. Por esse motivo a mesma cadeia de televisão resolveu reprisar o tepe, monopolizando, sem dúvida, a atenção da comunidade nacional.

Nelson Gonçalves pode ser considerado um dos campeões de venda de discos. Segundo declarações da entrevistadora, Marisa Raja Gabaglia, vendeu cinquenta e cinco milhões de discos (55.000.000), ultrapassando os afamados Beatles, ótimos musicistas ingleses agraciados pela Rainha Elizabeth.

O afamado radialista, em deter-

minada fase de sua existência, desceu do pedestal e transformou-se num mulambo, dominado psíquica e fisiologicamente pelo efeito atroz da cocaína. Foram anos de sacrifícios e loucuras. O ídolo das massas rastejou pela sarjeta, inteiramente marginalizado e sem condições morais de exercer a profissão.

A degradação do Nelson atingiu ao climax. Até os cachês remuneratórios dos festivais vinham em forma de "pozinho". Ninguém confiava mais no profissional. Até os picafeiros de circo a êle ficaram hostis. E houve o desemprego, a fome, a doença, a miséria, enfim. Contudo, êste homem excepcional, contava, na intimidade do lar, com uma esposa religiosa que se dedicava, diuturnamente, ao apostolado da fé, empenhando os sentimentos mais caros numa batalha incessante, tentando, por todos os meios, salvar o companheiro da promiscuidade e da lama.

Muitas tentativas, absorvidas pela impetuosidade do entorpecente, se diluíram no espaço e no tempo. É quase impossível a regeneração do elemento humano encarcerado no inferno da miserável droga.

Denunciado e preso, a vítima so-

Terrível bronze ou pérfidas intrigas
Para os soberbos são firmes esperanças
Em Deus nós confiamos.

Inimigos cruéis estropiados
Confusos fogem, cedem a vitória
A quem o céu protege.

Salvo nos conservais, ó Deus Supremo,
O nosso Imperador, de seus bons filhos
Escutai as súplicas.

O I.C.C. Cria a Secção de Folclore

O Instituto Cultural do Cariri, agora editando dos melhores números de "ITAYTERA", além de outras providências, em reunião do dia 13 de Abril, criou a SECÇÃO de FOLCLORE, que será preenchida na próxima eleição Geral. Copiaremos a ATA daquele dia:

"Aos treze dias do mês de Abril de 1973, às 19 horas em sua sede social, voltou a se reunir o Instituto Cultural do Cariri, em sessão ordinária. Aberto os trabalhos pelo Presidente Figueiredo Filho, foi lida a ata da reunião anterior, lendo-se também o expediente do dia. A seguir o Presidente Figueiredo Filho propôs a criação da cadeira que terá como patrono o Doutor Thomás Pompeu de Souza Brasil que poderá ser na Secção de Letras ou de Ciências, de conformidade com a escolha do seu futuro ocupante. Propôs também convidarmos a ocupar essa cadeira o Dr. Thomás Pompeu de Sousa Brasil Netto, sendo ambas as propostas aprovadas por unanimidade. Ficou igualmente deliberado que caberia ao Presidente fazer-lhe a comunicação de praxe. O Secretário Geral, J. Lindemberg de Aquino propôs a criação junto às secções de Letras, Ciências e Artes, outra consagrada ao Folclore, a ser preenchida na próxima eleição da Diretoria do I. C. C. Apresentou também para novos sócios, os Srs. Dr. Edmilson da Cruz Neves, Juiz de Direito, Prof. Antônio Nirson Monteiro, que funcionou, em várias sessões na qualidade de Secretário "Ad Hoc.", de nossa entidade e os folcloristas Pedro Teles e Eloi Teles de Moraes. Essas propostas foram aprovadas por unanimidade de votos. O Presidente comunicou que já foram tomadas as providências para a impressão do 17.º número de ITAYTERA, a circular em Julho próximo. Nada mais havendo o tratar, os trabalhos foram encerrados a seguir. E dos mesmos foi lavrada a presente Ata, e se achada conforme, assinada na próxima reunião José Alves de Figueiredo Filho, Presidente, J. Lindemberg de Aquino, 1.º Secretário.

freu golpe inominável por conta de traficantes insatisfeitos. Depois dessa tragédia dantesca, esmagadora e alucinante, os anseios de fé, de confiança e amor se materializaram numa decisão de gigante. O líder de tantas vitórias, o elemento de acentuada formação humana, reagindo, devagarinho, emergindo do pântano, encontrou, afinal, a luz salvadora que substituiu a treva.

Nelson Gonçalves surgiu, como no milagre bíblico, do túmulo, com os olhos voltados para o infinito, segurando nos seus braços magros o corpo de uma mulher heróica e digna do seu coração de poeta e seresteiro.

A lição do inconfundível cantor

percorreu todos os recantos da Pátria, nesta hora em que a juventude transviada e amoral está sendo desgraçadamente sufocada pela dissolução dos bons costumes. Vivemos num mundo incentivado pela perversidade da periculosa campanha de desagregação moral, social e cívica.

O exemplo de Nelson Gonçalves é sintomático e marca, definitivamente, um ponto de partida para a tomada de posição de todos os membros da comunidade contra a corrupção consentida e amparada pelo poder econômico.

(Diário de Pernambuco 01.04.73
Transcrito nos Anais da Assembléia Pernambucana).

A Verdadeira Origem dos Carcarás de Saboeiro(Ceará)

Maria Celina Fernandes Moura (DIÁRIO DO CEARÁ, edições de 20 e 21 de Julho de 1950), Antenor Gomes de Barros Leal (HISTÓRIA DA FUNDAÇÃO DE EOA VIAGEM, Ceará, 1962) e outros erraram, data vênia, quando afirmaram que AGOSTINHO SANCHES DE CARVALHO e ANA GONÇALVES DE CARVALHO foram os progenitores das chamadas 7 Irmãs.

Inicialmente, diga-se de passagem, filhas foram seis. O sétimo da irmandade era homem. E foram eles: Fernandina, Anacleta, Ana, Eugênia, Antônia Franco, Agostinha e Domingos Sanches de Carvalho. Portanto, mais adequado seria dizer-se 7 Irmãos.

Não viviam estes Carvalhos na Capitania de Pernambuco, antes de virem para o Ceará, como se disse, e sim em Itamaracá. Em vários assentamentos religiosos do Livro N.º 1, de casamentos e nascimentos da Freguesia de Nossa Senhora da Expectação do Icó, onde figuram os nomes de algumas das citadas irmãs, a naturalidade delas é dada como sendo daquela ilha.

Por outro lado, não é sustentável a tese de que os pais dos 7 Irmãos fossem cristãos-novos. É apenas provável que tenha sido, em vista de que as famílias Sanches e Carvalho, tanto de Espanha como de Portugal, tradicionalmente eram judaisantes. O Marquês de Pombal, Sebastião José de Carvalho e Melo, foi amigo dos cristãos-novos de Portugal e, ao tempo de Primeiro Ministro de Dom José, aboliu a discriminação religiosa, justamente para favorecer aos judeus. O médico Ricardo Sanches e Ribeiro Sanches, judeus e reformadores liberais juntamente com os maçons Verney, Frei Manoel do Cenáculo e o licenciado Francisco José Freitas, modificaram totalmente os estatutos da Universidade de Coimbra, atitude por demais revolucionária para a época.

Na relação oficial dos que foram julgados, em Pernambuco, pelo Santo Ofício, não consta nenhum Sanches ou Carvalho, seja de um ou de outro sexo. E moradores do Ceará que foram às barras daquele Tribunal figuram apenas dois: Antônio Correia de Araújo Portugal e Antônio Mendes da Cunha, o primeiro, residente no Icó, e o segundo, em Quixeramotim. Ambos por terem se casado duas vezes, quando as legítimas ainda viviam, em Portugal. Aquele era casado com Felipa da Silva e Joara Rodrigues do Ó, este com Teodósia Fernandes e Ana Maria Valéria.

Até bem pouco, pensava-se pela tradição velha, que os pais dos Sete Irmãos fossem Agostinho Sanches de Carvalho e Ana Gonçalves de Carvalho. Mas um documento coevo, somente agora conhecido, veio dissipar este engano. Trata-se do termo de casamento de JOÃO BATISTA VIEIRA, português de São Martinho de Galegos, Arcebispo de Braga,

filho legítimo de Miguel Vieira e de Domingas Fernandes, de avós ignorados, com ANTÔNIA DE OLIVEIRA, filha legítima de José de Oliveira Bastos, português de Basto, e de Antônia Franco de Carvalho, natural de Itamaracá, neta paterna de Francisco de Oliveira e de Senhorinha Rodrigues, neta materna de MANOEL DA ROCHA FRANCO e de sua mulher MARIA SANCHES DE CARVALHO.

Ora, se Antônia Franco de Carvalho era uma das irmãs carvalhinhas e se sua filha, Antônia de Oliveira, era neta materna de Manoel da Rocha Franco e de Maria Sanches de Carvalho, lógico é dizer que estes foram os pais dos outros irmãos Sanches de Carvalho.

A cerimônia religiosa dos pais de Francisco Fernandes Vieira, Visconde do Icó, foi levada a efeito na Capela de N. S. da Glória, filial da Freguesia de N. S. do Carmo dos Inhamuns, hoje Jucás, em 12 de novembro de 1766, na presença do Cúria dos Inhamuns, Padre Sebastião da Costa Machado, do Padre Francisco Gomes Correia e de muitas pessoas, sendo testemunhas o Capitão Gabriel da Costa Lousada e Manoel da Costa Viegas.

Bernardina casou-se duas vezes e sobreviveu aos dois maridos. A 1.^a vez, casou-se com o Tenente Coronel Antônio Lopes de Azevedo. E assinava Bernardina Maria de Andrade. Tiveram tres filhos: Padre Antônio Lopes de Azevedo, Maria Sanches de Carvalho, solteira, e Maria Teodoro do Carmo que se casou com Bento Dinis Barbosa. O seu segundo matrimônio foi com o Capitão-Mor João Bento da Silva de Oliveira. Ela assinava Bernardina Sanches de Carvalho, seu verdadeiro nome. Tiveram dois filhos: Vitoriana Maria de Santa Gertrudes, solteira, e o Sargento-Mor João Bento da Silva, casado com Jacinta Alexandrina de Freitas Acioli. Bernardina e os maridos viveram no Icó. (Termos de nascimentos e casamentos lançados no Livro N.º 1 da Freguesia do Icó, já referido).

Anacleto casou-se com o Capitão Francisco Xavier de Oliveira Campos. Assinava Anacleto da Silva de Carvalho. Viveram no Sítio Poço do Mato, hoje Distrito de Caipu, Município de Cariri. O Capitão foi o doador do patrimônio do Eom Jesus do Poço do Mato.

Eugênia casou-se com um rio-grandense, em Apodi. Dela vem os Barretos e Amarais de Aracati. Não foi Ana Sanches de Carvalho que ali contraiu núpcias, conforme escreveu Antenor Gomes Leal (op. cit.).

Agostinha casou-se com Antônio Domingos Alves, pernambucano, fundador de Boa Viagem, antigo Cavallo Morto. Foi aquela que fugiu do Icó para Marvão, no Piauí, e cujo casamento foi cheio de peripécias e lenda. O certo é que em 1743, Antônio Domingos Alves era dono de terras nas ilhargas do Rio Cavallo Morto que desagua no Quixeramobim. (Livro de DATAS DE SESMARIAS, vol. 14, pág. 131; Memórias do Prof. Manuel Ximenes de Aragão, in R. I. C., Tomo 24, pág. 47; BACAMARTE DOS MOURÕES, Nertan Macedo e O CEARÁ, Raimundo Girão e Martins Filho).

Domingos casou-se com D. Clara Francisca de Brito, índia da aldeia Currealinho, de Sergipe d'El Rei. Tiveram os seguintes filhos: Maria Sanches de Carvalho, Vitorina Joaquina Sanches de Carvalho, Mariana Sanches de Carvalho, Clara Joaquina de Sá, Joana Inácia da Silva e Raimundo Sanches de Carvalho. Em 1809, já viúvo, juntamente com as

quatro filhas descritas acima, vendeu, ao Capitão-Mor Gonçalo Batista Vieira, uma légua de terra no Sítio Bom Sucesso, Jucás, onde residiam ele as 3 primeiras filhas, que eram solteiras. (Escritura pública de compra e venda, no original, em nosso poder).

Ana casou-se com o Capitão Francisco Ferreira da Mota. Passou a chamar-se Ana Ferreira da Silva. Residiram no Sítio Pitombeira que fica localizado nas proximidades do povoado de Barrinha, em Sãoboeiro. Deles vem os cunhados carcarás pitombeiras. Em julho de 1739, no Sítio Camaleões, que compreende hoje parte das fazendas Varzinha, Uruguai, Cavalinho, Serrinha principalmente, e Pedra Branca, de um e outro lado do Rio Jaguaribe, o Padre Francisco Xavier de Vasconcelos batizou a Antônio, filho do casal, sendo-lhe padrinhos Tomás Alongo e Ângela da Silva, mulher do Comissário Francisco Pereira de Carvalho. (Livro da Freguesia de N. S. da Expectação, pág. 24).

Antônia Franco casou-se, no lugar Caiçara, com português de Basto, José de Oliveira Basto, filho legítimo de Francisco de Oliveira e de sua mulher Senhorinha Rodrigues. Deles, principalmente, por ter sido um casal que deixou grande descendência e por ter vivido no Sítio Carcará de Baixo ou Santa Cruz, para distinguir do verdadeiro Sítio Carcará, recebido em sesmaria, no ano de 1718, por Ventura Rodrigues e Domingos Rodrigues, baianos do Rio São Francisco, é que procede a família saboeirense, assim conhecida, isto é, carcará, por causa do local do mesmo nome.

O Sítio Santa Cruz ou Carcará de Baixo foi pedido pelos pernambucanos de Serinhaém, Lourenço Alves Feitosa e Francisco Alves Feitosa, em 1721. Esta fazenda Santa Cruz, ou simplesmente Cruz, nome pelo qual ficou mais conhecida e como era, aliás colocado nos termos religiosos, deu origem à Povoação da Cruz, hoje Saboeiro. Na primeira metade do Século XVIII, ela pertencia ao Coronel Manoel Gonçalves de Souza. Ali, em 14/07/1735, foi batizada Joana, filha legítima do dito Coronel e de sua mulher Maria da Conceição. (Livro da Freguesia do Icó, já citado).

A fazenda, mutatis mutandis, veio a pertencer a José de Oliveira Bastos e seus herdeiros.

De Ana Gertrudes Barbosa, casada com Custódio André dos Santos, natural de Santo André, Bispado do Porto, filha legítima de Maria Teodoro do Carmo, casada com Bento Dinis Barbosa, neta, aquela, de Bernardina Sanches de Carvalho de João Bento da Silva de Oliveira, vem os carcarás de Marrecas, Tauá, cujos descendentes convolaram núpcias com os de Pitombeira e Cruz, em Saboeiro.

Em menor escala, os carcarás saboeirenses tem origem também do casal Francisco Xavier de Oliveira Campos - Anacleto da Silva de Carvalho.

Mas a principal fonte genealógica dos carcarás de Saboeiro, portanto, é o casal José de Oliveira Bastos e Antônia Franco de Carvalho, natural da ilha de Itamaracá.

Manoel da Rocha Franco era irmão do Capitão-Mor da Ribeira do Acarau, Pedro da Rocha Franco que faleceu em 1754, com 79 anos de idade, segundo o testamento que fez à véspera da morte. Era filho de Manoel Maria e Maria Rodrigues. Nasceu em Conselho do Tejo, numa localidade chamada Logar da Igreja.

COMENTÁRIO

LINGUA DO POVO

O primeiro pensamento que me ocorreu, ao receber e dar a primeira folheada no "Dicionário de Termos e Expressões Populares", do cariense Tomé Cabral, foi que se trata de um livro urgente, que quase aparecia tarde. Depressa, enquanto não se acaba. Se ele não corre, ficava muito por registrar, anotar, guardar, gravar, no falar do interior, enquanto os transistores não acabam com ele, os locutores da TV, a gíria das cidades grandes, levada por satélite aos mais remotos dos 90 milhões de brasileiros. Se até índio, hoje em dia, aprende a falar com espíquer de rádio!

É um fato que ninguém nega: isso que os americanos chamam de *mass-media*, ou seja, a comunicação de massas por via eletrônica (especificamente o rádio e a TV), vai rapidamente liquidando as singularidades do falar regional, preservadas por quatro séculos de segregação no interior. E ainda por cima vem agora o Mobra, alfabetizando todo o mundo, nivelando a linguagem pelas cartilhas e livros; dentro em pouco, o idioma pessoal e saboroso das gentes do Brasil a dentro será apenas, uma lembrança para eruditos, uma linguagem perdida, guardada em alguns raros dicionários de dialetos — um pouco como aconteceu com a língua dos índios. E os índios, como antigos donos da terra, ao menos tiveram a oportunidade de nomear a maioria dos nossos acidentes geográficos, ficando assim preservada na

boca do povo uma parcela importante da língua aborígene. Mas os caboclos nem esse consolo terão, daqui a uns dez anos, do seu falar não restará mais nada, e os filhos deles estarão todos falando como o Hilton Gomes, o Aérton Perlingeiro ou a Ioná Magalhães.

O precioso dicionário de Tomé Cabral é, portanto, uma garantia de que grande parte do insubstituível acervo da linguagem regional não se perderá. Está aí, registrado, impresso, em 15.000 verbetes colhidos na boca do povo e autenticados por citações de escritores que já haviam recolhido em suas obras amostras do falar regional. Orgulho-me por ser diversas vezes referida entre esses avalistas da autenticidade do autor, e acho mesmo que tenho direito de estar ali. Porque eu posso ser uma escritorzinha à toa, não me iludo; mas que falo e entendo a boa linguagem popular da minha região, isso ninguém me negue porque estará levantando um falso.

E, sabem vocês, afora todas essas considerações de defesa da memória linguística; afora a inegável ajuda que o glossário gigante de Tomé Cabral dará aos estudiosos do idioma; afora os seus méritos óbvios de paciência, honestidade e respeito à autenticidade; afora isso tudo, o Dicionário do homem do Crato ainda tem outro mérito: é extremamente gostoso de se ler. Quanto tempo faz que eu não via escrito "*visita de cova*" — aquela romaria que se faz ao cemitério em

O CARIRI NO TODO CEARENSE

Já me deparei com várias pessoas de fora, que vinham estudar o Cariri cearense e muito estranharam as dissimilhanças desta zona com o norte do Estado. É que tivemos influência diversa em nossa formação, aliada a fatores mesológicos diferentes. No tipo ethnico, não.

O Nordeste interiorano não foi colonizado por lusitanos puros, especialmente, em paragens isoladas das metrópoles. Vinham alguns no meio das levas, ou isoladamente, entre os primeiros devassadores do sertão, como aconteceu no Vale Caririense. Esta sub-região, encravada em pleno coração do Nordeste teve como pioneiros de seu povoamento, brasileiros já caldeados, chegados pelo caminho líquido do S. Francisco e seus afluentes. Procediam da Bahia, Sergipe e do vizinho Pernambuco.

O historiador Pe. Antonio Gomes, revolvendo arquivos de igrejas e cartórios, revelou a existência de famílias baianas, em cifras impressionantes de mais de quatrocentas e acima de duzentas, oriundas de Sergipe. No meio dela chegaram-ros alguns lusos, já integrados à vida brasileira.

Nas revoluções nativistas de 1817 e 1822, figuraram alguns elementos da Mãe Pátria, integrados de corpo e alma às hostes libertadoras, como se fossem nascidos, sob o sol escaldante deste Nordeste, tão visceralmente nacionalista. Trocaram a pátria de nascimento pela adotiva, que nascia promissora. Muitos nacionais procederam de modo diferente. Ficaram fiéis a Portugal. O divisor não foi mais do que a tendência política de cada um, com exceções, naturalmente.

A pessoa eivada de idéias enciclopedistas, quer deste lado ou do além Atlântico ficavam com a jovem nação que despertava. O conservador, o caramuru, ou o corcunda, preferia atrelar-se ao passado que começava a desmornar-se. Os primeiros foram os vanguardeiros do liberalismo. Os conservadores só iriam cair, quase definitivamente, com a Abdicação de 7 de Abril de 1831.

Neste trabalho, não quero atrelar-me ao ponto de vista histórico da contribuição do Cariri, nos acontecimentos da independência do Ceará e do Nordeste. Foi esse assunto bem focalizado nas comemorações do Sesquicentenário de Independência, em Setembro do ano passado. A Vila Real do Crato tornou-se bem divulgada como centro, do Ceará, de todas as lutas pela emancipação nacional.

O Cariri é sub-região, ou por outra, região urbana, situada ao sopé

louvor de defunto novo; ou "tomar delas frias", beber cerveja gelada, em contraste com "tomar delas quentes", que é a lapada de cachaca; ou *barrufo de orvalho*"; ou "comer tampado" queremo dizer passar pelo que o diabo enjeitou; ou "papafigo", que é outro nome de lobisomem; ou "boneca dos dedos",

indicando a polpa dos dedos; ou "doença dos sete couros" que é um mal que dá na sola dos pés.

Mas, nesse caminho de citar, a gente acaba citando tudo, e são 15.000 verbetes. Melhor ficar por aqui — mesmo, porque a saudade danase a aperrear e fica demais.

(DIÁRIOS ASSOCIADOS).

do Araripe. Deve sua imensa riqueza, pela irrigação de dezenas e dezenas de fontes, que brotam daquela chapada. Separa o Ceará de Pernambuco. Sua natureza é pródiga, com fruteiras, canaviais, resto de mata, palmeiras, de verde constante, contrastando com a caatinga ressequida, que o circunda. Mais parece pedaço da zona da mata pernambucana ou dos brejos da Paraíba.

Apesar da divergência de sua divisão, mais restrita antigamente do que agora, possui os seguintes municípios: Abaiara, Araripe, Barbalha, Barro, Brejo Santo, Caririáçu, Crato, Farias Brito, Granjeiro, Jardim, Jati, Juazeiro do Norte, Mauriti, Milagres, Missão Velha, Nova Olinda, Penaforte, Porteiras, Potengi, Santana do Cariri.

Para melhor administração federal e estadual, o país está dividido em micro-regiões. O núcleo central da zona caririense recebeu o número 78, do governo da República e 23 do Estado. Primitivamente, compunha-se de Crato, Juazeiro do Norte, Barbalha, Missão Velha e Jardim. O último foi substituído desse grupo de municípios, por Várzea Alegre. Não sei o critério de tal substituição. Jardim é integralmente caririense, em zona canavieira, abraçado pela chapada do Araripe e com natureza, muito aproximada de Barbalha.

De onde precede o topônimo que lhe veio com o alvorecer da evangelização?

Do aborígine que dominava suas terras ubérrimas, antes do civilizado pisar-lhe o solo, de pés descalços, como o indígena, ou raramente de sapatão, conforme as posses. Até o bandeirante paulista, que é retratado, quase como um fidalgo português, na época das conquistas, andava quase sempre de pé-no-chão.

Nosso silvícola, de acordo, com o historiador número 1 do Brasil, o cearense Capistrano de Abreu, dividia-se em 8 grandes nações: Tupis, Guaranis, Guaicurus, Nu Aruaques, Cariris, Gês, ou Tapuias, Caraibas, Panos e Betuias.

Conforme Porto Seguro, seu nome tem a significação de TRISTONHO, CALADO, pelo contraste com o Tupi, palrador, por excelência e até fazedor de discursos.

Seus povoadores, como já disse, vieram das terras que ficam ao sul, da Bahia, Sergipe e Pernambuco. Faziam parte do ciclo do COURO, como bem acentuou Capistrano de Abreu, em relação ao Norte e o celebre educador e político argentino, Sarmiento, ao referir-se ao Rio Grande do Sul, Uruguai e á sua pátria de origem.

Encontraram os colonizadores cultura agrícola procedente do indígena, a de mandioca. Também mostrava ela que o homem primitivo que habitava o Brasil não era destituido de inteligência e de sentido prático. Os tubérculos miraculosos portadores de tóxico violento, o ácido cianídrico, expostos a fragmentação pelo ralo, prensados e aquecidos ao fogo, libertavam-se do veneno que mata privando os centros respiratórios de sua função normal.

O produto ficou na terra, tornou-se conhecido fora como fonte da alimentação sertaneja. Ainda hoje serve de renda para o agricultor e base de exportação. Sua produção mais avultada situa-se na chapada do Araripe.

Seus terrenos de massapê, em breve foram atraídos pelos povoadores, procedentes do Recôncavo Baiano ou da mata de Pernambuco. A cana de açúcar, com suas múltiplas variedades tomou conta da sub-região.

Não fabricou açúcar branco a exemplo das proximidades de Recife ou de Olinda. Fêz a rapadura, açúcar integral. Teve o dom de fazer parte da alimentação sertaneja, com a farinha de mandioca, constituiu o alimento de poupança do vaqueiro nas grandes caminhadas e corridas pelas caatingas criadoras.

A indústria primitiva, com seus engenhos movimentados pelas juntas de bois manços, tardos, mas de trabalho constante, multiplicou-se. A aguardente, a pinga, a cachaça, de alforge seguro, seguiu-se à rapadura de doce fino e FIXE. Não alimentava o homem, antes tirava-lhe o juízo e esquecer as diversas mágoas, desta vida tão cheia de atribulações.

A rapadura do Cariri tornou-se famosa em todos os sertões nordestinos. Rica, digestiva, possui o maior teor de ferro, depois do fígado. Carreou dinheiro para o Vale Cariense e para o Ceará.

Enquanto escasseavam as frutas na zona sertaneja seca, sobravam no Cariri, exportadas em suas feiras semanais, conhecidas e visitadas por toda a redondeza do Ceará, Pernambuco, Paraíba, Piauí e Rio Grande do Norte.

O KIRIRI também conhecia o algodão nativo. Suas cunhãs teceiras passavam por ritual de "passagem". Apenas o utilizavam restritamente, já que seu comércio tribal era praticamente inexistente. Os povoadores, portadores da civilização, aumentaram-lhe a cultura. Na GUERRA DA SECESSÃO, dos Estados Unidos a produção aumentou, de um dia para outro, com o braço livre, sem o recrutamento de escravos, relativamente diminuto no Vale Cariense, como acontecia em toda esta província. A rica fibra, apesar dos altos e baixos, fincou pé na zona, quebrando um pouco a monocultura canavieira. Da bolandeira de desacarçar algodão, passamos aos motores e depois a usinas mais possantes. Exportamos para Pernambuco, Campina Grande ou mandamos para o exterior pelo porto de Fortaleza. Ultimamente transacionamos direto com S. Paulo, retendo recursos para o Ceará.

Antigamente fazíamos nossas trocas comerciais, pela via Icó, Aracati, em costas de cavalos, muares ou aproveitando a quase planície do Jaguaribe, em carros de bois tardos. Fortaleza conquistou-nos pela via Férrea e agora pelas inúmeras rodagens que nos interligam, em todos os sentidos. As rodovias, a princípio, de terra batida, com piçarras e, presentemente, cobertas de asfalto em grande parte, substituem as estradas reais de antigamente, muitas vèzes mal servindo a passagem de tropas de animais ou boiadas dos campos de criação.

Ônibus, caminhões, carros surgiram em todos os recantos e o próprio Cariri, outrora longínquo, perdido em pleno centro geográfico do Nordeste, passou ser palmilhado de veículos motorizados. Não esperamos exclusivamente por emprêsas de transporte só das metrópoles. Surgem elas em nosso meio, a competir com similares das capitais. Aparecem outras culturas agrícolas: sementes oleginosas, especialmente o amendoim, de ciclo rápido.

A arrecadação federal, estadual ou municipal, decuplicou e já temos capacidade para exigir melhoramento substanciosos, principalmente, que venham a minorar o sofrimento da população pobre. Luz e força, em abundância, vieram-nos de Paulo Afonso, embora, algumas vèzes, por preço, inacessível para os pequenos.

Provocou verdadeira revolução na economia. Nasceram novas indústrias. Com a planificação mal orientada pelo americano ASIMOW,

Cidadania é Reconhecimento do Esforço de Bem Servir

Ao discursar na Câmara de Vereadores do Crato, depois de receber o título de cidadão da Princesa do Cariri, disse o Dr. Antônio de Alencar Araripe que o gesto do legislativo municipal representava para ele o reconhecimento público dos esforços que empreendera para servir à comunidade.

Eis, na íntegra, o seu discurso de agradecimento :

"Muito me desvanece o ato da Câmara de Vereadores concedendo-me o título honorífico de Cidadão do Crato.

Prendem-me a esta querida cidade laços indestrutíveis.

Fo aqui que em 17 e 24 se desenvolveu o principal cenário das atividades revolucionárias, que afinal cobriram de glórias cívicas a imorredoura memória de meus ascendentes paternos.

Aqui teve seu berço meu avô paterno, Pedro Jaime de Alencar Araripe, que para escapar à insânia dos detentores do poder se viu obrigado a emigrar para Quixeramobim, onde contraiu núpcias e constituiu família.

que desconhecia totalmente o meio, houve colapso no começo. Quase nos abalava. O ressurgimento, porém, foi vigoroso. No setor da CERÂMICA, temos duas fábricas, em mãos de técnicos abalizados, carregando sua produção, de primeira, para as mais importantes cidades do Norte. Outras reagiram bem, com planificação orientada.

A instrução atual, em nada se parece com o passado. Evoluiu de tal forma que podemos nos equiparar com muitas capitais de pequena proporção. Despertou com a fundação do Seminário de S. José, de Crato, fundado pela clarividência do primeiro bispo do Ceará, D. Luís Antônio dos Santos. Tomou vulto a atuação no meio, do primeiro bispo de Crato, D. Quintino Rodrigues de Oliveira e Silva. Logo depois, criaram-se grupos escolares, ginásios, escolas normais, colégios, escolas de comércio. Duas faculdades de ensino superior funcionam, em Crato, superlotadas de alunos e outras se preparam a abrirem suas portas. Sua ação é vasta, abrangendo até estados vizinhos. Algumas vezes, agricultores, comerciantes, de outras terras, mudam-se, com a família, para as cidades caririenses, em busca de instrução para os filhos. O movimento comercial aumenta, pensões se enchem de alunos isolados.

Há outros fatores positivos que contribuem para a melhoria do Cariri e, conseqüentemente, do todo cearense. Sua vida social, com clubes variados, é intensa e tende a atrair turismo. Os hotéis melhoram de dia a dia.

Não se pode deixar de frizar a melhoria dos hospitais e a criação de novas casas de saúde especializadas. O vale pode ombrear-se com os centros urbanos mais evoluídos do país, relativamente às suas possibilidades.

O Cariri é, por conseguinte, das zonas que mais contribuem para a economia, para a cultura e para o renome deste nosso tão querido Ceará que cresceu ao ritmo da luta incessante contra o meio hostil.

Aqui se realizou, há meio século, meu enlace com outro rebento do clã alencarino, ou seja, com uma quarta-neta de minha trisavó Bárbara e trisneta de D. Inácia, irmã da heroína.

Aqui nasceram meus cinco filhos e seis dos treze netos existentes.

Aqui figurei entre os fundadores do Rotary Clube e do Instituto Cultural do Cariri, dirigi o semanário "O Cariri" e prestei constante colaboração à imprensa da região e a revistas jurídicas de Fortaleza e do Sul do País.

Aqui, enfim, transcorreram as principais etapas de minha longa e aculeada carreira de advogado e homem público que, mercê de benévolo aferimento de sua capacidade intelectual e moral, ascendeu ao exercício das funções de Prefeito do Município, Deputado à Assembléia Nacional Constituinte de 1946 e à Câmara Federal durante mais de 12 anos, de presidente do Banco do Nordeste do Brasil, de integrante de lista triplíce organizada pelo Tribunal de Justiça do Estado para nele preencher vaga existente e de Procurador Fiscal da Fazenda, ora em inatividade.

Prefeito de Crato quando a receita municipal ainda andava pela casa dos sessenta contos de réis e, assim, mal chegava para cobrir as despesas peculiares à rotina administrativa, procurei por em prática uma série de providências destinadas a assegurar à edilidade os meios de atender aos seus reais objetivos.

A Prefeitura não tinha sede própria, funcionava em prédio particular e inadequado, sito na zona comercial e onde as prateleiras eram utilizadas como arquivo; não tinha escrita, afóra a que constava de volumoso e atabalhoado livro caixa; não dispunha de móveis, além de extensa mesa comum, com ordinária cadeira de espaldar à frente e bancos laterais; não dispunha de serviço de coleta do lixo residencial, nem de sanitário e banheiro na cadeia pública; não possuía, enfim, obras públicas de relevo construídas, em construção ou projetadas, pois nesse tocante sua ação quase que se cingia à precária iluminação e limpeza do centro urbano. Que me coube realizar, na ânsia de bem servir aos legítimos interesses do Crato, com o intuito de encontrar uma solução para seus momentosos problemas administrativos?

Eis aqui uma resenha das principais iniciativas tomadas com tal finalidade:

1.º instalação da Prefeitura no antigo prédio da Câmara Municipal, remodelado e provido do necessário mobiliário, inclusive a sala do Fórum;

2.º adoção de especial sistema de escrita de fácil manuseio para a verificação dos dados concernentes à receita e despesa públicas;

3.º instituição do serviço de coleta do lixo das residências particulares utilizando carroça à tração animal então adquirida;

4.º construção na cadeia de sanitário e banheiro, para por termo ao ignóbil funcionamento das "fachinas", e canalização das águas da antiga rua da Vala;

5.º regularização geral das calçadas, outrora desconforme à altura e largura, e extinção das beira-e-bica e jacarés, que tanto afejavam o aspecto das ruas da cidade;

6.º reforma e ampliação, notadamente quanto à rua dos Cariris e ladeiras do Seminário, do calçamento da cidade, e canalização, em seu perímetro, das águas do Grangeiro;

7.º aquisição, para o patrimônio municipal, do Matadouro Modelo

construído, poucos anos antes, por grupo financeiro, com direito à exploração durante 25 anos;

8.º) elevação, de cerca de 60 para mais de 200 contos de réis, da receita tributária anual;

9.º) correção do traçado da estrada carroçável sobre a serra do Araripe, que fora construída aproveitando o curso das antigas e tortuosas veredas, e calçamento de ladeira no trecho de acesso ao altiplano;

10.º) aquisição de terrenos para o depósito do lixo, construção da usina de luz e da casa da música, e doação a fim de ali se localizar o edifício dos Correios e Telégrafos;

11.º) publicação na imprensa e nos lugares públicos da cidade dos balancetes mensais da Prefeitura e anúncio dizendo que os livros e documentos relativos à receita e despesa permaneciam ao dispor de quem quer que desejasse verificar como tais operações se vinham realizando;

12.º) organização de Conselho Consultivo suigeneris, integrado por vultos representativos do Município, que visava suprir a lacuna decorrente da extinção da Câmara de Vereadores, e assegurar, de certo modo, a participação do povo na administração.

Quanto à minha ação no Congresso Nacional, a serviço do Cariri e regiões circunvizinhas, cabe-me salientar:

1.º) a iniciativa das análises do xisto betuminoso, do calcáreo, do gesso e da argila para serem utilizados em fábrica de cimento da região;

2.º) a iniciativa a respeito da consecução de recursos federais para a construção dos Hospitais de Juazeiro do Norte, de Crato e de Campos Sales e da Maternidade de Missão Velha;

3.º) a inclusão do Cariri no programa de obras e serviços contra os efeitos da seca, compreendendo a construção empreendida dos açudes Quixabinha, Riacho do Meio, Poço da Pedra e Várzea do Boi, o início da construção do Latão e os estudos do Poço da Volta (em Jati), do Umari, nos Carás, em Crato, do São Vicente, no vale do Machado, em Várzea Alegre, e o Atalho em Erejo Santo;

4.º) a instalação da Escola Agrotécnica, ora Colégio Agrícola, de Crato, e dos Ginásios Tauá e Campos Sales;

5.º) a pavimentação da estrada Crato-Juazeiro do Norte e a construção da estrada Araripina-Crato, inclusive a ponte sobre o Grangeiro;

6.º) o projeto sobre o racional aproveitamento do chapadão do Araripe e das águas de suas fontes, cuja rede de canais chegou a ser iniciada;

7.º) as providências sobre a construção do Aeroporto do Crato, inclusive a concessão da respectiva área de terra, compreendida na Floresta Nacional do Araripe;

8.º) a obrigatoriedade da inclusão no Orçamento da União dos recursos destinados, por força de preceito constitucional, ao combate aos efeitos das secas no Nordeste.

Está aí, a mostra, Senhores Vereadores e ilustre auditório, a forma pela qual, cedendo aos impulsos de arraigadas convicções cívicas, procurei cumprir à risca das atribuições de chefe do Executivo do Município e de membro do Congresso Nacional.

O galardão da cidadania cratense ora outorgado pela munificência do legislativo local, recebo-o, agradecido, como prova de que não caíram no olvido meus titânicos esforços para bem servir, neste setor do país, aos altos interesses da coletividade".

Patrimônio de Crato que Desapareceu

Ontem, desapareceu dos mais ricos e nobres patrimônios morais de nosso Crato — o prof. José Bezerra de Brito. Todos o chamavam carinhosamente de professor Zuza Bezerra.

Soube da triste notícia, à noitinha na Faculdade de Filosofia. Morreu placidamente, às 16 horas no Hospital São Francisco. Entristeci-me. Não esmoreci por saber que era ele dos varões justos da Bíblia e que fôra repousar no regaço do Senhor.

Apesar de nosso arraigada amizade, não o visitei. Minhas saídas são reduzidas e mais arredo fiquei, quando o vírus da gripe nos veio do TÂMISA, difunde-se pela cidade.

Eu, acompanhando de nosso comum amigo — General Teles, todos dois, seus antigos alunos, guiados em seu carro pelo seu filho Expedito Bezerra, há poucos meses, estive em sua casa, à Teodorico Teles, pela última vez. Recebeu-nos carinhosamente, alegre, demonstrando espontânea satisfação. Estava um pouco surdo, mas entendia bem tudo que dizíamos, às vezes explicado mais de vagar pela dedicada esposa, ou Expedito. As filhas não estavam presentes como das vezes anteriores que lhe fizemos a mesma visita. Recordamos velhos tempos quando nos ensinava. Sentia-se contente em conversar com os discípulos, que como os outros, nunca o esqueceram, guardando-lhes os ensinamentos. Devo-lhe as bases do que sei da língua portuguesa. Vasculhámos os Lusíadas, de Camões, a arrancar frases principais em fins de decassílabos. O professor Zuza sempre sorridente a nos

ensinar com sua pedagogia natural, baseada na paciência e saber.

Ví-o zangado uma única vez e tinha razão. Encostou a cadeira em porta, de duas bandas, em sala de aula no Seminário. Ela abriu-se, mal trancada, e ele caiu. João Dummar, sirio, muito gordo e expansivo, saiu-se em bruta gargalhada. O mestre passou-lhe especial que o abandonou, murcho, em dois segundos. João Dummar foi depois o pioneiro da Rádio-emissora no Estado, criando a Ceará Rádio Clube.

O professor Bezerra que foi diretor da "REGIÃO", bem feito seminarário da Diocese, quando me ensinava particularmente, em sua residência, à rua Senador Pompeu, introduziu-me no Jornalismo e nunca esqueceu isso.

Passou a vida no Magistério e a espargir o bem, munido de inteligência privilegiada e Fé inquebrantável. Só ensarilhou armas, quando os anos não mais lhe permitiram trabalhar. Os filhos e esposa cercaram-no de todo o conforto.

Ao fazer 90 anos, lúcido, celebraram a data, com missa solene. Comovi-me bastante ao chamar-me para junto de si, ao lado dos parentes mais chegados.

Fiz esta crônica, pela madrugada, de 3 horas em diante, ao ribombar dos trovões e ao ritmo da chuva lenta. Queria extravassar minha alma pelo muito que devo ao velho amigo professor Bezerra.

O Instituto Cultural do Cariri prestar-lhe-á justa homenagem em ITAYTERA e criação de Cadeira sob seu patrocínio, sintetizando assim com o justo pesar de Crato.

Ocupará sua cadeira o sócio Kleber Maia, grande admirador do Prof. José Bezerra de Brito.

DADOS BIOGRÁFICOS COLHIDOS DE HUBERTO CABRAL

Professor José Bezerra de Brito nasceu ao 6 de Junho de 1876, no sítio Malhada, Município do Crato, filho de Vicente Alves Bezerra e de Izabel Ezerra de Brito, que lhe ministraram as primeiras letras e a doutrina cristã, demonstrando, êle — desde muito cedo, interesse pelos estudos, inteligência e vivacidade, além de tendência para a vida sacerdotal.

VIDA ESCOLAR

Aos nove anos, passou a residir em Crato e estudou na Escola particular de Raimundo Duarte e posteriormente no Colégio Venerável Ibiapina, dirigido pelo Prof. José Marrocos. Finalmente, matriculou-se no Seminário S. José, onde terminou o curso preparatório, chegando depois até os últimos anos de Teologia, quando resolveu deixar o Seminário.

CASAMENTO

Mais tarde, a 6 de setembro de 1898, contraiu núpcias com sua prima, Maria Alves Bezerra, em Varzealegre, e residiu por alguns anos no sítio Malhada, onde nasceram os cinco primeiros filhos do casal. Mudou-se depois para Varzealegre, onde fundou uma Escola de Alfabetização e retornou depois ao Seminário S. José como professor de Português e Francês, matérias nas quais se especializou.

MAGISTÉRIO

Exerceu o magistério em todos os Colégios do Crato e manteve cursos particulares. Fez-se advogado dos pobres no Cariri e ocupou as funções de Secretário de Administração do governo municipal do Cel. Francisco José de Brito, sendo seu melhor assessor.

Retornou ao magistério em Varzealegre e em 1915 voltou ao Crato, onde faleceu sua esposa, deixando-o com 8 filhos menores. Em dezembro de 1927, casou-se com D. Maria Rangel, de Jardim, de cujo matrimônio nasceu uma única filha, Myrthes.

Em suas múltiplas atividades, foi 1.º Tabelião e Oficial do Registro de Imóveis da Comarca de Crato e dirigiu o setor de instrução escolar da Usina de Açúcar da Companhia de Melhoramentos de Pernambuco, em Caucau.

JORNALISTA

Em dezembro de 1934, regressou ao Crato e como jornalista colaborou com jornais da capital e do interior, tendo assumido, depois, a Direção do Jornal "A AÇÃO", a convite do Sr. Bispo Diocesano, Dom Francisco de Assis Pires, função esta exercida também em A REGIÃO JORNAL da Diocese, fundado por D. Quintino, e em 1938 aposentou-se pelo ex-IAPC.

LÍDER CATÓLICO

Pelo fato de ter sido educado no Seminário e porque recebeu bons ensinamentos de sua santa mãe, foi sempre católico fervoroso e pertenceu a todas as Associações Religiosas do Crato: Presidente da Sociedade S. Vicente de Paulo; Provedor da Irmandade do Santíssimo, da Ordem Terceira de S. Francisco, da Ação Católica Masculina, da Confraria N. S. do Perpétuo Socorro e de muitas outras.

Durante sua preciosa existência, dedicada à educação e às Associações Religiosas, conseguiu fazer um grande número de amigos entre várias gerações dos seus alunos em 40 anos de magistério, hoje espalhados por diversos estados do País.

NUMEROSA PROLE

O pranteado extinto deixou numerosa e honrada prole. Do seu

CERÂMICA NORGUAÇU S. A



**Produzindo ladrilhos cerâmicos
da melhor qualidade**

**Estamos exportando para o
Norte e Nordeste**

**Rodovia Padre Cicero
Crato — Ceará**



**O REVESTIMENTO NO
PISO E NA FACHADA**

F I M D E A N O

Um ano se finda.
Meu Deus, que pena!
Já se acabou,
Já terminou
O ano feliz,
O ano querido
De meu coração.
É uma beleza,
É um prazer sem par,
A gente viver um ano assim.
Tudo foi ótimo.
Foi mesmo bacana
Este ano pra mim.
Bem desejara,
Até sonhara
Que não teria fim.
É com saudade,
Com profunda nostalgia,
Que o vejo terminar.
De ti me dispeço,
Ano de sorte
Com imenso pesar.
Adeus, Ano Bom!

primeiro matrimônio com D. Maria Alves Bezerra, nasceram: Isabel (Belinha) doméstica; Eulina, casada com o Sr. Antônio Costa, em Fortaleza; Raimundo Oswaldo (Funcionário Público aposentado) em Crato; Vicente (falecido); José Bezerra Filho (Funcionário Público); Expedito (Comerciante); Estelita (Contadora) e Alacoque (falecida). Do segundo consórcio com D. Maria Rangel, nasceu Myrthes, casada com o Ten. Afrânio Carvalho, em Recife. Além dos 7 filhos, deixou ainda 39 netos; 51 bisnetos e 11 tetranetos.

HERANÇA PRECIOSA

Ao falecer a 29 último, aos 95 anos de idade, cercado de toda assistência médica e espiritual, não deixou grande herança de bens materiais para seus filhos. Deixou, porém, a maior e melhor de todas as heranças, o exemplo de uma vida

F I M D E A N O

Um ano se finda.
Mais um ano termina.
Graças a Deus!
Que alegria,
Que felicidade,
Que júbilo em meu coração.
Foi tudo tão triste
Somente dissabores,
Sobrimento e dores,
Neste ano ruim.
Sinto-me contente,
Sinto-me feliz,
Vendo-o chegar ao fim.
Ele termina,
Ele se finda,
Deixando tristeza,
Mágoa profunda,
Dentro de mim.
Nada aconteceu,
Nada se deu,
Do que prometer,
No seu limiar.
Foi mesmo triste,
Foi horroroso,
Foi de amargar.
Adeus, Ano Ruim!

honeste e honrada, a tranquilidade de consciência por lembrar-se que nunca fez um desafeto, sempre aproveitou as oportunidades para fazer amigos para fazer o bem, orientando a quem o procurava.

HOMENAGEM POSTUMA

Ao registrar com pesar o falecimento do seu ex-Diretor, o saudoso e venerando professor José Bezerra de Brito, "A AÇÃO" presta-lhe justa homenagem, pela fecunda atuação moral e apostólica exercida em rosso meio; pelo exemplo que deu de verdadeiro cristão e pela vida de edificação, bem como pelo testemunho de reconhecimento ao muito que fez a favor da educaçãc, instrução e imprensa de nossa Terra e porque não dizer da glória de Deus e grandeza da Igreja.

O Dicionário de TOMÉ CABRAL

"Esse Dicionário de Termos e Expressões Populares" do pesquisador Tomé Cabral, a que somos chamados a parabenizar — talvez indevidamente — é obra que não honra apenas o seu autor, mas a cultura do Ceará..."

(Eduardo Campos — Presidente da Academia Cearense de Letras)

"Tomé Cabral fez obra que honra seu escrúpulo intelectual, realizou plenamente a tarefa que se propôs e que serve de exemplo para que se estabeleçam, para outras áreas do Brasil, levantamentos iguais ao que o autor acaba de erigir para seu querido Ceará, com especial atenção para a área do Cariri".

(Evanildo Bechara — Prof. de Português da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro).

"Tomé Cabral, com paciência de pesquisador, interpretação inteligente, cultura sólida, construiu monumental trabalho que se perpetuará pelos tempos provindouros".

(J. de Figueiredo Filho — do Instituto Cultural do Cariri - Crato - Ce)

"Um trabalho dessa natureza é suficiente para consagrar qualquer investigador no campo da linguística, podendo Tomé Cabral considerar-se recompensado pelos seus quarenta e tantos anos de pesquisa".

(Do discurso de lançamento, feito pelo crítico F. S. Nascimento no dia 5 de janeiro de 1973, Fortaleza - Ceará).

Recebi, diretamente de Fortaleza (Ceará) e com carinhosa dedicatória o "Dicionário de Termos e Expressões Populares" de autoria do escritor cearense Tomé Cabral.

A obra, que é indiscutivelmente a mais bem sucedida tentativa de dicionarização do linguajar sertanejo e catagolagem de milhares de expressões populares, tem cerca de 15.000 verbetes, alinhados ao longo de 793 páginas, formato 22 x 15 e sua publicação esteve a cargo da Imprensa Univertária do Ceará.

O aparecimento de tão valioso e oportuno inventário lexicográfico sacudiu a intelectualidade cearense, bastando dizer que somente em Fortaleza o livro foi lançado 2 vezes. A primeira delas no dia 5 de

Janeiro, p. findo, no Salão Nobre da Reitoria da Universidade Federal do Ceará, (quando Tomé Cabral foi saudado pelo crítico F. S. Nascimento) e a segunda às 20,30 horas do dia 12 do mesmo mês, no aristocrata *Náutico Atlético Clube* de Fortaleza, ocasião em que o escritor foi saudado pelo escritor Eduardo Campos, Presidente da Academia Cearense de Letras; Presidente da Associação Cearense da Imprensa e Diretor dos Diários Associados do Ceará.

Ao referir-se a seu livro, em nota preliminar, assim se expressa o Sr. Tomé Cabral:

"O presente trabalho é com mais propriedade, um apanhado da linguagem do sertanejo de uma região

rica de motivos folclóricos, situada no Sul do Ceará, ou seja, no Cariri (1), propriamente dito, onde residi cerca de quarenta anos, em etapas diferentes.

"Convivi durante esse longo período com o homem da cidade e da roça. Tentei transportar às letras, portanto, muita coisa do que me foi dado ouvir nas conversações e nas palestras habituais. A margem disso especialmente com o propósito de documentar o estudo ora ultimado, tive a preocupação de selecionar dados escolhidos em obras de variados autores, dando preferência aos que apresentavam maior índice de conhecimento do linguajar sertanejo ou que primavam por um critério justo e perfeito no estudo ou na manifestação dessas expressões..."

É exatamente nesse tom que o Sr. Tomé Cabral se estende nas mais fundamentais considerações a respeito de sua obra.

Sob os mais variados aspectos, achei extraordinário o Dicionário de "sêo Tomé". Obra farta de informações não somente para os estudiosos de nossa língua, mas sobretudo para tantos quantos desejam conhecer, *cada vez mais e melhor*, o falar simples e expressivo da gente brasileira.

Certamente pelo fato de ser eu também um nordestino, o livro de Tomé Cabral levou-me ao mundo

mágico de gratíssimas recordações.

Um turbilhão de lembranças me veio à mente quando me defrontei ali com palavras como *biróba, abestado, cambão, crueira, ... cangapé, catabi, fonço, jegue, fussura, fuzué, labacé, frege, furdunço, jogoio, cascaco, desinfeliz, entanguido, enticar, gengibirra, garajau, prumode, esbregue, escandêlo (em vez de escândalo), escambizado, maturi, mutuca, medeizes matutage, merma, papangú, sanharó, sambudo, tiborna, treição, briba (em vez de vibora), biscaia, brivana, quibebo, trepeça, xumbregada, xerem, xaboque, jerimum, inleição, ingrizia, incriquiado, tide! vote!, etc. etc.*

São, caro leitor, nada menos de 15.000 verbetes arrancados do linguajar popular e catalogados em ordem alfabética, seguidos de definição clara e sucinta.

Trata-se, pois, de obra destinada a quantos amam o Brasil e o pretendem conhecer na pureza simples do homem do sertão.

Parabéns pois à Imprensa Universitária do Ceará, por haver colaborado decisivamente nessa tão meritória iniciativa.

Parabéns ao meu grande amigo Tomé Cabral (atualmente residente em Campinas, à Av. Francisco Glicério, 1.249, Apto. 61 — Fone 27381) pela sua valiosa contribuição à cultura linguística nacional.

(1) Chama-se CARIRI à zona fisiográfica sul-cearense, situada no sopé setentrional da Chapada do Araripe, e que tendo como centro sócio-econômico e cultural, por excelência, as cidades de Crato e Juazeiro do Norte, compreende ainda os seguintes municípios:— Abaiara, Araripe, Barbalha, Barro, Brejo Santo, Caririáçu (ex-São Pedro do Crato), Farias Brito (antiga Quixará), Granjeiro, Jardim, Jati (outrora Macapá), Mauriti, Milagres, Missão Velha, Nova Olinda Penaforte, Porteiras, Potengi (ex-Xiquexique) e Santana do Cariri.

Trata-se de sub-região fértil pela uberdade de suas terras e muito mais fértil pela inteligência dos seus homens.

(Nota de F. S. PIAUI, transcrito do "Correio Popular" de 8.2.73)

UM HERÓI E UMA HEROINA DE CRATO

As comemorações da passagem do primeiro centenário da Batalha de Tuiuti deram oportunidade à merecida exaltação dos nobilitantes gestos de patriotismo e bravura cometidos na guerra do Paraguai por filhos do Ceará, entre os quais se pôs em especial destaque o nome aureolado do General Antônio Sampaio, patrono da Infantaria do Exército brasileiro.

Ao executar-se o programa das aludidas comemorações, de que constaram conferências, discursos e editoriais da imprensa, vieram a foco os nomes de vários conterrâneos que tendo então prestado, voluntária e intrepidamente, inestimáveis serviços à causa da pátria estremecida, fazem jús à eterna consagração.

Irfelizmente foi incompleta a nomeação dos filhos da glêba alencarina que na guerra em aprêço mais se recomendaram, pela bravura, estocismo, noção de cumprimento do dever e lealdade, às homenagens da posteridade.

Ao que nos parece, não se justifica serem olvidados. em oportunidade de tal ordem, os nomes de um herói e de uma heroína de Crato, cujo patriótico comportamento por vezes tem sido objeto de calorosos e justos encomios partidos de todos os setores dos estudiosos dos fatos da história pátria.

Veja-se, a respeito da procedência dêsse enunciado, o que no artigo "O Dever Militar — Um Herói e uma Heroína", inserto na "Revista da Semana", do Rio, escreveu o General Genserico de Vasconcelos, militar cearense de méritos excepcionais: "A Nação alçou-se bela de patriotismo, ao ter conhecimento da afronta e da invasão. De tôda a parte correram voluntários para as fileiras. Mas, o sistema era máu: o voluntariado não nos daria os grandes efetivos necessários para vencer rapidamente a guerra.

Do patriotismo de então há formosos testemunhos. Na cidade de Crato, a cem leguas do litoral, vivia uma modesta professora, Carolina Clarensense de Araripe Sucupira. Até ali chegara a notícia da guerra. Governava então a provincia do Ceará o Conselheiro Lafaiete Rodrigues Pereira. Como poderia concorrer Dona Carolina para a defesa do Brasil? Viuva e sem recursos, possuía um único filho, com 22 anos. Ele não lhe pertencia: pertencia ao Brasil. Dirigiu, então, ao Conselheiro Lafaiete, uma carta cuja leitura faz-se com o coração:

"Ilmo. e Exmo. Sr.

Quando de todos os lados do Império se oferecem os mais sublimes exemplos de abnegação e patriotismo, quando os brasileiros unidos em um só pensamento se disputam a primazia de oferecerem os seus serviços à Pátria ultrajada, quando donativos opulentos têm celebrizado milhares de patriotas illustres, cujos nomes a imprensa cotidiana, aponta com admiração e respeito, a abaixo-assinada, professora pública da cida-

de de Crato, vem também, por sua vez, cumprir o grato dever de depor no altar da Pátria a sua humilde oferta.

Viuva, desfavorecida de bens e de fortuna, cercada de uma numerosa família, não lhe sendo possível concorrer de outro modo para a nobre e santa causa em que se acha o país empenhado, vem oferecer a V. Excia., como voluntário da Pátria, seu único filho varão, Carolino Bolivar de Araripe Sucupira, o qual se alistará oportunamente perante a comissão patriótica dessa cidade

Fazendo essa pequena oferta a abaixo-assinada se humilha ante a consideração de seu nenhum valor; se outras mais vantajosas e opulentas vêm eclipsá-la, contrastando com a singeleza desta, todavia a abaixo-assinada se enobrece, quando considera que a oferta, é verdade, é menor, do que desejava, porém maior do que cabia em suas forças, porquanto deu, por assim dizer, tudo o que possuía: — deu o que tinha de mais caro neste mundo.

Entretanto, protesta desde já a V. Excia. que, fazendo este peroso sacrifício, nenhuma outra recompensa ambiciona que não seja a de ver por seu filho correspondidas as suas esperanças de mãe, de um modo que, lisonjeando seu orgulho, não desminta a fama e celebridade do soldado brasileiro.

A abaixo-assinada espera que V. Excia. se dignará aceitar a sua pequena oferta, cujo valor consiste na intenção que a ditou.

Deus guarde a V. Excia. — Crato, 2 de maio de 1865".

* * *

"O voluntário provinciano não desmentiu, segundo os votos de sua mãe, uma heroína, a "fama" e "celebridade" do soldado brasileiro.

Ao retornar da guerra, três galões ornavam os seus punhos, atestando a sua bravura e a sua abnegação.

Dona Carolina apontou aos pais brasileiros o seu dever. O modesto herói Carolino Bolivar de Araripe Sucupira mostrou que no Brasil não há lugar para os fugitivos do dever militar.

OBSERVAÇÃO — O militar signatário do trabalho acima transcrito é filho de Joaquim de Vasconcelos Filho, casado em Baturité, em 1882, com Maria (Nenem) de Alencar Matos, cuja mãe, Florinda Cândida, descende de Leonel Pereira de Alencar, o Capitão-Comandante de Jardim.

Carolino Bolivar, veio do Paraguai, graças aos atos de autêntica bravura ali praticados, com a patente de Major do Exército, fixou residência na cidade de Jundiá, em São Paulo, onde exerceu as funções de notário público, por designação do Imperador, e veio a falecer em 1897.

Seu nome consta de uma das ruas de Fortaleza e de monumento erigido em praça pública na precitada cidade paulista.

DO CADERNO DE ANOTAÇÕES DE A. TITO FILHO - Teresina

Na vida intelectual do Crato, Ceará, José Alves de Figueiredo Filho conquistou impar posição. Talento polímorfo. Pode dizer-se guia das atividades literárias do

Crato. Preside ao Instituto Cultural do Cariri e vem editorando a revista ITAYTERA, de que recebo o N.º 15, repositório de inteligência e boas letras.

Etnologia Indígena Cearense

A tribo indígena Cariri, ou KIRIRI, constituiu uma grande federação indígena que dominou todo o Nordeste brasileiro. Os TUPI chegaram, depois, e dominaram o litoral. Extintas as duas raças restamos, hoje, resolver um problema interessante: — o da linguagem de ambas.

Que ficou, que resta, que se conhece da língua CARIRI e da língua TUPI?

Ilustres indianólogos incluíram, como sendo TUPI, muitos vocábulos do CARIRI; isto porque, sem dúvida, a primeira língua foi incorporada ao GUARANI, conhecida vulgarmente por LINGUA GERAL. Essa incorporação deve-se, inquestionavelmente aos jesuítas e às outras que evangelizaram o Brasil. Na LINGUA GERAL, pois, entrou CARIRI. Mas assim não deve permanecer, porque este, o CARIRI, selvagem, teve a sua vida e a sua língua autônomas, ou separadas de outras tribos.

É necessário, agora, fazer a respectiva recolta. E será, de certo, este um trabalho hercúleo.

Outro problema: Saber até onde, no Ceará, ficaram e permaneceram os CARIRI, ou, por outra: quais as tribos, que, embora CARIRI, mas diferenciadas por diversos nomes, pertenciam à federação deste?

São estes, portanto, grandes e necessários problemas a resolver na nossa etnografia indígena.

O ilustre Dr. Pompeu Sobrinho, autor de tantos trabalhos interessantes sobre o Ceará, e membro eminente do Instituto do Ceará, meteu ombros a esse trabalho e já o tem em grande adiantamento. Teve êle par acomigo a gentileza de mostrar o esboço de um mapa etnográfico dos CARIRI, mapa que compreende todo o Nordeste, com a localização e nome das respectivas tribos. Não o considera êle completo. Mas, assim, se o publicasse, como se acha, teria já prestado um grande serviço às nossas letras etnográficas.

A contribuição para o estudo do CARIRI, com ser pequena, é ainda assim uma das mais preciosas, devido à gramática do Padre MAMIANI, que foi reimpressa em português com um admirável estudo de Batista Caetano, em 1877.

Há ainda desse padre o catecismo na mesma língua, o qual, segundo me afirmou o Dr. Pompeu Sobrinho, desapareceu da Biblioteca Nacional do Rio, depois que do mesmo fizera diversas consultas e transcrições.

O padre Martins de Nantes, no seu admirável livro sobre a Catequese dos CARIRI, no Rio São Francisco, diz que ao seu sucessor, padre Bernardo de Nantes, entregou um vocabulário dessa língua. Seria de um valor extraordinário para os estudos em apreço se se encontrasse tal vocabulário, publicado ou inédito. Conquanto a gramática de Mamiani seja completa em relação às regras e normas da linguagem é muito deficiente no vocabulário de nomes próprios.

Eu, que sou filho do Crato e ali me criei, de bem poucas palestras me recordo que houvessem sobrevivido à raça e mesmo deturpadas que sejam.

Ou seria que o dialeto do CARIRI do Crato, — que, creio, haver sido o centro da federação — fôsse diferente do dialeto estudado por Mamiani e tão bem referido por Martim de Nantes? Apenas dois termos encontrei e colhi nessa sobrevivência e já deturpado. Bazé, que em Cariri significa tabaco, ainda hoje se dá o qualificativo, a tabaco ordinário ou fraco, de: EAZÉ.

BOCÓ (em Mamiani) significa algibeira e ainda hoje se chama patrona de couro: BOGÓ.

O vocabulário AMBÊ (cipó ambé) parece tupi, mas Mamiani dá AMBÊ significando PAGA, que nada tem de comum com cipó.

O mesmo autor dá em CARIRI, BACABÁ, banana, que nós temos a colheita PACOVA. COTÓ (em Mamiani) significa duas coisas: comida que se guarda, e virope: mas sabemos que COTÓ significa sem rabo, ou rabo curto: CACHORRO COTÓ. Onde se vê que nada há de comum. BORÓ: casca Virá daí o termo BORÓ dado aos vales de papel, usados e tão desacreditados que foram no Nordeste? A palavra BUONHOTÉ (Mamiani) não parece corrutela de francês? É sabido que os franceses, antes dos portugueses, viveram por alguns anos na Ibiapaba. A suposição, pois, não será desarrasoada.

PURŪ significa flor (Mamiani). Mas TAPURU, ainda hoje conhecemos, é lavra de mosca em coisas pódres. TAPURU, pois, em CARIRI, não seja larva na flor?

MARÁ (cariri): cantiga virá daí MARACÁ?

Os CARIRI, como é sabido, foram também chamados KIRIRI. KIRIRI, na lingua geral, significa quieto, pacífico, medroso e diz Batista Caetano tudo isso se aplica com propriedade a esses índios que o próprio Matius dá como velhaco, falsos, desconfiados e não guerreiros. Mas essa suposição poderá ser admitida como tradução de KIRIRI?

OS CARTAXOS NO CARIRI CEARENSE

MONSENHOR RAIMUNDO AUGUSTO é dos mais ilustres membros do clero diocesano. Professor, homem de cultura, exerce vários cargos de importância, incluindo a provedoria do veterano e eficiente Hospital S. Francisco de Assis, desta cidade. Seu nome é padrão de orgulho para todo o Cariri. Já foi convidado a tomar parte no corpo de sócios com patronos, no Instituto Cultural do Cariri. Na vida eclesiástica é o Vigário Geral da Diocese.

Dá-se também ao estudo de genealogia. Através de pesquisas cuidadosas, escreveu "OS CARTAXOS NO CARIRI CEARENSE", ótima-mente recebido nos meios cultos cearenses. Preocupa-se com os descendentes de sua avó — Ana Cor-

dulina Cartaxo Dantas e saiu-se galhardamente. Lembrar que a família, como sempre acontece no genuíno Brasil, tem como origem a cidade lusitana de CARATAXO.

DO MAL. JUAREZ AO I. C. C.

Ao ilustre conterrâneo e amigo Dr. J. de Figueiredo Filho, Juarez Távora cumprimenta cordialmente, e vem agradecer a remessa que teve a bondade de fazer-lhe, com dedicatória, do N.º 16 — ano 1972 — da Revista "ITAYTERA" do Instituto Cultural do Cariri, de que já leu algumas colaborações, a começar pela de sua autoria — VILA REAL DO CRATO NAS LUTAS DE INDEPENDÊNCIA, com prazer e real proveito. Rio, 20.8.72.

O caso é muito duvidoso. Haverá de fato, correlação entre o KIRIRI da língua geral e o KIRIRI da tribo do Nordeste?

É o que é preciso provar. Os pescadores do baixo Amazonas, dizem, até hoje, por exemplo: o lago, o rio ou a água estava KIRIRI: quer dizer: estava tranquila ou não agitada: mansa, portanto.

Tirar dessa significação o conceito de que a tribo KIRIRI do Nordeste era quieta, pacífica, medrosa, velhaca, falsa, desconfiada, e não guerreira, não será ousado?

Sabido, como é, que o povo CARIRI, ou KIRIRI, era diferenciado do TUPI por sua linguagem, quando menos, poder-se-á fazer a prolação de um termo, TUPI-GUARANI até êle? Já vimos a diferenciação dos termos COTO e AMBE, não tendo em CARIRI a mesma significação que tem no TUPI. E isso poderá acontecer com os inúmeros outros vocábulos.

O próprio Batista Caetano, que esposa essa etnologia, diz ainda, no citado trabalho — “Podia também esse nome (KIRIRI) derivar-se de KIRIKIRI, fraqueirão, moleirão, ou KIRIKIRI, pequeno”.

O assunto não está pois, resolvido, nem mesmo entre os nossos velhos etnólogos que foram faceis em armar suposições e tirar conclusões, muitas vêzes esdrúxulas ou descabidas, dando a elas o cunho de verdades, EX-VI de sua autoridade na matéria.

Mas, muita coisa terá de ser ainda destruída e retificada.

Novembro — 1931.

JOSÉ CARVALHO (Do Instituto Histórico do Ceará)

NOTAS DE J. F. F. — Conforme classificação de Capistrano de Abreu, o CARIRI ou KIRIRI, constituia das oito grandes nações de ameríndios do Brasil.

KIRIRI significa calado, taciturno. Sua valentia ficou sobejamente comprovada, na federação guerreira que organizou contra a colonização lusa, colocando-a em perigo de soçobrar no Nordeste. Para dominá-la foi preciso o ataque combinado do branco, por todos os rios nordestinos.

Lord Cochrane, em 1824, na Confederação do Equador, conheceu o índio CARIRI, em Fortaleza, incorporou-o às forças de repressão. Chamou-o dos mais robustos e inteligentes nativos, que conhecera na América do Sul.

O CANTADOR NORDESTINO E O ÉPICO PORTUGUÊS

O escritor José Arraes de Alencar, de duas ilustres famílias nordestinas, é dos melhores colaboradores de ITAYTERA e dos mais eruditos, com amplitude nacional. Em separata da REVISTA OCIDENTE — volume LXXXIII — Lisboa, 1972, mandou-nos apêndice com o título acima. É estudo sobre o nosso poeta PATATIVA, também colaborador de nossa revista, no qual torna conhecido, no mundo lusitano o melhor poeta popular nordestino da

atualidade. Em desafio, entre os improvisadores Patativa e Inácio da Catingueira o grande poeta Camões, verdadeiro codificador da língua portuguesa. É lembrando, com graça extraordinária, mostrando que o sertanejo, não esqueceu o grande vate luso, em plena época de hoje. Nesse oportuno trabalho há bela transcrição do presidente da Academia Brasileira de Letras Austragésilo de Atayde, sobre o poeta PATATIVA.

DO LIVRO "FATOS E FIGURAS", A SAIR

PINTORA SINHÁ D'AMORA

É um dos valores positivos da pintura brasileira. Natural de Lavras da Mangabeira, Estado do Ceará. Estado do Saudoso e brilhante paisagista que foi Vicente Leite. Terra, igualmente, do mestre Raimundo Cela, autor de inúmeras telas com visões de jangadas e jangadeiros, impecáveis quer pela técnica, quer pelo tom de verdade. Telas que marcaram sua passagem pelo mundo das belas artes, destacando-o como um dos maiores artistas do seu torrão natal.

Figura que tem a credenciá-la o garbo de autêntica senhora da sociedade, Sinhá d'Amora firmou-se, graças a longos estudos e ao trabalho contínuo, uma expressão alta e marcante entre as artistas de sua geração. Não se valeu, jamais, de amizades, nem de promoções ajustadas, para ganhar o relêvo que, a pouco e pouco, conseguiu conquistar no cenário artístico nacional. As premiações nos diferentes certames de belas artes, quer no Salão Nacional, quer nos de diferentes centros artísticos do País e do mundo exterior, onde sua arte já foi devidamente apreciada, logo firmaram o nome da brilhante pintora de RETIRANTES. E não só isso. Há que acentuar, ainda, a preferência dos colecionadores de bom gosto, adquirindo-lhe trabalhos que, hoje, ornaram algumas das mais seletas galerias particulares do Rio e de outras capitais brasileiras.

Amiga do estudo sob a direção de mestres autênticos, Sinhá d'Amora tem viajado bastante para, em academias de renome, recolher maiores conhecimentos, realizar pesquisas e, por fim, cotejando escolas e métodos, travar o duelo por aprimorar, mais ainda, sua fascinante arte.

Em suas andanças, Sinhá d'Amora realizou trabalhos na Itália, notadamente em Florença, cidade que a fascinou. Pintou também nos lugares mais pitorescos de Paris. E, em Portugal, onde fez vitoriosa exposição na heráldica e acolhedora Lisboa, a pintora brasileira viu louvada e distinguida sua arte equilibrada, rica de valores e da mais aprimorada fatura. Tudo isso assinalou o esplêndido esforço desenvolvido por essa talentosa artista e envolvente figura humana que, portando Medalhas de Ouro, além de outras lãureas conquistadas em mostras de relêvo, não se envaidece, nem se detém na faina louvável de estudar mais e mais, porque o critério central de sua caminhada profissional é lutar, lutar sempre, sem muletas de outrem, sem o auxílio de mestres, para vencer os mil obstáculos que a conquista da arte pura oferece. O lema de Sinhá d'Amora é conquistar o mérito pelos próprios méritos!

Ainda recentemente essa aplaudida pintora mereceu expressiva e honrosa homenagem de seus conterrâneos. É que a cidade rica e bonita que é o Crato, numa iniciativa merecedora de palmas de todo o Estado do Ceará, inaugurou seu Museu de Belas Artes, rendendo justo tributo à memória do inolvidável artista que se chamou Vicente Leite

— filho querido, como também o é Sinhá d'Amora, da gleba de José de Alencar e de Gusavo Barroso.

O MUSEU DO CRATO VICENTE LEITE, este o título dado a casa de cultura e de beleza, ganhou, como faceta marcante, a SALA SINHÁ D'AMORA, na qual resplende uma coleção valiosa e garrida, seleta e excepcional, de telas da grande pintora, da já vitoriosa artista brasileira. O Crato fez justiça, assim, à memória do paisagista das côres quietas, que a Parca levou ainda bem moço, e rendeu, igualmente, justíssima homenagem à pintora que ainda vive e trabalha intensamente para glória do Estado onde abriu os olhos para vida.

Numa terra onde a maioria dos artistas "chora" para fazer a doação de uma tela, vale por em evidência a "mão aberta" da pintora de Lavras da Mangabeira doando, como o fez, mais de uma vintena de quadros, todos valiosos, para emprestar relevo à Sala que ganhou seu nome. E como se tanto não bastasse para que o novo museu se tornasse, tão logo inaugurado, um radioso motivo de atração, Sinhá d'Amora, prestigiada e prestigiosa como é entre seus companheiros de sonho, induziu vários artistas de sua amizade a doarem, também, trabalhos ao Museu do Crato Vicente Leite. E, assim, lá estão esculturas de Celita Vaccani e telas de José Maria de Almeida, o impressionista de talento incomum, como de mestre Jordão de Oliveira, o artífice de retratos e de paisagens de cirtilante beleza.

Sinhá d'Amora, vale frisar mais uma vez, é artista que honra, alteia e credencia sua geração. Tem qualidades de timoneira das boas causas. Tem valor e talento para orientar os mais moços e que ainda não se deixaram picar pela mosca azul da vaidade. É, assim, uma figura de eleição dentro do panorama artístico da Guanabara, onde vive e trabalha. E, onde, pelo autêntico valor e pela operosidade incomum, tão alto marca-se dentro da legião dos verdadeiros seguidores das diretrizes dos mais legítimos e puros mestres da arte de Velasquez e de Rembrandt.

Barbalha, 13 de Maio de 1972
Meu caro Figueiredo Filho

Abraço-o

Li com grande interesse e curiosidade "A Tragédia de Guaribas", separata do próximo número de Itaytera e só por ela a sua conceituada revista estará fadada ao mais absoluto sucesso. É que a brilhante inteligência e o espírito de pesquisa do nosso Otacilio Anselmo colocaram aqueles sangrentos episódios da vida caririense de outrora no seu devido lugar, trazendo novas luzes sobre fatos até então obscuros e que, quando menino, ouvi contar estarecido, pelo meu avô materno, Manoel Tavares Rozendo, quase vizinho do sítio Guaribas.

Está realmente sensacional a narrativa do Otacilio Anselmo e creio que Brejo Santo e Porteiros, se devidamente trabalhados, só eles esgotarão toda a tiragem do próximo número de Itaytera, tal o interesse que o assunto, ainda palpitante, desperta naquelas paragens.

É apenas uma sugestão de quem deseja para Itaytera o melhor destino e sempre crescente peneração.

Outrossim, anexo vai para o próximo número de Itayra, substanciosa e rara peça oratória do barbaelherse Martinho de Luna Alencar, dos Diários Associados.

Com um forte abraço subscreve-se

NAPOLEÃO TAVARES NEVES

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO PARAIBANO
FUNDADO EM 7 DE SETEMBRO DE 1905
RUA BARÃO DO ABAÍ, 64 — CAIXA POSTAL N.º 37
JOÃO PESSOA — PARAIBA

Ilmo. Sr. Presidente do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano

Temos a satisfação de apresentar como candidato a sócio correspondente desta Instituição, o escritor JOSÉ ALVES DE FIGUEIRÊDO FILHO, pesquisador e estudioso do folclore na região cearense do Cariri, onde tem desenvolvido intensa atividade cultural como um dos mais autorizados historiadores da zona sul daquele Estado. Jornalista, professor universitário e historiógrafo é aquele homem de letras uma das figuras mais expressivas dos meios culturais cearenses.

O seu *curriculum vitae*, que juntamos a esta indicação, retrata a sua atividade cultural e fala, com maior expressão, dos seus méritos, justificando a proposta que ora submetemos à consideração dos ilustres consócios com a preocupação de trazer para os nossos quadros sociais, um legítimo servidor da história, dedicado estudioso e intérprete dos fatos que movimentaram o passado da região caririense, tão identificada com o povo paraibano na defesa dos ideais que levaram os nossos antepassados aos feitos gloriosos de 1817 e 1824.

João Pessoa, 23 de dezembro de 1972.

(as assinaturas estão repetidas no outro ofício).

Of. N.º 18/IHGP/73

Em 20 de fevereiro de 1973

Professor José Alves de Figueirêdo Filho :

Tenho a grata satisfação de comunicar a sua eleição como sócio correspondente deste Instituto, em sessão ordinária, realizada a 17 do corrente mês, com a aprovação, por unanimidade, da proposta subscrita pelos sócios efetivos Deusdedit de Vasconcelos Leitão, Sebastião Sinval Fernandes, Humberto Carneiro da Cunha Nóbrega, José Leal Ramos, Antonio Vitoriano Freire, Heronides Alves Coelho Filho e Archimedes Cavalcanti, da qual envio cópia para o seu arquivo.

Na oportunidade desta comunicação, cumpre-me informar a V. Sa., que o seu diploma está à sua disposição nesta Secretaria, podendo ser entregue pessoalmente ou através de pessoa devidamente credenciada.

Atenciosas saudações

DEUSDEDIT DE VASCONCELOS LEITÃO — 1.º Secretário

ENSAIOS DE ANTROPOLOGIA BRASILEIRA

VERÍSSIMO DE MELO, dos grandes intelectuais, dessa fecunda terra do Rio Grande do Norte, acaba de lançar ENSAIOS DE ANTROPOLOGIA BRASILEIRA, com programa bem feito e, naquele estilo simples que lhe é peculiar. No momento presente, preenche papel de

máxima importância. Há cadeira nas universidades, mas faltam-lhes, os compêndios. VERÍSSIMO DE MELO compreendeu e fez o livro que toma lugar proeminente, no ensino superior.

Possui ele inteligência, cultura e espírito didático.

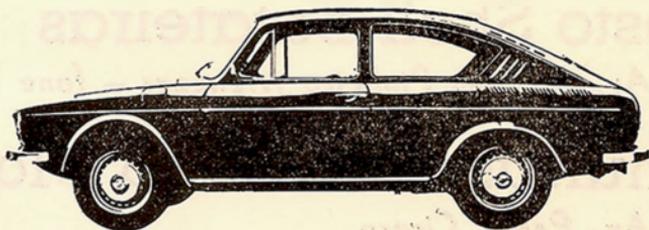
Ceará

J O S É D A S I L V A

(Aluno da 6ª Série C — Colégio Estadual - Crato)

- 1 — Eis aqui meu Ceará
que descrevo do princípio,
vou narrando no meu verso,
município em município.
- 2 — Foi no dia 3 de março,
há uns três anos atrás,
que o Ceará foi dividido
como os Estados demais.
- 3 — São cento e quarenta e um
municípios no Ceará,
e dentro de minha rima
todos vou enumerar.
- 4 — Fortaleza, Camocim,
Granja, Marco, Acaraú,
Morrinhos, Apuiarés,
Pentecostes, Coreaú.
- 5 — Santana do Acaraú,
Juazeiro, Martinópole,
Barbalha e Campos Sales,
Araripe, Solonópole.
- 6 — Penaforte, Brejo Santo,
Barro, Aurora, Potengi,
Abaiara, Varzea Alegre,
Santana do Cariri.
- 7 — Assaré e Altaneira,
Ipaumirim, Mauriti,
Cedro, Baixio, Orós,
Jucás, Iguatu, Jati.
- 8 — Cariús e Mulungu,
Redenção e Ubajara,
Nova Russas, Crateús,
Grangeiro e Acopiara.
- 9 — Tamboril, Boa Viagem,
Quixadá e Pacoti,
Quixeramobim, Mombaça,
Piquet Carneiro, Umari.
- 10 — Jaguaretama, Iracema,
Pereiro e Jaguaribe,
Arneiroz e Parambu,
Saboeiro e Beberibe.
- 11 — Palhano, Quixeré, Russas,
Carnaubal e Tauá,
Guaraciaba do Norte,
São Benedito, Tianguá.
- 12 — Alcântaras e Meruoca,
Frecheirinha, Trairi,
Goiaras, Massapê,
Moraújo, Aracati.
- 13 — Uruoca, Canindé,
Hidrolândia, Itaiçaba,
Ipu e Santa Quitéria,
Aratuba, Reriutaba.
- 14 — Baturité, Capistrano,
Limoeiro, Pacujá,
Jaguaruana, Alto Santo,
Cascavel, Senador Sá.
- 15 — Itapiuna, Aquirás,
Maranguape, Pacatuba,
São Gonçalo do Amarante,
Itapipoca, Irauçuba.
- 16 — Missão Velha, Independência,
Itatira, Itapagé,
General Sampaio, Icó,
Ipueiras, Cariré.
- 17 — Guaramiranga, Jardim,
Palmácia, Morada Nova,
Poranga, Novo Oriente,
Aracoiaba, Viçosa.
- 18 — Senador Pompeu, Porteiras,
Jaguaribara, e Sobral,
Pedra Branca, Ibiapina,
Nova Olinda e Chaval.
- 19 — São João do Jaguaribe,
Caridade, Catarina,
Taboleiro do Norte,
Milagres e Antonina.
- 20 — Monsenhor Tabosa, Aiuaba,
Caucaia, Paracuru,
Farias Brito, Mocambo,
e São Luís do Curú.
- 21 — Pacajus, Cariríaçu,
Bela Cruz, Paramoti,
Uruburetama, Crato,
"Princesa do Cariri".
- 22 — O Crato é terra adorada,
é o país do piqui,
Dr. Figueiredo Filho
é o orgulho daqui.
- 23 — Toda uma estrofe dedico
a Lavras da Mangabeira
e a Joaryvar Macêdo
que é professor de primeira.
- 24 — Eu me chamo Zé da Silva
e gosto de versejar,
nasci no Crato querido
orgulho do Ceará.

**O carro
que fala bem
a seu respeito.**



EM CRATO :

DRASA - Distribuidora Regional de Automoveis S. A.

RUA RATISBONA - FONE 305



**REVENDEDOR
AUTORIZADO**

Organização Antonio Primo de Brito

— SEMPRE ÀS SUAS ORDENS —

CRATO :

Posto Shell Santa Teresa

Av. Padre Cicero, 1197 - fone 220

Posto Shell Perimetral

Av. Perimetral D. Francisco - fone 676

Posto Shell Batateiras

Av. Joaquim Pinheiro Menezes - fone 736

Churrascaria Algo Mais

Av. Padre Cicero

JUAZEIRO DO NORTE :

Posto Shell Pe. Cicero

Av. Padre Cicero - fone 220

MILAGRES :

Posto Shell Milagres

Rodovia BR 116 - Triângulo de Milagres

Churrascaria Milagres - anexa ao Posto

Reforma Agrária

No momento em que se lançam no país os atos preparatórios de uma reforma agrária, como estudioso de alguns aspectos jurídicos e sociais, que envolvem o problema da utilização da terra no interior do Ceará, ousou dizer, a respeito do assunto, desprezenciosos comentários.

Entendia-se outrora constituir a propriedade a total sujeição jurídica de uma coisa, o domínio completo sobre um objetivo corporeo.

José de Alencar, em seu Livro "A Propriedade", ed. 1883, nomeia como elementos essenciais daquele direito: a) a ação absoluta, adversus (omnes), b) a sujeição corporea da coisa (pg. 221).

A Constituição do Império (art. 179, n.º 22) e a de 1891, da República (art. 72, § 17), mantêm o direito de propriedade "em toda a sua plenitude", com uma "única exceção" (reza a primeira), qual seja o do uso e emprego da propriedade do cidadão, previamente indenizado, quando o exigir o "bem público".

A prerrogativa consubstanciada no direito de "usar e abusar" da coisa sua até onde o permita a razão do direito, isto é, o utendi et abutendi re sua quatenus juris ratio patitur, da definição atribuída, ora a Escola do século XVIII que inspirou a dos Códigos Civis da França e da Itália, ora às fontes do direito romano, há muito foi repelida por juristas e sociólogos de todos os matizes.

Ao conceito individualista da propriedade ilimitada contrapôs-se o princípio vigorante em todos os centros civilizados da prevalência do interesse da coletividade, de que o indivíduo é apenas um elemento.

A propriedade, explica Leon Duguit, não é mais o direito subjetivo do proprietário; é a função social do detentor da riqueza.

Por ser oposto o direito social ao individual, objetam doutrinadores seguidos, é que se pode obrigar, mediante ameaça de desapropriação ou por meio de pesados tributos, o dono do terreno a edificá-lo, cultivá-lo, enfim, empregar a riqueza particular em aumento da geral, e contribuir com seus haveres para o bem estar comum.

O legislador constituinte do país, seguindo as pegadas dessa orientação jurídica, a partir da Carta Magna de 18.7.1934, que submeteu a propriedade, no juízo de Pontes de Miranda à "transformação profunda", passou a tornar explícita regra de que o direito de propriedade "Não poderá ser exercido contra o interesse social ou coletivo, na forma que a lei determinar" (art. 113, § 17).

A Constituição outorgada a 10.11.37 deixou às leis ordinárias que lhe regulamentaram o exercício a faculdade de definir-lhe o conteúdo e os seus limites (art. 132, n.º 14). Como o de 1934, o Estatuto máximo de 18.9.46 autoriza a desapropriação "por interesse social" (art. 141, § 16), ao mesmo tempo que prescreve: "O uso da propriedade será condicionado ao bem-estar social. A lei poderá, com observância do disposto no art. 141, § 16, promover a justa distribuição da propriedade, com igual oportunidade para todos" (art. 147).¹

A análise, procedida à luz dos respectivos trabalhos preparatórios desses dois dispositivos da Constituição de 1946, muito importa — como entendem os hermenutas a respeito da interpretação das leis em geral — para a verdadeira compreensão de seu alcance.

Destaca-se, em tal sentido, a emenda acolhida N.º 3068, supressiva das expressões “em toda sua plenitude”, constante do projeto submetido à Grande Comissão Constitucional, e adjetiva dos termos “ou por interesse social”, de autoria do professor de Direito e senador Ferreira de Souza, que assim a justificou :

“Ora, se há conceito que vem sofrendo, nos últimos tempos, certas modificações aceitas por todos aqueles que se preocupam com os problemas da Justiça Social, é o da propriedade. Não estamos mais nos velhos tempos da propriedade quirritária, nem naquele em que ela se definia como direito de usar, gozar e abusar de uma causa qualquer. Foram os tempos em que a propriedade era considerada atributo individual destinado à satisfação dos prazeres e necessidades individuais. Hoje sociólogos e juristas estão de acordo em que a propriedade, se não é uma necessidade social, tem essa função”.

Acha o douto constituinte em apreço que a “propriedade impródutiva”, que o proprietário não a explora no sentido de transformá-la numa utilidade geral, criando riqueza para a coletividade, é um peso para a sociedade”. Por isso, “deve ser possível ao Estado, em casos especiais, desapropriá-la, a fim de tornar a propriedade uma utilidade, uma riqueza social”.

O deputado Mário Massagão opôs-se a “se estabelecer como motivo de desapropriação o interesse social”, quer porque assim se abriria “brecha vastíssima” dentro da qual não sabemos o que possa caber, como porque o problema do Brasil é o excesso de terras e pouca gente”. Em sentido contrário opinou o deputado Aliomar Beleeiro, atual Ministro do Supremo Tribunal Federal, com emenda oferecida garantindo o direito de propriedade” com as limitações que as necessidades e interesses sociais exigem”.

A justificação da aludida emenda parlamentar 3068, por força da qual foram acrescidas ao projeto do estatuto fundamental as expressões “ou interesse social” evidencia ocorrer tal interesse toda a vez que se trata de apropriação, por parte do poder público, de propriedade que não está, pela falta de exploração e conseqüente aproveitamento de sua utilidade, concorrendo para o bem comum, para o enriquecimento geral. É o caso típico dos “grandes latifúndios” ou “latifúndios improdutivos”, que poderiam, segundo as previsões dos deputados Prado Kelly e Arruda Câmara, levar o país a adotar uma reforma agrária.

Nas linhas a seguir deter-me-ei no exame da que ora pretenda realizar no país em face da Emenda Constitucional N.º 1, de 17.10.69, e de atos oficiais posteriormente expedidos.

A constituição da República em vigor, após estabelecer que a função social da propriedade é um dos preceitos elementares, em que assenta a ordem econômica e social do país (art. 160, III), dispõe: Art. 161 — “A União poderá promover a desapropriação da propriedade territorial rural mediante pagamento de JUSTA INDENIZAÇÃO, fixada segundo os critérios que a lei estabelecer, em títulos da dívida pública, com cláusula de EXATA correção monetária (e taxas de juros, reza o § 1.º), resgatáveis ao prazo de vinte anos, em PARCELAS ANUAIS SUCESSIVAS,... § 2.º — A Desapropriação só recairá sobre propriedades rurais cuja for-

ma de exploração contraste com o acima disposto. § 3.º — A indenização em títulos somente será feita quando se tratar de latifúndio, como tal conceituado em lei, **EXCETUADAS AS BENFEITORIAS** necessárias e úteis, que sempre serão pagas em dinheiro". Os parágrafos 4.º e 5.º versam sobre a atribuição privativa do Presidente da República para a declaração de zonas prioritárias, mesmo quando haja delegado atribuições para a desapropriação de imóveis rurais por interesse social, bem como sobre a isenção de impostos relativos à transferência de imóveis sujeitos à desapropriação.

Em harmonia com tais preceitos constitucionais têm sido expedidas lei, decretos e portarias referentes à reforma agrária em via de implantação em determinados setores do país, sobre cujos objetivos passo a emitir algumas observações.

A reforma agrária, conforme definem o Estatuto da Terra e seu Regulamento, consiste na melhor distribuição da terra e no estabelecimento de um sistema de relações entre o homem, a propriedade rural e o uso da terra, que atendam aos princípios da justiça social e ao aumento da produtividade, garantindo o progresso e o bem estar do trabalhador rural e o desenvolvimento do país com a gradual extinção do minifúndio e do latifúndio.

Portaria do titular da pasta da Agricultura e Instruções do INCRA, recentemente expedidas, são os atos básicos da expropriação e distribuição de terras, que se pretende realizar, visando os imóveis rurais classificados como latifúndios, de área, ou soma de áreas, igual ou superior a mil hectares, e situadas em zonas prioritárias, entre as quais, no Ceará, se nomeia a micro-região homogênea dos Inhamuns. A primeira indagação que surge, ao espírito de quem se dá ao trabalho de verificar o alcance das medidas preconizadas nos aludidos atos administrativos, é a de saber se a incriminada desapropriação abrangerá, indistintamente, toda sorte de latifúndios, ou somente aqueles inaproveitados, ociosos.

Compreende-se em seu âmbito fazenda de criar, com área sob cercas, que desempenha sua função social mantendo, produtividade agrícola bastante para assegurar meios de subsistência aos seus habitantes, reserva de matas seculares e de pastagens suficientes para a alimentação do gado ali retido?

A esse respeito tem-se a considerar, inicialmente, que os limites máximos permitidos de área de imóveis rurais (art. 46, § 1.º, b, do Estatuto da Terra) têm de ser estabelecidos "levando-se em conta as condições ecológicas os sistemas agrícolas regionais e o fim a que se destinam (art. 4.º V, b). No Ceará, mormente na região dos Inhamuns, onde inexistente sistema de irrigação, perde todo interesse, nas épocas de flagelo climático, cogitar-se da maior ou menor dimensão da área ocupada pela propriedade, uma vez que desaparecem as possibilidades do desenvolvimento de cultivo agrícola e de pastagens. Ali, na estação invernal, tomando-se por base a exigência de 8 hectares de terra para manter cada rês criada à solta nos campos, a dedução de 20 por cento do latifúndio de mil hectares das aludidas áreas prioritárias, importa em colocar o fazendeiro na inevitável contingência de reduzir seu rebanho a menos de cem cabeças. Junte-se a essa circunstância, as de se tratar de região desprovida de vias de comunicação e transporte, sujeita constantemente à falta ou irregularidade das chuvas, sem assistência contra as epizootias, e verificar-se-á que, ao retalhar-se fazenda, explorada dentro das possibilidades físicas, econômicas e sociais do meio, evidentemente se reduz, ao

invés de se aumentar, a produtividade, requisito essencial à “melhor” distribuição da propriedade.

O objetivo de cada plano, adverte a propósito o senador Carvalho Pinto, é “criar condições que assegurem às áreas eventualmente desmembradas ou unificadas uma exploração socialmente mais vantajosa e mais produtiva: só com este melhor aproveitamento é que se justificará a iniciativa reformatória”. (“O POVO”, de 5.9.72).

Lúcido colaborador de órgão-líder da imprensa nacional, o Sr. Luiz Arrobas Martins, em artigo intitulado “Reforma Agrária e Desenvolvimento”, emite sobre aspectos do assunto ora versado conceitos dignos de serem rememorados por sua alta procedência: “Muito mais importante do que o tamanho das fazendas é o sistema de relações entre os seus donos e os que nela trabalham, entre eles e os frutos do seu trabalho, é a forma de ocupação e utilização da terra. O retalhamento dos latifúndios é só um dos instrumentos da reforma agrária. Não a esgota. E o próprio conceito de latifúndio variará conforme os recursos naturais de cada região, a natureza do solo e o gênero de sua população. Terras mais pobres precisarão de áreas maiores para uma lavoura produtiva. Os estabelecimentos pastoris, destinados à criação de gado e corte, são naturalmente de dimensões mais vastas. Quer a divisão, como a aglutinação de propriedades serão inócuas se não foram acompanhadas de melhoria efetiva nas aptidões técnicas dos lavradores. Para fazer de um trabalhador agrícola um agricultor exige-se muito mais, ensina o Prof. T. Lynn Smith, do que dar-lhe ou vender-lhe, 5, 10, 50, 100 ou 500 acres de terra”. (“O Estado de São Paulo”, de 24.8.72).

Voltemo-nos, agora, para o problema atinente aos imóveis rurais relacionados para a desapropriação e mobilização no programa de redistribuição da terra, por não cumprirem a função social e econômica que lhes é destinada em lei.

Conforme defluiu das disposições legais relativas aos latifúndios e empresas rurais (art. 4.º, itens V e VI do Estatuto da Terra, e art. 25 do Decreto N.º 55.891, de 11.3.65), e o entendem opinantes os mais autorizados, o imóvel rural explorado de acordo com as condições de rendimento econômico peculiar à região, em que se situa, está excluído do processo de desapropriação para ser redistribuído e consequentemente melhor aproveitado. Em reforma agrária, as terras a serem desapropriadas devem ser “improdutivas”, diz o professor Rodolfo Carrera, Presidente da Associação Latino-Americana de Direito Agrário, para quem “os princípios gerais sobre o assunto devem ser adaptados à realidades de cada país”. Na Colômbia, afirma o mesmo doutrinador, o proprietário que mantém suas terras improdutivas por dez (10) anos simplesmente perde o direito a elas; em outros países, a sanção imposta é outra, como a expropriação ou a taxação elevada: “eu sou partidário do retorno das terras “improdutivas” para o Estado”. (“O Estado de São Paulo”, de 7.9.72).

O pernambucano padre Melo, intemerato pregoeiro da reforma agrária, acha, em entrevista dada ao citado diário, que ela visa a redistribuição dos “latifúndios improdutivos” (N.º de 15.8.72).

O grande órgão da imprensa brasileira em apreço por sua vez, abordando o assunto em judiciosos editoriais, alude a “latifúndios improdutivos”, a “áreas não aproveitadas por seus proprietários em benefício da coletividade” e a “extensas propriedades rurais deficientemente aproveitadas nessa sofrida região brasileira”.

Em suas páginas, salienta-se ser “de esperar-se que, ao escolher as

propriedades a serem desapropriadas, o INCRA "respeite aquelas que, tendo embora área superior a mil hectares, são bem aproveitadas e desempenham função social positiva".

A seu turno, o deputado Pereira Lopes, ex-Presidente da Câmara, objeta não ter o ato sobre a reforma em andamento "qualquer aspecto radicalizante", visto como "as terras redistribuídas estão inaproveitadas e não é justo que o país, em fase de crescimento, se permita tal desperdício".

O governante cearense, além de ter apresentado, em reunião da SUDENE, proposta aprovada no sentido de realizar-se a reforma agrária com base científica (que não demagógica, como almejam esquerdistas e levianos pregoeiros), adianta, em recente pronunciamento, que a reforma será feita no Ceará para que as terras, que estão "ociosas" por falta de capacidade financeira dos proprietários, possam ser usadas por aqueles que ainda não tiveram acesso à terra, a fim de construir a grandeza de nosso Estado. ("Correio do Ceará", 9.9.72).

Não há meio para se negar, entre os que conhecem a longa faixa de terras por onde, a sudoeste, se delimita o Ceará com o Piauí, que ali há glebas em aberto de considerável dimensão sem nenhum ou parco aproveitamento, nas quais há escassez até mesmo de água para o consumo dos habitantes.

Áreas semelhantes, de maior vulto, encontram-se no chapadão do Araripe, que por ser constituído de terras devolutas do Estado, ex-vi do art. 9, III do Estatuto da Terra, está sujeito à preferência para a desapropriação.

Se é para essas incriminadas áreas de terras, — e não para aquelas que estão sendo exploradas de acordo com os hábitos da região, — que se vão voltar as atividades dos órgãos executadores da reforma agrária, é certo que a mesma, como previu o ex-Presidente da Câmara dos Deputados, sr. Pereira Lopes, não terá "aspecto radicalizante" infringindo seus fundamentais princípios normativos.

Não creio, porém, — por mais que deseje a democratização e a atualização da estrutura do campo para acabar com a pobreza em que vivem milhões de brasileiros, — que a simples e visada transformação do assalariado em proprietário de trato de terra seca, sujeita a constantes e prolongadas estiagens, por si importe em assegurar, à dita terra, "níveis satisfatórios de produtividade" e, ao respectivo titular da posse, o progresso e o bem estar almejados.

É oportuno salientar que a micro-região dos Inhamuns, como tantas outras do Ceará, assemelha-se muito aquela do Frigorífico do Piauí S. A., assim descrita fielmente por enviado especial de "O Estado de São Paulo", Luiz Roberto de Souza Queiroz: "O frigorífico está no meio de um prado muito verde, pontilhado de carnaúbas, mas a pujança do pasto é enganadora: nessa região de Campo Maior há uma migalha de terra apenas recoberto de leve imensa lage de pedra com milhares de quilômetros de largura, que chega a aflorar aqui e ali, no solo. A terra é pouca, a lage impermeável, a chuva que cai não passa ao subsolo; fica retida na superfície, evaporando-se ao sol forte".

A redistribuição de terras, que formam os sítios ou fazendas dos casais sertanejos e que comumente se realiza por força do direito de sucessão, costuma ser, entre nós, motivo de constante desagregação e conseqüente redução da capacidade produtiva da propriedade rural.

Se há entre os partícipes da herança que, dispondo de capacidade

administrativa e recursos financeiros, adquira os demais quinhões e, assim, reincorpore a propriedade da família, a mesma prosseguirá em sua faina produtora. Perdurando o regime de retalhamento da propriedade rural em múltiplas glebas, ocorre serem estas comumente alienadas a terceiros, ou conservadas em poder dos próprios condôminos, originais, sem nenhum proveito, em uma, como em outra hipótese, para a coletividade.

Quando integrava a Assembléia Nacional Constituinte de 1946, ali por vezes assisti a insistente campanha da bancada comunista, a frente o senador Carlos Prestes, pugnando pela distribuição de propriedades rurais aos trabalhadores do campo, que se dizia, infundadamente, não concorrerem para a melhora do bem estar individual e coletivo devido à falta de terras a serem cultivadas independente do onus da renda. Sendo então possuidor, em zona fronteira do Piauí, de vasta sorte de terras de plantar e criar, mantidas sob cercas, permitia que, para cultivos agrícolas, delas gratuitamente se utilizassem os moradores. Que aconteceu, a esse tempo? Os agregados da fazenda, em regra homens com a responsabilidade de família mais ou menos numerosa, não cuidavam oportunamente do preparo do solo para a realização dos plantios, ou deixavam estes sem as providências necessárias ao seu bom desenvolvimento.

O desinteresse pela melhoria das condições de vida é nota predominante entre a nossa gente do campo, que sobretudo na premencionada região do sudoeste do Estado se tem conservado ao inteiro desabrigo de toda a sorte de cuidados por parte dos poderes públicos.

A transformação dessa mentalidade apresenta-se, assim, como o primeiro passo para se chegar ao objetivo principal da reforma agrária: fazer com que a posse e o uso da terra atendam aos princípios de justiça social e ao aumento da produção.

Aqui o homem é o maior problema, e temos de começar por melhorá-lo.

Conseguir-se-á atingir a esse desiderato com simples distribuição de terras?

Editorialista de "O Estado de São Paulo", em artigo sobre a "Reforma Agrária no Nordeste", afirma que "além do loteamento de áreas mal aproveitadas, resta muito, muitíssimo ainda por fazer, pois terra onde plantar não basta, por si só, como não bastam tampouco a concessão do crédito e a assistência rural".

Importa zelar precipuamente, pontifica o mesmo esclarecido articulista, pelo preparo do homem, deste homem que ainda hoje procura, nas rezas e nos santos, proteção contra as pragas, que dizem sua lavoura, impõe-se preparar os lavradores do Nordeste por meio de uma intensa e contínua ação educacional, acompanhando essa obra de redenção do homem por meio da instrução com o planejamento e a adoção, imediatamente, de uma série de medidas "imprescindíveis ao êxito da reforma agrária", nas quais se compreendem: 1 — assistência técnica; 2 — oferta de sementes adequadas; 3 — orientação e apoio no preparo do solo, na correção das carências, na adubação da terra, no combate às moléstias e pragas de pesticidas, na comercialização das colheitas.

Valdiki Moura, consagrado versador de assuntos concernentes à organização rural, para quem a reforma agrária tem de ser "mais qualitativa em seus objetivos sociais do que expansionista em sua simples manifestação física", insiste na necessidade da existência de homens econo-

micamente úteis para a elevação dos níveis de produtividade. E conclui afirmando que a reforma implica na "formação de lideranças capazes de suprir ou complementar a ação do Estado dinâmico e moderno, que multiplique o seu esforço didático no sentido de exemplificar e, tanto quanto possível, incrementar a riqueza coletiva".

Os técnicos gaúchos colocados à frente do Frigorífico do Piauí S. A., para recuperá-lo economicamente — relata a reportagem de envio especial do jornal, a que já me referi — encontraram na região "um homem que não sabe nada, nem mesmo comer, nunca viu repolho, não conhece alface, e para quem a carne só serve para botar no pilão junto com a farinha feito passoca". Tal homem nordestino "não levou a nada a tentativa de fazê-lo morar melhor". É apontado como o "principal problema" a ser ali resolvido.

Entende-se, à luz dos mais modernos e adotados ensinamentos, que para a criança transformar-se no adulto produtivo e capaz, no homem economicamente útil, são necessários, pelo menos, oito anos de estudo dos 7 aos 15 anos de idade.

Que se fez no Ceará, mormente nos Inhamuns, a região que tanto se destaca por sua extrema aridez e onde o grosso da massa populacional do campo quase todo se subdivide em iletrados e semianalfabetos, no sentido de habilitar o homem à conquista do progresso e do bem estar? A bem dizer nada de expressiva significação, afora, essa pretendida redistribuição de terras secas, ali se realizou com o direto objetivo de preparar o homem dominado pelas credices e hábitos coloniais, para proceder à exploração econômica e racional de imóvel rural.

Um dos pontos mais vulneráveis da indicada redistribuição de terras é o que versa sobre sua falta de atendimento aos hábitos e condições peculiares a cada região do país. Ainda uma vez se insiste em elaborar e por em execução as chamadas leis do "asfalto", isto é, os conjuntos de normas organizadas à luz de compêndios, teorias e observações feitas à distancia, por homens do sul, que julgam ter o país, sob múltiplos aspectos, a mesma configuração. Não tem outra procedência a adoção de igualdade de critérios para dimensionar os latifúndios naquela, como nesta parte do país. Mil hectares de terras secas, sem profundidade, porque bem próxima está a lage que elas recobrem, de solos pedregosos e acidentados, que vez por outra, mercê das secas, se tornam improdutivos, jamais poderão ser colocados sob o mesmo prisma de igual sorte das boas terras, mantidas em regime de safra dupla e de perene verdura, peculiar a São Paulo, Paraná e outras unidades sulistas. Dez mil hectares de terra no Seridó, disse o senador Dinarte Mariz, permitem a criação de apenas duas mil cabeças de gado, enquanto que no Rio Grande do Sul, a mesma área permite o desenvolvimento de 40 mil.

No Cariri, a terra provida de irrigação vale muitas vezes mais que a terra nua, cuja produção depende de chuvas incertas. Ninguém dará, ali, um sítio de cem hectares, com telhas d'água bastante para assegurar-lhe os plantios agrícolas, por uma fazenda de mil hectares localizada nos sertões ressequidos. Como é possível igualar-se, em zonas tão diferentes, a dimensão dos latifúndios?

Não se deve perder a oportunidade de destacar a circunstância do malogro das tentativas de redistribuir a terra para aumento da produção e melhora da vida individual e coletiva. A Rússia, apesar do regime adotado na exploração da propriedade rural, está matando a fome de seus milhões de habitantes com a batata e o trigo, este adquirido nos

Estados Unidos, e aquela em países do continente. Nem no México, nem na Colômbia, nem no Perú, nem no Chile conseguiu-se a redenção econômica do homem do campo dando-lhe glebas de terra.

Alega-se, como justificativa para a imediata implantação de reforma agrária no Nordeste, o fato da mesma ter por objetivo melhorar o estado das coisas ali reinantes, a fim de elevar o padrão de vida de seus habitantes e permitir-lhe dispor de maior participação nos benefícios do progresso.

Admite-se que quem tenha os olhos e a mente voltadas para as coisas do Sul do país, ou dos brejos canavieiros de Pernambuco, possa conceber que as populações rurais, só pela circunstância de adquirirem glebas de terra, fiquem providas de condições para melhor participar das messes do progresso. Entre nós, porém, onde as atividades agrícolas, dependentes de chuvas quase sempre incertas, constituem verdadeira temeridade, até o bom senso comum nos leva a repelir tal juízo.

Cabe-me aqui repetir com Fernando Nepomuceno Filho, arguto colaborador da imprensa do sul do país: "No Nordeste a agricultura terá de localizar-se nas faixas onde seja possível a irrigação, do contrário o flagelo da seca destruirá todo o esforço humano e funcionará como um saco sem fundo para os recursos financeiros arrecadados nas regiões mais ricas do País". A incúria dos poderes públicos na determinação das providências necessárias ao êxito da visada redistribuição de terra, tem sido, no que toca aos Inhamuns, desmensurada.

Açude público, afora o Varzea do Boi, nenhum outro ali se construiu. Os reservatórios em regime de cooperação, entre os quais cito o que requirir e foi estudado, projetado e aprovado, permanecem no limbo, não obstante situar-se na zona ainda agora atingida pelo flagelo — município de Aiuaíba, disservido até mesmo de água para dessentendar habitantes e criações.

Anunciou o Titular da Agricultura que "quando as pessoas tomarem conhecimento dos verdadeiros objetivos do governo" na execução da reforma agrária, "as reações acabarão se convertendo em apoio". Queira Deus que esse apoio, nos adustos sertões sul-cearenses, possam provir das respectivas populações rurais beneficiadas com a duplicação da capacidade hidrográfica do Várzea do Boi, a barragem dos rios Trici, Puiú, Jucás, Favela e Umбуzeiro, e consequente irrigação e loteamento de imensa sorte de terras marginais.

NOTA: A argumentação constante do presente trabalho obteve vitorioso acolhimento por parte do titular da pasta da Agricultura, conforme se deduz de suas declarações inseridas em "O Estado de São Paulo", de 22.2.73 e assim redigidas:

"Em relação à área de Inhamuns no Ceará, Cirne Lima esclareceu que em Pernambuco também existem áreas idênticas e devido a este fator o governo vai agir com muita cautela a fim de que na verdade o parcelamento não apresente condições de viabilidade econômica para as pequenas e médias propriedades ou parcelas que vierem a ser implantadas. Para isto o projeto prevê e está todo estruturado no Programa de Crédito Fundiário e evidentemente tem que ser viável — disse o ministro, acrescentando que "não podemos pensar num parcelamento que vai criar propriedades que vão ser economicamente inviáveis".

Quatro Aspectos de um Roteiro Emocional do Cariri Cearense

TEXTO DE
FRANCISCO ASSIS DE SOUSA LIMA
E
RONALDO CORREIA DE BRITO

AVIÕES AEREM PISTAS SOBRE OS CÉUS SEM MEDO, JÁ TRAÇAM TRILHAS DE AÉREO SUPORTE E PASSAM A COMPOR O ENREDO DE UMA PAISAGEM TERRESTRE. VEIOS DE ÁGUA SUBTERRÂNEA SUBMERGEM AOS EFEITOS DE ALGUM CALAFRIO TERRENO E CALAM SEU SOLUÇO PARA QUE OUTRA MÚSICA EVOLUA SEU TIMBRE MAIS METAL QUE LÍQUIDO. COMETAS ACOMETEM-SE NAS NOITES ASTRAS, PASSEIAM SEU MOMENTO E SERPENTEIAM-SE POR ENTRE AS LACUNAS DO MANTO. AINDA ASSIM, O MANTO ESTAMPASE AINDA E AINDA RETESA-SE EM SUAS ABÓBADAS IMPASSIVELMENTE. AINDA ASSIM, POR ALGUM CAPRICHOU OU DESCUIDO, REGATOS ESCAPAM MELODIA NO ENCONTRO DO SEU CORPO LÁBIL À BIGORNA DAS PEDRAS E DAS MARGENS. VELHOS TEMAS PERSISTEM APESAR DA ABSOLUTA FALTA DE FÓLEGO, VELHOS TEMAS SOLUÇAM, MESMO ASSIM, POR JÁ NÃO PODEREM ECLODIR

I — ARTISTA SINGULAR — ARQUÉTIPOS — GÊNESE

Dois traços existem para compor a estrutura formal das figuras de “Çiça Loiceira”.

O PRIMITIVISMO, estampado com nitidez na sua concepção de criaturas ingênuas e românticas, que resultam, pela interpretação que seus dedos de artesã lhes imprimem, em moldes de rústico singelo, de expressão direta, de sotaque quebrado, de feição pontual.

O COLORIDO, filho de uma mescla de cores definidas, tropicais cinzeladas, que revestem como ornamento de um pictórico não gratuito ou não-de-sarmônico, e que cintilam festivamente a alegria da comoção, o prazer do bonito.

O “bonito” como espelhação fiel dos seus modelos originais: figurantes de espetáculos festivos do povo nordestino, aspectos significativos deste povo, refletidos através da vivência e do deslumbrante: reisados, danças, cangaceiros, santos, lapinhas, animais, máscaras.

Residente nos arredores de Juazeiro do Norte-Ceará (vila do Tiradentes), colhe “Çiça” do próprio terreno argiloso a matéria-prima para os seus motivos: o barro. Um processo de amassamento (em pilão) e a posterior manipulação lhe permite a moldagem dos braços, espadas, chapéus, tambores, narizes, orelhas, fitas e movimentos dos personagens do seu mundo. Estes, passam por um processo de purificação — são levados a queimar num forno (também de barro), conduzidos dentro de panelas (de barro também) — donde saem esbranquiçados (ou lívidos). As cores descem depois como um sopro de alma e vivificação.

Os significados que pairam dentro, em torno e à distância de toda esta alquimia e do que dela resulta fogem às sistematizações e análises. É algo indígena e medievo, mágico e simples, mecânico e criativo, monótono e criador.

E ficam fantasiados arquétipos anônimos, destes que rondariam, imateriais, as atmosferas das senzalas, os aposentos dos medos, as fanfarras das festanças, os comboios e os pastoreios. Noites relampejeiras. Ceará e Paraíba. Vizinhanças de Pernambuco. Nordeste, Rio Grande, Maranhão, Piauí. E Ceará.

É um esforço ridículo o da estratificação destes fluxos, o pontilhamento destes enredos turísticos. Mas há, pelo menos e inevitavelmente, a consciência (e a inconsciência?) de toda uma estirpe e gênese: deuses morenamente singelos são os seus determinantes.

II — UM MÚSICO: SOM EM VIOLA NUM VIOLÃO EM QUATRO CORDAS

É um aspecto qualquer, apenas, deste personagem cratense, sôtão de músicas que o rabo do século XIX houve por bem inspirar dentro de suas cordas. "Seu Nezim", paisagista de dores, alegrias, tristezas e mo-fas das quais nada se saberia contar. E nem precisa.

Se o pássaro, beliscando cada vez a rocha em seu pouso anual, viria a desencantar, ao desgasto final da rocha, o encanto do príncipe ou a solução do seu desencantamento...

Assim também, e talvez por isto, é possível esperar que as paredes de uma antiga casa sintam-se ferir em seus ouvidos (pois que as paredes os têm) as mesmas notas de uma mesma garganta e de uma mesma viola que por quase cem anos de uma outra solidão retimbram através da sala. É possível saber que as paredes respondem ao lamento do amor dolorido, à dor, à semente do amor recolhido, ou à morte. Ao menos elas deviam saber o feitiço daquela viola e daquela garganta que trazem à sua cal o espinhaço dos bichos da noite (desencarnados das suas roupas e acidentais vestígios); é possível saber e acreditar que as paredes suam o suor das chuvas e sóis que temperam aquela viola e aquela garganta e que regorgitam, agora, ao penoso declínio das manhãs ora mortas.

Em que casa reside a solidão?

III — ALGUMA COISA MAIS PURA E VIBRÁTIL ENERGE POR TRÁS

Encravada em rincões sertanejos do sertão do Nordeste, a Banda Cabaçal é bem a expressão da mais profunda alegoria humana, no seu enquadramento de homem como produto da terra, de homem como desbravador da natureza nas suas forças agitantes desencadeadas, de homem como potência de criação e transcendência em suas peculiares formas.

A Banda Cabaçal "Irmãos Aniceto" — do Crato-Ceará — é o exemplo e protótipo do que podemos compreender como autêntico e rico no gênero: uma Banda biotipologicamente tradicional típica, da mais completa riqueza de motivos e, principalmente, dona do fôlego e da aspereza que a faz salvar-se e remanescer.

Dos pifanos, do zabumba, da caixa, retine e reboca o som primitivo e primovo, algo que permite ser enchergado a recompor as atmosferas que a mordada do tempo resolveu (sob caprichos e progressos) enterrar para (quase) sempre na sua memória finada.

Seus temas verbais, rítmicos e coreográficos sustentam-se no cerne da raiz cultural — alimentando-se desse amálgama de algum etnia manchada da crença e da dor, da alegria e do sangue, da magna sabedoria e do aberto coração. A singela religiosidade do índio, do negro, do camponês alvo e moreno, deixaram em testamento, aí, o elemento descarnado e sangrento, ao mesmo tempo sentimental, totêmico e ingênuo. Essas formas de piedosa louvação se interpretam nas festas de renovações do sagrado coração de Jesus e de Maria (ou suas entronizações) em que, louvadores e bons diante do altar-mesa cumprem um rito de oração cantada, benditos e hinos catolicamente sagrados.

Os temas de regionalismo e costumes são os mais variados e representam a quase totalidade das suas composições (no que se excetuam certos hinos cívicos ou músicas circunstanciais por vezes ligadas à política das eleições interioranas).

"O Baião do Gigante", "A Eriga do Cachorro com a Onça" (versão sua), "O Acanã", "Cabaré", "O Trancelim", "Maribondo", "A Dança do Sapo" entre outras, são exemplos do repertório maciço e que encontra paralelo em quase todas as outras Bandas, sendo que, no caso da Banda Cabaçal "Irmãos Aniceto" há muitas composições de autoria própria.

Em quase todas as músicas é ensaiadas uma coreografia específica a dança exaustiva servindo de cena ao batuque e ao sopro — no que atingem um naturalismo sem excrescências.

Atualmente, a Banda é composta de cinco músicos, todos da família Aniceto: José Francisco, João, Raimundo e Antônio Aniceto. O chefe e pai da Banda é José Aniceto, ancião ou patriarca de tribo, senão feiteiro ou regente de séculos.

A Banda já esteve presente em representações folclóricas do Cariri em Fortaleza e Rio Grande do Sul, através do escritor J. de Figueiredo Filho, um nome límpido ligado à história e ao folclore daquelas terras.

IV — VISÃO DO PADRE CÍCERO SENTADO NA CADEIRA

Um recurso musical que parece constituir a principal característica da música primitiva é a linearidade. Também a exemplo de conhecidas ladainhas e de orações como Rosário e responsos, a repetição continuada e exaustiva viria como que medrar no substrato atmosférico a atração dos elementos de alguma magia peculiar. Criar-se-ia, talvez, graças ao recurso exacerbativo, uma espécie de saturação sensorial capaz de atuar sobre as pessoas em rebanho (físico-emotivo) a ponto de inflamá-las em manifestações de amores e devoções em torno do personagem centralizado num determinado momento.

Assim, das levas de caminhões pelas estradas que o Nordeste conduz a Juazeiro do Norte, uma inflamável cantilena abraça as gargantas e os corações dos romeiros, cria aderências e empatias e segue, como um eco de louvor, a encher os ares com seu cântico meio selvágem, meio sacro, dolente e apaixonado.

Em contraste com a têmpera que um sol causticante gera no ho-

mem do sertão, faz-se ressaltada nestes eventos a nota de emotividade (posto que ensanguentada), a ternura ingênua e esperançosa canalizadas em torno da figura do Padre Cícero, evocado e amado como o velho ancião, com seu cajado, abençoando seus romeiros.

Como um cantochão indefinidamente arrastado: "uma viagem que eu fiz pra Juazeiro/a visitar meu padrim Ciço Romão/ele estava sentado na cadeira/seu cajado na mão/abençoando seus romeiros". "Duas viagens que eu fiz pra Juaz...".

Senhoras vestidas de branco e anil, vestidas de preto fubazento, homens e rapazes e meninos, moças e sonhos, tranças por trás dos cabelos e velas de sob o braço/... Nossa Senhora da Boa Morte.

O Poeta Carlyle Martins e Itaytera

Recebemos o n.º 16 da conceituada revista ITAYTERA, referente ao ano de 1972, onde se encontram colaborações de primeira ordem, em prosa e verso, firmadas por vultos de conceito nas letras cearenses.

Volume de 196 páginas, não resta dúvida que ITAYTERA, embora circule no interior do Estado, é uma das grandes publicações da terra cearense, devendo suas constantes vitórias à tenacidade e ao dinamismo de J. de Figueiredo Filho, membro da Academia Cearense de Letras e uma das maiores figuras mentais desse Cariri vivo em nossa imaginação.

São sempre diminuto, os elogios com que se possa louvar a revista ITAYTERA, uma vez que se trata de publicação de crédito firmado, digno por certo dos nossos aplausos sem limites.

Assim, é com o máximo entusiasmo que a agradecemos a J. de Figueiredo Filho a valiosa oferenda que nos fez, podendo o mesmo ficar certo de que a sua publicação, circulando Brasil afora, há de mostrar que o Ceará continua a ser famoso núcleo de inteligências, equivalentes a uma constelação que há de brilhar, sempre, no firmamento da pátria.

Interiorização da Universidade

O Prof. José Newton Alves de Sousa tem a vocação natural do educador. Já foi diretor, com eficiência, da Faculdade de Filosofia do Crato e agora é assessor da Universidade da Bahia. Em abril, estava em Crato e lançou, com boa aceitação, o livro INTERIORIZAÇÃO DA UNIVERSIDADE. Aliás foi sempre o seu programa e chegou mesmo a criar a idéia da instalação de uma UNIVERSIDADE PARA O CARIRI. Aliás não pereceu e nestes dias, contaremos com a Faculdade de Direito, a 3.ª fundada, nesta cidade. O Dr. Raimundo de Oliveira Borges, que vem dirigindo com bastante apuro a Faculdade pioneira no interior cearense, é agora dos principais propugnadores da idéia ao lado do chefe da nova escola Dr. Luiz de Borba Maranhão.

O Prof. José Newton bate-se, com dados seguros pela concretização do empreendimento, pois a civilização de CARANGUEJO, só no litoral, já passou. O Brasil, como está realizando, há de olhar, com inteiro carinho, o interior que quer progredir para o país crescer, em extensão e não ficar apenas na orla litorânea.

AO PÉ DO ARARIPE

JOSE ALVES DE FIGUEIREDO

Eu não quero o viver muito agitado
Da cidade que o gôzo facilita;
Prefiro a calma plácida e bendita
Deste lugar risonho e sossegado.

Das ambições e intrigas afastado
Eu, infeliz juguete da desdita,
Busco os lugares onde a paz habita
Considerando-me assim melhor fadado.

Luanda, meu retiro predileto!
Dá-me o repouso de teu seio quieto,
Antes que a idade o meu vigor dissipe.

Quero morrer olhando estas colirias,
As policromas telas bisantinas
Da sinuosa linha do Araripe!

SERENATAS NO CÉU

A memória do poeta

JOÃO ALVES ROCHA

Partistes deste mundo de amarguras,
Deixando os teus, aqui, desconsolados.
Foste habitar, com Deus, lá nas alturas,
De onde vês, os teus filhos contristados.

O teu dever cumpriste com bravuras
Deixaste os filhos todos educados,
Por certo hás de encontrar, aí, venturas
Nesta grande mansão dos devotados.

Creio que já com teus colegas
O que pergunto, sei que não me negas,
A gente, lá no Céu, faz serenatas?

Se tu ainda em verso te revelas ³
Com inspirações mais ricas e mais belas
E se, às vezes, tu fazes passeatas.

José Esmeraldo da Silva

A D E U S

SAMPAIO ALENCAR

Partirás...
e eu ficarei sentindo
a tua ausência...
Como sente, pela ausência:
a flor, do orvalho;
a luz, da sombra;
a ave, do ninho;
o amante, da amada;

Partirás...
outros sonhos,
outras ilusões,
outros amores,
te acompanharão...

E, no meio de tudo,
no meio de todos,
mudo,

desiludido,
o espectro da realidade:
alguém que te ama,
sem ser amado...

E...

Partirás...
Sem uma lágrima,
sem um adeus,
sem uma recordação
sequer:

Partirás...
como parte,
sem amor
e sem saudade,
toda mulher:

TIPOGRAFIA? SÓ A DO

CARIRI

Rua Dr. João Pessoa, 380/6

C R A T O — C E A R Á

FEITIÇO DO RIO Curso de Orçamento por Programa

Letra de
Petarca Maranhão
Música de
Joubert de Carvalho

Quem ao Rio
um diia
arriba,
de outras terras
de outras zonas,
lá das bandas
do Guaíba
ou dos longes
do Amazonas,
de Uberaba, Maringá
Manaus, Belém do Pará
fica logo
enfeitado
ao chegar
à Guanabara,
pelo Rio
apaixonado.
Não se lembra
da maloca
no momento
em que depara
a formosura
carioca,
que amorosa
se insinua
ná na praia
ou pela rua...
Qual um gênio
feiticeiro
jorra luz
e mais beleza
sôbre o Rio de Janeiro
que parece
um tabuleiro
com os quindins
da Natureza!
Êsse Rio de Janeiro
que proclama
em seus clarins
— quanto Deus
é brasileiro!

(Homenagem dos autores
ao 4.º Centenário da Cida-
de do Rio de Janeiro, na
pessoa do Governador
Carlos Lacerda) Rio, 1965

O prof. Claudio Martins que, em assuntos de Finanças se projeta pelo Brasil a fora e no exterior, também faz parte dos irmãos MARTINS, caririenses, hoje conhecidos, pela inteligência criadora, de norte a sul do país. Em bonita edição, com artístico desenho na capa, o substancioso livro de Claudio Martins que fez seu primeiro curso no Colégio Diocesano do Crato, destina-se a difundir-se pelo Nordeste e noutras regiões nacionais. É trabalho de didata e de homem experiente no assunto. Convém frizar que foi, graças aos seus esforços e prestígio, que iremos ter a Faculdade de Direito do Crato.

NATUREZA EM FLOR

Novamente o poeta José Esmeraldo da Silva publicou outro livro de versos. Com sua inspiração sempre sorvida, neste panorama cheio de múltiplas belezas em que vivemos, tirando de cada coisa motivo de beleza, lançou "NATUREZA EM FLOR", pela gráfica de A AÇÃO. A capa é de F. Nobre que se saiu muito bem. Mesmo em versos, apresenta o simpático livrinho:

AO MEU LEITOR ESTES VERSOS
DESPROVIDOS DE ESPLENDOR
QUE ESTÃO, NO MUNDO, DISPERSOS
NESTA "NATUREZA EM FLOR".

PARALELO

VIDAL DE ALENCAR

Eu não te invejo, amigo, o santo forte,
que, em vez de luzes, só te deu dinheiro,
depois te abandonou à própria sorte,
na ilusão de um poder falso e traiçoeiro...

Não invejo teu ouro nem teu porte...
Nem o destino que te fez herdeiro
de tudo o que, no mundo, encontra a morte,
de tudo o que, na vida, é passageiro.

Minha riqueza sobre tí flutua:
— tem brilho de astro, tem fulgor de lua,
é só beleza, é inteligência só,

enquanto a tua, que é do chão tirada,
— simples minério que eu reduzo a nada —
é vento, é fumo, é fantasia, é pó!

AS PRIMEIRAS EXPEDIÇÕES CONQUISTADORAS DO SUDOESTE CEARENSE

A epopéia do desbravamento de sertões de dentro do nordeste seco foi obra de homens vestidos de couro que, arrebatados pela cobiça de boas pastagens para o seu gado, sem olhar perigos, na segunda metade do século 17, avançaram por sertões ignotos, nunca dantes percorridos.

A propósito, lembro-me de que Tio João do Ó, tradicionalista de peso, referindo-se à conquista do sudoeste cearense, que ocorreu na mesma época, informou: “*Os Inhamuns foram invadidos no último quartel do século 17, pelos currateiros daquém e dalém do Rio São Francisco*”, adiantando que, “*eram homens façanhudos e decididos, acostumados à lida com gados e com gentios*” (INHAMUNS, Terra e Homens), pág. 17, de Antônio Gomes de Freitas).

Religiosamente, trago sempre presente a primeira lição que me ditou o Professor Hugo Catunda, de que — “*A história do passado não se faz. Ela existe menos na tradição que nos documentos que a registram realmente*”. E concluía o Mestre: — “*Onde não há documento não há história*”.

Eis porque me dediquei com afinco à pesquisa, por necessidade e por gosto, marcando encontro com os alfarrábios, pois deles carecia para documentar o que afirmara Tio João do Ó.

A tradição oral para mim é válida, na falta de documentos. Além disto, tenho sempre em vista o que recomenda Camilo Flamarión: “*a tradição deve ser respeitada, por mais fabulosa que pareça, pois os séculos a rodeiam de mitos, mas ela sempre trata de um sentido comum e verdadeiro*”.

* * *

Engolfando-me na Biblioteca do Instituto do Ceará, deparei-me com um documento fundamental nos fabulosos INÉDITOS do Barão de Studart. Trata-se do depoimento do Sargento-mor Leandro Custódio de Oliveira e Castro, natural de Ipojuca, em Pernambuco, colono respeitável, dos primeiros povoadores do Inhamuns, no qual afirma ter sido o Sargento-mor Francisco Ferreira Pedrosa potentado da Capitania da Paraíba, descendente de Antônio Cavalcante, que foi Governador do Grão Pará e Maranhão, quem desbravou aquelas plagas. Com expedição armada, a sua custa desbaratou os índios do Brejo Grande (tribo Cariús), os Jucás e os Crateús.

O sertanista Francisco Ferreira Pedrosa, era genro do Cel. Francisco Alves Feitosa, o patriarca da família Feitosa. Anos depois, resolveu domiciliar-se no Brejo Grande (Santana do Cariri), onde constituiu

prole ilustre (era avô paterno do Capitão-mor dos Inhamuns José Alves Feitosa).

* * *

No fim da penúltima década do século 17, chegou nas paragens do Rio Umbuzeiro no atual município de Aiuaíba, um vaqueiro vestido de sotaína, o Padre José Bezerra do Vale. Não se sabe ao certo, mas se presume que tenha ido com o propósito de catequizar o gentio da Nação Jucá. Não alcançou os seus objetivos, contudo, pois terminou por ser catequizado pelos feitiços das "*cunhãs porangas*" da tribo Jucá, isto é, fascinado pelas formas tentadoras das índias Micaela, antes, e Páscoa depois rendeu-se a lascívia, e com elas coabitou na mesma alcova (uma camarinha escura da casa grande do Umbuzeiro).

O cronista dos tempos da dominação, Padre Serafim da Penha, nas suas memórias intituladas "RAZÃO DE FAMÍLIA", registra: — "*O Clérigo José Bezerra do Vale estabelecido nos Inhamuns em 1690, proliferou abundantemente a família Umbuzeiro*".

Efetivamente as duas índias amásias do Pe. José Bezerra do Vale geraram filhos. O Padre patriarca no verdadeiro sentido. Formou o clã do Umbuzeiro.

Enamorado da terra adotiva, no começo do século seguinte, mandou vir de Pernambuco, sua terra natal, tres irmãos Sargento-mor João Bezerra do Vale, Domingos Alves de Medeiros e Ana Maria Bezerra.

* * *

Na extremidade sul da Grande Região, cabeceiras do Rio Cariús, nas proximidades da Serra do Araripe, dois sertanistas vindos das Ribas do São Francisco assentaram seus domínios nas terras férteis do Brejo onde — "*foi edificada a Vila de Santana, hoje cidade de Santanópolis*".

João Alves Feitosa e José Alves Cavalcante, em fins do século dezesete, lançaram os fundamentos dessa localidade, erigindo uma capelinha sob a invocação da santa que lhe deu o nome", é o que informa o Historiador José Alves de Figueiredo, no seu livro "ANA MULATA".

João Alves Feitosa, era natural de Feitosa, em Portugal. Para melhor identificá-lo direi que foi genitor do Comissário Geral Lourenço Alves Feitosa e do Cel. Francisco Alves Feitosa, os primeiros donatários das terras do Planalto do Inhamuns.

O português de Feitosa serviu no posto de Capitão das Ordenanças. É figura central, não apenas na conquista do Sudoeste cearense, mas também na ocupação ao longo do Rio São Francisco, do qual foi postulante de muitas de léguas de terras (Documentação Histórica Pernambucana, SESMARIAS, Vol. IV, pág. 95 e 103/104).

* * *

O devassamento da parte de cima do Sudoeste cearense (vertentes do Poti), foi atribuída, erroneamente, ao paulista Domingos Jorge Velho equívoco cometido ao mesmo tempo por Warnhagem, Southey, Taunay e outros não menos doutos historiadores (Devassamento do Piauí, de Barbosa Lima Sobrinho).

A prioridade do descobrimento dos sertões de Crateús cabe ao lusitano, natural de Torres Vedras, Domingos Jorge Sertão, que os dividiu com Leonor Pereira Marinho, matrona da Casa da Torre, em recompensa pelo auxilio que lhe foi por ela prestado.

Ao Padre Miguel o Couto, peregrino que vagueou quando o século 17 se aproximava do ocaso, pelos sertões distantes do nordeste, devemos esta revelação assombrosa. O documento comprovatório que revela este segredo é uma descrição do Padre Miguel Couto, endereçada ao Bispo de Pernambuco, Frei D. Francisco de Lima.

Transcrevo aqui um trecho do valioso documento: — *“de todas estas terras são senhores Domingos Affonso Certão e Leonor Pereira Marinho, as partes de meyas, tem nellas alguma fazendas de gados seus, as mais arrenda a quem lhe meter gados pagando-lhes dez reis de foro por cada sitio.*

Nas cabeceiras desses riachos, correm huas serras do nascente para o poente e por traz dellas se achão os rios que seguem com diversas vertentes. O rio Itaim-açu corre do nascente para o poente entra no Parahyba, e corre o ano todo.

A primeira fazenda na sua cabeceira se chama ONÇA, está nella Manuel de Araújo Velho, com hu negro dista da que se segue duas leguas.

A segunda se chama ANA está nella Manuel Gonçalves Palha com hu negro, dista da que se segue tres leguas.

A terceira se chama BOQUEIRÃO está nella Paulo Affonso do Monte, com tres negros e Manuel de Abreu Sepulveda com tres negros e quatro índias, dista da que se segue duas leguas.

A quarta se chama JOAZEIRO está nella Manuel Lobo Barreto com hu negro, dista da que se segue duas leguas.

A quinta se chama SAMAMBAIA está nella Lucas Valquez Barbosa com hu negro, dista da que se segue tres leguas.

A sexta se chama POTY está nella Antonio Gonçalves com quatro negros, dista da que se segue tres leguas.

A setima se chama SAM LAZARO está nella Joseph Ribeyro de Castro com duas tapuyas, dista da que se segue tres leguas.

A oitava se chama SAM PEDRO está nella Domingos de Carvalho com duas tapuyas, dista da que se segue tres leguas.

A nona se chama COSME está nella Manuel Ribeyro com duas tapuyas, e é a última deste Rio... Piauhy в de março de 1697 Pe. Miguel Couto”.

Aí está um documento muito antigo, autêntico e veráz, o primeiro recenseamento que se conhece das escassas populações do curso superior do Rio Itaim-açu, que evoluiu para Poti, compreendendo os Municípios cearenses de Independência e Crateús e pequena faixa de Marvão, no Poaú.

A Fazenda Poty de Antônio Gonçalves, é bom que se esclareça, foi a mais importante das nove mencionadas, tanto assim que para os labores do campo e do pastoreio era a que dispunha de maior número de escravos.

Além disto deu o nome de Poty ao Rio que, se chamava Itaim-açu.

PEDRO MAVIGNIER

Nos últimos meses, as Parcas nefandas, na sua ronda sinistra, cortaram o fio da existência de três poetas cearenses elutados as nossas letras e enchendo de tristeza as Musas dadivosas e enfeitçantes.

Referimo-nos a Sidney Neto, membro da Academia Cearense de Letras e cantor da velha guarda, Gurgel do Amaral, que publicou alguns livros. onde deixou o traço incisivo da sua inspiração, e por último Pedro Mavignier em cujos versos derramavam na alma da gente algo de nobre e grandioso.

Sobre a personalidade deste, de quem pretendemos nos ocupar na presente cronica, já falou, com o brilhantismo de sempre, o consagrado escritor Pedro Gomes de Matos, tracejando-lhe o perfil intelectual com apurmo e galhardia, numa bonita página de evocação e de saudade.

Poucas vezes tivemos ensejo de falar com Pedro Mavignier, mas sempre admiramos a sua poesia cadenciada e fluente, através da qual se vislumbra o surto encantador de fecunda inspiração.

Tendo vivido sempre em Maranguape, seu berço nativo, é natural que a paisagem da serra esmeraldina, referta de árvores frondosas. cheias de frutos e de flores houvesse encantado a retentiva do mavioso poeta, motivo por que os seus sonetos eram sempre delicados e sonoro, cantantes como a água corrente que desliza no seio da mata e vibrantes como o vento que rola nas quebradas da serra entoando canções de amor e endeixas de queixume.

De Pedro Mavignier, possuímos em nosso arquivo vários quatorzetos, sendo que por falta de espaço só nos é possível fazer a transcrição de um apenas, recando a nossa escolha no que se segue embora do seu conteúdo se vislumbre o sofrimento de uma alma angustiada, nos últimos tempos, quando a velhice lhe bateu à porta, trazendo-lhe doerças e desilusões.

VIVO NO MUNDO. MAS ME CONSIDERO
O QUE NINGUÉM, QUER SER POR MAIS QUE VIVA :
UMA UNIDADE FÚTIL, NEGATIVA,
QUE VALE TANTO QUANTO VALE UM ZERO.

SER MENOS OU SER MAIS NÃO ME CATIVA
SE BEM PERTO JÁ ESTOU NO FIM QUE ESPERO
PAR AO NADA O QUE QUIS E HOJE NÃO QUERO,
A VIDA A RASTEJAR QUASE INATIVA.

VIVO, SOU CARNE FÚTIL, DELETÉRIA
REPRESENTANDO UM POUCO DE MATÉRIA
DA QUAL CONHEÇO O SEU AUTOR E DONO

AQUELE VERME QUE ANDA CONSUMINDO
O QUE VAI O MUNDO INTEIRO PRODUZINDO
PARA A IMORTALIDADE DO CARBONO.

Registrando o falecimento de Pedro Mavignier, apresentamos à sua digna família, aos poetas do Ceará e ao povo maranguapense as homenagens do nosso pesar. com a afirmativa de que o pranteado vate conter-râneo jamais será esquecido daqueles que conheceram e o estimaram.

APRESENTANDO

“Cariri, Nordeste e Universidade”

Disse certa vez o eminente mestre, professor Saraiva Leão, que os livros são até certo ponto como as pessoas: simpáticos ou antipáticos.

“Cariri, Nordeste e Universidade” é um livro simpático porque, antes de mais nada, traz intrinsecamente, umbilicalmente, um pouco da simpatia pessoal do seu eminente autor, a quem aprendemos a admirar de longa data, pelo seu valor como pessoa humana, pelo seu talento como intelectual nato, pelos seus grandes méritos na cátedra como educador, por suas firmes convicções como líder católico, por sua inspiração como orador e poeta e por seu brilho como homem de pensamento enfim, em cujo cérebro a cultura reside na sua forma mais bela, mais completa, mais dinâmica, renovando-se sempre e completando-se em todos os sentidos, sempre fiel a um verdadeiro apostolado do Bem! Por tudo isto, José Newton Alves de Sousa é hoje figura exponencial das letras e da cultura cearense e atuante no interior projeta-se nos grandes centros nordestinos como figura respeitável dos meios universitários, personificando como ninguém na sua luta de idealista, o movimento sadio de interiorização do ensino superior e de estruturação de universidades regionais plantadas no âmago dos sertões, ecologicamente condicionadas, fixadoras do homem ao meio e propugnadoras de uma cultura organicamente universitária que valorize o regional sem encistá-lo, mas tornando-o sempre e cada vez mais parte indivizível do nacional e do universal sob a influência da força centripeta de um sadio e bem inspirado humanismo que tenha Deus no vértice das suas decisões.

Aspiração de visionário? Não, senhores! E como prova do acerto e da viabilidade da sua pregação ai estão, entre outros, Santa Maria, no Rio Grande do Sul, Ribeirão Preto, em São Paulo e Viçosa, em Minas Gerais, atuantes centros universitários interioranos cuja fama já ultrapassa as fronteiras do Brasil para se projetar no exterior, pela excelência do seu funcionamento, provando assim que a hipertrofia universitária dos grandes centros pode e deve ser evitada, uma vez que trazendo grandes vantagens traz por outro lado muitas desvantagens, sobretudo ao desenvolvimento do interior brasileiro.

José Newton Alves de Sousa pode e tem bastante autoridade para esposar tão ousado sonho porque a sua cultura é embassada por um humanismo que o torna figura singular no Cariri e segundo esplêndido estudo crítico recente de Arthur Eduardo Benevides, “José Newton Alves de Sousa é, vocacionalmente, um educador e um homem de letras. Nasceu para as grandes lides da educação e da literatura. Doou-se a essa missão de corpo e alma, e com desprendimento e amor. E vem cumprindo, admiravelmente, a tarefa de construir o futuro no espírito dos jovens e de oferecer aos leitores uma mensagem de crença na obra de Deus e nos destinos do homem.

Humanista, no que essa palavra significa de apreço e dedicação

às letras, às artes e à filosofia, é portador de uma fé sólida e autêntica, pregando uma crescente humanização da cultura em clima teocêntrico, para que o homem atinja plenamente, em meio aos percalços do mundo, a finalidade de sua vida.

Partindo desse pressuposto, cumpre com dignidade a sua jornada existencial, repartindo com todos os frutos de sua inteligência preparada e desenvolvida para a formação intelectual e moral dos que necessitam das luzes do saber humano.

Educador, tem semeado auroras, melhorando o mundo. Escritor, vem sabendo ser digno de sua função social e histórica, contribuindo para o progresso espiritual de sua terra.

É um homem digno com virtudes raras e um intelectual que encara o seu trabalho com a gravidade e a honestidade dos que têm uma missão a cumprir na face da terra”.

Eis, senhores, em palavras de mestre, o homem que nos deu “Cariri, Nordeste e Universidade”! Nascido assim de fonte tão bem preparada para tão bem produzir “Cariri, Nordeste e Universidade” não poderia deixar de ser o que é: um livro magnífico que traz no contexto de suas páginas uma admirável mensagem de Fé delineada através de sábios conselhos onde se vislumbra de logo, facilmente, o perfil inconfundível do seu autor. É um esplêndido livro, mas é também a um só tempo o retrato moral e intelectual do seu autor e também a biografia da Faculdade de Filosofia do Crato, vale dizer, perfil de corpo inteiro da própria cultura cearense traçado por um estilista da melhor estirpe que sabe dizer bem o que quer com o suporte de Fé de um Jackson de Figueiredo, de um Gustavo Corção ou de um Alceu de Amoroso Lima.

Suas páginas rorejam fé, trescalam o Bem e sublimam a Virtude. Todo ele é uma mensagem de seguro otimismo, de apologia da ordem, de valorização do regional para o universal, da partícula para o todo, do átomo para o Universo e do homem para Deus!

A um livro assim, Barbalha não poderia sob nenhuma hipótese deixar de abrir o seu coração e o fará oficialmente nesta noite delucilações espirituais quando se engalana para receber e aconchegar ao peito tão caro hóspede. E assim fazendo, Barbalha sente-se a vontade e desinibida porque é inegável as suas afinidades históricas e sociais com Crato e por via de consequência, com o eminente professor José Newton Alves de Sousa cujas maneiras fidalgas e aristocráticas estabelecem um vínculo indestrutível de amizade entre os dois, já que esta terra tem no seu presente ainda alimentado pelas tradições de um passado, no qual a aristocracia de famílias bem plantadas foi a pedra basilar da sua estrutura social e da sua fisionomia urbanística que o progresso material parece não modificar.

Barbalha moderniza-se e engaja-se ao progresso sem deixar de ser o que sempre foi: uma aristocrata. E seguindo o caminho apontado pelo professor José Newton Alves de Sousa, procurará sempre e cada vez mais os caminhos da cultura para o encontro com o progresso, conscia de que desenvolvimento sem cultura é uma aberração.

Senhor Professor José Newton Alves de Sousa!

Barbalha guardará no relicário do seu íntimo as lições admiráveis do seu grande livro e entre todas elas, cada qual a mais bela e succulenta,

BODAS DE OURO DO CASAL Dr. ARARIPE-DONITA

Na data de hoje, 5 de Abril, entre festas de cunho religioso e social, com o regosijo de parentes e amigos, Dr. Antônio de Alencar Araripe e Donita celebram seu 50º aniversário de feliz casamento. Os dois já pertenciam à família Alencar.

Conheço bem o casal, honro-me de manter com o mesmo, antiga e enraizada amizade, agora, mais alicerçada, pois, são eles sogros de minha filha Eneida, hoje também aniversariante, casada com Jósio de Alencar Araripe.

Todos os seus filhos, genros, noras e muitos netos, além de parentes chegados, encontram-se, em Crato, para o máximo acontecimento. Desembargador, em Recife, Aderson Antão de Carvalho e esposa Eda, Dr. Jales de Alencar Araripe, da assessoria do Governador de Pernambuco e consorte Lídia Maria, Dr. José de Noronha, professor Universitário em Aracaju e esposa Moema. Vello de Fortaleza, acompanhando os pais, a filha Senhorinha Rivanda. Jósio, consorciado com Eneida, vice da Câmara Municipal, presidente do Crato Tennis Clube e advogado, reside nesta cidade. E há netos, já em evidência, na sociedade noutras cidades. Deixo de citar, ficando para serem mencionados na crônica social.

Donita, cujo nome é Ana da Franca Alencar, é a bondade em pessoa, companheira de todas as horas do Dr. Araripe e a educadora dos filhos que ocupam lugar de destaque na existência.

A Câmara Municipal de Crato outorgou ao Dr. Antônio de Alencar Araripe, o título de CIDADÃO DE CRATO. Já o possuía pelo consenso unânime da população de nossa terra. Se nasceu em PEREIRO, integrou-se de corpo e alma no Crato, tornando-se seu amigo incondicional, mais do que muita gente que enterrou o umbigo nesta bonita cidade ou noutros pontos do município.

cada qual a mais cheia de conteúdo espiritual em um mundo que teima em se esvair espiritualmente, guardará com especial carinho aquela que definiu a conduta da nossa amada terra quando definiu o perfil da série e dinâmica, moderna e comedida Faculdade de Filosofia do Crato: "Não acredita no neutralismo pedagógico. Não se conforma com uma educação sem compromisso. Não se arroja aos pés dos ídolos. Não queima incenso aos modismos. Não dorme sobre os triunfos obtidos. Não compactua com a desordem. Não nega o passado. Não endeusa o presente. Não desespera do porvir. Mas luta, e insiste, e avança, porque este é seu dever e seu programa. Situada no coração do vale, junto à montanha, de altitude lhe é a vocação, apesar de sua modéstia, de suas limitações.

Ai dela se não fitasse os Andes e não amasse o Sol, pois a mediocridade é a mais indigna das posições".

O PIAUÍ RENOVA-SE

O Estado do Piauí, que pelo isolamento geográfico, pouco progredia, agora nas últimas administrações, tem tomado impulso surpreendente. Marcha aceleradamente para ocupar lugar de destaque, ao lado dos estados limítrofes. Seu imenso território acha-se cortado de boas rodovias e a energia de BOA ESPERANÇA fornece-lhe a força propulsora de sua industrialização e modernização dos centros de população.

O I. C. C. teve a honra de receber a MENSAGEM AO PODER LEGISLATIVO, enviada pelo presente Governador Alberto Tavares Silva. É documento precioso que mostra como o simpático Estado vizinho integrou-se ao progresso.

Também inaugurou serviço de edição e de reedição do livro piauiense, começando com a mais difundida obra, em perfeita poesia popular, desse imortal Herminio Castelo Branco "Lira Sertaneja". O Presidente do I. C. C. fez-lhe longo comentário, escrito especialmente para o 5.º número de "ASPECTO" revista oficial da Secretaria de Cultura do Ceará.

Lembro-me bem quando chegou para o serviço de recenseamento da zona. Fixou-se em nossa terra, montou escritório de advogado. Casou-se. Fincou-se na nova terra que se tornou sua, por escolha voluntária. Formou-se depois, mostrando inquebrantável força de vontade.

Foi prefeito do município, após a Revolução de 1930, em que tomou parte ativa. Inaugurou administração modelar, dando novas normas à administração. Ainda é lembrada com saudades e como exemplo. Eleito deputado federal, em vários mandatos, tornou-se o maior benfeitor desta região, fazendo-se pioneiro da construção de extensa rede de açudes, de trabalhos federais de saneamento desta cidade e de centenas de vários empreendimentos. Planejou outros, que se fossem concretizados, a situação do Cariri seria muito diferente. Seus discursos, na Câmara Federal, enfeixados, em grosso volume, pela Imprensa Universitária do Ceará, comprovam que nenhum outro parlamentar trabalhou tanto quanto ele, em prol da resolução de problemas vitais da zona que o elegeu. Ainda, nos presentes dias, multiplicidade de empreendimentos continua, em ritmo lento, filhos de seu anterior trabalho, cotidiano, na qualidade de representante legítimo do povo e de seu esforço beneditino junto aos Ministérios.

Não se calou, após a incompreensão do voto popular tê-lo esquecido. Na trincheira do jornalismo, em "O POVO" e na revista "ITAYTERA", mostrando as causas básicas do desenvolvimento do Cariri, bate-se constantemente, a resolvê-los.

O Instituto Cultural do Cariri que êle cooperou decisivamente para erguê-lo, deu-lhe a cadeira de José Carvalho para ocupar, nestes próximos meses.

Não é somente Cidadão do Crato. É cratense visceralmente, pelo coração e igualmente de sangue, pois descende dos heróis que fizeram a independência do Ceará, partindo desta antiga Vila Real, nascida da Missão do Miranda.

NO MUNDO DAS ARTES

O Museu do Crato passou a chamar-se Museu Vicente Leite, tardia mas justíssima homenagem à memória de um paisagista que, sem favor, foi dos maiores do Brasil. E que, não fechasse os olhos para a vida ainda bem moço, maior se faria ainda, tanto o mérito de sua arte admirável. Vicente Leite foi, ao seu tempo, um professor correto, polindo o talento de artistas mais jovens que o procuravam como conselheiro e mestre. Ganhou o Prêmio de Viagem ao Estrangeiro, no Salão Nacional de 1940, afora outros em certames diversos, porque da melhor era sua arte privilegiada. Agora, quando sua terra lhe presta alto tributo à memória, uma ex-aluna sua, a hoje vitoriosa e brilhante pintora Sinhá d'Amora, também natural do Ceará, oriunda de família das mais destacadas desse Estado, terá uma sala com seu nome. Nela os amantes da boa pintura encontrarão mais de duas dezenas de telas da consagrada pintora, por ela doadas, formando assim um acervo valioso que emprestará à Sinhá d'Amora uma projeção extraordinária. Sem dúvida que a gente esclarecida do Crato, tão amiga das artes e dos livros, justamente envaidecida com o êxito marcante de seus artistas e intelectuais, saberá reverenciar a memória de Vicente Leite, como também exaltar, com emoção e calor, o gesto belo e desprendido de Sinhá d'Amora, doando tão valioso conjunto de quadros saídos de sua paleta prodigiosa, a fim de emprestar maior fulgor ao museu que traz o nome do saudoso pintor. A Sala Sinhá d'Amora será, sem dúvida, de agora por diante, o recanto preferido, citado e louvado, pelos visitantes do Museu Vicente Leite. Lá, admirando os trabalhos da brilhante pintora de "Vaqueiro Nordestino" e de tantas outras telas admiráveis, os filhos do Crato se sentirão honrados em terem, como coestaduanos, artistas de tanto relevo na vida artística nacional, como é Sinhá d'Amora. e como o foi, em vida, o mestre das cores tênues, o emérito paisagista Vicente Leite!

DARWIN, o pintor, trabalhador e pesquisador por excelência, realizou mais uma mostra de seus trabalhos. Fê-lo desta vez no Clube dos Artistas Amigos da Arte de São Paulo, na Rua Bento Freitas, que é um obrigatório ponto de encontro de artistas, escritores, jornalistas e de quantos se interessam pelos movimentos artísticos na capital bandeirante. Lá o mestre da figura, o intérprete fiel das figuras de circo, apresentou 21 novos trabalhos, todos realizados com a consciência e com a sensibilidade apuradas que tanto personalizou o festejado pintor e escultor, que é DARWIN. Temos por este artista uma sincera admiração, que vem de longos anos, de quando ele pontificava nos meios artísticos da antiga metrópole. E sentimos, sempre e sempre, que o artista não parava de evoluir na sua técnica, aprimorando-a de mostra para mostra. De fato, o brilhante e atilado aluno de Gino Bruno soube recolher os ensinamentos não apenas desse mestre ilustre, mas ainda de outros também excelentes professores com os quais assinalou os amplos conhecimentos que hoje nos apresenta na sua arte de contornos brilhantes e seguros. Aos 59 anos de idade, DARWIN pode se considerar um vitorioso. E com razão. Jamais condescendeu com o lucro fácil. Preferiu lutar, sofrer mesmo mas sempre apegado à fidelidade que sempre teve pela arte

COMEMORAÇÕES DE 3 DE MAIO

As comemorações do dia 3 de Maio, aniversário da adesão de Crato à Revolução Pernambucana, de 1817, mostraram que o espírito cívico sobrevive, entre nós. Não deserá morrer. A Câmara Municipal celebrou a data, como também o Sesquicentenário do Legislativo, no País. Falou o vereador Dr. Jósio de Alencar Araripe.

O Grupo Estado da Paraíba inaugurou o Centro Cívico Barbara de Alencar, falando na ocasião o Secretário do I. C. C., J. Lindemberg de Aquino. Foram expedidos diplomas às pessoas que trabalham pelo culto cívico, nesta cidade. A Diretora Prof. Lúcia Norões e sua equipe estão sempre à frente das causas nobres desta terra.

Não deveremos feriar o dia, mas não poderemos deixar de lembrar que a data que corresponde aos momentos mais gloriosos de nossa terra. Lembrar, igualmente, que foi Crato, a 1.º de Setembro de 1822, que aderiu a decreto de 23 de Junho de 1822 que estabelecia as eleições para a Constituinte Brasileira, seguindo-se da solidariedade de toda a segunda comarca, sediada nesta então vila.

É de lastimar que, em muitas publicações da capital cearense, esqueçam esse importante papel da antiga Missão do Miranda. Enquanto Cachoeira, na Baía, é enaltecida em Salvador, todos os anos, parece até que, em certa roda querem até riscar nossa terra do lugar que realmente ocupa na HISTÓRIA. E se formos esquecidos, o que restará para os outros? Somente as festas comemorativas? Isto não sucederá por que revistas e jornais, disseminadas no Brasil, muitos com direção e colaboração de cratenses ilustres, não permitirão. E lá fora ninguém pergunta quem é filho do interior ou quem mora na capital. Muitas vezes, achamos pior o interiorano que chega na metrópole e quer sobressair-se como mais realista do que o rei, do que o fortalezense autêntico.

Dr. José de Siqueira Cavalcanti

No presente número, publicamos auto-biografia de nosso colaborador, Dr. José de Siqueira Cavalcanti, cratense com residência, em S. Paulo, onde exercia, com proficiência, a profissão de advogado, dos primeiros da mais populosa cidade brasileira. No dia 7 de Novembro do ano passado, após curta doença, apesar dos cuidados dos melhores especialistas, faleceu o nosso velho amigo, deixando vácuo profundo, entre parentes, amigos e admiradores. Não acrescentamos nada a seus dados biográficos, visto estarem completos nos dados que êle mesmo escreveu, dias antes de seu desaparecimento, enviados depois a J. de Figueiredo Filho pela viúva D. Adelina de Siqueira Cavalcanti.

sadia, pura, pela verdadeira e sólida pintura dos talentosos e inspirados. Os palhaços por ele pintados, em fase das mais fecundas e felizes, consolidam sua fama de pintor de escol, de artista verdadeiramente seguro de sua caminhada na profissão de Toulou-se-Lautrec, de Modigliani, de Renoir e outros valores autênticos da pintura limpa e apurada.

LEMBRANÇAS DA ESCRAVIDÃO

A escravidão de infelizes negros africanos em nosso país, infâmia suportada durante quatro séculos, iniciada com a colonização, aumentou enormemente com a montagem de engenhos de açúcar, exploração de minas, etc. Não se pode precisar, exatamente, quando desembarcou o primeiro cativo.

O aviltante comércio de carne humana, sempre combatido por todas as pessoas de bons sentimentos, sofreu o primeiro golpe em 23 de novembro de 1826, quando Pedro I, Jorge VI, da Grã Bretanha, firmaram convenção pondo fim ao tráfico odioso. Segundo Sá Viana, às páginas 118/9, de "O Brasil e a arbitragem internacional", tal convenção estava intimamente radicada ao tratado firmado entre o Brasil e Portugal em 29 de agosto de 1825.

Houvera "a promessa formal, obtida do Governo Imperial, da imediata abolição do tráfico de escravos", feito à Inglaterra, quando a poderosa nação concordara, naquele ano, em interferir junto à Córte de Lisboa, para o reconhecimento da independência do Brasil.

Antes, porém, do grito do Ipiranga, Portugal proibira, em 22 de Janeiro de 1815, que súditos lusitanos comprassem escravos ou traficassem com eles "da costa d'África ao norte do equador". E em 20 de julho de 1817 foram criadas comissões mistas luso-britânicas para resolver as questões referentes à detenção de navios negreiros. Tais medidas e outras foram incluídas na convenção de 23 de novembro, mencionada.

O segundo golpe sofreram os desalmados negreiros quando a Regência, em nome do Imperador Pedro II, firmou a Lei de 7 de novembro de 1831, proibindo o tráfico de cativos, além de outras medidas, como a de conceder imediata liberdade aos que aqui chegassem e seriam reenviados ao continente negro, correndo as despesas por conta dos traficantes, sujeitos, ainda, a penalidades.

Apesar dos tratados e das perseguições dos cruzadores ingleses, as vezes até em águas territoriais brasileiras, só seria o tráfico extinto realmente em 1850, graças às severas providências de Eusebio de Queiroz, Ministro da Justiça, e à vigilância dos Consules e Vice-Consules de Sua Magestade, que denunciavam ao Ministro britânico, no Rio de Janeiro, os desembarques de negros contrabandeados, motivando protestos e pedidos de imediatas providências daquele diplomata, em ofícios às vezes redigidos em termos bem duros ao Ministério dos Estrangeiros do nosso país.

Em 28 de setembro de 1871 foi promulgada a Lei 2040, conhecida como do Ventre livre ou Rio Branco, em homenagem ao Chefe do Gabinete Conservador, no poder desde 7 de março daquele ano; não nasceriam mais crianças cativas no Brasil.

A liberdade dos sexagenários foi concedida pela Lei sancionada por Pedro II em 28 de setembro de 1885. Estava no poder o Ministério conservador presidido por João Maurício Wanderley, Barão de Cotegipe. O projeto, entretanto, fôra apresentado quando na presidência do Ministério estava o Conselheiro José Antônio Saraiva, que governara Alagoas de 19 de outubro de 1853 a 26 de abril de 1854 e aqui não foi esquecido,

pois a Avenida Duque de Caxias, teve, durante muitas décadas, o nome de rua Saraiva.

A Princesa Imperial Regente, D. Isabel, sancionou, em 13 de maio de 1888, Lei 3.353, declarando extinta a escravidão. Segundo o historiador Helio Viana, obtiveram liberdade 720.000 criaturas, conforme a matrícula de 1887; ou, precisamente, 723.419, segundo João Ribeiro.

Portaria do Ministério da Fazenda, Rui Barbosa, de 14 de dezembro de 1890, determinou fossem queimados todos os livros e documentos oficiais sobre a escravidão, a fim de que desaparecesse a lembrança da mancha que nos aviltava. Alguns escaparam das fogueiras do novo Santo Ofício, inclusive o livro número 3, de venda de escravos, do município de Maceió, em mau estado e que estava em meu poder. Mande-o encadernar, oferecendo-o ao Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas, na sessão de 31 de agosto deste ano.

Do mesmo, constam os seguintes termos de abertura e de encerramento :

“Ha de servir êste livro para se lavrarem as escrituras de vendas de escravos no Cartório do Primeiro Tabelião de termo desta cidade, sendo rubricado por mim do modo seguinte — Buarque de Nazareth, e vai competentemente numerado e com o termo de encerramento.

Maceió, 7 de agosto de 1878 — O Juiz de Direito,
(ass) Antônio Joaquim Buarque de Nazareth”.

“Contém este livro cem folhas todas por mim rubricadas para o fim no termo de abertura declarado em princípio. — Cidade de Maceió, aos 7 de agosto de 1878 — O Juiz de Direito, Antonio Joaquim Buarque de Nazareth”.

Na última página lê-se : “Tem êste livro de selar cem folhas. O Tam. Esteves (ilegível)”. O cartório do referido 1.º Tabelião funcionava na rua Boa Vista.

E “N.º 1 — (sello) 10\$000. Recebi dez mil reis de sello. Alfandega. Maceió, 7 de agosto de 1878”.

Duas assinaturas ilegíveis.

No livro em apreço foram lavradas 81 escrituras, sendo inutilizadas estampilhas de diversos valores, todas com a efigie de Pedro II.

A primeira em 4 de setembro de 1878, folha 1.ª e verso, com estampilha de 1000, foi a do escravo Isidoro, pardo, solteiro, “hoje com a idade de 22 anos”, filiação desconhecida, devidamente registrado na Coletoria da Vila de Santa Luzia do Norte, desta então Província, tendo sido apresentada a cédula de matrícula n.º de ordem 1137, na relação geral do município, e outra, datada de 2 de setembro de 1872, pelo vendedor Manoel Francisco Nunes Nogueira, que recebeu, do comprador, Antonio Teixeira Pinto, o valor da transação — 1.000\$000. Comprador e vendedor residiam em Maceió. Testemunhas : Manoel Pinto Araújo Conceição e Manoel de Souza.

A última, de 19 de agosto do “Ano da Graça de Nosso Senhor Jesus Cristo” de 1879, folhas 99, verso e 100, estampilha de 2\$000, foi a do cativo Felipe, preto, 32 anos de idade, solteiro, filiação desconhecida,

J. DE FIGUEIREDO FILHO

Dr. THOMAS POMPEU NETTO

NO INSTITUTO CULTURAL

O I. C. C., em sua marcha ascensional, crescendo de dia para dia, em campo de ação, acaba de receber valioso officio do Dr. Thomás de Sousa Brasil Netto, aceitando o convite para ocupar cadeira, na SEÇÃO DE CIÊNCIA, que terá como patrono, seu digno e ilustre avô. Transcrevemos o preciso documento:

“Rio de Janeiro, 8 de Maio de 1973. Ilmo Snr. José Alves de Figueiredo Filho, Presidente do Instituto Cultural do Cariri. Lima Verde, 470 — Crato - Ce.

Prezado amigo,

É com a maior satisfação que acuso o recebimento das cartas que teve a gentileza de participar minha eleição para o Instituto Cultural do Cariri, na cadeira sob o patrocínio de meu avô Dr. Thomaz Pompeu de Souza Brasil. Sinto-me, realmente, honrado com essa distinção pois o exemplo que me legou meu avô, quer no campo da inteligência e da cultura, quer como homem na mais lídima e alta expressão do termo, tem constituído um perene estímulo e um grande modelo para toda a minha existência.

Consulta-me o amigo se prefiro que a cadeira se inclua entre o setor das Leras ou da Ciência, quanto ao meu avô, realmente a opção não se explicaria, pois foi êle antes de tudo, um cultor da ciência do Direito, cujos amplos horizontes levaram-no à intimidade dos mais variados departamentos do conhecimento humano, e, também, pelo mesmo caminho, chegaria à arte das letras, como escritor primoroso, familiarizado com os clássicos e os modernos universalmente proclamados.

Mas, sendo como eu, um engenheiro e arquiteto, minha formação foi bazilarmente científica, motivo por que prefiro ser incluído no ramo das Ciências.

Renovando os meus agradecimentos pela eleição com que me distinguiram, reitero-lhe os meus protestos do mais alto apreço e distinta consideração.

Atenciosamente

(a) T. POMPEU NETTO

devidamente registrado sob n.º 1458, da Matrícula Geral, tendo o vendedor João José de Araújo, “morador no termo da Vila de Anadia”, representado por seu procurador Antonio Teixeira Lima, recebido 1.300\$000, valor da transação, do comprador, o negociante matriculado Evaristo Teixeira Pinto Gomes, morador no Rio de Janeiro, representado por seu procurador, o comerciante João Teixeira Machado. Testemunhas: José Gouveia (ilegível) e Manoel Sebastião da Rocha Lins.

Verdadeira preciosidade o livro citado, que a secular Casa de Alagoas conservará cuidadosamente.

ORIGEM DA PALAVRA TAUÁ

— “Tauá é a capital natural do sertão dos Inhamuns. Nunca uma terra agreste e quase selvagem gerou filha mais airosa e mais bonita” (Excerto de MÔÇAS BONITAS E TIPOS FÍSICAMENTE EVOLUIDOS NOS SERTÕES DOS INHAMUNS, de J. de Figueiredo Filho, ed. de “O POVO”, de 29.7.1954).

Tauá é como se chama a cidade sede do município do mesmo nome que fica recuado ao oeste do Estado do Ceará. O Rio Trici — o *tirissy* dos colonizadores — que banha aquela urbe, segundo documento ontigo, também foi chamado — “em português Tauá” (SESMARIAS, Vol. 12.º, pág. 68).

Em longes terras, existiu outra cidade com o nome de Tauá, metrópole do mundo árabe desaparecida há muito tempo, que jaz soterrada nas areias movediças da Ásia Menor.

O nome Tauá figura pelo menos em três idiomas distintos: tupi, português e árabe.

Na língua dos aborígenes êsse vocábulo é definido de várias formas: Tauá, *barro amarelo*, conforme Gonçalves Dias (DICIONÁRIO DA LÍNGUA TUPI, pág. 64). José de Alencar, no entanto, diz que é *barro vermelho* (O CEARÁ, 1.ª edição, pág. 478, definição que ousei dar quando ainda adolescente, em despretencioso trabalho que foi publicado no jornal “DIÁRIO DO CEARÁ”, de 21 de abril de 1921.

Enquanto eu interpretava assim, Raimundo Girão e Antônio Martins Filho posteriormente afirmaram que — “*Tauá significa realmente barro, mas sem indicação de cor*” (O CEARÁ, 1.ª edição, pág. 477).

Na opinião do geógrafo Orlando Valverde o nome Tauá é designativo de “*Solo Tipicamente laterizado*” (O HOMEM GORDO DO TAUÁ, pág. 7, de Otacilio Nóbrega de Queirós).

Observa-se, entretanto, que o solo onde demora a cidade do Tauá é da cor de cinza-escura, no flanco sudoeste, e na parte norte oriental é avermelhada, mas não laterizada, isto é, não tem a coloração rubra do tijolo de barro cozido das regiões tropicais.

Por esta razão é que o topônimo do meu torrão natal não significa terra vermelha. Ademais, não me consta que exista laterita (hidrato de alumínio e de ferro) nas rochas do sub-solo do Tauá, para justificar esta denominação.

As outras interpretações não definem com fidelidade a verdadeira etmologia da palavra em debate. Visto que *barro* não é *Tauá*. Um e outro são matérias de composição e aplicações diferentes: barro é formado de sílica, alumina e água; enquanto a pedra solúvel *Tauá* é peróxido de ferro (peróxido, designação genérica dos óxidos que contém mais oxigênio do que o óxido normal).

Ao gentio não cabe a responsabilidade da falsa conceituação. Êle sabia muito bem a diferença que havia entre *barro* e *tauá*, materiais in-

dispensáveis à sua indústria de cerâmica. Com o barro os oleiros da tribo modelavam os seus *camossins*, *igaçabas* e outros vasos de utilidade para depois os colorir com tinta extraída do Tauá.

O notável historiador Antônio Bezerra, quando andou pesquisando no interior cearense, colhendo o seu material no próprio local de sua realização, visitando a então Vila de São Benedito, vem ao meu encontro com a seguinte informação: — “As casas são de excelente aparência, apresentando algumas as frentes pintadas de côres alegres, cuja tinta é extrahida de uma massa fina que se encontra no âmago de pequenas pedras, a que o povo dá o nome de Tauá. A delicadeza do Sr. Paula devo ter conseguido duas amostras d’essas pedras, uma contendo tinta de côr purpurina e a outra de côr amarela” (“NOTAS DE VIAGENS — PROVÍNCIA DO CEARÁ — Parte Norte”, Typ. Econômica, Fortaleza, 1889, pág. 127).

Ainda encontrei singular definição para *tauá* no “GRANDE DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA” de Moraes Silva, à pág. 688, 10.º volume — “*Tauá, palmeira do Brasil, de cujos frutos se fazem vários objetos*” e que, a êsses objetos, davam-se o nome de *gomis do tauá*, na informação segura de Xavier de Moraes, no seu livro “PINDORAMA”.

Os tradicionalistas, contadores de “história de ouvir dizer”, aos quais, às vezes, tenho recorrido, na ausência de documentos, não fazem menção da existência da palmeira tauá às margens do Trici, tão pouco, de *bêtas de tauá* nas entranhas da terra onde assenta a minha cidade, chamada com razão de PRINCESA DOS INHAMUNS (COROGRAFIA DO CEARÁ, de Filgueiras Sampaio, 3.º e 4.º anos, pág. 111).

Inaceitáveis, pois, as interpretações dos eminentes patricios aludidos. Outra é a origem da denominação do lugar ao qual devo o bêrço.

É de conhecimento geral que, ao índio, conhecedor dos segrêdos das selvas, acompanhante do colonizador, era a quem competia nomear os acidentes geográficos e os lugares por onde passava.

E o indígena que applicou o nome Tauá àquêlre recanto da Região dos Inhamuns fê-lo, naturalmente, impressionado com o achado de uma aldeia antiga (*tauá*, em tupi), que, como sucedeu às demais aldeias dos Jucás, não escapou à ação devastadora da bandeira do pioneiro Francisco Ferreira Pedrosa, potentado da Capitania de Paraíba, hexavô do Juiz Carlos Feitosa.

Registram os INÉDITOS DO BARÃO DE STUDART que o Sargentomor Francisco Ferreira Pedrosa (pai do Capitão José Alves Feitosa, da Várzea da Onça, 1.º Juiz de Orfão de Tauá, na sua marcha para a conquista do sudoeste cearense, levada a efeito no comêço do século XVIII, “destruiu as aldeias dos índios do Brejo Grande, dos Jucás e algumas dos Crateús”.

Tem sido objeto de constantes pesquisas minhas, encontrar uma definição verdadeira para o topônimo Tauá. Como as suas luzes, o tupinólogo Aduino Fernandes veio ao meu encontro para revelar-me que *Tauá* significa *povoação antiga* (GRAMÁTICA TUPI, 2.ª ed., pág. 119).

Por sua vez, o Senador Pompeu oferece almejado subsídio. A desaparecida VILA VELHA que existiu na barra do Ceará, era chamada pelos índios de *Tauá cuera* (DICIONÁRIO TOPOGRÁFICO E ESTATÍSTICO DA PROVÍNCIA DO CEARÁ).

Tauá, quer dizer *aldeia* e, *cuera*, conforme ensina o Padre Lemos Barbosa, é passado nominal que significa *a que foi* (VOCABULÁRIO TUPI

“A NUVEM E O PASSARO”

J. Caliope é nosso velho colaborador, bem apreciado. Foi jornalista do semanário “A REGIÃO”, que fez época no Cariri. Não esquece as Musas. Publicou “FLORES DE MEU VERÃO”, com muita sensibilidade. Sua apresentação, na ORELHA é do culto Dr. Aluisio Hugo Silva, residente no Rio. Cícero Martins o elogia noutra recante. Convém vermos alguma coisa do simpático livrinho, cheio de beleza:

“O rosário da miséria
É longo pra se contar;
A penúria é muito séria,
Dá vontade de chorar.

Por mais que o homem descreva
O horror que a seca traz
Não há mesmo quem se atreva
Contar tudo que ela faz”.

“FLORES DE MEU VERÃO”

É o título do excelente livro de versos do escritor Waldemar Alves Pequeno, nascido no Estado do Rio, residente em Belo Horizonte e filho de cratense. Historiador de nomeada, foi homenageado por várias entidades de cultura, incluindo a Academia Mineira de Letras. Homem culto, talento polímorfo, tomou parte integrante, na revolução de 1930,

em Minas. Possui dos bons livros de memória, que saíram, no país UM ADVOGADO AÍ PELO SERTÃO. Colabora em “TTAYTERA”. De seu livro recém-lançado, vejamos apenas — LEMBRANÇA:

A lembrança de meu burgo
Tanto em minha mente adeja,
Que até parece que escuto
Os sinos de sua igreja.

PROFESSOR AÉCIO FEITOSA

Por não nos ter enviado o seu discurso de posse na Cadeira, patrocinada pelo Padre Francisco Pita, na Seção de Letras, deixamos de publicar aquele brilhante trabalho do Prof. Aécio Feitosa. Ficou inoportuna, igualmente, a oração de recepção que lhe fez o Presidente do Instituto Cultural do Cariri. Publicaremos os mesmos, noutra oportunidade

PORTUGUÊS, pág. 189), ou ainda, *que não existe*, na interpretação de Adauto Fernandes (GRAMÁTICA TUPI, 2.^a ed., página 119).

O nome indígena *Tauape* formou-se de *Tauá*, aldeia e “*pé*, em lugar onde”, segundo Pompeu Sobrinho (O CEARÁ, 1.^a ed. pág. 79).

— “*Tauá*, aldeia antiga, em face da lógica, dos documentos e compêndios registram que — “*Tauá* foi primitivamente aldeia de índios nela estiveram os jesuítas em missão catequizadora” (DICIONÁRIO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO).

Reforça esta convicção o mapa apenso à HISTÓRIA DA COMPANHIA DE JESUS NO BRASIL, do Padre Serafim Leite, S. J., onde se vê uma seta que indica o roteiro da missão no alto sertão cearense, terminando no centro do planalto dos Inhamuns, exatamente no lugar onde fica a cidade do Tauá.

Desta maneira expressei a minha opinião em trabalho publicado no matutino “UNITÁRIO”, de 5 de junho de 1966, sob o título “TAUÁ, SIGNIFICA ALDEIA ANTIGA”.

LA REINE DU FLEUVE

PETRACA MARANHÃO

La ville de Manáus, belle vierge aimée
regardant son visage dans le clair miroir
du fleuve étincelant, est une fiancée
d'un roi sauvage et tendre et amoureux au soir.

Et sous le clair-de-lune la ville est parée
de guirlandes de fleurs. Le soleil vient la voir,
et l'éclairant joyeux dans la forêt couchée.
Les pieds de la vierge touchent le fleuve ou soir.

Les jardins sont fleuris, les arbrisseaux sont verts
et les champs parfumés sont tous les jours ouverts
aux chants mélodieux de la forêt prochaine.

Manáus, c'est un poème beau et lumineux,
un poème tout plein de grâce sous les cieux,
un arc-en-ciel d'amour, est ma ville lointaine!

CORRIGENDA — No número 15 - 1971 da Itaytera, á página 94 da primeira coluna do artigo epigrafado "Antigos inventários do Crato — Francisco Leão da Franca Alencar", onde está escrito "e da escritora Rachel de Queiroz", suprima-se

A escritora do "QUINZE" e de outras primorosas produções literárias, descende, por via paterna, é dos irmãos, a heroína Barbara e Leonel Pereira de Alencar, tendo-se relacionado seu nome entre os que provêm de d. Inácia por mero lapso. - A. A.

Tipografia? só a do

CARIRI

Rua Dr. João Pessoa, 380

Fone: 564 - Crato - Ceará

“Mensagem das Horas Tardias”

Carlyle Martins é dos melhores poetas do Nordeste. Sua poesia sabe nos falar à alma. Dos mais ilustres beletistas do Ceará, já publicou vários livros, bem acatados, em todo o país. Além disso mantém sempre coluna nos principais jornais de Fortaleza, apreciando, sensatamente, quantidade regular de livros, editados de norte a sul do Brasil. O último de seus livros, que o I. C. C. recebeu foi “MENSAGEM DAS HORAS TARDIAS”.

Citemos belo e oportuno soneto que é também convite ao homem de hoje, afogado em lutas, ódios e mil torpezas, à fraternidade universal. Aliás o título é FRATERNIDADE:

Homens, enchei a terra de beleza,
De alegria, de olor, de suavidade,
Sem ódio, sem rancor e sem torpeza
Entre surtos de sonho e claridade

Mantém do amor a chama ardente acesa,
Espalhando a semente da bondade,
Para que em tudo esplenda, com nobreza,
O sol bendito da Fraternidade

Busca: afastar do mundo o horror da guerra,
Prega a virtude, que astros de ouro encerra,
Trata o teu semelhante como irmão.

Os povos tendo a Paz sempre por lema,
Marchem, do ideal fitando a luz suprema,
Em fortes laços de perpétua união.

Se o mundo seguisse o conselho do Poeta como se transformaria! O ódio, porém impera todo poderoso, nos quadrantes da terra, entre homens, raças e nacionalidades.

VERSOS DE SERRADOR

DE TABOCAS - EXU - PE.

Negócio sério é perdido,	Quando a desgraça quer vir.
Ocasão faz o ladrão,	Não manda dizer a ninguém,
Honra de mais é orgulho,	Não quer saber se um vai mal,
Preguiça faz precisão.	E nem se outro está bem,
Quem fôr pôde que se quebre	E não procura saber,
O dinheiro é meu patrão.	Que idade o fulano tem.

(DO ARQUIVO DE FERRER DE VICENTE SOFIA)

Respostas aos quesitos elaborados pelo ilustre amigo e escritor Braga Montenegro sobre a vida do grande cearense Brigadeiro ANTÔNIO DE SAMPAIO:

1) — *Em que data nasceu o Brigadeiro Antônio de Sampaio e o local de seu nascimento (nome da fazenda e município). Quem eram seus pais e que profissão desempenhavam?*

R. — Nasceu na fazenda Vitor, no Município de Tamburil, Ceará, aos 24 de maio de 1810, filho do casal Antônia (filha de Francisco Xavier de Araújo Chaves e de Dona Isabel Ferreira de Souza) e Antônio Ferreira de Sampaio, oficial de ferreiro. Há divergência quanto à data do seu nascimento, mas parece não haver motivo para controvérsia, pois de certidões existentes no arquivo do Ministério do Exército, consta haver nascido Sampaio em 1810, e o Almanaque do Exército consigna 24 de maio. Três dessas certidões foram passadas em vida do bravo (30 Set. 1844, 31 Dez. 1849 e 13 Jun. 1856).

2) — *Em que data foi ferido em combate e o local desse combate?*

R. — Recebeu três mortais ferimentos na maior Batalha terrestre travada até hoje, nos Teatros de Operações da América do Sul, em 24 de maio de 1866, em TUIUTI.

3) — *A data de sua morte e o local em que morreu e em que foi sepultado?*

R. — Faleceu aos 06 de julho de 1866, a bordo do navio "Eponina", em câmara especial, quando transferido do Hospital de Corrientes para Buenos Aires.

A 07 de julho, após a chegada do navio a Buenos Aires, foi o corpo do bravo depositado no hospital brasileiro, no extremo sul da cidade. No dia seguinte, 08 de julho às 14.00 horas, saiu o entêrro para o cemitério local, conduzido por rico côche coberto com a Bandeira do Brasil, ladeada pelas ditas da Argentina e do Uruguai.

Em 1869, foram os restos mortais do herói trasladados para a capital do Império, tendo chegado no Rio aos 20 de dezembro e depositados

na capela do Arsenal de Guerra, de onde foram trasladados para o Asilo de Inválidos da Pátria, na Ilha de Bom Jesus. Depois, em 1871, foram trasladados para o Ceará no vapor "Cruzeiro do Sul", que chegou a Fortaleza no dia 25 de novembro e depositados aludidos despojos na Catedral, de onde foram trasladados para o seu rico mausoléu no cemitério de São João Batista, com grandes e brilhantes solenidades aos 25 de outubro de 1873. O féretro foi conduzido pelo Senador Tomás Pompeu de Souza Brasil, Conselheiro José Martiniano de Alencar, Presidente da Câmara, Presidente da Assembléia e dois membros da comissão nomeada pelo Presidente da Província para a construção do Mausoléu.

Depois, em 24 de maio de 1966, 1.º centenário da Batalha de Tuiuti e dos ferimentos que ocasionaram a sua morte, foram os sagrados despojos do bravo, com imponentes solenidades, trasladados para a base do seu monumento, transferido da Praça Castro Carreira para a Avenida Bezerra de Menezes, em frente ao C. P. O. R. de Fortaleza.

4) — *Quais os cursos feitos pelo eminente cabo de guerra, tanto os civis quanto os das armas?*

R. — Não é do nosso conhecimento a existência de qualquer documento que revele ter o eminente cabo de guerra feito qualquer curso. Entretanto, há notícia de que lia obras atinentes aos feitos dos grandes chefes militares da História, notadamente sobre as de Napoleão. Devia ser um auto-didata, como o foi o grande OSÓRIO, que foi Senador e morreu nas funções de Ministro da Guerra.

5) — *Quais as batalhas em que tomou parte, desde simples soldado até quando general, e as respectivas datas?*

R. — Verificou praça Sampaio, voluntariamente, no 22.º Batalhão de 1.ª linha, em Fortaleza, aos 17 de julho de 1830. Como soldado, participou Sampaio dos combates de Icó e São Miguel, na "Guerra do Pinto", aos 4 de abril de 1832. Em 1835, já como sargento, combateu a "Cabana", na Província do Pará, para onde seguiu em 25 de setembro, permanecendo na luta até o seu término em 1836, quando era comandante das Armas e na Presidência da Província o general Andréia.

No ano de 1839 vamos encontrá-lo combatendo valentemente a "Balaia", no Maranhão, onde consta ter participado de 50 combates, do posto de Alferes ao de Tenente, em Pastos Bons, Monin, etc.

Em 1844, participava Sampaio da campanha contra a sedição "Farroupilha", mas parece que não teve oportunidade de combater.

Em 1850 encontramos-o participando da campanha contra a revolução "Praieira", em Pernambuco, onde, em 4 de julho, foi elogiado no círculo dos oficiais "por ter praticado uma ação de verdadeiro merecimento militar"; em 1851, aos 29 de julho, marchou para o Uruguai e, a 3 de fevereiro de 1852, participava do combate de Monte Caseros, com o 7.º Btl. da 3.ª Divisão sob o comando do Brigadeiro Marques de Souza e, em 5 de abril inicia a marcha de regresso ao Brasil, e a 25 de outubro apresenta-se ao 4.º Batalhão, em Caçapava, no R. G. S.; a 3 de dezembro de 1853 marchou com o 4.º Batalhão para Pirai Grande e a 3 de maio de 1854 aquartelou em Montevidéu, iniciando a marcha de regresso ao

Brasil aos 14 de novembro de 1855; a 1.º de dezembro de 1864, no comando da 3.ª Brigada da 1ª Divisão, invade o território do Uruguai; aos 31 de dezembro, às 09.00 horas, inicia o ataque a Paissandu, a 1.º de janeiro de 1865 continua o combate e a 2 toma a "cidadela dos brancos"; a 12 de janeiro inicia a marcha para Frei Bentos, Santa Lúcia, a fim de sitiá-lo; a 18 de fevereiro é promovido a Brigadeiro, e agraciado com o oficialato do Cruzeiro, e a 22 entra triunfalmente em Montevideu à testa da sua Brigada. A 27 de abril inicia, no comando da 3.ª Divisão, o movimento para o Teatro de Operações do Paraguai. A 16 de abril de 1866 transpõe o rio Paraná, e a 17 participa da Batalha da Confluência; a 18 de abril, ocupado o Forte de Itaperu, marcha o grande Sampaio à testa da sua 3.ª Divisão, a "Encouraçada", fazendo a vanguarda dos Aliados e, aos 24 de maio, na celebre e decantada Batalha, salva o Exército Aliado, recebe três graves e gloriosos ferimentos e transpõe os humbrais da imortalidade.

6) — *As unidades em que serviu e qual o tempo (as datas) empregado em cada uma ?*

R. — Aos 17 de julho de 1830 verificou praça no 22.º Batalhão de 1.ª linha; em 25 de setembro de 1835 segue com destino ao Pará; em 20 de maio de 1839 encontram-lo Alferes em comissão no Maranhão, e em 2 de setembro confirmado no posto; em 2 de dezembro vamos encontrá-lo Tenente na 3.ª Cia. do 7.º Batalhão; em 1.º de fevereiro de 1843, com a extinção do 7.º Batalhão, é transferido para o 5.º Batalhão de Fuzileiros, que se organiza; em 5 de maio é designado Ajudante de Ordens do Comandante das Armas do Maranhão e, a 27, do Presidente da mesma Província; a 11 de setembro é promovido a Capitão, por serviços prestados, e a 13 de setembro desligado do 5.º Batalhão de Fuzileiros; em 23 de junho de 1844 é nomeado comandante da 7.ª Cia. do 4.º Batalhão de Fuzileiros e a 6 de novembro apresenta-se ao dito 4.º Batalhão, no Rio Grande do Sul, e assiste à pacificação daquela Província; a 23 de março de 1850 passa a adido ao 5.º Batalhão de Fuzileiros, em Pernambuco; a 1.º de julho é transferido para a 6.ª Cia do 2.º Batalhão de Infantaria; a 26 recolhe-se ao Recife com o 5.º Batalhão, e a 17 de agosto apresenta-se ao 2.º Batalhão de Infantaria, no Rio, com o qual segue para o Rio Grande do Sul; a 3 de fevereiro de 1851 passa a exercer as funções de Major da 4.ª Brigada, com a qual marcha para o Uruguai; a 6 de dezembro é dispensado das funções de Major da 4.ª Brigada e fica adido ao 7.º Batalhão, assumindo-lhe o comando interino; a 9 deixa esse comando e assume o comando da 8.ª Cia. do mesmo, e a 17 expediciona para a Colônia do Sacramento; a 16 de maio de 1852 passa a exercer as funções de Major da 4.ª Brigada, de cujas funções é dispensado em 22; a 29 de julho é promovido a Major por merecimento, para o 4.º Batalhão de Fuzileiros, cujo comando interino assume a 25 de outubro e o deixa a 31; a 16 de setembro de 1853 assume o comando do 4.º Batalhão de Fuzileiros e Guarnição da Vila de Caçapava; a 2 de dezembro deixa o comando da guarnição e se desloca com o Batalhão para o Uruguai; a 14 de novembro de 1855 inicia a marcha de regresso ao Brasil; a 2 de dezembro é promovido a Tenente Coronel, por merecimento, para o 6.º Batalhão de Infantaria, cujo comando assume a 20 de janeiro de 1856; a 27 de maio de 1859 assume o comando do Corpo Policial da Corte,

que deixa a 6 de dezembro; a 16 de dezembro reassume o comando do 6.º Batalhão de Infantaria; a 14 de novembro de 1861 assume o comando interino da guarnição e Fronteira de Bagé, e a 2 de dezembro é promovido a Coronel, por merecimento, para o 6.º Batalhão de Infantaria, e a 7 de deixa o comando da guarnição e Fronteira do Bagé, e reassume o comando do 6.º Batalhão; a 1.º de novembro de 1863 assume o comando da 5.ª Brigada; a 1.º de dezembro de 1864 assume o comando da 3.ª Brigada da 1.ª Divisão, que invade o território do Uruguai; a 31 de dezembro inicia o ataque a Paissandu, que só é conquistada a 2 de janeiro de 1865; a 12 inicia a marcha para Montevidéu, por Frei Bentos, Santa Lúcia, etc.; a 18 de fevereiro é promovido a Brigadeiro e agraciado com o oficialato do Cruzeiro, e a 22 entra triunfalmente em Montevidéu à testa de sua famosa Brigada; a 11 de março é designado para dirigir e fiscalizar a instrução dos Corpos de Infantaria; a 27 de abril inicia, no comando da 3.ª Divisão, o movimento para o Teatro de Operações da guerra do Paraguai, com marchas penosas e acampamentos sucessivos; a 16 de abril de 1866 transpõe o rio Paraná; a 17 trava a Batalha da Confluência, a 18, ocupado o Forte de Itapiru, marcha Sampaio com a sua 3.ª Divisão fazendo a vanguarda dos Aliados até Tuiuti, onde, a 23 de maio a sua 5.ª Brigada procede ao reconhecimento das posições inimigas, e a 24, toda a Divisão se empenha valorosamente na decantada Batalha de Tuiuti, e se cobre de glórias o grande Brigadeiro Sampaio, que recebe três graves ferimentos e conquista a imortalidade.

7) — *Qual era o Comando em Chefe a que estava subordinado no decorrer das guerras do Prata e do Paraguai?*

R. — Na campanha do Uruguai contra ORIBE, em 1851, o Cap. Antônio de Sampaio exerceu as funções de Major da 4.ª Brigada, provavelmente sob o comando de Osório; na campanha contra Rosas, o Cap. Antônio de Sampaio comandou a 8.ª Cia. do 7.º Batalhão de Infantaria, que fazia parte da Divisão Brasileira comandada pelo Brigadeiro Marques de Souza, depois Conde de Porto Alegre; a 1.º de dezembro de 1864 o Exército comandado pelo Marechal de Campo João Propício Mena Barreto, do qual fazia parte o Coronel Sampaio, invadiu o Uruguai; era esse Exército composto de 2 divisões, sendo que à 1.ª Divisão comandada pelo legendário Brigadeiro Manuel Luiz Osório, pertencia a 3.ª Brigada, sob o comando de Sampaio, que, valoroso como quem mais o fosse, lutou titânicamente para conquista de Paissandu; depois, como Brigadeiro, fez toda a campanha no comando da 3.ª Divisão, a celebre "Encouraçada", sob o comando de Osório, até a renomeada Batalha de Tuiuti, aos 24 de maio de 1866, em que o bravo salvou o Exército Aliado de fragorosa derrota, recebeu três gloriosos ferimentos e conquistou a imortalidade, mesmo após a sua morte física, pouco depois, aos 06 de julho.

8) — *A que atribui a colocação da data de sua morte na placa do seu monumento, que tudo leva a crer é inexata?*

R. — Ignoramos o motivo da colocação dessa data. Todos os documentos que até hoje compulsamos, consignam 06 de julho de 1866, à bordo do "Eponina".

9) — É verdadeira a informação de que Sampaio é descendente de Jerônimo de Albuquerque Maranhão o conquistador do Maranhão?

R. — Desconhecemos qualquer documento ou informe nesse sentido.

10) — Sampaio casou-se? Com quem?

R. — Casou-se com D. Júlia de Miranda Santos em 30 de abril de 1839.

11) — Na guerra, do Paraguai, em quantas batalhas se empenhou Sampaio? Quais essas batalhas?

R. — Como se pode verificar da resposta ao item N.º 6, no Paraguai, Sampaio se empenhou na Batalha da Confluência, em 17 de abril de 1866, após o que fez a vanguarda dos Aliados, e se bateu leoninamente na decantada Batalha de Tuiuti, de 24 de maio de 1866.

12) — De quem surgiu a idéia da construção do Parque Nacional Brigadeiro Antônio de Sampaio? De que consta esse Parque?

R. — Cremos que o Coordenador do Projeto Rondon, Major Renê, poderá esclarecer precisamente à indagação. Sabemos que o Governador do Estado é o patrocinador da importante obra, pois, temos sido procurado em nossa residência pelos Majores Renê e Ivan Bandeira, em busca de subsídios históricos atinentes ao bravo Brigadeiro Antônio de Sampaio, e temos cooperado como permitem nossos minguados conhecimentos.

Esclarecemos que, em 1928, a turma de Aspirantes da Arma de Infantaria, por inspiração do então 1.º Tenente Humberto de Alencar Castelo Branco, aclamou Sampaio PATRONO da Infantaria da Escola Militar do Realengo, e a turma da mesma Arma do ano de 1930, "ampliando a homenagem dos seus colegas de 1928 consagrou-o PATRONO de toda a Infantaria". Em 1960/61, quando chefiávamos a subseção de História da 5.ª Seção do Estado Maior do Exército, elaborando parecer em processo originário do 1.º Regimento da Infantaria — REGIMENTO SAMPAIO (no qual o seu Comandante, Coronel Floriano da Silva Machado, solicitava que fosse oficializada a situação do grande SAMPAIO como PATRONO da Arma de Infantaria do Exército Brasileiro), redigimos, com a eficiente cooperação do Major de Art. José Ribeiro de Miranda Carvalho, anteprojeto de lei que consolidaria a legislação atinente aos PATRONOS do Exército, do qual resultou o Decreto Lei N.º 51.429, de 13 de março de 1962, que é citado no "Almanaque do Exército", abaixo de cada Patrono. (Principal fonte de consulta: "O INFANTE IMORTAL", do Major Mauro Lopes Lima).

É o que podemos informar.

Em 07 de Maio de 1973

GENERAL RAIMUNDO TELES PINHEIRO

PISANDO EM BRASAS

Não me limito ao sentido figurado da expressão — PISAR EM BRASA, referente a estado de irritação nervosa, de certa gente enraivecida, por uma causa qualquer. Falo a respeito de reportagem que apareceu, pela imprensa brasileira, vinda do exterior, noticiando o nascedouro de seita religiosa, baseada no MILAGRE da crença, ou propriamente mágica, dos passeadores em cima de brasas, em plena atividade calórica.

Andar em cima de brasas, na fogueira de São João, nunca foi novidade, no Brasil. No sertão é comum. É verdade que muitos atribuem à influência de São João Batista, tão reverenciado e comemorado, em todos os quadrantes do país. Caminhar por cima de brasas, após soprá-las a fim de retirar-lhes as cinzas, não é fenômeno psíquico ou místico, como queiramos chamar. É fato exclusivamente físico. Baseia-se a princípio que é dos fundamentos da ciência da FÍSICA. É a lei da conservação da energia, idêntica à da conservação da matéria, em Química. Hoje as duas ciências se fundem, em suas bases mais profundas, formando a FÍSICO-QUÍMICA, penetrando na estrutura dos átomos, outrora indivisíveis.

Não estou atualizado no assunto e nem que fosse, não iria fazer crônica, baseado em ciência pura, para o povo me compreender. O que irei externar, bebi em aulas passadas, quando ainda estudava eu, na Faculdade de Farmácia do Ceará.

O meu intento é protestar contra a base fictícia de religião que se diz nova e alicerçada, em fenômeno psíquico, quando não passa de caso corriqueiro das ciências exatas.

Porque a geladeira funciona com o calor a produzir tensão na tubulação de gases? Nos modelos atuais, usamos a eletricidade para se transformar em calor para este roubar, com a pressão da série de tubos, a temperatura alta de ambiente restrito, baixando-a, após momentos de funcionamento. Quando não havia energia elétrica fácil, empregava-se o querosene, como fonte de aquecimento.

Se tomarmos uma placa de ferro e aquecermos até ao rubro e nela jogarmos porção d'água, verificaremos que, acima um pouco, daquela placa, forma-se camada de gelo. É esse também o segredo da caminhada em cima do braseiro da fogueira de São João, tão conhecida no interior, desde tempos longínquos. Agora até esse culto popular a São João Batista desaparece das cidades, que só fazem fogueiras simbólicas elétricas.

Nada existe de anormal em caminhar-se em cima de brasas. No interior faz parte dos costumes e integra-se ao folclore. Qualquer seita religiosa que adote tal costume e queira impigir aos crentes, como força sobrenatural, não passa de embusteira comum.

Infelizmente, o São João que comemora justamente o precursor do próprio Jesus Cristo, que batizou este, no Jordão, para início de sua missão na terra, renovando-a, através dos tempos, perde cada dia mais o seu culto popular. Transfere-se para a sociedade. Virou até carnaval, embora o Patrono fosse a língua que mais verberou contra a iniquidade do seu tempo, chegando até a desafiar o déspota que representava, em sua terra, todo o poderio da onipotente Roma.

O povo da zona rural é que ainda não o esqueceu, dentro da sim-

A REFORMA DA EDUCAÇÃO

O desafio em marcha do problema educacional foi lançado num momento em que todo o país visa à aceleração do desenvolvimento econômico e social e pretende levá-lo a efeito de maneira harmônica e equilibrada, tanto no ponto de vista setorial, quanto do ponto de vista regional.

À educação se destina tarefa das mais complexas: a da preservação da cultura e ideais nacionais, aliados ao objetivo da realização individual do homem como cidadão consciente, capaz de participar, ativamente, da comunidade a que pertence.

Por força de dispositivo legal, "a Educação, e os princípios de liberdade e solidariedade humanas, é direito de todos, e dever do Estado, e será dada no lar e na escola" (Art. 176 da Constituição Federal).

Antecedendo à Lei 5.692/71, temos a L. D. B. N.º 4024/61, que foi elaborada em 1948. No artigo 1.º desta lei, há uma fundamentação básica nos princípios de liberdade e ideais de solidariedade humanas.

Tudo indica que a finalidade da Lei 5.692 revestiu-se do mesmo cunho humanístico e democrático da L. D. B.

Conforme o relatório da G. T., a nova Lei não envolve propriamente uma reforma, substituição de um plano por outro. Nela o que se oferecem são meios para dar às escolas e sistemas escolares capacidade de atualizarem-se constantemente, sem crises periódicas, apenas refletindo a dinâmica do processo da escola em face aos seus condicionamentos internos e externos.

Muito embora tenha conservado os fundamentos filosóficos da L. D. B., a nova Lei, dando mais importância prática aos objetivos da educação, acrescentou-lhe substancial parcela de filosofia nova, atualizando-a e expandindo-a. Justificar a urgência e oportunidade deste conteúdo filosófico, chamado por alguns de novo, é trabalho tão só de examinarmos o novo mundo que a tecnologia criou, e as exigências a que se submete a educação moderna, atualmente.

Pode-se dizer, no caso brasileiro, que o momento atual constitui um marco histórico no processo de expansão e atualização do sistema educacional. A instituição da Lei N.º 5.692/71 abriu novas perspectivas à educação, caracterizada, até pouco tempo, por um academismo que não conseguia oferecer elementos ou instrumentos capazes de integrar a população nas suas atividades objetivas, quer regionais, quer nacionais.

A Lei 5.692 é um prolongamento ou continuidade do que a Lei N.º 4024 iniciou e prescreveu em 1961, e se apoia, basicamente, nos princípios de integração, descentralização, atualização e profissionalização. Isso pressupõe a coexistência do binômio continuidade/terminalidade, através de ensino funcional, que atenda ao preceito de obrigatoriedade escolar, ajustando-se ao mesmo as possibilidades dos diversos sistemas, e que responda, por igual, às exigências do desenvolvimento.

plicidade, com suas fogueiras, com suas abusões, cheias de boas intenções. Sua coragem é tão grande, que afronta o próprio fogo das brasas, ignorando o fenômeno de origem física, confiando exclusivamente na fé que outros querem explorar para novo culto, sem o menor fundamento.

SÉRVULO ESMERALDO

Sérvulo Esmeraldo. Bom e doce menino do Crato. Meu companheiro de infância. Mais moço do que eu e o Armando, a quem não vejo há mais de trinta anos.

Sérvulo do Crato, Sérvulo de Paris, Rua de La Marne, 38 Neuilly, Plaisance, oficial gravador em França. Quem diria?

Éramos três. Sérvulo, Armando e eu. E sobre nós pairavam as diáfanos e protetoras de um anjo — tia Lourdinha Esmeraldo — que nos ensinou a bem querer o bem, com sua bondade, sua solicitude, seu carinho de sua segunda mãe.

Hoje, tantos anos passados, recordo esse menino Sérvulo Esmeraldo — Sérvulo do Crato — Sérvulo de Paris — que escolheu a França para oficina da sua arte vitoriosa de gravador emérito, de consumado artista, brasileiro do Cariri, vindo ao mundo, nos pés do Chapadão do Araripe e que conhece a intimidade das galerias européias, norte-americanas e do Rio de Janeiro.

Simple, modesto, dinâmico. Nos dias da infância, era o mais calmo e calado de nós três, esse artesão medieval que a França nos arrebatou, levou para muito longe, considerou e consagrou.

Não era o Crato da nossa meninice um pequeno trecho perdido naquela idade de ouro, cheia de misticismo e artesanato?

Onde quer que esteja, com sua sorte, sua esplêndida habilidade manual, sua poesia, seu coração, suas gravuras maravilhosas, Sérvulo é um dos nossos, como foi Antônio Bandeira. Em Paris, em Nova York, no Rio e nesse recanto de Ouro Preto, que a teimosia e o idealismo de Ignês Fiúza mantém aberto ao gosto e sensibilidade dos cearenses.

Eu me orgulho do companheiro fraterno de meninice no Crato. Um orgulho que é meu e do qual, estou certo, participamos todos nós, nascidos nessa dura e querida terra do Ceará.

Relação das telas de autoria de Sinhá d'Amora doadas ao M. C.

- 01) — "RETIRANTES DO NORDESTE" — óleo / tela — 195 x 130
- 02) — "ÉXODO NORDESTINO" — óleo / tela — 146 x 114
- 03) — "DOR" — óleo / tela — 81 x 60
- 04) — "VAQUEIROS DO CEARÁ" — óleo / tela — 65 x 54
- 05) — "FERROVIÁRIOS" — óleo / tela — 195 x 130
- 06) — "PAISAGEM-ENGENHO DE CANA" — Lavras da Mangabeira — Olho D'água — Ceará — óleo / tela 92 x 73
- 07) — "GRAÇA DO MORRO" — óleo / tela 95 x 65
- 08) — "MORRO DO PASMADO" — Rio-GB. — óleo / tela 92 x 73
- 09) — "ESCRAVA" — óleo / tela 116 x 61
- 10) — "NUS NO ATELIER" — óleo / tela — 130 x 97
- 11) — "AUTO RETRATO" — óleo / tela — 105 x 60
- 12) — "CHAPEUZINHO RÓSEO" — auto-retrato — óleo / tela — 40 x 24
- 13) — "A ROCA" — óleo / tela — 81 x 65
- 14) — "SORTE DE UMA RAÇA" — óleo / tela — 46 x 38
- 15) — "CORCOVADO VISTO DA GAVEA" — RIO-GB-óleo/tela 146 x 144
- 16) — "CABEÇA DE SENHORA" — óleo em eucatex — 46 x 38
- 17) — "CABEÇA DE MENINO" — óleo / tela — 30 x 22
- 18) — "CADEIRA" — óleo / tela — 46 x 38
- 19) — "ROSAS NO VASO VERDE" — óleo / tela — 65 x 50
- 20) — "BANDOLIM AO AR LIVRE" — óleo / tela — 81 x 60
- 21) — "COMPOSIÇÃO EM VERDES E VERMELHOS" — óleo / tela 81 x 60
- 22) — "FREVO NA RUA" — óleo / tela — 81 x 60

E. C. A. R. P.

ESCRITÓRIO DE CONTABILIDADE, ADMINISTRAÇÃO, REPRESENTAÇÃO
E PLANEJAMENTO

DIREÇÃO DE

JOSÉ JUSTINO DE OLIVEIRA

SUPERVISÃO DE

JOSÉ PRIMO DE BRITO

FONE: 261

CONTABILIDADE (PÚBLICA
(
(COMERCIAL
(INDUSTRIAL
(
(AGRO PASTORIL

- * ORGANIZAÇÕES E MODIFICAÇÕES DE SOCIEDADE
- * DEFESAS DE MULTAS E RECURSOS FISCAIS
- * CONSULTAS E PARECERES FISCAIS, CONTÁBEIS, TRABALHISTAS E PREVIDENCIÁRIAS
- * ASSESSORAMENTO MUNICIPAL
- * PLANEJAMENTO E DEMAIS ASSUNTOS CORRELATOS

ATENDEMOS CHAMADOS PARA AS OUTRAS CIDADES !

Rua José de Alencar, 139

NO CRATO PARA SERVIR À REGIÃO

